

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MESTRADO EM EDUCAÇÃO ESCOLAR BRASILEIRA

**O TRABALHO DA RUA: AS REPRESENTAÇÕES
DE TRABALHO EM EDUCADORES SOCIAIS DE
RUA E EM MENINOS DE RUA**

PEDRO HUMBERTO FARIA CAMPOS

ORIENTADORA:

Profa. Dra. Maria Helena Fávero
Instituto de Psicologia
Universidade de Brasília

Goiânia - GO

1994

Banca Examinadora



Dra. Maria Helena Fávero

Instituto de Psicologia - Universidade de Brasília



Dra. Ana Cáritas Teixeira de Sousa

Faculdade de Educação - Universidade Federal de Goiás



Dr. Cristovam Buarque

Departamento de Economia - Universidade de Brasília

Àquela cujo dia de sua chegada
representa um renascer para a
vida, dentro de mim, Denise

À Aparecida e ao Geraldo por tudo
que há de humano no ser, e que
deles emana com a força de uma
fonte para o trabalho, o amor e a
vida

AGRADECIMENTOS

À Maria Helena Fávero por sua gentil e divertida forma de "partilhar e negociar" seu saber, com quem tenho vivido momentos de um constante "aprender a conhecer". Também por ter nos recebido, como orientando, sem nenhum outro tipo de ressarcimento além do prazer em produzir juntos um saber sobre os "meninos de rua".

A toda a Equipe de Rua, hoje atuando junto ao Cidadão 2000, que nos acolheu com total disponibilidade para colaborar e apoiar. Distintamente aos 05 educadores que voluntariamente - e na esperança que este estudo pudesse contribuir com o trabalho junto aos meninos e meninas de rua - se dispuseram a fornecer seus relatos e permitir suas análises.

À Sônia Maria Marques, coordenadora da equipe de rua, e à Maria Aparecida Martins, educadoras que, em sua dedicação e responsabilidade, representam todos os esforços e compromissos dos educadores com os meninos de rua.

À Júlia Issy Abraão que, num momento de desorientação no processo de construção deste estudo, nos recebeu com todo carinho e atenção junto à UnB, ajudando-me a encontrar um caminho.

Aos "meninos" da Escola Jovem Cidadão e da Casa de Travessia I, que, mesmo sem entender muito bem o que é um trabalho de pesquisa, se dispuseram voluntária e curiosamente a contar "estórias".

RESUMO

A educação de meninos de rua tem sido feita por educadores sociais num processo centrado no retorno às famílias e/ou no engajamento do menino num trabalho formal. A presente dissertação objetivou investigar a natureza peculiar das representações que educadores e meninos de rua elaboram sobre o modo de vida da rua e o trabalho. Os educadores foram submetidos a entrevistas do tipo clínico, sendo seus relatos tomados como discursos e submetidos à análise de conteúdo. Os resultados do grupo de educadores forneceram elementos para a formulação de 03(três) estórias incompletas - cujo personagem principal é um menino de rua - as quais foram apresentadas aos meninos para que dessem prosseguimento aos relatos. Os textos dos meninos foram submetidos à análise de conteúdo. O conjunto dos resultados aponta como principais hipóteses: a) que a atividade da rua pode ser considerada como um equivalente funcional do trabalho produtivo; b) que educadores e meninos parecem representar o "modo de vida da rua", o "menino de rua" e o "trabalho" como exclusivamente negativos, sendo que estas representações parecem contribuir para que o menino de rua não elabore uma avaliação crítica da realidade social; c) que educadores e meninos parecem apresentar discursos que culpabilizam o próprio menino por sua permanência nas ruas; d) que a intervenção centrada nas representações exclusivamente negativas não contribui para mudanças cognitivas no menino e nem para o abandono do modo de vida da rua.

ABSTRACT

The education of street children has been led by social educators who aim to return them to their families as well to engage them in formal labor. This research aimed the investigation of the peculiar nature of representations educators and street children elaborate about their way of life and work, as they play an important role in the engagement and permanence of street children in formal labor. Semi-structured interviews were applied to educators whose reports were then taken as discourse and submitted to analysis of contexts. The results of the group of educators' interviews gave elements for the formulation of three incomplete stories - whose main characters are street children- which were then presented to street children so that they could complete the reports. Their reports were taken into analysis as well. The discussions led to the following main hypothesis: a) activities performed by them in the streets may be considered as functional equivalent to productive work; b) both educators and street children seemingly consider the "life in the streets", "street children" and "formal work" negative matters which, in fact, seem to prevent the street children from elaborating a critical view of the social reality; c) both educators and street children blame street children only for their permanence in the streets; d) the intervention, based on negative representations only, does not contribute to street children's cognitive development, and as a result street children do not leave the streets.

**O TRABALHO DA RUA: AS REPRESENTAÇÕES DE TRABALHO EM
EDUCADORES DE RUA E MENINOS DE RUA**

	Página
INTRODUÇÃO	1
I. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	4
1.1. O DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO HUMANO E O TRABALHO COMO ATIVIDADE HUMANA	4
1.2. O DESENVOLVIMENTO HUMANO E O MODO DE VIDA DA RUA	33
1.3. AS RELAÇÕES ENTRE TRABALHO E EDUCAÇÃO	44
1.4. DESENVOLVIMENTO HUMANO, TRABALHO E A EDUCAÇÃO SOCIAL DE RUA	70
1.5. QUESTÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DE PESQUISA JUNTO A MENINOS DE RUA	80
II. MÉTODO	87
2.1. SUJEITOS	87
2.2. PROCEDIMENTO DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS.....	93
III. RESULTADOS E DISCUSSÃO	102
3.1. RESULTADOS OBTIDOS JUNTO AO GRUPO I : OS EDUCADORES DE RUA	102
3.2. RESULTADOS OBTIDOS JUNTO AO GRUPO II : OS MENINOS DE RUA	212
3.3. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS JUNTO AO GRUPO I : OS EDUCADORES	232
3.3.1. Discussão dos Dados Obtidos Junto a cada um dos Sujeitos do Grupo I	232
3.3.2. Discussão Comparativa dos Dados Obtidos Junto ao Grupo I : Convergências e Divergências Entre os Educadores	250
3.4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS JUNTO AO GRUPO II: OS MENINOS DE RUA	264
3.4.1. Discussão dos Dados Obtidos Junto a Cada um dos Sujeitos do Grupo II	264
3.4.2. Discussão Comparativa dos Dados Obtidos Junto ao Grupo II : Convergências e	

Divergências Entre os Meninos de Rua ..	275
3.5. DISCUSSÃO GERAL DOS DADOS OBTIDOS JUNTO AOS 02 GRUPOS: "Os Educadores e os Meninos falam do Modo de Vida da Rua"	282
IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS	290
V. BIBLIOGRAFIA	307

INTRODUÇÃO

A preocupação com a realidade dos chamados "meninos de rua" é sempre atual e se apresenta invariavelmente nos discursos dos candidatos ao poder executivo, a cada eleição. As populações das grandes cidades têm seus receios abrandados ao início de cada gestão política, confiando nas medidas de intervenção a serem implantadas, sejam educativas ou coercitivas. O fato é que as inúmeras intervenções, governamentais ou não-governamentais, pouco ou nada têm sido avaliadas sob um referencial mais científico que eleitoreiro.

A chamada Educação Social de Rua já completa mais de uma década de existência e não foge à regra da falta de valiação. Em realidade, ainda pouco se conhece sobre o próprio menino de rua, tendo sido realizados até hoje, mais estudos de caráter sociológico e antropológico. Um estudo sobre como os educadores de rua e os meninos de rua representam a si mesmos e como representam o chamado "universo da rua" é inédito.

É óbvio que a vida em condições peculiares de existência, a que chamamos de "modo de vida da rua", dá margem a processos diferenciados de desenvolvimento humano. Entretanto, pouco se conhece sobre a natureza das formações cognitivo-afetivo-sociais dos meninos de rua.

A Primeira parte deste estudo apresenta discussões sobre a relação entre atividades e desenvolvimento humano, apontando para a atividade própria do modo de vida da rua como base do desenvolvimento cognitivo do menino de rua, portanto como

base para a gênese das representações sociais deste grupo de indivíduos.

Ainda na primeira parte, enfoca-se a relação entre trabalho, como atividade humana essencial, e a educação, enfatizando-se a dicotomia existente entre as discussões do trabalho como princípio educativo e a educação social de rua no Brasil. Esta dicotomia é analisada sob o prisma da ineficácia das intervenções até então realizadas junto aos meninos de rua, tendo como inusitado que estas ações educativas acabam sempre, umas pouco mais que as outras, centradas num esforço de engajamento do menino de rua num trabalho formal. Vale salientar que as representações dos educadores, que exercem a intervenção direta nas ruas, são um dos componentes determinantes na natureza da ação "educativa".

O engajamento e a permanência numa atividade de trabalho formal implicam num desenvolvimento cognitivo apropriado. Este estudo se propõe, como explica toda a primeira parte deste trabalho, a investigar esta lacuna sobre a forma como o menino de rua partilha e negocia significados dentro da sócio-cultura.

A segunda parte descreve o método utilizado para se coletar as representações dos educadores, as quais servirão de base para o método adotado junto aos meninos de rua.

A terceira parte apresenta os resultados que explicitam como o educador de rua percebe o modo de vida da rua, o menino de rua e as "concepções" que o menino elabora sobre a rua e sobre o trabalho. Ainda nesta parte, são apresentados os resultados obtidos também junto aos meninos, contendo

representações sobre o modo de vida da rua, a atividade da rua e o trabalho formal.

Junto aos resultados, a terceira parte levanta convergências e divergências, primeiro intragrupos internamente a cada grupo de sujeitos (Grupo I de educadores e Grupo II de meninos de rua); depois intergrupalmente, analisando sob o ponto de vista dos discursos, a pertinência e implicações das representações emergentes.

Por fim, na quarta parte, das considerações finais, este estudo busca fazer o aporte das representações identificadas e analisadas para dentro da discussão pedagógica. A eficácia, pertinência ou tentativa de criação de uma pedagogia para o menino de rua são discutidas. Discussão centrada num conhecimento - ainda inicial e tateante - sobre a natureza do desenvolvimento sócio-cognitivo dos meninos de rua, e sobre a necessidade de mudanças na natureza da intervenção.

A análise das representações sociais em meninos e educadores de rua, e a análise das relações entre as representações destes dois grupos evidenciam que indivíduo e grupo não podem ser compreendidos dissociados do contexto da sócio-cultura. Por tal, a quarta parte deste estudo abre perspectivas de discussão sobre as conexões entre as representações de trabalho, nestes dois grupos, e as representações ideologicamente predominantes.

I. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. O DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO HUMANO E O TRABALHO COMO ATIVIDADE HUMANA

A atividade de trabalho cumpriu uma função imprescindível no desenvolvimento da espécie humana. A relação entre trabalho e desenvolvimento humano existe desde os primórdios da humanidade, e se configura de maneira tal que pode-se afirmar que foi o trabalho, a atividade desempenhada pelos ancestrais antropóides do homem, que possibilitou a diferenciação qualitativa, cada vez mais complexa, entre o comportamento animal e o comportamento tipicamente humano.

Historicamente o trabalho permitiu a passagem do mundo natural ao social, ou na expressão cunhada por Lúria "passagem do sensorial ao racional". O trabalho socialmente distribuído, o uso e preparação de instrumentos e o uso da linguagem possibilitaram o desenvolvimento da função mediadora, através da qual o homem consegue estabelecer conexões indiretas entre o meio estimulador, suas necessidades e ações para supri-las.

Diferentemente dos animais, o comportamento humano não se rege pela necessidade imediata. O homem primitivo, na organização rudimentar de sua atividade, introduziu

gradativamente etapas de atividades preparatórias, intermediárias às atividades que respondiam às necessidades imediatas. A atividade tornou-se cada vez mais complexa, buscando uma maior eficácia quanto aos seus fins (a caça primitiva). Pode-se dizer então, que o comportamento humano, não regido pela imediaticidade, constituiu-se historicamente como comportamento mediado.

Segundo Lúria (1987):

" O trabalho social e a divisão do trabalho provocou a aparição de motivos sociais de comportamento. É precisamente em relação com todos esses fatores que no homem criam-se novos motivos complexos para a ação e se constituem essas formas de atividade psíquica específicas do homem".(pág.21)

A mediação operacional do uso de instrumentos e de signos (linguagem), desenvolvida historicamente, é a categoria capaz de explicar de modo científico a emergência, complexificação e aperfeiçoamento das funções humanas superiores:

" As peculiaridades da forma superior de vida, inerente apenas ao homem, devem ser procuradas na forma histórico-social de atividade, que está relacionada com o trabalho social, com o emprego de instrumento de trabalho e com o surgimento da linguagem". (Lúria, 1979, pág. 74)

O trabalho produtivo pode ser equacionado como a forma exclusivamente humana do uso de instrumentos. Isto é verdadeiro tanto da perspectiva filogênica, no sentido de que o trabalho é que produziu o homem , quanto na perspectiva de que a

inserção do homem no trabalho produtivo é uma atividade que requer o desenvolvimento de representações sociais (que operam a adaptação do próprio corpo ao sistema produtivo em funcionamento), o desenvolvimento de habilidades específicas de uso de instrumentos cientificamente especializados e o desenvolvimento de conceitos e afetos que possibilitam uma interação social adequada à produtividade.

A mediação exercida neste caso tem como base a função simbólica, a qual permeia tanto o uso de linguagem (que é também um instrumento), quanto o uso de ferramentas. As ferramentas que hoje o homem pode utilizar em qualquer profissão, são produtos históricos dotados de características físico-lógicas, mas também de significados histórico-sociais. E é uma mediação que se transforma historicamente pois o indivíduo ao "aprender" uma profissão e exercitá-la, promove um triplo processo de transformações. Inicialmente transforma a si mesmo ao conquistar as aquisições, que se poderia chamar de pré-requisitos para a própria atividade. Em segundo, transforma a atividade e as ferramentas à medida que as vivencia, como indivíduo com história de vida peculiar e como classe social. Por fim, o exercitar/vivenciar da atividade vai promovendo uma reação retro-ativa sobre todos os conhecimentos adquiridos anteriormente pelo indivíduo.

Ao inserir mais etapas intermediárias na cadeia necessidade - ação, o homem não somente complexificou sua atividade, mas, sobretudo, impôs-lhe uma qualidade diferenciada:

"O elo intermediário nessa fórmula não é

simplesmente um método para aumentar a eficiência da operação pré-existente, tampouco representa meramente um elo adicional na cadeia S - R. À medida em que esse estímulo auxiliar possui a função específica de ação reserva, ele confere à operação psicológica formas qualitativamente novas e superiores, permitindo aos seres humanos, com o auxílio de estímulos extrínsecos, controlar o seu próprio comportamento" . (Vygotsky, 1988 p. 45)

Embora vinculados à ATIVIDADE do indivíduo do ponto de vista conceitual os dois processos - de uso de instrumentos e de uso da linguagem - apresentam uma diferença importante para o pesquisador da atividade humana, posto que a função do uso de instrumentos é determinante na ação sobre o objeto, portanto orientada externamente, e que a função do uso de signos não opera sobre o objeto mas sobre o próprio indivíduo, portanto orientada internamente. O cruzamento dos desenvolvimentos destas duas funções, interligadas e interdependentes, tem como campo de ocorrência aquilo que Vygotsky chama de comportamento superior ou função humana superior, resultantes da ligação entre a filogênese e a ontogênese.

A fala humana exerce um papel de mediação nas relações humanas, capaz de dar suporte à transmissão racional e intencional de experiência e pensamento.

A mediação da LINGUAGEM possibilitou que, além das experiências serem codificadas (simbolizadas) e armazenadas (registradas) por um indivíduo, pudesse ocorrer a transmissão de

experiências de uma geração a outra. Resulta disto a percepção de que o meio no qual o homem vem se inserir não é um meio estático, ao contrário é mutável, ou seja, histórico-social.

A própria função simbólica é também histórica, a medida que é passível de evolução. O uso de signos pelo homem é um processo histórico em sentido duplo: filogenética e ontogenicamente falando. Ao entrar no meio (desde a formação embrionária) o bebê humano já encontra o universo humanizado, um mundo que se organiza por signos, dotado de significações já estabelecidas mas não imutáveis. O signo media a relação homem-ambiente com uma característica tal que modifica o próprio sujeito.

"Do raciocínio acima deduz-se, não apenas que a atividade humana é de natureza sócio-cognitiva, como também que a forma desta atividade e o seu conteúdo são indissociáveis, uma vez que se admite tratar-se sempre de atividades mediadas semioticamente num contexto sócio-cultural"

(Fávero, 1994 p. 13)

A estrutura da ação da criança é diferente em cada estágio do seu desenvolvimento. As diferenças são marcadas de um lado pelo grau de maturação orgânica, que configura a cada nova aquisição uma estrutura física potencial sem a qual nenhuma atividade é possível; e de outro lado pelo grau de domínio no uso do instrumentos, entre eles, a própria linguagem em sentido amplo. Pode-se dizer então que as diferenças entre um estágio e outro dependem do avanço da criança sobre o seu domínio das propriedades físicas em relação ao seu próprio corpo e dos

instrumentos que permitem a mediação entre o indivíduo e a realidade. Este processo é de natureza tal que configuram-se "duas linhas qualitativamente diferentes de desenvolvimento, diferindo quanto á sua origem: de um lado, os processos elementares, que são de origem biológica; de outro, as funções psicológicas superiores, de origem sócio-cultural. A história do comportamento da criança nasce de entrelaçamento dessas duas linhas".(Vygotsky, 1988 p.52)

Toda atividade humana é geradora de significações no meio histórico-social, ao mesmo tempo é geradora de significações para o próprio indivíduo. A relação entre estas duas " formações simbólicas" é processual, indo da contradição à síntese. Contudo, para se inserir no meio social de modo a vivenciar relações de troca indivíduo/meio sem prejuízos para ambos e com ganhos (satisfação de necessidade e evolução) para o sujeito e para a espécie, é fundamental uma certa apreensão dos significados convencionados e do processo histórico de produção destes. A rigor, trata-se bem mais do que uma simples apreensão , envolvendo, conforme explicitaremos mais à frente, processos de partilha e negociação dos significados. O aprendizado da língua comporta SENTIDOS muito subjetivos (como a forma peculiar da criança de utilizar a língua) mas, o adulto deve dominar a polissemia das palavras, distinguir os sentidos propriamente subjetivos (ontogênicos) e as regras lógicas para emitir e receber mensagens.

O conceito é em si também uma mediação com o real, atuando para o sujeito como instrumento de interação com o próprio real e consigo mesmo. Um instrumento que se transforma à

medida que se desenrola o processo de conhecimento. É sobre este prisma que este estudo delineará os sistemas explicativos do desenvolvimento cognitivo, objetivando apontar a importância da atividade do sujeito como determinante na natureza dos conceitos adquiridos. Objetiva também analisar a forma como estes próprios conceitos exercem a mediação entre indivíduo e a própria atividade.

"Uma última idéia importante concerne às transformações súbitas dos conceitos ao curso do processo de conhecimento. Régine Donady propôs uma formulação excelente deste problema em termos da dialética instrumento-objeto. Um novo conceito é um instrumento de resolução dos problemas práticos ou teóricos, depois, em funcionamento, torna-se um objeto. Ele pode então suscitar novos problemas que farão surgir novos instrumentos. E assim sucessivamente" . (Vergnaud, 1988 p. 456)

Dois sistemas teóricos do desenvolvimento podem problematizar com solidez a relação entre trabalho e desenvolvimento e a emergência e mediação dos conceitos, a medida que problematizam a relação entre a atividade da criança e seu desenvolvimento, e por consequência, elucidam as características da atividade de trabalho em adolescentes e adultos: a teoria genética de Jean Piaget e o construtivismo histórico-social de Vygostsky.

Muitos estudos têm-se centrado nas diferenças entre os dois sistemas. Entretanto, é de se considerar que a comparação, visando as antagonias dos dois sistemas, deve ser feita com muita cautela, tomando as obras completas de ambos os

teóricos, sem limitar-se a esta ou aquela obra peculiar, atentando-se para o fato da interlocução entre ambos nunca haver acontecido diretamente; e, sobretudo, considerando que Vygotsky, embora sustentasse todo seu pensamento num paradigma diferente (materialismo histórico-dialético), constrói sua teoria de desenvolvimento cognitivo em contraposição ao reduzido material de Piaget, que tinha então disponível em língua russa. Isto significa dizer que o psicólogo soviético baseia-se na teoria piagetiana, mesmo para opor-lhe em pontos centrais. Há de fato um reconhecimento por parte deste que a teoria piagetiana é o que de mais avançado se apresenta naquele momento - no sentido de que Piaget entende o sujeito como ativo - sendo seguramente um avanço frente ao behaviorismo e às concepções idealistas. Também é possível encontrar na obra de Vygotsky, quanto ao pensamento infantil e seu desenvolvimento, várias referências concordantes com Piaget.

Antes de se avançar em profundidade rumo ao detalhamento de cada um das duas postulações de desenvolvimento infantil, é necessário salientar que por suas características comuns, ambos constituíram marcos na superação do empirismo reducionista e do idealismo, nas explicações acerca do comportamento humano. Ambos enfatizaram: 1) o papel da maturação biológica, como pré-requisito sem o qual seria impossível o desenvolvimento superior, mas não delimitando-a como único fator determinante; 2) a formação cognitivo-afetivo-social como uma construção, segundo etapas/estágios precisos de aquisições a serem feitas em cadeia; 3) o papel da aquisição da linguagem, na

transformação do comportamento e das estruturas mentais da criança; e 4) que o desenvolvimento é uma construção dependente de um ato próprio do indivíduo, ou seja, que o indivíduo é o sujeito, que ativamente empreende as atividades que possibilitam seu desenvolvimento.

O CONSTRUTIVISMO CLÁSSICO

A epistemologia genética de Piaget instaura uma concepção de conhecimento como construção, no sentido duplo de ser um processo que se estabelece por etapas (estágios) e ao mesmo tempo de ser produto da atividade do sujeito. Este segundo elemento é o que definitivamente separa a razão humana da modelização informática da razão humana: a capacidade de criar e entender conceitos. Noutra perspectiva é também inovadora e epistemologia genética ao propor uma solução para o problema da forma e do conteúdo: não se conhecem somente conteúdos, mas o conhecimento é também de processos, ou de estruturas, dirá Piaget.

O papel das coordenações intraindividuais é salientado, pois embora Piaget tenha repetidas vezes se reportado à indicação do papel da interação social no desencadear do desenvolvimento cognitivo e a indissociabilidade entre o desenvolvimento das ações/estruturas e a "socialização das ações e do pensamento", de fato não se ateu à definição mais cuidadosa da "interação social", possibilitando interpretação

do papel desta apenas como um certo continente de coordenações propícias ou não para que o sujeito pudesse construir, em sentido mais exato re-construir o conhecimento do real.

O construtivismo piagetiano é uma filosofia da atividade do sujeito:

" Parece útil situar Piaget dentro de um certo clima intelectual, no campo bastante aberto de doutrinas que tiveram por problemática comum conciliar a versão determinista do desenvolvimento com a intervenção ativa do sujeito".(Gréco, 1984 p. 26)

Para Piaget, a base do desenvolvimento é biológica. A primeira ação "humana" é o reflexo inato, o qual "estende-se" por uma tendência inata do organismo em adaptar-se - em equilibrar as trocas entre organismo e meio com ganhos energéticos de crescimento e manutenção do organismo . O reflexo é palco de uma transformação, regida pelas necessidades e orientada para a adaptação, desenvolvendo padrões de AÇÃO. Estes padrões foram denominados, no primeiro estágio, de esquema e, nos estágios posteriores , de estrutura. O produto do desenvolvimento cognitivo é, então, um conjunto de estruturas, capazes de dar suporte à adaptação mais estável e flexível.

É, pois na interação com o universo (objeto) que o sujeito constrói o conhecimento. Conhecimento sobre o próprio universo (objeto) e sobre si mesmo. A relação sujeito-objeto é dialética que somente tem algo a afirmar sobre o processo de construção que se opera dentro do sujeito. O construtivismo é uma teoria na qual o progresso cognitivo é sempre resultado de uma

construção endógena. Essa abordagem é considerada por Dolle (1981), como uma dialética parcial, no sentido de restrita ao processo que ocorre no sujeito nada explicando quanto ao objeto.

"A epistemologia construtivista tentou então demonstrar que, quaisquer que sejam os eventos externos, que desempenham um papel de desencadeadores, a construção é interna ao sujeito...". (Gréco, 1984 p. 20)

O fato de Piaget não explorar a reação do objeto diante do sujeito (particularmente quando se considera que um outro indivíduo é categorizado também como objeto, e que a ação do primeiro provoca ações e transformações no segundo), parece estar ancorado no modelo de universo adotado para estudar a formação das estruturas em crianças: o modelo científico. Como assinala Gréco (1984):

"Por diversas razões, Piaget tomou inicialmente como paradigma da evolução da razão lógico-matemática do sujeito, a evolução das matemáticas tal qual a história a representa".(p.28).

Ao definir o conhecimento físico e o conhecimento lógico-matemático, como produtos da experiência, também compartimentada em dois componentes (físico e lógico-matemático), o construtivismo parece fazer passar ao largo o papel das interações sociais na aquisição do conhecimento e o componente social do conhecimento. A epistemologia genética não nega, em absoluto, a existência e importância das interações sociais, que

serão denominadas como coordenações interindividuais, na formação das estruturas mentais. O aspecto social das estruturas preservado, conforme atestam os dois trechos seguintes:

"As estruturas variáveis serão, então, as formas da atividade mental, sob um duplo aspecto: motor ou intelectual, de uma parte e afetivo, de outra, com suas duas dimensões individual e social (interindividual)." (Piaget, 1989 p. 13)

"Parece então estabelecido que o fator de troca (ou aqui de comunicação) dinamiza o trabalho cognitivo. Entretanto, se trata-se de causalidade ou de formação resta claro que as coordenações de ações e de operações são idênticas, sejam as ligações intra ou interindividuais (...). Em outros termos, a "estrutura" operatória em funcionamento é de natureza geral, ou "comum", biopsicosociológica, e por tal, ela é lógica em seu fundamento". (Piaget, 1976, p. 226)

Contudo, a natureza (causal ou não) das relações entre as coordenações intra e interindividuais, não foi considerada como objeto de estudo por Piaget, contentando-se com afirmações, ora imprecisas, ora reduzindo o interindividual ao papel de desencadeador das estruturas já biologicamente potencializadas:

"...os fatores sociais nada explicam por si sós, se bem que sua intervenção seja necessária ao desabrochar da razão". (Piaget, 1978 p. 14)

Ao abordar o tema das interações sociais Piaget vai sempre se ancorar em duas proposições: indissociabilidade do desenvolvimento cognitivo com o desenvolvimento social, sobretudo em períodos marcados pela socialização da ação; e o paralelismo destes mesmos progressos, o lógico e o social. Contudo, o posicionamento em favor do paralelismo não deveria isentar a pesquisa dos desenvolvimentos "indissociáveis", para se aprofundar as intersecções e interinfluências entre os funcionamentos biológico, cognitivo e social.

Para Doise (1981), a concepção piagetiana de que os dois domínios (do desenvolvimento cognitivo e da interação social) seriam regidos por operações idênticas e de que a evolução destas operações repercutiriam ao mesmo tempo em ambos domínios, não elucidada em nada as reais relações entre os dois campos. Este autor sustenta que Piaget acaba por elaborar um conjunto de mecanismos de defesa justificando a ausência de causalidade entre o cognitivo e o social. A concepção paralelista levada ao limite conduziria então ao estudo o desenvolvimento das estruturas cognitivas para entender as regulações da interação social. Mas uma tal concepção rejeita explicitamente a eventualidade de uma intervenção causal do social no cognitivo.

A abordagem da epistemologia genética gerou vários estudos sobre o aparecimento dos conceitos. Piaget (1978) define: "o conceito é um esquema abstrato e a imagem um símbolo concreto mas, embora já não se reduza o pensamento a um sistema de imagens, poder-se-á admitir que todo pensamento se faz acompanhar de imagens, portanto, se pensar consiste em interligar

significações, a imagem será um significante e o conceito um "significado". (p. 87). Entendendo que a diferença entre um esquema e um conceito é que no primeiro a dimensão conceitual não requer explicitação, conquanto o conceito é necessariamente explícito, portanto associado a significantes linguísticos ou simbólicos. As situações e os invariantes são elementos comuns aos dois.

Uma concepção operacional de conceitos não foi o suficiente para se aprofundar o estudo da dimensão conceitual do comportamento, conforme analisa Doise (1981), à medida que muitos estudos, mesmo realizados em Genebra, tiveram por herança uma concepção paralelista do desenvolvimento cognitivo e do social, de tal modo que acabaram ou por isolar o aprendizado de conceitos sociais - onde se passou a aceitar a determinação também social da gênese do conhecimento -, ou por, simplesmente, considerar as interações sociais como epifenômeno do desenvolvimento cognitivo. As imbrincações teórico-metodológicas levaram a uma ausência de paradigmas que propusessem uma articulação satisfatória entre o cognitivo e o social.

Os impasses, vividos por pesquisadores ingeridos na abordagem epistemológica, refletem também o grau de importância pouco relevante dos estudos neste campo.

Os estudos centrados nos procedimentos, bem como os estudos de psicologia voltados para modelos de tratamento de informações, estudos funcionalistas, e, por fim, os estudos voltados à modelização informática da mente humana trouxeram resultados importantes acerca de comportamentos bem definidos de resolução de tarefas, de seriação, de operação em situação,

etc...Contudo a compreensão do conteúdo dos conhecimentos propriamente conceitual não foi tomado como essencial ou como aporte fundamental para a explicação dos comportamentos.

"Muitos resultados interessantes foram obtidos graças ao estudo do procedimentos e aos modelos informatizados,mas, de minha parte, eu considero que lhes falta algo de essencial, a dimensão propriamente conceitual" . (Vergnaud, 1988 p. 452)

A proposição de se estudar o desenvolvimento cognitivo através de situações-problema colocados para indivíduos, em geral crianças, isolados ou em grupo, não pode, do ponto de vista do desenvolvimento geral, estar destacada da compreensão do repertório das condutas e das representações possíveis e de sua hierarquia. O "funcionamento" do sujeito não pode estar separado de sua experiência anterior, do seu quadro de desenvolvimento. Relações, propriedades dos objetos, objetos pertinentes são componentes de situações diante das quais reage um sujeito. Ao proceder o reconhecimento inicial da situação, algo no sujeito permanece invariante Estruturas variantes para atender a funções invariantes.

Na aprendizagem de um conceito lógico, ou vamos dizer um conceito algorrítimo, como por exemplo o aprendizado de um conceito matemático, não se pode falar numa elaboração do real, mas sim de uma apropriação do real, onde a interação social exerce um papel, é claro dentro de condições muito bem definidas e controladas. Nestas situações as condições de enunciação da tarefa ou do problema implicam em interações pré-estabelecidas,

mas são também, e de alguma forma, categorias de discurso. As atividades linguísticas apresentadas são verdadeiros "esquemas" sociocognitivos, que, além da função de informar ao outro, receber informação (tanto de pré-orientação, quanto de feed back corretivo da ação) e proceder a argumentação, têm também uma ação sobre o próprio sujeito, ao nível do conteúdo e do processo de conhecimento.

"O discurso numa situação, em torno de um problema a ser resolvido, por exemplo, não poderia evidentemente ser tratado como uma narração ou como um discurso teórico. Entretanto, é provável que as atividades linguísticas estejam inseridas dentro de esquemas de ação sobre o outro ou sobre si: por exemplo a análise do papel da linguagem na planificação e controle da ação, na tomada de consciência e o metaconhecimento, mostram que uma conduta linguística e eventualmente uma ação do sujeito sobre ele mesmo". (Vergnaud, 1988 p. 455)

Se os estudos acerca do papel da interação social na aprendizagem de conceitos acentuadamente lógico-objetivos, que ocorrem em situações passíveis de maior delimitação e controle, são ainda iniciais, o que se pode dizer do aprendizado de conceitos inseridos no campo da polissemia das palavras, onde a relação entre significante e significado sofrem intermediações diversas, a exemplo do conceito de trabalho, e do papel da interação social, que não se refere somente às relações interindividuais, mas incluem conjuntos de sujeitos que mantêm relações representativas e institucionais.

A PSICOLOGIA HISTÓRICO SOCIAL

O princípio básico desta abordagem é que a origem dos comportamentos tipicamente humanos, chamados de funções humanas superiores, não pode ser procurada e explicada pelo estudo direto do aparelho biológico especializado (o cérebro), muito menos num constructo hipotético idealista chamado alma ou espírito. A explicação para o aprecimento e desenvolvimento está na evolução histórica, concebendo esta evolução dentro do paradigma marxista. Segundo Cole e Scribner (1988), Vygotsky "...elaborou de forma criativa as concepções de Engels sobre o trabalho humano e o uso de instrumentos como meios pelos quais o homem transforma a natureza e, ao fazê-lo, transforma a si mesmo". (p. 8)

O grande mérito, do ponto de vista do estudo da gênese do pensamento, foi o de estender o conceito de mediação, delineando a forma como historicamente a atividade do homem foi se complexificando, com o uso de instrumentos e da linguagem, de modo a assegurar maior eficiência na ação, a coordenação do trabalho coletivo e produzir a transformação do próprio homem.

A interação social, inserida num determinado contexto histórico-cultural, passa então a ter ser vista com outro papel na ontogênese do conhecimento. Revisando alguns preceitos de Piaget, a psicologia histórico social, contesta o papel dado à fala egocêntrica e ao pensamento egocêntrico pela escola de Genebra: para Vygotsky mesmo o uso rudimentar que a

criança faz da fala, já é mediado pelos significados pré-estabelecidos pelos adultos e tem por continente um meio organizado, dotado de significações já estruturadas e codificadas. O código linguístico, como sistema de signos, é criado por uma sociedade ao longo de sua história, e se transforma conforme se modificam as formas desta sociedade e seu nível cultural. Em resumo, a criança não poderia ser absolutamente egocêntrica, posto que desde o nascimento já se encontra inserida num universo humanizado e em "comunicação" com ele. Para Vygotsky a primeira fala da criança é "comunicativa" e, depois é internalizada.

"Basicamente, o desenvolvimento da fala interior depende de fatores externos: o desenvolvimento da lógica na criança, como os estudos de Piaget demonstraram, é uma função direta de sua fala socializada. O crescimento intelectual da criança depende do seu domínio dos meios sociais do pensamento, isto é, da linguagem". (Vygotsky, 1988 p.44)

Apesar de estar também embasada na teoria piagetiana, a psicologia histórico-social marca uma diferença estrutural: a interação social é determinante em todo o aprendizado humano, isto é, a articulação entre o social e o cognitivo é de natureza causal.

A relação causal entre a interação social e o desenvolvimento cognitivo foi experimentada, confirmando a proposição que aquilo que uma criança é capaz de fazer hoje, com a ajuda de outra pessoa, ela poderá fazer sozinha amanhã.

O que significa que uma criança, na interação com

outras, não se torna apenas capaz de participar de uma estruturação cognitiva mais elaborada, mas, sobretudo, torna-se também capaz de reproduzir sozinha esta estrutura, representando uma transformação no sujeito causada por uma interação tripolar (eu-outro-objeto), e não a clássica interação piagetiana (eu-objeto).

Esta proposição deu origem ao conceito de zona de desenvolvimento proximal, que compreende uma avaliação do real potencial de desenvolvimento de uma criança, posto que supera a avaliação tradicional de tarefas dadas à criança individualmente, incluindo uma avaliação de maior potencial de resolução de tarefas mais complexas quando em interação com outra criança.

A implicação desta concepção de desenvolvimento cognitivo é que não se pode considerar o aprendizado das propriedades lógico-físicas dos objetos isoladamente da interação social (sobretudo mediada pelo uso da linguagem) conforme também assinalou Piaget. Mais ainda, a interação social é mantida para com o aprendizado acima citado, uma relação de causalidade. O desenvolvimento da função simbólica, e conseqüentemente do uso de instrumentos, é causado pela interação social e o conhecimento adquirido pode variar (mesmo o conhecimento físico-lógico) de acordo com a natureza desta interação.

Em outras palavras: "...o mundo dos objetos e o mundo das pessoas é entendido como um sistema unificado, de modo que o desenvolvimento se dá a partir das atividades desenvolvidas no mundo dos objetos, atividades estas mediadas pelo mundo das pessoas" (Fávero, 1993 p. 58)

Para estudar as relações entre fala e pensamento, desautorizando os paradigmas anteriores de compreensão destes dois eventos ou como funções a serem estudados isoladamente ou como manifestações de uma única função, Vygotsky propõe como unidade de estudo o significado. Como elemento inerente tanto à fala, quanto ao pensamento, o estudo do significado permite uma análise genético-causal das relações entre o desenvolvimento da capacidade de pensar na criança e o seu desenvolvimento social.

Vygotsky (1988, 1989) procurou estudar a formação dos conceitos na criança através do aprendizado da linguagem, ou seja, do uso das palavras como mediadores entre o sujeito e a realidade. Segundo ele "todas as funções psíquicas superiores são processos mediados, e os signos constituem o meio básico para dominá-las e dirigi-las. O signo mediador é incorporado à sua estrutura como parte indispensável, na verdade a parte central do processo como um todo. Na formação de conceitos, esse signo é a palavra". (Vygotsky, 1989 p. 48)

Uma leitura atenta pode indicar claramente que se trata de construção, porque sem a atividade própria do sujeito, a qual somente pode ser feita pelo sujeito e à qual ninguém pode obrigá-lo, não se estabelece conhecimento algum. Ao construtivismo clássico não se pode atribuir a compreensão de que, ao "construir" o conhecimento, o sujeito constrói também coordenações interindividuais e sociais, ou seja constrói com sua ação/pensamento uma relação com outros e altera o conjunto destas relações. A intervenção de um sujeito pensante/atuante recria as condições dadas anteriormente em parte (pois se trata de um

conjunto de sujeitos "participantes"), e, por fim, estas novas coordenações sociais agem sobre o conhecimento anteriormente construído, sobretudo nos processos desenvolvidos. As condições do meio possibilitam a emergência de estruturas mais complexas, que, por sua vez, permitem a participação em contextos mais complexos, que em seguida fornecem condições para o desenvolvimento de estruturas ainda mais complexas. É uma dialética sujeito-objeto, que desemboca na construção do próprio sujeito. Construtivistas mais recentes realizaram uma série de pesquisas acentuando a participação da interação social nesta construção, mas não como desencadeamento ou paralelismo, e sim como também um dos constitutivos, assinalando outra vertente, da construção como ato do sujeito e meio "ativo".

Ainda sim, modelo cognitivo da epistemologia genética refere-se mais a uma apropriação ativa do real, do que propriamente a uma construção do real, posto que, para esta concepção, as propriedades físico-lógicas do universo estão dadas num todo já estabelecido, regido por leis lógicas, e são apreendidas sem a intervenção causal de fatores histórico-sociais. O construtivismo vygotskiano implica numa outra dialética, que inclui as categorias da mediação e da contradição na sociedade de classes: dialética entre a internalização do real e a manifestação transformadora e criadora deste construto numa realidade composta de um conjunto de indivíduos, cuja coordenação não se efetiva somente por adição ou justaposição. O que difere radicalmente o construtivismo do cognitivismo vygotskyano é que, no segundo, o real é regido pela dialética do contraditório, portanto um real ativo, posto que a totalidade das interações

difere qualitativamente da somatória das aquisições individuais, ou mesmo interindividuais, e o sujeito ao ingressar no universo já o encontra humanizado e já participa, de início de coordenações sociais, que serão fundamentais em sua formação. Para Vygotsky, a ação/pensamento do sujeito atuam no real e por ele são determinados não numa evolução linear, mas através do desenvolvimento de contradições.

As proposições iniciais de Vygotsky e Piaget são reforçadas na atualidade pelos teóricos da corrente denominada sócio-construtivista. Os diversos estudos sobre aprendizado dos conceitos sociais foram realizados, estabelecendo as relações causais entre este aprendizado e a interação social. Contudo, em oposição ao cognitivismo clássico, não se pode restringir o papel causal da interação social somente ao aprendizado de conceitos sociais, a proposição vygotskiana é mais profunda e ampla: o universo físico (diria Piaget, as propriedades lógico-matemáticas dos objetos) é apreendido também por mediação da interação social.

O SÓCIO-CONSTRUTIVISMO

Aparece então uma corrente de pensamento que, buscando a interação entre o construtivismo e a psicologia histórico-social, não enfoca o conjunto das coordenações interindividuais apenas como uma espécie de "pano de fundo" onde ocorreriam as coordenações intraindividuais, ou ainda, como desencadeadoras destas últimas. Na perspectiva de Doise (1984),

a espécie é portadora de esquemas, princípios de organização e motivações de ordem genética, que são desencadeadas por coordenações sociais, e que, após desencadeadas, funcionam de maneira mais ou menos autônoma e permitem a participação no mundo social. Mas acrescenta, com uma certa dialética: as coordenações individuais ao participarem de interações sociais modificam estas interações e por estas são também modificadas. Em último plano significa dizer que, se de um lado o sujeito tem um papel ativo na construção do conhecimento, também o meio, o "objeto", não é mutável, portanto não passivo. O conjunto de objetos e de relações entre estes não obedece a uma história das matemáticas, tal qual Piaget a entende e toma por base para explicar o aprendizado dos conceitos matemáticos na criança.

Ao considerar a importância das interações sociais no desenvolvimento cognitivo, Piaget acaba sempre por ser um tanto quanto impreciso, e esta "imprecisão" permitiu, em alguns momentos que se entendesse a interação social apenas como mecanismo apropriado, resguardadas as condições estabelecidas, para desencadear predisposições existentes no indivíduo, que somente se realizam mediante atividade do próprio sujeito. O que distingue pois o construtivismo clássico do sócio-construtivismo, para Doise (1984) é o papel das interações:

"Se, a escola de Genebra considera tradicionalmente a inteligência como resultado de coordenações de esquemas de ação, uma concepção sócio-construtivista considera estas coordenações individuais como resultantes também de coordenações interindividuais e sociais". (P. 131)

Nesta abordagem, sistemas culturais diferentes implicam em sínteses diferentes de interação social, que, por sua vez, desempenham o papel de desencadeadores do desenvolvimento cognitivo individual; todavia, as diferentes culturas preservam elementos comuns entre si, que intervêm no desenvolvimento cognitivo.

"Não é raro que os fundamentos do universal humano sejam procurados dentro de uma programação biológica. Eu as procuro ao mesmo tempo nas regularidades de ordem social". (Doise, 1984, p. 131)

Segundo Doise (1982), as duas correntes (Piaget e Vygotsky) insistiram na intervenção dos fatores sociais no desenvolvimento cognitivo, mesmo que de forma diferenciada, contudo, isto não representou um aporte significativo desta temática nas atuais pesquisas sobre o desenvolvimento cognitivo. É preciso ainda se estudar com profundidade a natureza da articulação causal entre social e cognitivo:

"A causalidade que nós atribuímos à interação social não é unidirecional; ela é circular e progride em espiral: pela interação, o indivíduo organiza certas coordenações, permitindo-lhe participar então de interações sociais mais elaboradas que, por sua vez, tornam-se recursos do desenvolvimento cognitivo. Assim, em níveis precisos do desenvolvimento cognitivo, certas interações sociais atuam como indutoras da embriogênese, encaminhando o desenvolvimento de uma nova organização cognitiva". (Doise, 1981, p. 35)

O desenvolvimento cognitivo de um indivíduo é a história de um processo de descentração intelectual. A interação social é pedra angular deste processo, no sentido que o conflito sócio-cognitivo (conflitos na comunicação com o outro) é condição necessária para a ocorrência da descentração. As pesquisas devem então voltar-se para o estudo da interação com o meio humano para obtenção de resultados satisfatórios na explicação do aprendizado de conceitos.

Toda atividade humana é, pois, dotada de significações e está na raiz da formação das concepções (conceitos sociais) que o sujeito ativo elabora. Estas significações têm por mediação a linguagem; atuam como mediadores por meio da emergência de discursos.

"Sem dúvida, em quaisquer condições e formas em que se transcorra a atividade do homem, qualquer estrutura que se adote, não se pode considerá-la como algo abstraído das relações sociais, da vida em sociedade com todas suas peculiaridades e particularidades, a atividade do indivíduo aparece como um sistema incluído no sistema de relações da sociedade. A atividade humana não existe em absoluto fora destas relações"(Leontiev,1979 p.11)

Sobre a compreensão de desenvolvimento humano, adota-se, neste estudo, o princípio de que a atividade é a base da construção daquilo que é propriamente humano - funções humanas superiores e as relações sociais. Em Piaget encontra-se o termo ação, como correspondente do que aparece em Vigotsky como

atividade. Acrescente-se que o indivíduo, e somente ele, é o sujeito - como na sintaxe aquele que empreende a ação - ativo desta construção.

Tendo os elementos, acima descritos, bem definidos, Fávero (1993, 1994) vai apontar que somente o fato de se saber que o aprendizado do "mundo dos objetos" e do "mundo das pessoas" é unificado (e compreende que os processos psíquicos intraindividuais não podem ser isolados dos processos inter-individuais) não nos trouxe ainda um domínio profundo da dialética entre o universal e o particular. Ao retomar Lotman e Bruner, Fávero (1994) vai afirmar que toda atividade humana é de natureza sócio-cognitiva, sendo sua forma e conteúdo indissociáveis.

A implicação desta concepção é para nós óbvia: a atividade do menino de rua é concretizada - ativamente pelo menino de rua - dentro do todo da nossa sócio-cultura, implicando num determinado processo de desenvolvimento cognitivo, o qual, por sua vez, é expresso em discursos. O menino de rua cria seu texto, tendo como referência um modo peculiar de inserção na sócio-cultura. O conjunto chamado sócio-cultura, bem poderia ser representado pelo conceito de Lotman (citado por Fávero, 1994) de SEMIOSFERA, no sentido de esfera semiótica em analogia ao conceito de biosfera. Fávero (1994), afirma que o discurso do menino de rua constitui "um texto dentro de um texto".

... uma vez tomado o texto como unidade de análise, então o discurso oral ou escrito de um sujeito é, em última análise, a narrativa da interação entre o mundo das suas significações e o

espaço semiótico da sócio-cultura na qual ele está inserido. Isto é o mesmo que dizer que, do ponto de vista do procedimento metodológico, podemos tomar como fonte de dados, a fala ou escrita (ou ainda o desenho, ou o gesto, ou a produção de historinhas, por exemplo), como veículos utilizados pela linguagem humana enquanto meio mediacional de um determinado conteúdo."(p.15)

O discurso do menino de rua, enquanto unidade de análise, é um veículo de significações. Este, por sua vez, emerge de uma complexa vivência do modo de vida da rua, que articula processos de partilha e negociação de significados entre o indivíduo e as outras pessoas, grupos, instituições, etc inseridos numa sócio-cultura. A idéia de partilhamento e negociação, originada em Bruner, e ampliada em Fávero, ao mesmo tempo em que lança novo direcionamento à interação entre o universal e o particular, impõe novas obrigações à pesquisa em psicologia:

" A questão que se coloca, para uma Psicologia que pretenda estar preparada para efetivamente responder à demanda social é o quanto ela conhece a respeito do sistema semiótico da sócio-cultura na qual ela pretende atuar, e o quanto ela conhece a respeito da natureza das inter-relações entre esta semiótica e o mundo de significações individuais dos sujeitos que a partilham" (Fávero, 1994, p.18)

Esta posição do autor supracitado, tem orientado estudos de investigação básica sobre como determinados segmentos sociais representam suas vidas, a sociedade, o trabalho, a morte etc. Este estudo issere-se neste espírito, entendendo que o conhecimento aprofundado sobre o desenvolvimento cognitivo dos meninos de rua é de responsabilidade de uma psicologia que se auto-compreenda como ativa e crítica na história.

Este modo de estudar e compreender o desenvolvimento humano levanta importantes questões sobre as relações entre a sócio-cultura e o conhecimento científico, ponto sob o qual a psicologia parece ter estacionado: "...admitese a influência da sócio-cultura no desenvolvimento do conhecimento, mas parece que ignoramos, que este mesmo conhecimento gera uma técnica e produz uma tecnologia, de natureza das mais diversas, técnica e tecnologia estas que se desenvolvem numa sócio-cultura, e que protanto, fazem parte dela e interagem com ela"(Fávero,1994 p.09)

O que significa dizer que o modo de produção capitalista engendra a produção de tecnologias as mais avançadas e de conhecimentos pertinentes às técnicas decorrentes. A psicologia do desenvolvimento não escapa à regra. Entrementes todo conhecimento gestado produz efeitos de transformação das técnicas e da tecnologia, em geral pouco analisados. Pode-se apontar uma certa estranheza que tamanho progresso científico encontre-se ainda dissociado de um progresso social: as mais complexas e eficazes formas de comunicação existem, porém persistem na veiculação de informações sobre meninos de rua, por exemplo, as mais enraizadas num grotesco senso-comun. As relações

entre as mudanças científicas e a sócio-cultura. Segundo Fávero (1994) "O que estamos querendo dizer, em última análise, é que ao nos propormos a estudar o desenvolvimento humano no contexto sócio-cultural, não podemos prescindir da análise que as consequências advindas da inter-relação entre, as mudanças científicas e tecnológicas e a sócio-cultura na qual estas mesmas mudanças se desenvolveram, trazem ao sujeito humano"(Fávero,1994 p.10). A experiência subjetiva de se viver neste nosso universo semiótico específico é um campo que se abre para a psicologia e que cujo estudo poderá nos aproximar da compreensão dos fenômenos em mudança. Conforme Lotman (citado por Fávero,1994) as revoluções tecnológico-científicas encontram-se entrelaçadas com revoluções semióticas.

Entender o desenvolvimento dos meninos de rua no quadro acima exposto exige o avanço sobre o conhecimento do modo peculiar de assimilação da sócio-cultura por parte dos meninos, pois nele residem as possibilidades de superação do filtro de informações ao qual estes sujeitos estão submetidos, dificultando a produção de conhecimentos que sustentem transformações na inserção, hoje "marginal", do grupo na sociedade.

Não atentar para as relações entre universo semiótico e produção do conhecimento, pode acarretar na formulação de conhecimentos sobre o desenvolvimento que sejam contextualizados apenas à nível de discurso. É claro que estudos que incorram em tal negligência acabam por reforçar posturas de manutenção e conhecimentos de cientificidade parcial.

"Ignorar a interface conceitual a qual nos

referimos no parágrafo acima implica numa série de consequências, entre as quais, facilitar a manutenção de concepções paradoxiais com relação ao próprio desenvolvimento do ser humano, separando-o em capazes e incapazes, dotados e não-dotados, criativos e não-criativos, produtivos e marginais..."(Fávero, 1994 p.09)

1.2 O DESENVOLVIMENTO HUMANO E O MODO DE VIDA DA RUA

Entendendo que a atividade de cada indivíduo configura as possibilidades do seu desenvolvimento, torna-se óbvia a necessidade de se tentar, a priori, caracterizar as atividades próprias aos chamados "meninos de rua", à medida em que o objeto do presente estudo é a concepção de trabalho de um grupo social específico, chamado de meninos de rua. Concepção esta que não está separada, ou desconectada, de concepções de homem, sociedade e vida, e quem se manifesta através deste grupo.

Todo conhecimento é fruto de interação dialética entre o indivíduo e o meio histórico-social em que vive. O que procuramos é o estudo do desenvolvimento cognitivo num grupo social específico, desenvolvimento este que está relacionado com a atividade TRABALHO, direta ou indiretamente. Para evitar um

recorte reducionista da visão de mundo (conhecimento) do grupo almejado, faz-se necessária o abandono das preocupações explícitas com o universo do trabalho e a tomada das significações desenvolvidas sobre sua própria atividade como objeto. O que equivale a dizer que a atividade da rua é o correspondente funcional, neste estudo, do trabalho para meninos de rua.

O fato em si, de meninos e meninas fazerem da rua seu espaço privilegiado de sobrevivência e convivência, não constitui isoladamente um fator de diferenciação no desenvolvimento. Assim como os meninos de rua, vários outros segmentos ou grupos sociais frequentam as ruas dos centros das grandes cidades brasileiras, sem contudo que isto resulte no fato de se "desenvolverem" como os meninos de rua, ou construindo uma "sub-cultura da rua". Mesmo outros grupos de meninos e meninas transitam por este ambiente não se tornam "meninos de rua". Não é portanto a rua como ambiente específico que promove o desenvolvimento peculiar dos meninos de rua.

A questão é que, o ambiente peculiar da rua possibilita a emergência de modos de vida diferenciados, configurando processos desenvolvimentais também diferenciados. O objeto final deste estudo é analisar as representações sociais (vida, homem, sociedade, trabalho, etc...) resultantes do desenvolvimento nas condições específicas do Modo de Vida da Rua, característica dos meninos de rua.

Um estudo realizado por Rizzini (1989) realizando um levantamento bibliográfico da produção científica sobre a infância pobre no Brasil, demonstra que a distinção entre os

chamados meninos de rua (que têm a rua como referência determinante e habitam direta ou periodicamente as ruas) e os meninos na rua (que se encontram circunstancialmente nas ruas, incluindo coisas, fazendo pequenos serviços, etc...), somente se configura com maior clareza a partir de meados dos anos 80. Nos anos 70, os estudos realizados atinham-se à problemática mais global:

" Como se pode observar, além do grande interesse em torno da delinquência, as pesquisas dos anos 70 tentavam retratar a situação geral do menor, analisando a gravidade do problema e possíveis soluções. Nos anos seguintes , deu-se ênfase aos estudos sobre as condições de trabalho e educação, à política social, à história da infância pobre no Brasil e, sobretudo, à criança institucionalizada, tema dos mais estudados, tanto por psicólogos e assistentes sociais, como também por sociólogos e antropólogos" (Rizzini, 1989 p.23)

O mérito histórico destes estudos reside na desmistificação do modelo de atendimento centrado no internato e na desmistificação dos segmentos de crianças nas ruas, ideologicamente associados até então, à delinquência e ao estigma de desviantes.

A questão dos meninos e meninas de rua está indubitavelmente vinculada à situação da infância e adolescência empobrecidos, representando, porém, uma parcela alarmante:

" Algumas estatísticas aponta 7 milhões de garotos e garotas que vivem quase permanentemente na rua, muitos com seus próprios pais protegendo-se sob

pontes, marquizes, em prédios abandonados e bancos de praça. A rua não é só lugar de trabalho, mas também lugar, de moradia, de consumo e de socialização para os mais pobres." (M.M.M.R.1990 p.05)

Alguns trabalhos tiveram suas atenções voltadas para as condições de vida dos meninos e meninas de rua, e nos interessam à medida que permitem a configuração das condições sob as quais acontece o desenvolvimento das representações.

Entre 1984 e 1986, a Coordenação de Estudos sobre o Menor (CESME), da Universidade Santa Ursula, realizou importante pesquisa que, embora não distinguisse com exatidão o chamado grupo de meninos e meninas de rua, trouxe importantes contribuições na caracterização dos vários grupos que convivem nas ruas. Esta pesquisa (Rizzini *et al.*, 1986) aponta a situação de miséria à qual acentuada parcela da população está submetida como a principal causa dos meninos e meninas estarem nas ruas, constatando ainda que, ao contrário do que rezava o senso comum predominante à época, não se tratava, na maioria dos casos, de meninos abandonados. Importantes dados foram introduzidos na discussão sobre o porquê do abandono das casa das famílias de origem:

O problema está no próprio uso do conceito de desagregação familiar para caracterizar os mecanismos de funcionamento das famílias pobres tornando-se como base o modelo tradicional de família nuclear classe média. Tudo parece muito simples quando se reduz a extensão e a gravidade das con-

sequências que advém da miséria na qual vivem milhões de pessoas ao depositar a culpa sobre a família" (Rizzini Et Alli, 1986 p.24)

Ainda neste trabalho (Rizzini Et Alli, 1986) evidenciou-se que " tornar-se menino de rua", é construído num processo:

Segundo depoimentos coletados em vários dias de observação e entrevistas, conclui-se que o percurso das crianças na rua inicia-se com breves saídas, normalmente com horários estabelecidos pela família, mantendo-se nas proximidades da moradia. Gradativamente, as crianças vão adquirindo maior autonomia e, com o tempo, praticamente abandonam a casa para interagir mais intensamente com os outros meninos de rua. Contudo, isso não as descompromete da obrigação junto à família e elas voltam todos os dias ou de tempos em tempos para dormir e levar o dinheiro para casa." (p.28)

O processo de permanência nas ruas parece implicar também no abandono à escola. Segundo essa pesquisa os principais motivos alegados pelos meninos para o abandono escolar foram : precisar trabalhar, não gostar do professor e da escola, não ter dinheiro, ser expulso, ausência de vagas na escola e a mãe retirar o menino da escola. Todos os motivos mantêm aparentemente uma certa ligação entre si e com o fator miséria.

Em outro estudo realizado pelo CESME - Santa Úrsula (1988), procurou-se dar ênfase a uma parcela do segmento

meninos de rua, pouco atendida e pouco conhecida nas suas especificidades: As meninas de rua. Contudo, por um direcionamento da concepção de que a menina de rua está representada também na parcela da situação da menina empobrecida no país, o estudo acabou por não centrar-se nas meninas de rua, ampliando esta denominação:

" Assim , abandonou-se o estudo deste segmento específico e ampliou-se o trabalho de investigação para outras tipologias de meninas de rua: as vendedoras, as integrantes de bandos, as participantes de programas educacionais alternativos e as que perambulam nas ruas de sua favela de origem ou no centro da cidade. O alargamento do Universo enriquece, evidentemente, a dimensão do estudo, porém prejudica a análise de cada segmento. Ganha-se em abrangência, perde-se em profundidade."

(Rizzini, 1988 p.05)

Como o próprio estudo reconhece, a ampliação do Universo de pesquisa não permitiu a obtenção de dados específicos sobre o segmento por nós objetivado.

Novamente os estudos do CESME atribuíram à situação de miséria, a causa dos meninos estarem nas ruas, acrescentando porém a aspecto específico à saída de cena para a rua nas meninas:

" A procura de novas formas de sobrevivência não justifica por si só as atividades desenvolvidas na

rua. Os depoimentos evidenciam que o processo de inserção " na rua" dá-se de forma gradativa e é, também, consequência da rejeição que a menina sente por parte da mãe e/ou do padrasto. A figura do pai é praticamente ausente." (p.16)

Ou ainda:

" Estes relatos que apresentam fatos de espancamento, desamor, alcoolismo, estupro, etc. de tão corriqueiros, parece retratar uma situação " padrão ". Os casos poderiam multiplicar-se por muitas variações e a ida a rua é assim interpretada como um fuga, uma procura, sem grandes ilusões, mas com algumas expectativas de liberdade e auto-afirmação." (p.18)

Vários são os estudos e textos que associa a situação de miséria por parte de um grande número de famílias brasileiras, à situação de " viver nas ruas" das crianças e adolescentes. Nestas análises, a condição econômica precária das famílias é apontada como o principal fator na complexificação das relações interpessoais no interior das famílias, resultando comumente em maus-tratos, exploração e seviciamento sexual. Pode-se exemplificar com: Fenelon et alli (1992), Realidade de Criança e Adolescentes no Brasil- M.M.M.R (1990)

A mesma dificuldade em se delimitar com clareza os grupos de meninos de rua é encontrada num estudo realizado em Goiânia por Fenelon et alli (1992), que acaba por caracterizar a menina de rua como aquela que tem passagem pelo sistema

judiciário-policial:

" As meninas que integram o grupo social aqui estudado têm em comum o fato de, em alguns ou vários momentos, terem agido de determinada maneira, cuja consequência mais marcante foi o seu registro na Delegacia de Menores ou a sua passagem pelo juizado de menores." (p.44)

Uma definição definitiva sobre o que é ser menino de rua comporta uma série de elementos, nem sempre tão objetiváveis. Num estudo sobre a população de uma cidade de São Paulo (1992), identificou-se três categorias do " viver" nas ruas, compondo uma gradação relativa de estados e vínculos com o Universo de rua. O estudos estabeleceu as seguintes categorias: Ficar na rua, representando estado transitório de alguém que se encontra sem recursos e não consegue vaga em algum albergue; o Estar na rua, representando a condição daqueles que já não vêem a rua como ameaçadora e alternam momentos de dormida na rua, com dormidas em pensões e albergues, e esporadicamente encontram serviços ou bicos; e, por fim, o Ser da rua, que representa um modo de vida cujas referências são as instituições e serviços para a população de rua (bocas de rango, albergues, instituições assistenciais etc...) , sendo que, neste caso, a rua é moradia praticamente definitiva.

" Diferentemente dos que passam pela rua circunstancialmente, os que já moram nela posuem um modo de vida próprio, ou seja, desenvolvem formas específicas de garantir a sobrevivência, de conviver

e ver o mundo. Têm sobre a cidade um outro olhar , atribuindo novas funções aos espaços públicos, às instituições" . (p.96)

O fantasma da miséria está sempre presente no horizonte de grande parte das famílias trabalhadoras. Um estudo de Telles (1988) mostra que os arranjos realizados no interior das famílias pobres, como, por exemplo, a incorporação do trabalho feminino e infantil, representam um esforço reiterado de se afastar da miséria e dos riscos da desestruturação das condições de vida conquistadas. Estas estratégias têm uma eficácia simbólica, no sentido de exorcizar a ameaça de ruptura de uma estrutura baseada na família organizada e no trabalho regular.

Um importante estudo, resultante da orientação de uma dissertação de mestrado em Sócio-linguística, realizado em Goiânia, traz importantes indícios sobre o Modo de vida na rua e sobre o desenvolvimento, sobretudo o cognitivo, dos meninos e meninas de rua. O trabalho de Carvalho (1989) tem como preocupação central as formações léxica dos meninos de rua, mas, devido sua característica de observação participante e alguns traços da pesquisa etnográfica, acaba por produzir, a partir de vasto material de registro, significativas descrições de alguns pontos-chave na vida dos meninos.

Segundo Carvalho 1989):

" Ainda pela manhã os meninos espalham-se em grupos pequenos e vão roubar nas principais e mais

movimentadas ruas da cidade até a fome aumentar ainda mais . Enfraquecidos, alguns " dormem" desfalecidos pela fome e pelo efeito da cola, em um banco qualquer. Quando conseguem dinheiro dividem um ou dois marmitex entre oito, dez elementos. O horário para o almoço é estipulado pela extensão da fome. Às vezes almoçam ao meio dia, às vezes no meio da tarde, mesmo porque não há perspectiva de uma outra refeição. Alguns meninos conseguem duas refeições ao dia, mas o mais comum é uma ou até nenhuma refeição durante todo o dia" . (p.30)

O menino acompanha a pessoa durante uns três minutos. Dependendo da hora, abre a bolsa, e com dois dedos apenas, pega o que encontra e sai correndo, sem nenhum gingado, porque o que importa agora é a agilidade, a esperteza..." (p.35)

" Ainda durante a noite, os meninos saem em grupos de quatro, cinco elementos para entrar em lojas, relojoarias, bares, boutiques." (p.33)

Este estudo aponta significativos indícios da organização da vida na rua, assinalando a convivência dos meninos de rua em grupos dotados de normas e lideranças. A autora afirma que um dos aspectos de mais difícil acesso à informação é o da existência de líderes dentro dos grupos. Outro aspecto marcante é a caracterização dos furtos e roubos como a principal atividade

para assegurar a sobrevivência dos meninos.

Pode-se concluir que, pelos elementos acima descritos sobre o modo de vida rua^m, são escassos os estudos que dão conta de uma caracterização mais acurada das atividades próprias ao modo de vida dos meninos de rua. A consequência direta para esse estudo foi a imprescindível interveniência de uma outra etapa de pesquisa de campo, incluindo as percepções dos educadores sociais de rua, de modo a possibilitar a formulação de algumas hipóteses, menos aleatórias, sobre as atividades dos meninos de rua. A ampliação do universo de pesquisa acabou por ser uma significativa e rica mediação, pois abriu o leque de discussões recentrando os resultados e conclusões nas práticas educativas que permeiam e acompanham a vida dos meninos de rua.

1.3. AS RELAÇÕES ENTRE TRABALHO E EDUCAÇÃO

As formas de se estudar e focar as relações entre trabalho e educação são as mais variadas possíveis, o que implica na necessidade de se definir com clareza os objetivos sob os quais se insere qualquer discussão. Para efeitos deste estudo, focar-se-á esta relação sob o prisma dos princípios da educação pelo trabalho, numa abordagem histórica e das interfaces possíveis entre a educação social de rua e a educação pelo trabalho.

As primeiras preocupações explícitas a cerca da relação entre educação e trabalho datam do início da era moderna. A complexificação das relações sociais de produção, e sobretudo a implementação do trabalho assalariado e das formas industriais acabaram por impetrar uma nova ordem de necessidades vinculadas à formação e qualificação da mão-de-obra, processos estes que fugiram ao domínio imediato da educação familiar ou religiosa. Pode-se destacar que durante a era medieval a educação "strictu senso" não se configurava como necessária a todos, sendo uma formação humanista geral, voltada para os estudos das literaturas, da cultura geral, da política etc..., direcionada à preparação das elites para o exercício de suas funções.

Os primórdios da revolução industrial significaram um aporte intenso da mão-de-obra para o interior das fábricas sem nenhuma seletividade: homens, mulheres e crianças eram aproveitados de modo indiscriminado. Evidenciam-se, a partir de

então, necessidades de um lado, da produção, de qualificar este componente da força produtiva (reforçada a cada inovação técnica), de outro lado dos trabalhadores que passaram a ver na formação (educação) um mecanismo de ascender a melhores postos na escala produtiva e a ressentir-se, cada vez mais, de conhecimentos necessários à existência na era industrial.

A relação educação e trabalho configura-se dentro de uma polarização: o avanço gradativo das formas de qualificação/ treinamento/ adiestramento no interior do sistema produtivo e a rearticulação liberal das escolas básicas de modo a suprir as necessidades da produção numa vertente; e, noutra, as crescentes reivindicações da classe trabalhadora de maior acesso à escolarização, ora como meio de elevação do status, ora como possibilidade de apropriação de um saber fundamental para a modificação das relações de classe no interior do capitalismo.

Marx é um dos primeiros pensadores a se ocupar da relação entre educação e trabalho, sob a ótica da luta de classes, colocando o trabalho como fator determinante na educação do proletariado. O trabalho vai aparecer com conotação notoriamente contraditória: é essencialmente negativo, porque dele advém a alienação do homem, expropriado do produto, expropriado da "consciência das relações sociais de produção, subsumido ao trabalho físico manual (desintegrado ao trabalho intelectual constituindo-se em separação entre teoria e prática), quanto mais trabalha, mais miséria o trabalhador acumula, mais explorado e alienado. Contraditoriamente, aparece também a percepção que o trabalho vinha sendo até, então, nas suas materializações históricas um trabalho negativo, posto que o

trabalho escravo, vassálico e assalariado são formas alienadas de trabalho, e, portanto, grilhões do reino da necessidade); mas é também essencialmente positivo porque é a atividade vital, manifestação de si mesmo, possibilidade de construção do homem frente à natureza e, então, possibilidade de humanização e construção da sociedade.

Esta análise é reforçada por Manacorda (1991):

" O trabalho, acrescentará, recolocando, como já o fizera nos Manuscritos de 1844, o processo histórico da alienação, perdeu toda aparência de "manifestação pessoal" (Selbstbetätigung) e agora, é a única forma possível, embora negativa, da manifestação pessoal. O trabalho "subsume" os indivíduos sob uma determinada classe social, predestina-os, desse modo, de "indivíduos" e "membros de uma classe": uma condição que apenas poderá ser eliminada através da superação da propriedade privada e do próprio trabalho. (p. 45)

Ao marcar a distinção entre trabalho abstrato, como essência genérica do trabalho humano, e trabalho concreto, que corresponde a atividade específica de cada homem em particular, Marx (1984) sublinha a importância de se entender o trabalho em sua dimensão histórica. No sistema capitalista, o trabalho humano (a somatória dos trabalhos concretos convertidos em trabalho abstrato) resulta em produtos que se tornam mercadorias trocadas, num sistema de produção que implica necessariamente num excedente de produção. A mercadoria e o trabalho mantêm uma relação intrínseca :

" A mercadoria só se confirma como valor no momento em que se transforma em mercadoria geral, em dinheiro. E

o trabalho concreto de cada um só é validado como trabalho social quando seu produto é acolhido pelo dinheiro como representante do trabalho em geral." (Rubin, 1987 p. 11)

Isto corresponde a dois processos específicos e interrelacionados: 1) o trabalho do operário é também uma mercadoria, a única capaz de criar valor, 2) o trabalho de fábrica está organizado de modo a produzir sempre um excedente, na relação custo-trabalho e valor da mercadoria (mais-valia) que não retorna para o trabalhador.

"O valor é uma "relação social tomada como uma coisa", uma relação de produção entre pessoas que toma a forma de uma propriedade das coisas. As relações de trabalho entre os produtores de mercadorias, ou o trabalho social, estão "materalizadas" e "cristalizadas" no valor de um produto de trabalho. Isto significa que uma determinada forma social de organização do trabalho é compatível com uma particular forma social do produto do trabalho." (Rubin, P. 85)

O trabalho de fábrica corresponde ao modo de trabalho específico da era industrial, capaz de manter funcionando o capitalismo. Neste sentido para MARX, a articulação entre ensino (educação) e trabalho de fábrica (produtivo) teria significado à medida que poderia ser um dos elementos de promoção da superação da alienação da classe operária.

Esta articulação é preconizada naquele momento histórico na direção da conquista do direito à escola e integração fábrica-escola, considerando que crianças e adolescentes, filhos do proletariado, encontravam-se inseridos no

sistema produtivo e excluídos do sistema educacional. A articulação fábrica-escola está permeada por uma visão de defesa da existência do trabalho produtivo infantil.

Consideramos a tendência da indústria moderna a fazer com que crianças e adolescentes, dos dois sexos, cooperem no grande movimento da produção social, como um progresso e uma tendência letítima e razoável, ainda que o reino do capital tenha feito disto uma abominação. Numa sociedade racional, qualquer criança, desde os nove anos, deve ser um trabalhador produtivo, assim como nenhum adulto, de posse de todas as suas facilidades, pode se isentar desta lei geral da natureza. Se quisermos comer, é preciso trabalhar, e não somente com nosso cérebro mas também com nossas mãos. (Marx, In. Nogueira, 1990 p. 29)

Esta defesa da inserção de crianças e adolescentes nas fábricas, seria polemizada, no atual século. Contudo, naquilo que se entende hoje por educação pelo trabalho, esta defesa deve ser relativizada, conforme analisa Nogueira (1990):

"... a evolução das condições técnica e sociais do trabalho e a resistência da classe operária, unidas, expulsaram a criança do mundo da produção nos países do "centro" do capitalismo. Portanto, ao imaginar que a indústria - com seu enorme apetite de braços, do início - não mais poderia renunciar à mão-de-obra infantil, Marx foi provavelmente vítima de seu contexto sócio-econômico, aquele da primeira fase da industrialização assentada sobre a indústria têxtil. (p. 31)

Ao apontar a necessária articulação entre trabalho e educação, o pensamento marxiano faz opção clara por uma modalidade de trabalho como fundamento educativo: o trabalho

produtivo. Entretanto, a noção de trabalho é utilizada de forma ampla, atribuindo-lhe diversos sentidos na integração com o ensino. "Ao se fazer o levantamento de todas as passagens onde a idéia de união do ensino com a produção é evocada, pode-se perceber que, embora a expressão "trabalho produtivo" seja a mais frequente, ela é substituída, em certos textos, por expressões tais como: "trabalho físico", "trabalho manual", "trabalho fabril" ou ainda "produção material", apontando todas elas para o sentido geral da noção de trabalho."(Nogueira p.90)

Outro princípio central do pensamento marxiano, a unilateralidade, é analisado por Manacorda (1991), apontando que, este conceito aparece, em primeiro instante como oposição à formação unilateral do proletariado. A unicidade desta lateralidade traduz em parcialidade: apropriação parcial do trabalho (restrita ao negativo do trabalho), da cultura e do prazer. Neste ponto o argumento marxiano ressalta claramente que não há homem inteiro no capitalismo.

" Frente ao positivo específico da classe dominante, que consiste, portanto, na realidade da apropriação do prazer, da cultura, etc..., graças ao trabalho alheio, o positivo do trabalhador consiste, por sua vez - como já indicamos - numa possibilidade, ou, mais concretamente, na sua disponibilidade abstrata de prazer, de cultura, etc... e na sua direta e consciente oposição ao presente estado das coisas..." (p.76)

Isto significa, em último plano, que a integralidade ou onilateralidade, somente pode ocorrer plenamente com o desenvolvimento histórico das forças produtivas, ou como diria Marx, com a apropriação de todos os homens, em seu conjunto, do conjunto das forças produtivas, o que significa a implantação do socialismo. Afirmando que esta é a possibilidade real da onilateralidade, oscila quanto à sua definição conceitual exata: hora como articulação das potencialidades tecnológicas, hora como domínio total das aptidões teórico-práticas, etc...

" No entanto, talvez permaneçam em Marx elementos de oscilação entre uma concepção de onilateralidade entendida como disponibilidade, variação e multilateralidade, ou como plena posse de capacidades teóricas e práticas, como plena capacidade de prazeres humanos". (p.83)

No início deste século, o professor Célestin Freinet vai começar uma série de experiências pedagógicas que iriam trazer importantes contribuições à discussão sobre educação pelo trabalho. Situado historicamente na França pós-primeira guerra, em franco processo de industrialização, Freinet vai se tornar árduo crítico da escola tradicional de sua época, denunciando a dicotomia entre a escola e o trabalho.

Para defender a necessária articulação entre escola e trabalho, Freinet busca uma concepção muito própria de trabalho:

" É preciso passar tudo pela experiência da vida. Só que essa experiência não pode ser continuada por palavras, ainda que elas fossem compostas pelo gênio subtil de um Montaigne, mas pela ação. Essa ação que é a essência do nossa ser, o móbil do nosso destino, é aquilo a que nós chamamos trabalho." (1974 p.108)

O trabalho é, aqui, princípio educativo por que na constituição do organismo: trata-se de uma necessidade vital e fundamental do organismo, mesmo da criança bem pequena. O negativo deste trabalho aparece quando o trabalho autômato, sem significado, não gerador de significações ligadas à totalidade da vida do ser. A base da aprendizagem está na experiência e, sobretudo, não em experiências curiosas, superficiais, etc..., e sim na experiência básica para atender às necessidades do organismo: trabalho.

" Se, num jogo ou num trabalho, o interesse se dirige espontâneamente para a atividade necessária por que ela satisfaz algumas das necessidades do indivíduo, para o próprio objetivo, ou para o ganho que é a consequência tão lógica desta atividade, que não é preciso preocuparmo-nos com ele de outro modo, estamos na presença de um jogo-trabalho, ou de um trabalho-jogo" (1974 p. 69)

Ou ainda nas invariantes N.os 10 e 17 :

" Não é o jogo que é natural na criança, mas sim o trabalho" (1973 p. 184)

" A criança não se fatiga fazendo um trabalho que esteja na linha de rumo de sua vida, que ele seja, por assim dizer, funcional"

(1973 p. 191)

Note-se aqui as influências claras do pensamento deweyano, de experiência. Para Freinet o trabalho escolar deveria ser organizado no esquema:

Necessidade básica de trabalho _____> interesse ___> experiência

Segundo ele, o interesse natural das crianças pelo trabalho vem do organismo, bastando ao educador criar as condições de emergência/efetivação deste interesse através do oferecimento de trabalhos-jogos. "Esse prazer é sempre absorvido na própria atividade com que se identifica. É o prazer que acompanha o interesse autêntico e legítimo. Sua fonte é, no fundo, uma necessidade de organismo". (Dewey, 1959 P. 93)

O trabalho escolar deveria se basear no trabalho-jogo:

" Sendo entendido que chamo exclusivamente trabalho a essa atividade que sentimos tão intimamente ligada ao ser que se lhe torna como que a própria função cujo exercício é por si mesmo a sua própria satisfação, ainda que exija fadiga e sofrimento".(Freinet 1974 p. 190)

O trabalho-jogo seria a atividade ideal que reúne uma série de condições básicas: satisfação do ser, integração do trabalho, reação ao trabalho-lucro (mecânico, autômato, desintegralizante e alienante do trabalhador), realização do ser (mesmo à custa de fadiga e sofrimento), integração da criança ao mundo do socialmente útil dos adultos, enfiamento/conhecimento/transformação da natureza. A alienação em Freinet constitui-se como desligamento das raízes culturais camponesas, causado pelo mecanicismo e automatismo na relação com a natureza. Significaria a perda do ritmo e das leis da natureza.

Numa sequência apareceu o jogo-trabalho, forma complementar mais próxima ao trabalho que poderia substituir, com pouco prejuízo, o trabalho-jogo na aprendizagem. As outras formas de jogos, recebem em Freinet a conotação negativa de algo desligado do essencial: o trabalho. Aparecem, a seguir, estas categorias compensatórias inadequadas: jogos-trabalho simbolizados, jogos de ganhar e jogos haxixe. Existem como forma de descontração compensadora, quando trabalho-jogo e jogo-trabalho não são funcionais, ou seja, não são/estão adequados ao funcionamento vital do indivíduo.

- " 1. Quanto mais trabalho vivo e funcional houver, trabalho-jogo ou, na falta deste, jogo-trabalho, menos se faz sentir a necessidade de jogos de distração ou de descontração compensadora (...)
2. O trabalho não funcional, portanto imposto, quer pôr na autoridade brutal, quer pela ambiência social, ou mesmo um processo

aparentemente não autoritário, provoca a necessidade de descontração compensadora pelos jogos simbolizados ou pelos jogos de ganhar.

3. Quanto mais o trabalho custa, mais se afasta das grandes linhas naturais da vida(...)"

(1974 p. 83)

O trabalho é tomado então como princípio educativo porque é funcional ao organismo: necessidade básica, sem a qual não é possível fazer marchar o real interesse e envolvimento da criança. Note-se que os principais interlocutores aos quais ele dirige são os representantes da escolástica e do escola-novismo (pedagogos contemporâneos de Frienet que começam a apontar teorias da criança e centradas na criança para a pedagogia). É portanto contra o formalismo, que perdia a essência do ser e da natureza, e contra o superficiclismo-cientificista, que pensava o ser e abstratamente e não como HOMO FABER. Podemos salientar então que é o trabalho em Freinet que é o cerne da educação, capaz de libertar o homem do cientificismo-racionalismo tirano, mas não é o trabalho enquanto materização histórica das forças produtivas, é o trabalho como necessidade básica do organismo, que na atualidade referente ao período, estava tirano e desconectado da vida por mal uso da ciência e equívocos no processo educativo.

Na prática, Freinet encontrou profundas dificuldades na articulação concreta entre trabalho e escola. Distiguiu o trabalho-jogo como atividade central da escola,

apontando que "para na sua ausência", se utilizasse o jogo-trabalho. Acentuou também a necessidade de Taylorizar a escola, mesmo que com moderação e cautela para não incorrer nos erros do trabalho-lucro. No concreto encontrou várias dificuldades em implantar o trabalho-jogo. Suas experiências basearam comumente no uso do jogo-trabalho. Sustentava-se numa sequência processual de aprendizado pela experiência:

Experimentação _____	>	Criação _____	>	Documentação
Fazer _____	>	Simbolizar	>	Registrar
		interagir à		e
		nível da		expressar
		consciência		
		ou		
		transformar		

Onde o desencadeamento e ordenamento temporal dos conhecimentos se operariam através de um plano de trabalho. Na realidade de sua experiência este plano-de-trabalho esteve muito mais vinculado aos interesses do educando e do "socialmente útil" ou comunitário, do que sujeitou-se ao ritmo e obrigações da produtividade científica.

Contemporaneamente a Freinet, mas inserido em outro contexto, o pedagogo soviético Anton S. Makarenko, também dá início a suas experiências pedagógicas, na década de 20, trazendo importantes contribuições à educação pelo trabalho. O trabalho, em Makarenko, segue a concepção marxista de atividade de manifestação de si, de construção do projeto de vida, mas fundamentalmente é atividade edificadora das relações sociais de produção. Com a auto-percepção de um educador no mundo soviético, não se trata da construção de qualquer sociedade: são

as relações de produção no socialismo, é a sociedade soviética baseada no trabalho produtivo, árduo, enfocando as condições históricas da produção na URSS, pós-revolucionária, mas realizador, empreendedor do projeto político do Coletivo. Tendo a educação como objetivo final à formação política do cidadão para a construção do socialismo.

" O cidadão soviético disciplinado pode ser educado somente por meio de um conjunto de influências construtivas, entre as quais devem ter privilégio a educação política ampla, a instrução geral, o livro, o jornal, o trabalho, a atuação social e inclusive algumas coisas que parecem secundárias, como os jogos, o divertimento , o descanso". (1981 p.38)

A Coletividade é definida como um todo harmônico, com funçõeses , papéis e responsabilidades atribuídas e efetivadas pelas partes, dotado de uma finalidade comum. Esta finalidade se articularia internamente, aos projetos de vida de cada educando/educador, e externamente às outras coletividades ("sovietes", organizações soviéticas), com suas finalidades específicas, numa única finalidade do todo maior: a construção do poder soviético, que em tese, no pensamento Makarenkiano, representaria o poder proletário.

O trabalho seria tomado então como princípio educativo porque é a mola da construção da sociedade. Poderíamos representar, a grosso modo o sistema com o seguinte esquema:

Trabalho (construção _____ > Coletividade
 sociedade)

_____ > Metas Materiais _____ > * Convivência
 (curto/médio/
 longo prazo) Comunitária
 * Trabalho Produtivo
 * Instrução

Aparece implicitamente o conceito de práxis: trabalho, para Makarenko, não é manual, é manual e intelectual, com desenvolvimento de consciência da organização científica do trabalho e da construção política da sociedade. Preconiza sempre a organização científica, mesmo para o trabalho agropecuário, e para a elaboração das metas materiais de crescimento do coletivo. O trabalho tem que atender as necessidades básicas reais do educando, da produtividade e da coletividade. O trabalho como princípio educativo adotado por Makarenko é produtivo, assalariado e científico, posto que o objetivo é educar o indivíduo para a integração no desenvolvimento das forças produtivas: o socialismo, não poderia significar uma volta às comunidades primitivas, a "libertação da classe não poderia prescindir da ciência.

Na prática, também para o pedagogo soviético, muitas foram as dificuldades encontradas na tentativa concreta de articular produção e educação, escola e fábrica. No período da Colônia Gorki, Makarenko (1985,1986), encontrou sérias dificuldades, primeiro em organizar cientificamente suas bases materiais de produção, segundo em aprimorar a qualidade do produto infantil (sobretudo dos meninos pequenos) terceiro em definir o tempo dedicado à produção e à escola (nesta colônia se trabalhava exaustivamente, embora com ânimo e realização segundo

Makarenko, e o trabalho produtivo tinha a primazia). Na comuna Dzerkinski (Makarenko, 1980), onde alcançou a auto-gestão, era alvo constante de reclamação de seus pedagogos quanto ao tempo escolar e tempo de estudo, prejudicado pelo tempo da produção.

Se, de um lado, Marx reivindicava a expansão do sistema educacional para crianças e adolescentes trabalhadores, a denúncia efetuada por Freinet e Makarenko situava-se no polo oposto: a escola desvinculou-se do trabalho, e da vida, na medida em que este está no seu cerne. A infância tinha escolas, mas não escolas proletárias-populares, porque não há "trabalho" algum neles, as escolas ficavam à "parte" da construção da sociedade: formais e disfuncionais. O movimento por eles apontado é de reintegrar a escola à vida, através da inserção do trabalho no processo educativo.

O grande mérito desses dois grandes pedagogos foi legarem o relato de suas experiências concretas de educação - Freinet na educação escolar e Makarenko na educação comunitária, bem como alguns esforços em teorizar essas experiências, de modo a permitir a abstração de postulados que, ainda hoje, se encontram presentes nas propostas pedagógicas da educação pelo trabalho. Pode-se assinalar alguns destes postulados:

a) Formação pelo trabalho e politécnica não é treinamento para o trabalho industrial, não é instrução técnica, na perspectiva burguesa, não pode ser confundido com "profissionalizante".

b) Instrução escolar não abarca todos os processos que se entedem por educação. Educar é formar o homem

integralmente (onilateralmente).

c) Não se tratam de "métodos superespecializados", trata-se da organização da vida material (da escola ou da coletividade) que configura e desencadeia o processo educativo.

d) O trabalho científico deve ser trazido para base da educação (seja escolar, seja comunitária).

e) Trabalho na educação não pode ser confundido com "atividade laboral na escola".

f) A ciência psicológica muito pouco desenvolvida, deveria avançar para dar conta da leitura exata de como cada educando aporta ao processo educativo (escolar ou institucional) pós-familiar e, para dar conta de um processo educativo próprio a cada indivíduo: um resgate não do individualismo, mas do respeito ao subjetivo de cada um.

g) A organização material da vida escolar ou institucional era a base real do processo educativo. Contudo, no processo educativo não basta cuidar da reflexão das relações sociais de produção da vida material : é imprescindível cuidar também das relações de produção da cultura.

Em meados do século, o pensador marxista Antônio Gramsci, vai recuperar as teses de MARX, de forma atualizada ao contexto histórico da Itália. Este autor vai retomar a formação unilateral, a formação politécnica sob o prisma da problematização de uma nova relação entre trabalho e conhecimento, na perspectiva da industrialização e modernização de toda a europa.

A concepção do trabalho como atividade básica que promove a construção da sociedade, como manifestação de si e

transformação da natureza é retomada, reeducando o trabalho no cerne da formação do homem; daí a necessidade de se articular educação e trabalho. Trabalho entendido em sua forma atual, a que serve de sustentáculo ao modo de produção vigente: trabalho produtivo, tecnológico e assalariado. É nesta definição que deve ser entendida a expressão trabalho como princípio educativo

" O conceito e o fato do trabalho (da atividade teórico-prática é o princípio educativo imanente à escola elementar, já que a ordem social e estatal (direitos e deveres) é introduzida e identificada na ordem natural pelo trabalho. O conceito do equilíbrio entre ordem social e ordem natural sobre o fundamento do trabalho, da atividade teórico-prática do homem, cria os primeiros elementos de uma instuição do mundo liberta de toda magia ou bruxaria e fornece o ponto de partida para o posterior desenvolvimento de uma concepção histórico-dialética do mundo..."

(Gramsci, 1985 p.130)

A afirmação o trabalho como princípio educativo, na concepção histórico-dialética, implicou numa leitura crítica do sistema escolar vigente na Itália. O dualismo entre as escolas da burguesia e a implantação maciça das escolas profissionalizantes, não seria compreendido com a articulação entre ensino e trabalho. Para Gramsci, não se trata de colocar trabalho dentro da escola, nem de empurrar, o mais cedo possível, as crianças para dentro do sistema produtivo. Propõe que o

trabalho será integrado ao ensino como momento educativo, resguardando a autonomia do processo de ensino.

" O trabalho para Gramsci é essencialmente um elemento constitutivo do ensino, semelhante ao que é o aspecto prático do ensino tecnológico em Marx; o trabalho não é um termo antagônico e complementar do processo educativo, ao lado do ensino em suas variadas formas, mas se insere no ensino pelo conteúdo e pelo método"

(Manacorda, 1991 p.135)

A equação entre educação e produção tem duas direções políticas: a) transformação do sistema educacional de forma a extinguir os processos de seleção e discriminação da classe trabalhadora; e b) formar um trabalhador integral, ou o homem unilateral, capaz de dirigir e ser dirigido, de produzir e fazer do uso dos produtos, excluindo a vertente de formação puramente técnica e adaptativa ao sistema burguês. Por tal fazia-se necessário apresentar alternativas metodológicas concretas que se opusessem de um lado ao "espontaneísmo rousseauiano" e, de outro ao "dogmatismo jesuísta".

" Se quisermos romper essa trama será necessário, portanto, não multiplicar e graduar os tipos de escola profissional, mas criar um tipo único de escola preparatório (elementar-média) que conduza o jovem até o limiar da escolha profissional, formando-o, nesse meio tempo, como um homem capaz de pensar, de estudar, de dirigir, ou de controlar quem

dirige" (Gramsci, In Manacorda 1990 p.179)

A escola unitária caracteriza-se pela aquisição ativa - e não mecânica - do conhecimento, pela relação contínua entre teoria e prática; por um conhecimento que prepara tanto para o seguimento de carreira nas universidades, quanto para o exercício de qualquer profissão, para o não-estacionamento intelectual e cultural. Os nexos propostos dentro do programa da escola unitária sedimentam-se numa articulação profunda - e inesgotável - entre cultura e profissão. O problema da libertação de classe é também o problema da continuidade do desenvolvimento científico-tecnológico. Democracia e Tecnologia são elementos primordiais da escola unitária, entendidas como os dilemas da classe trabalhadora, concretizações históricas do antagonismo entre capital e trabalho.

Instrução, produção e cidadania dão corpo aos conteúdos da escola unitária.

" O primeiro grau elementar não deveria ultrapassar três-quatro anos, e, ao lado do ensino das primeiras noções "instrumentais" da instrução (ler, escrever, fazer contas, geografia, história), deveria se desenvolver notadamente a parte relativa aos "direitos e deveres", atualmente negligenciada, isto é, as primeiras noções do Estado e da sociedade"

(Gramsci, 1985 p.122)

" ... a última fase deve ser concebida e organizada como fase decisiva, na qual se tende

a criar os valores fundamentais do "humanismo", a auto-disciplina intelectual e a autonomia moral necessárias a uma posterior especialização, seja ela de caráter científico (estudos universitários) ou de caráter imediatamente prático-produtivo..."

(1985, p.124)

Manacorda (1991) analisa que a articulação desses elementos em Gramsci, segue o entendimento de que o aprendizado das leis da sociedade (civil e estatal) coloca o homem na posição mais adequada, em cada momento histórico, para dominar as leis da natureza.

A proposição da escola unitária é a proposição de um eixo entre conhecimento e trabalho que não negligencia o fato de que, na modernidade, nenhuma profissão está isenta de exigências intelectuais e culturais e, ao mesmo tempo, objetiva a formação dos valores humanos que asseguram a auto-disciplina intelectual e a autonomia moral.

Enfim, a escola unitária de Gramsci é uma proposta para a solução de graves contradições existentes em nossa sociedade: dicotomia entre trabalho intelectual e trabalho manual (teoria X prática); dicotomia entre sistema educacional e o sistema produtivo; mas, mais profundamente, faz emergir uma outra forma de participação do trabalhador na sociedade, não como grande massa populacional complementar alheia à direção do país, mas um trabalhador identificado com seu tempo, moderno, culturalmente afinado, informado, situado como sujeito no quadro político.

" Mas a tendência democrática, intrinsecamente,

não pode significar apenas que o operário não qualificado se torne qualificado, mas que cada "cidadão" possa tornar-se "governante" e que a sociedade deixe, ainda que seja, "abstratamente", em condições gerais de poder chegar a esse ponto; a "democracia política" tende a fazer coincidir governantes e governados" (Manacorda, 1990 p.179)

As discussões sobre a educação pelo trabalho vão ganhar corpo e vão ser incorporados à "ordem-do-dia" pedagógica nos anos 80, quando vários autores, sobretudo de influência gramsciana, se voltaram para a problematização de uma pedagogia para os filhos da classe trabalhadora, para o questionamento do tipo de educação que vinha sendo dada, até então, para a infância pobre no Brasil.

O processos educativos informais e a educação popular (centrada nas idéias de Paulo Freire), seriam repensadas por autores, numa tentativa de superação que deslocava o eixo das investigações de fora para dentro da escola: uma pedagogia da e para a classe trabalhadora deveria fortalecer o papel histórico da escola.

Arroyo (1987) vai defender que a garantia do direito à escolarização e a incorporação, de amplos continentes da classe trabalhadora na escola, por si só, não configuraram a democratização da escola, nem uma educação que assegurasse o fortalecimento da classe, através do acesso real ao saber sistematizado pela humanidade. A massificação da escola, segundo

seu pensamento, serviu à burguesia no sentido de adaptar a classe trabalhadora ao sistema produtivo, adequando o nível de qualificação básica da mão-de-obra às exigências crescentes da tecnologia e da organização do trabalho. O direito à educação incluiria, pois, não somente o acesso à cidadania, mas também o direito ao reconhecimento do saber que é produzido pela classe trabalhadora, reconhecimento da sua capacidade de pensar, de sujeito de saber e de cultura. Para tal, a escola deverá ocupar-se da reflexão crítica sobre a essência da vida material e cultural do trabalhador. O trabalho é, então, proposto como princípio educativo, unidade das determinações.

Frigoto (1987, 1989) reforça as teses de Arroyo, reafirmando que a massificação da escola veio atender a uma reivindicação antiga da classe trabalhadora, mas não representou, do ponto de vista qualitativo, avanço da democratização de escola. Enfatiza que a questão é o aprofundamento da compreensão das relações entre capital e trabalho:

" O conflito básico capital-trabalho coexiste em todas as relações sociais e perpassa, portanto, a prática educativa em seu conjunto. A relação de produção e utilização do saber revela-se, então, como uma relação de classes "

(Frigotto, 1989, p.25)

Nesta relação, o trabalhador vem sendo expropriado do saber sobre o trabalho, passando a ser um mero executor de tarefas e funções, um mero repetidor da concepção burguesa de trabalho, que o reduz a uma coisa, um objeto, uma mercadoria. Uma

concepção que iguala trabalho e emprego e dicotomiza o saber do fazer. A definir a reflexão histórico-crítica do trabalho como essência do processo de educação do trabalhador, assinala que a escola deveria então torná-lo como princípio educativo.

" ...estou querendo sinalizar que aí se situa o locus da unidade teórica e prática, técnica e política, ponto de partida e chegada das ações educativas que, na escola, nos sindicatos, na fábrica, interessam à luta hegemônica das classes populares"(Frigotto, 1987, p. 24)

A relação entre educação e produção também é analisada por Machado (1982) enfocando que a organização capitalista exige a institucionalização das diferenças, estabelecendo classificações, cujos critérios escapam ao controle operário. Um destes critérios é a escolaridade, não pelo saber que de fato se apreende na escola, mas pela confirmação de privilégios existentes na sociedade. A escola não cria a divisão entre trabalho intelectual e trabalho manual, mas colabora para a reprodução desta divisão. A própria escola, em sua organização, tende a se dividir em escola de cultura geral e escola prática - do trabalho profissionalizante - preparatória para o engajamento antecipado nalgum posto de serviço, que exija algum conhecimento técnico mínimo. Esta segunda, é claro, destina-se aos filhos da classe trabalhadora.

O afastamento entre educação e trabalho, nas escolas profissionalizantes de 2o. Grau, será palco, no final dos anos 80, de intensa discussão:

" Um dos aspectos que ficou claro na parte da pesquisa até então desenvolvida, foi a percepção da inadequação da proposta atual da escola de 2o. Grau aos interesses e necessidades da classe trabalhadora. Tal inadequação se refere a todos os aspectos da escola..."

(Kuenzer, 1988 p.103)

O trabalho nestas escolas apresenta-se somente no seu aspecto fenomênico, pragmático. Os aspectos gerais do trabalho e suas relações com a cultura e a produção não fazem parte da formação adotada no ensino profissionalizante. O enfoque na técnica dota o trabalhador de um saber parcial, apropriado à adaptação dele à organização atual do trabalho a formação que se objetiva em Kuenzer, pressupõe uma outra concepção de relação entre trabalho e educação:

" Neste novo contexto de relações entre vida e cultura, entre trabalho intelectual e instrumental, a escola, instituição responsável pela formação do novo tipo de intelectual, deverá fundamentar seu projeto pedagógico sobre outro princípio educativo: o trabalho, enquanto atividade teórico-prática responsável pela transformação da ordem natural em ordem social, enquanto expressão da unidade entre cultura geral e vida produtiva"

(1988, p.124)

A escola de 2o. Grau é objeto de pesquisas e propostas na direção de uma outra articulação entre escola e produção, e da superação da concepção burguesa de trabalho. O pensamento gramsciano será a base destas discussões, que resultam em propostas para a re-estruturação do ensino médio, dentro do processo de mudança e aprovação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1988, acentuando os debates que imbrincariam na articulação entre educação e trabalho: a unilateralidade e a politécnica, sendo que o debate de ambos estaria embutido nas discussões sob a expressão formação politécnica. A organização da escola de 2o. Grau é tomada como objeto de discussão, apontando-se para a necessária implantação de um sistema calcado na politécnica (Paiva, 1990, e Machado 1990). Este princípio é veiculado em duas correntes distintas, porém não antagônicas. Uma, que compreende a politecnia como uma preparação tecnológica polivalente, exigida pelos avanços da produção no capitalismo contemporâneo e pela necessária capacitação do proletariado para ter acesso à participação na determinação social da produção e, ao mesmo tempo, uma politecnia que assegura uma flexibilização constante de suas habilidades, de modo a garantir uma colocação no mercado de trabalho, evitando o desemprego por não-qualificação. Outra linha considera, assim como a primeira, que a formação politécnica é uma reivindicação da classe trabalhadora, no sentido de dominar o saber técnico e estar flexível diante das mudanças aceleradas da tecnologia, contudo, retoma a plenitude do conceito em Marx, concebendo a politecnia não somente como forma apropriada de adaptação ao processo técnico-político. Esta

segunda via considera a politecnia dentro do princípio da unilateralidade: a possibilidade de desenvolvimento pleno - e flexível - do ser humano. Como aponta Frigoto (1991):

" Os elementos básicos e indissociáveis do conceito de politecnia, basicamente, são: a) concepção de homem omnilateral; b) o trabalho produtivo e a articulação entre trabalho manual e intelectual; c) as bases científico-técnicas, comuns da produção da produção industrial (...) unidade na diversidade física, psíquica e social; um ser de necessidades imperativas (mundo da necessidade material) em cuja satisfação se funda suas possibilidades de crescimento em outras esferas (mundo da liberdade)." (p. 268)

Várias expressões foram cunhadas para designar uma determinada forma de relação entre educação e trabalho, na direção de uma articulação que assegurasse o acesso real da classe trabalhadora ao saber já sistematizado sobre a totalidade das relações de produção material e cultura; e na direção do reconhecimento do saber que esta classe produz sobre o seu próprio trabalho. "O trabalho como princípio educativo", "educação para o trabalho", "educação pelo trabalho" e "educação do trabalhador" são alguns exemplos. O que se ressalta neste presente estudo, é que as reflexões, carreadas pela pedagogia dos anos 80 no Brasil, representam claramente um notável esforço na busca de uma escola - conseqüentemente de uma pedagogia - para os

filhos da classe trabalhadora. A história da discussão sobre a educação pelo trabalho no Brasil, está diretamente vinculada à história da infância e da adolescência pobres no Brasil.

1.4. DESENVOLVIMENTO HUMANO, TRABALHO E A EDUCAÇÃO SOCIAL DE RUA

A existência da exploração do trabalho infantil tem sido denunciada em todo o mundo, especialmente nos países chamados 3o. mundo. Durante a Conferência Internacional dos Direitos Humanos, realizada em Viena (1993), o trabalho infantil foi apontado como uma das maiores violações dos direitos humanos, sobre a qual as intervenções realizadas, inclusive pela própria ONU, tem surtido pouco efeito. A exploração do trabalho infantil encontra-se associada ao não acesso à escola, e traz consequências nefastas ao desenvolvimento infanto-juvenil. Os esforços para a erradicação dessa exploração no trabalho, congregam ações governamentais e de entidades civís. A política de atuação da Organização Internacional do Trabalho (OIT), é pela erradicação do trabalho infantil explorado. A Convenção nr. 138 e a Recomendação nr. 146 contêm disposições no sentido de proteger o trabalho infantil, nem sempre cumpridas pelos países que as assinam, a exemplo do Brasil.

Um estudo bastante atualizado, "O Trabalho e a Rua: Crianças e Adolescentes no Brasil Urbano dos anos 80"

(UNICEF - FLACSO - CBIA - CORTEZ) detalhou características bem próprias da infância e adolescência que trabalham nas grandes cidades brasileiras, estabelecendo um vínculo muito estreito entre a situação de pobreza da família, o engajamento numa atividade de sub-emprego e a inserção num grupo de meninos de rua. Se a história dos chamados meninos de rua encontra-se intrinsecamente vinculada à história da infância pobre, a história das crianças e adolescentes do sub-emprego (ou engajados precocemente no mercado formal de trabalho) não poderia ser diferente.

Dois fenômenos convergem na direção da entrada precoce no mercado de trabalho formal ou informal: a situação de miséria das famílias, exigindo novas estratégias de sobrevivência; e a organização da escola calcada nos processos de classificação, seleção e exclusão. No ideário do senso comum, a criança/adolescente que "abandona" a escola, necessita de um trabalho, como única alternativa viável de assegurar a sobrevivência presente e a ilusão de um futuro dentro dos padrões socialmente aceitáveis. A "vantagem" ideológica do engajamento numa situação de trabalho é de, simultaneamente, garantir a sobrevivência e evitar a marginalidade.

Assim sendo, desenvolveu-se no Brasil, à partir dos anos 70, um sistema paralelo de "formação profissionalizante", nem ligado à rede oficial de ensino, nem aos órgãos representantes do sistema produtivo, tais como indústrias, sindicatos e confederações, etc. Um conglomerado de instituições diversas - sobretudo filantrópico-religiosas - que voltaram, mesmo que cada qual isolada das outras, suas atenções para a

infância e adolescência pobres, com um intuito definido: profissionalizar.

A chamada profissionalização surge como possibilidade privilegiada: a criança ou adolescente tendo uma profissão assegura o seu futuro (como indivíduo adaptado aos modos de vida socialmente aceitos) e contribui no orçamento de sua família. Alguns exemplos: Movimento da República do Pequeno Vendedor (Belém, 1970); Centro Salesiano do Menor - CESAM (Belo Horizontes, 1978); Salão do Encontro (Betim - MG); Cerâmica Educacional Boa Nova (Ipameri - GO).

São poucos os dados sistematizados sobre estas experiências que possam dar base a uma reflexão sobre a natureza da articulação entre educação e trabalho nas propostas destas entidades. Pode-se pensar, mesmo assim que o surgimento destas experiências, reunidas sob o título de alternativas comunitárias de atendimento ao menos carente, infrator e meninos de rua; se enquadra dentro da perspectiva de uma busca de um modelo pedagógico para a criança e o adolescente pobres no Brasil. Os pedagogos vêm traçando propostas, à partir do estudo de teorias e avaliação crítica da escola; os ativistas, técnicos de nível superior e voluntários, vêm buscando, ainda que aleatória e assistematicamente, empreender esforços práticos nesta construção. Porém, a convergência orgânica destas duas linhas de ação está longe de acontecer de modo satisfatório. Os pequenos indícios de algum cruzamento de esforços, são obtidos em estudos isolados de técnicos ligados a estes programas, com rara produção teórica como Costa (1984, 1987, 1988), Tumolo (1985) e Campos (1988, 1994).

O princípio da atuação inserida na comunidade, chamada de atendimento comunitário, teve por consequência que estas experiências desenvolveram um modelo pedagógico, com instrumental mais apropriado à criança ainda com vínculos comunitários fortalecidos do que apropriado aos chamados meninos de rua estritamente falando. Em algumas entidades pode-se perceber a mesma indefinição, que já apontamos anteriormente neste trabalho, entre meninos de rua e meninos que passam ou "estão" nas ruas. Para os meninos de rua, começou a surgir, ao final dos anos 70, a chamada Educação Social de Rua.

Em importante estudo, Santos (1992) analisa que a sociedade brasileira como um todo (estado e sociedade civil) caminhou de visões individualistas, caritativas, místicas e assistencialistas centradas no indivíduo, culpando o menino de rua de sua própria situação de "marginal", "desviante"; e na família, como desestruturada, no caso dos abandonados, até desembocar no início da década de 60, na chamada Política do Bem-Estar do Menor (PNBEM). Segundo Santos (1993):

" A Política do Bem-Estar do Menor foi pautada na idéia de marginalidade social não no modo marginal de inserção dos trabalhadores e seus filhos no processo de produção. Ela adotava a idéia de carência física e psíquica - a criança pobre é que não tem condições para enfrentar os desafios da sociedade moderna. Essa carência que a princípio era de natureza física,

transformou-se ideologicamente em carência social, e a criança passou, assim, a ser vista como um ser incapaz de tudo, inclusive de pensar". (p. 13)

Contudo, o acelerado crescimento de número de crianças e adolescentes nas ruas, aliado a importantes pesquisas, como a conduzido por Rizzini (1984) - demonstrando que a grande percentagem dos meninos chegavam às ruas através de um processo de empobrecimento exarcebado de suas famílias e necessidade de busca de novos recursos financeiros para assegurar a sobrevivência, ajudaram a questionar o mito da culpa da família, isolada do contexto sócio-político-econômico do país.

O deslocamento do eixo da culpa, antes centrada no próprio menino de rua, para a estrutura social, reflete as mudanças de concepção de sociedade e de processo de marginalização social, que se operam entre os agentes envolvidos na política de atendimento. O congregar dos agentes sociais, em torno das "novas" concepções, resultaram mais tarde em alterações do panorama legal, desmanchando, à nível da constituição, a visão do menino de rua com vilão de uma sociedade em harmonia:

" A nova lei proposta, ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (ECA) - escrita por muitas mãos de trabalhadores sociais e juristas comprometidos - embasou-se no que se denomina Doutrina de Proteção Integral, inscrevendo em nível de lei, normas de defesa e desenvolvimento integral..."

(Carvalho e Pereira, 1993 p.08)

O novo paradigma preconiza outros princípios pedagógicos, que não a coerção e repressão. Os mais importantes são: respeitar a criança e o adolescente como sujeitos do seu processo educativo e trabalhar o educando no contexto em que está inserido.

Considerando os dois princípios, acima citados, e a concepção do processo social de inserção marginal de partes da classe trabalhadora na produção, fazia-se necessário pensar a educação dos meninos e meninas de rua. Delineia-se então uma proposta pedagógica, que vai ser, à partir do início da década de 80, amplamente difundida: a EDUCAÇÃO SOCIAL DE RUA. Tratava-se da tentativa de produzir um processo de intervenção educativa no contexto social das ruas, que foi, e é, defendida pelo Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua como importante alternativa metodológica de transformação:

" Até que ponto vai ser possível, ou é possível, compreendendo essa concretude que vocês começam a compreender com muita lucidez, inventar uma pedagogia que não seja da conversão, no sentido referido, mas a do crescimento, que não se faz sem a transformação da realidade concreta que está gerando injustiças".

(Freire, 1988 p.18)

O Educador de Rua emerge como agente privilegiado de programas de atendimento voltados para o menino e menina de rua. A proposta de atuação deste educador pode ser ilustrada pelos seguintes trechos:

" Nesse contexto surge a figura presente e amiga do educador de rua que enquanto pessoa se solidariza e se compromete com as crianças a estar com elas na rua, propondo-se a retomada de sua humanização, resgatando sua força organizacional enquanto categorias marginalizadas e exploradas. A luta do educador é caminhar com o menor no sentido de ajudá-lo a tornar-se efetivo, integrante e transformador, através de uma convivência participativa e questionadora."(Unicef, 1988 p.15)

" Assim, a tarefa do educador social de rua é buscar sempre estar presente na realidade do menino e da menina que vivem na rua, estar atento ao ciclo que a criança percorre dentro dessa realidade, e buscar, a partir daí, as soluções alternativas e comunitárias na mobilização em torno dessa questão. Por estar na rua, o educador social de rua tem condições de compreender e captar melhor esse ciclo em que a criança se insere".

(Bulgarelli, 1987 p.21)

Uma série de posturas é então preconizada para este educador no sentido de possibilitar a sua real inserção no universo das ruas, o "abandono" de parâmetros ideológicos da classe dominante, a estruturação do papel de educador democrático, e a efetividade de sua ação transformadora. Essas

posturas foram ancoradas por muito tempo nos princípios da Educação Popular, concebida por Paulo Freire e colaboradores. O principal recurso didático desta prática é a capacidade do educador em analisar criticamente sua própria prática. Isto significa que, para atingir o objetivo de contribuir na transformação da qualidade de vida dos meninos e meninas de rua e na realidade da classe oprimida, o educador atua numa sequência: observar -----> interagir -----> interferir. Em qualquer destas etapas o essencial é o instrumental que o educador tem para operar na realidade: suas próprias concepções de sociedade, de classe social, de marginalização, de poder, de meninos de rua, de família, etc. A análise da prática é o eixo central, como exemplifica Freire (1988): "Pensar a prática é, por isso, o melhor caminho para pensar certo. Este pensar ensina também que a maneira particular como praticamos, como fazemos e entendemos as coisas, está inserida no contexto maior que é o da prática social. Quanto mais nos exercitamos assim, tanto mais começamos a entender os mecanismos através dos quais funciona a sociedade" (p.17).

A falta de estudos mais aprofundados impede a tomada de conclusões avaliativas sobre uma década de existência da educação de rua. Contudo, uma observação direta pode nos apontar a existência de alguns nós metodológicos.

A observação de experiências em todo país parece apontar 03 nós críticos da educação de rua:

1) dificuldade em definir com clareza a natureza do vínculo estabelecido entre o educador e o menino de rua. Embora tenha características da ESCUTA e AJUDA, não se trata de

vínculo psicoterapêutico. Não é autoritário, nem permissivo, ladeando ambas as posturas. Não é de imposição, mas tem de ser interferência. Considerando o papel de educador, não é uma interação "desinteressada".

2) dificuldade em estabelecer a ponte entre a atitude de conhecer, e inserir-se na cotidianidade da rua (observar, participar, ser "amigo"), sendo compreensivo; e, ao mesmo tempo, romper com a cotidianeidade, que não é benéfica ao menino.

3) dificuldade em equacionar o atendimento às necessidades básicas do menino de rua e o desenvolvimento da percepção crítica da sociedade por parte dos meninos e meninas de rua, sem precipitar a saída da rua, sem cair no assistencialismo, sem coibir o potencial de transformação social dos meninos e meninas.

A educação social de rua é adotada por programas governamentais e não-governamentais, em todo o país, sobretudo nas principais capitais. Contudo, as últimas reflexões sistematizadas sobre ela são da década passada e pode-se perceber a ausência de pesquisas aprofundadas sobre os meninos e meninas de rua.

Ao nosso entender, a história da educação social de rua, mantém interface com outras histórias já citadas; todas parcelas da história da infância e adolescência pobres. A evidência da necessária articulação entre as discussões sobre a educação pelo trabalho, a organização da escola e a educação social de rua não explica porque esta interação tem sido, até agora, superficial, esporádica e assistemática.

Para romper o manto da ocultação ideológica, é imprescindível uma maior proximidade nas discussões sobre duas modalidades educativas (educação pelo trabalho e educação social de rua). Falta também um aporte significativo de pesquisas que produza um conhecimento maior "sobre a natureza da interação entre o mundo das significações individuais dos sujeitos em questão (suas crenças, desejos, mitos, representações, conceitos e teorias) e o sistema semiótico da sócio cultura" (Fávero, 1994 p.19).

Este raciocínio traçado reforça ainda mais a necessidade de se analisar as relações entre o sistema produtivo (e seu avanço tecnológico) no sentido de que " as revoluções científicas e tecnológicas são invariavelmente entrelaçadas com revoluções semióticas, que alteram decisivamente, todo o sistema da semiótica sócio-cultural"(Lotman, In Fávero, 1994 p.12). É de se ressaltar que estas interações não são de caráter aleatório, mas predominantemente ideológico.

1.5. QUESTÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DE PESQUISA COM MENINOS DE RUA

Considerar o desenvolvimento como produto ativo dos sujeitos, gerado em torno das atividades que estes promovem, sejam individuais ou coletivas, e como produto contextualizado em um determinado momento e condições historicamente dadas, traz implicações para o modo de se investigar a natureza das representações individuais ou grupais sobre as atividades que cada qual realiza. Isto porque toda atividade humana é de natureza sócio-cognitiva:

"...a forma desta atividade e o seu conteúdo são indissociáveis, uma vez que se admite tratar-se sempre de atividades mediadas semioticamente num contexto sócio-cultural"(Fávero, 1994, p.13)

Os conceitos adquiridos por um sujeito operam como mediação essencial nas relações sociais, nas quais o próprio indivíduo está colocado. Pode-se dizer que, quanto mais complexas as relações interpessoais e intergrupais, mais complexos devem ser os conceitos de modo a servirem de instrumentos adaptativos para o sujeito. Considerando que, os chamados "meninos de rua" começam a se inserir no meio social complexo da rua por volta de 07 a 09 anos, não se trata mais de discutir sobre a natureza dos processos do pensamento neste grupo social. A própria etapa de desenvolvimento correspondente a esta faixa etária, aponta que a interação social será o fator determinante no aprendizado de

novos conceitos. A categorização de Vygotsky denominando este tipo de conceitos como conceitos não-espontâneos, parece mais apropriada, que a denominação utilizada por Piaget, designando-os como conceitos científicos. Esta ressalva pode ser feita porque é complexa a averiguação do grau de logicidade (portanto, de "cientificidade" piagetiana) dos conceitos elaborados pelo menino de rua. Pode-se acusar ainda, que um estudo, que busque assegurar uma visão não-discriminatória deste segmento social, deve conduzir sua linha de investigação de tal modo a captar os significados atribuídos pelos "meninos de rua" às suas atividades, sob quais mediações estes significados emergem, e buscar uma leitura responsável das implicações que o referencial conceitual, adquirido pelo "menino de rua", tem para seu desenvolvimento no presente e no futuro.

Num plano mais teórico, é importante explicitar que a função de mediação opera através de meios e veículos, um dos quais é o discurso.

"...a atividade humana propriamente dita implica na existência de meios mediacionais, que se prestam à mediação de significados, e de veículos mediadores, que por sua vez, longe de serem aleatórios são determinados pelo contexto sócio-cultural..."(Fávero, 1994 p.16)

Em última análise interessa a este estudo compreender a formação ideológica do "menino de rua", de modo a possibilitar que a ação educativa possa contribuir a tornar as concepções do "menino de rua", conscientes para este próprio sujeito, entendendo a consciência como compreensão do processo de

formação de conteúdos, posto que parte-se do princípio de que o "menino de rua" elabora representações sociais acerca da sua situação de vida e do modo de organização da sociedade em que está inserido, dentro dos limites das informações e parâmetros aos quais tem acesso. Neste sentido, pode-se adiantar que o papel do educador é, sobretudo, interferir no desenvolvimento cognitivo do "menino de rua" propiciando condições para emergência de outro ferramental conceitual para a atividade dos "menino de rua".

Carvalho (1989) aponta algumas dificuldades metodológicas de se obter dados diretamente com os meninos de rua:

" A pesquisa passou por momentos importantes e foi de difícil desenvolvimento, porque o campo a ser observado é de difícil acesso a pessoas estranhas" . (p.14)

" Só mais tarde, mais ou menos oito meses depois, após se certificarem de que eu não os trairia, o grupo começou a falar sobre as estratégias de roubo, tráfico de drogas, as torturas a que são submetidos nas prisões, as estratégias que os policiais visam para tomarem dinheiro dos meninos..." (p.15)

" O grupo é de difícil penetração, tem suas próprias normas, suas atitudes. Seu discurso é, marcado por um léxico e marcadores conversacionais específicos, entonação, gestos, assuntos referentes ao

seu meio e na grande força argumentativa" (Carvalho 1989 p.24)

Dificuldades metodológicas também foram encontradas em um estudo realizado pela Prefeitura de São Paulo, sobre a população de rua, no sentido mais amplo:

Seria difícil a obtenção de informações fidedigna junto a esta população ,que, em função do risco constante de repressão e remoção, tende a apresentar o discurso pronto" (p.62)

A perspectiva de se estudar o desenvolvimento sem deitar ao lado as relações causais, e não fortuitas, entre interação social e as estruturações "endógenas" do indivíduo, resulta em necessidade de redefinições metodológicas amplas. O estudo do desenvolvimento em torno de situações-problema, embora bastante frutífero na compreensão das estruturações individuais, pouco tem a contribuir na análise dos aprendizados sociais. A complexidade dos contextos tem levado cada vez mais à busca e construção de métodos qualitativos que, contudo, não percam de vista o empírico, e não acabem por cair na interpretação desvinculada da realidade concreta. Amplia-se a envergadura das inferências controladas e ancoradas em evidências materiais.

Alguns métodos envolvendo o trato com significações através de recursos outros têm obtido êxito considerável. Desenhos, bonecos e estórias acabam por driblar ao mesmo tempo as limitações linguajar verbal na criança e as dificuldades em estabelecer vínculos de confiança que dão

continente à emergência de respostas verdadeiras. No dizer de Salim (1992), "Ao contar histórias, por exemplo, a criança usa a representação da experiência, expressando-se, mantendo ao mesmo tempo que estendendo e refinando o conteúdo, à luz do significado da história. Desta forma a criança consegue ajustar a história às suas idéias do mundo, assimilando-se e compreendendo sua mensagem. Neste sentido as crianças dão à história o significado que o conteúdo teria para elas". (pág. 100)

Trata-se pois de formas de estudar o desenvolvimento da criança e do adolescente através de um meio fonético de simbolização da representação - no caso a história - tomado como veículo para averiguação das experiências desta criança e/ou adolescente, na sua interação com o mundo das significações. Segundo Fávero, "a orientação e a capacidade para conhecer, são características particulares do homem, as quais podemos observar quando confrontando a natureza da adaptação do homem e dos animais e seus respectivos meios. O homem recria o meio, através dos significados". (Fávero, 1992. citado por Salim, 1992)

Por outro lado, atrás de cada história contada, existe um autor humano que a cria, incluindo características que coincidem com uma parte do dia-a-dia da criança, permanecendo um conjunto de padrões subjacentes. São padrões, e não gigantes e bruxas, que dão à história a sua forma concreta, que a torna um importante agente de comunicação mostrando-nos os padrões e valores que são transferidos de uma geração para outra.

Quanto à característica formal das histórias

contadas pela criança, Applebee (1978) sugere dois processos básicos na estrutura narrativa das histórias: a centragem e o encadeamento. (Applebee, 1978, citado por Salim, 1992, p. 100)

Os processos de encadeamento e de centragem com relação aos atributos estão juntos com uma narrativa. Ou seja, o centro é uma característica principal que se desenvolve através de uma série de atributos ligados um a outro, produzindo uma narrativa em cadeia, focalizando incidentes contínuos, em série. (Salim, 1992)

O que nos importa aqui é a forma e o conteúdo desenvolvidos pelos meninos de rua a partir da centragem e do encadeamento dados numa história. Conforme já se disse neste texto, adota-se a posição de Fávero (1993, 1994) da indissociabilidade entre estes dois componentes de um discurso ou "texto dentro de outro texto".

A distinção do ponto central de uma história a ser fornecido ao "menino de rua", não pode porém ser aleatório. Deste ponto central fornecido vai depender a expansão dada pelo sujeito, através de atributos complementares, de modo a ser constituir uma narrativa.

Assim, nosso primeiro passo será obter dados que subsidiem a elaboração do ponto central de uma história que tenha por personagem principal, um menino de rua.

É por isto que, como descrevemos adiante, no nosso método, iniciaremos nosso estudo com entrevistas desenvolvidas junto a educadores pertencentes ao quadro da Equipe de Rua, da Secretaria Estadual de Ação Social e Trabalho (etapa I). Da análise destas entrevistas, será elaborado o ponto central de uma

história e a expansão deste centro, que constituirá, em última análise, no instrumento que utilizaremos junto aos nossos sujeitos.

II. MÉTODO

2.1 - SUJEITO

Participaram deste estudo 02 (dois) grupos distintos de sujeitos, configurando 02 (duas) etapas sucessivas de coleta de dados.

Da primeira etapa participaram 05 (cinco) sujeitos de ambos os sexos, pertencentes à Equipe de Rua, responsável pela Educação Social de Rua, na SECRETARIA DE ESTADO DE AÇÃO SOCIAL e TRABALHO, compreendendo a faixa etária de 31 a 46 anos, pertencentes à classe média baixa, todos com o mínimo de 05 (cinco) anos de atuação direta junto aos meninos e meninas de rua. A sala da Equipe de rua situava-se à própria SECRETARIA DE ESTADO DE AÇÃO SOCIAL e TRABALHO, na Praça Cívica, Setor Central de Goiânia.

Da segunda etapa participaram 10 (dez), sujeitos, considerados como "Meninos de Rua", pelo sistema oficial de atendimento, compreendendo a faixa etária de 11 a 19 anos, do sexo masculino. Os sujeitos foram contactados em Unidade de Atendimento vinculadas ao Governo Municipal, a saber: 02 (dois) sujeitos foram contactados na Escola de Cabeleireiros - Jovem CIDADÃO, com clientela de ex-meninos de rua e meninos completando a maioria 18 (anos), situada à rua 232 no. 310, Setor Universitário, no período noturno; e, 08 (oito) sujeitos foram contactados na CASA DE TRAVESSIA I, unidade de atendimento a meninos de rua, situada à Av. Leopoldo de Bulhões s/no., Setor Pedro Ludovico.

Apresentamos em seguida a descrição detalhada por grupo, de cada sujeito implicado neste trabalho segundo características específicas.

2.1.1 Sujeitos Educadores Sociais de Rua

Sujeito nr.1

Identificação: M.A.P.M.

Sexo: Feminino

Cor: Branca

Data de Nascimento:

Idade: 41 anos

Residência: Setor Central

Escolaridade: Superior Completo (Psicóloga)

Data de vinculação à Equipe de rua: 1986

Tempo de atuação direta com meninos de rua: 12 anos

Sujeito nr.2

Identificação: S.M.S.M.

Sexo: Feminino

Cor: Branca

Data de Nascimento: 06/05/56

Idade: 37 anos

Residência: Setor Urias Magalhães

Escolaridade: 2o. Grau Completo

Data de vinculação à Equipe de rua: junho- 1986

Tempo de atuação direta com meninos de rua: 7 anos

Sujeito nr.3**Identificação:** M.F.T.**Sexo:** Feminino**Cor:** Branca**Data de Nascimento:** 11/04/64**Idade:** 28 anos**Residência:** Setor Norte-Ferrovário**Escolaridade:** 2o. Grau Completo**Data de vinculação à Equipe de rua:** janeiro- 1989**Tempo de atuação direta com meninos de rua:** 05 anos**Sujeito nr.4****Identificação:** E.D.S.**Sexo:** Feminino**Cor:** Parda**Data de Nascimento:** 01/07/46**Idade:** 47 anos**Residência:** Setor Universitário**Escolaridade:** Superior Completo (Assistente Social)**Data de vinculação à Equipe de rua:** janeiro- 1989**Tempo de atuação direta com meninos de rua:** 05 anos**Sujeito nr.5****Identificação:** S.T.**Sexo:** Masculino**Cor:** Branca**Data de Nascimento:** 22/02/60**Idade:** 33 anos**Residência:** Setor Bueno**Escolaridade:** 2o. Grau**Data de vinculação à Equipe de rua:** maio- 1991**Tempo de atuação direta com meninos de rua:** 08 anos

2.1.2 - Sujeitos Meninos de Rua**Sujeito nr.1**

Identificação: W.S. Cor: Parda

Data de Nascimento: não consta Idade: 19 anos

Residência da família de origem: Goiânia-GO

Escolaridade: analfabeto

Unidade de atendimento atual: Jovem Cidadão

Tempo Estimado de permanência na rua: 10 anos

Sujeito nr.2

Identificação: M.O. Cor: Negra

Data de Nascimento: 15/10/76 Idade: 17 anos

Residência da família de origem: Goiânia

Escolaridade: analfabeto

Unidade de atendimento atual: Jovem cidadão

Tempo Estimado de permanência na rua: 07 anos

Sujeito nr.3

Identificação: G.P.S. Cor: parda

Data de Nascimento: 08/05/79 Idade:14 anos

Residência da família de origem: Barreiras- BA

Escolaridade: Ignorada

Unidade de atendimento atual: Casa de Travessia I

Tempo Estimado de permanência na rua: 07 anos

Sujeito nr.4

Identificação: E.F.S. Cor: Negra
Data de Nascimento: 27/10/82 Idade: 12 anos
Residência da família de origem: Aparecida de Goiânia
Escolaridade: 2a. série
Unidade de atendimento atual: travessia I
Tempo Estimado de permanência na rua: 03 anos

Sujeito nr.5

Identificação: G.P. Cor: Negra
Data de Nascimento: 19/06/78 Idade: 15 anos
Residência da família de origem: Goiânia-GO
Escolaridade: 1a. série do 1o. grau
Unidade de atendimento atual: Casa de Travessia I
Tempo Estimado de permanência na rua: 03 anos

Sujeito nr.6

Identificação: V.C.P. Cor: Branca
Data de Nascimento: 30/07/79 Idade: 14 anos
Residência da família de origem: Goiânia
Escolaridade: 2a. série do 1o. grau
Unidade de atendimento atual: Travassia I
Tempo Estimado de permanência na rua: 04 anos

Sujeito nr.7

Identificação: F.M.O. Cor: Negra
Data de Nascimento: 25/10/81 Idade: 12 anos
Residência da família de origem: Goiânia-GO
Escolaridade: 1a. série do 1o. Grau
Unidade de atendimento atual: Casa de Travessia I
Tempo Estimado de permanência na rua: 04 anos

Sujeito nr.8

Identificação: C.S.O. Cor: Parda
Data de Nascimento: 04/10/80 Idade: 13 anos
Residência da família de origem: Goiânia
Escolaridade: não consta
Unidade de atendimento atual: Casa de Travessia I
Tempo Estimado de permanência na rua: 05 anos

Sujeito nr.9

Identificação: O.B.J. Cor: Negra
Data de Nascimento: 23/06/78 Idade: 15 anos
Residência da família de origem: Anápolis - GO
Escolaridade: 3a. série de 1o. grau
Unidade de atendimento atual: Travessia I
Tempo Estimado de permanência na rua: 02 anos

2.2 PROCEDIMENTO DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

Tomando por base os fundamentos descritos na primeira etapa deste trabalho, tratamos os discursos de educadores e meninos de rua como "um texto dentro do texto", como veículo de significações, do qual se pode extrair dados para uma análise das interações entre os indivíduos e seu meio, entre indivíduo e sócio-cultura.

O procedimento desenvolveu-se segundo duas etapas distintas, centradas nos 02 (dois) grupos distintos de sujeitos já descritos.

Para o primeiro grupo - Educadores Sociais de Rua - foi feito inicialmente um contato, na Sede da Equipe de Rua, com a coordenadora da equipe, onde se explicou o objetivo da pesquisa, seus métodos e as possíveis implicações dos resultados. Foram acertados como critérios para indicação dos educadores a serem entrevistados: ter no mínimo 05 (cinco) anos de atuação direta com os meninos e ser considerada de boa qualidade sua atuação, por parte da própria coordenadora, e ter participado dos vários procedimentos do trabalho com meninos de rua (abordagem de rua, visitas às famílias, trabalho em unidade, triagem, etc). Embora os sujeitos fossem indicados, o pesquisador estabeleceu contato direto para solicitar a colaboração e explicar os objetivos deste trabalho. Os sujeitos foram submentidos a entrevista do tipo clínico semi-estruturada,

segundo 04 (quatro) eixos, delineados aproximadamente da seguinte forma:

EIXO I FAMÍLIA

- 1) porque acha que os meninos saem de casa ?
- 2) como saem de casa ?
- 3) frequentavam a escola ?
- 4) por que saíram ou fugiram da escola ?
- 5) a escolaridade dos pais ?
- 6) contatos atuais com os pais/família ?
- 7) qual a visão de família dos meninos ?

EIXO II VIDA NA RUA

- 1) como eles circulam na rua ?
- 2) processo de introdução ?
- 3) grupo na rua
 - pg. vivem em grupos ?
 - como são organizados ?
 - papel dos líderes ?
- 4) o quê acha que eles pensam da rua ?
- 5) dificuldades que eles encontram na rua
 - polícia
 - fome
 - discriminação
- 6) como eles sentem o fato de serem meninos de rua ?
- 7) as atividades que fazem na rua ?

EIXO III TRABALHO

- 1) já tiveram experiências de trabalho ?
quais ?
- 2) como vêem o trabalho dos pais ?
e o trabalho dos educadores de rua ?

EIXO IV FUTURO

- 1) como os educadores vêem o futuro real destes meninos ?
- 2) qual o futuro que os meninos desejam ?
- 3) qual o lugar do trabalho neste futuro que eles desejam ?

As entrevistas foram registradas em Fitas K-7 e transcritas integralmente. Tomadas como discursos, estas entrevistas foram submetidas a uma **ANÁLISE DE CONTEÚDO**, tendo como unidade de análise o sentido.

Para tal, utilizou-se uma grade elaborada por Fávero, contendo uma tríplice coluna, com informações que se correspondiam, a saber "TRECHO", "PROPOSIÇÕES" e "OBSERVAÇÕES". A primeira coluna contém a reprodução exata dos relatos transcritos. A segunda coluna -proposições- corresponde a um extrato do discurso, tendo por unidade de filtragem (ou registro) o sentido de cada trecho. Enfim, a terceira coluna apresenta sínteses analíticas de pequenos conjuntos de proposições, apontando para uma visão mais global, portanto mais analítica, do discurso de cada sujeito.

Os resultados obtidos e apresentados adiante neste trabalho, foram separados em duas modalidades: as representações dos educadores quanto ao modo de vida da rua e quanto ao próprio menino de rua; e os discursos/representações atribuídos pelos educadores ao menino de rua.

A análise destes resultados subsidiou o procedimento desenvolvido junto ao 2o. grupo de sujeitos: os meninos de rua. Este procedimento constituiu-se na utilização de estórias contadas pelos meninos de rua. Para tanto, de acordo com a fundamentação teórica deste trabalho, tal procedimento foi desenvolvido à partir de um "núcleo central", fornecido pelo experimentador aos sujeitos, a partir do qual estes últimos desenvolviam sua "história".

Foram construídas, e apresentadas a cada sujeito, 03 estórias com as seguintes temáticas:

- 1) o processo de saída de casa para a rua
- 2) a organização grupal de um roubo/furto pelos meninos
- 3) a escolha entre o modo de vida da rua e um emprego

Assim, constituiu-se três estórias, como se segue:

Estória 1

Era uma vez um menino que morava na rua. Ele era pequeno mas já morava na rua tinha um tempão. Aí um dia ele tava dormindo num mocó com uns chegados dele. Aí ele acordou com uma fome arroxada e deu uma bola . Aí ele ficou lembrando quando ele veio pra rua as primeiras vezes..."

Estória 2

"Era uma vez um menino de rua que era muito esperto. Os peemis já tinham ganhado ele mas ele num caguetava nem afroxava. Ele era chegado do comandante, porque ele segurava umas ondas legal. Aí, um dia, o líder deu uns baseados pra ele e outros chegados e falou: Ó é o seguinte, nos vamos fazer uma caxanga hoje à noite. Aí eles foram..."

Estória 3

"Era uma vez um menino de rua que estava na rua zanzando, pegando rabeira e cheirando cola. Aí, apareceu uma dona dando mole na bolsa. Aí, o menino foi e ganhou a bolsa dela e tinha muito dinheiro. O menino mocosou a grana no calção, aí chegou um educador de rua e falou assim pra ele: Ó, eu arrumei um emprego pra você, você vai trabalhar e ganhar um salário mínimo..."

Vale salientar que, a escolha das estórias a serem fornecidas, a cada sujeito específico, baseou-se nos seguintes aspectos:

- a) conforme o porte físico de cada menino, era introduzida a idéia de ser pequeno ou grande o personagem
- b) todos os léxicos utilizados foram retirados do trabalho linguístico de Carvalho (1989), realizado em Goiânia, cujos explicativos encontram-se nos anexos.

Os relatos foram submetidos à mesma grade que serviu de base para a análise de conteúdo dos relatos dos educadores.

Há que salientar ainda que o contato com o segundo grupo de sujeitos - os meninos de rua - foi bastante complexo, marcado pela dificuldade em encontrá-los, pelas razões descritas à seguir:

No período de junho/92 a outubro/92 os Governos

Estadual e Municipal concatenaram negociações e acordos, objetivando a municipalização do atendimento, conforme previa o Estatuto da Criança e do Adolescente. Neste período existiram várias indefinições quanto às unidades que permaneceriam em funcionamento, suas direções e projetos.

Definido o atendimento selecionamos a Unidade ESCOLA JOVEM CIDADÃO, para emninos de rua próximos à maioridade ou já em situação de maioridade penal e a unidade CASA DE TRAVESSIA I. Contactamos as respectivas coordenações para arpesentação dos propósitos da pesquisa e solicitação de colaboração.

À Escola Jovem Cidadão foram efetivadas 05 (cinco) tentativas de entrevistas, em novembro/92 especificamente na Escola de Cabeleireiros, que funciona no período noturno com aulas profissionalizantes para os jovens de rua.

- 1o.) foi uma visita para estabelecimento de contatos iniciais, conhecer os meninos; as meninas de rua não estavam naquele dia;
- 2o.) como se tratava do incío do trabalho os meninos e meninas de rua, não mantinham frequência regular, havia somente 01 menino de rua, com o qual se tinha pouco contato, ele se recusou a fazer a entrevista;
- 3o.) conseguimos entrevistar o sujeito nr.01, que se mostrou bastante disponível. Verificou-se que as duas meninas de rua, presentes na listagem do atendimento, não estavam sendo de fato atendidas;

40.) os meninos e meninas estavam realizando atividade especial, com a palestra de um cabeleireiro não pertencente ao programa, sendo pois impossível interromper;

50.) conseguimos entrevista o sujeito nr.02.

As entrevistas nesta unidade foram realizadas em sala isolada, com a presença somente do pesquisador e o menino de rua, com sessões de 15" e 6", para o sujeito 1 e 2 respectivamente. As entrevistas foram registradas em fita K-7.

Na Casa de Travessia I, realizamos inicialmente 03 (três) tentativas:

10.) nesta visita, havia apenas 03 (três) meninos de rua na unidade, todos com idade acima de 14 anos. Como objetivávamos obter dados na faixa de 08 a 12 anos, não foi efetivado nenhum contato;

20.) nesta visita os meninos encontravam-se ainda dormindo, por volta da 10:00 hs do período matutino. Estabelecemos Rapport inicial com 02 (dois) meninos, sem ainda referirmo-nos às entrevistas;

30.) nesta visita, conseguimos conversar com um grupo de 05 (cinco) meninos, com idade variando entre 11 e 15 anos, e explicamos os objetivos da pesquisa. O maior interesse demonstrado foi pelo nosso equipamento, um gravador de fitas bem pequenas. Através deste

interesse obtivemos a colaboração. Assim que iniciamos a 1a. entrevista da manhã, a direção da unidade nos procurou comunicando que a escola vizinha havia convidado os meninos para assistir uma peça teatral naquele horário. Marcamos de retornar, após a conclusão da entrevista do sujeito nr.03.

Diante das dificuldades de encontrar os meninos de faixa etária entre 08 e 12 anos e as meninas, optamos por abordagem nas ruas, do Setor Central, ainda em novembro/92.

Duas tentativas foram realizadas. Na primeira, escolhemos os pontos de maior frequência, mas naquele dia não encontramos nenhum menino da faixa etária menor. Na segunda tentativa, encontramos 01 grupo, com 03 (três) meninos, mas que já se encontravam sob efeito do uso de substâncias tóxicas (cola ou esmalte), e ainda mais 01 grupo, com 02 (dois) meninos no mesmo estado, e, ainda, um terceiro grupo, de 02 (dois) meninos, que se recusaram a participar dos estudos.

Em dezembro/92 retornamos mais 03 (três) oportunidades na Casa de Travessia I:

1o.) nesta visita o grupo de meninos estava disperso devido a um atendimento odontológico, realizado fora das instalações. Aproveitamos a oportunidade para novos Rapports com os meninos;

2o.) nesta visita, realizamos, no meio do pátio e por intermediação do sujeito M.03 junto aos demais, as entrevistas com os sujeitos nrs.04 e 05. Os registros foram efetivados contando com a presença de mais 03 (três) meninos de

rua, além dos sujeitos submetidos à coleta de dados;

30.) na última, devido ao tempo chuvoso acabamos por instalar-nos dentro da casa onde os meninos dormiam. Os sujeitos M.03 e 04 convidaram-nos a conhecer seus quartos. Através desta intermediação foram efetivadas entrevistas com os sujeitos nrs. 06, 07, 08 e 09.

Ao todo foram efetivadas 09 (nove) entrevistas com os meninos de rua. Entretanto, devido às dificuldades de verbalização do sujeito nr. 07, sugerindo inclusive indução de respostas por parte de outros meninos de rua, foi abandonado o registro desta entrevista. As demais entrevistas foram registradas em fitas K-7, transcritas, uma vez estas transcrições tendo sido tomadas como discurso, foram submetidas a uma análise de conteúdo.

III. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. RESULTADOS OBTIDOS JUNTO AO GRUPO I: OS EDUCADORES DE RUA

3.1.1. Sujeito Nr. 01

TRECHO	PROPOSIÇÕES	OBSERVAÇÕES
<p>(1) - Bom, eles saem por variados fatores, agora, tem a questão da sobrevivência, porque normalmente eles provêm de famílias extremamente miseráveis, tem problemas de maus-tratos em casa, também que advém da condição de miséria e eles vêm para procurar emprego, trabalhar tentando sub-emprego, essas coisas e aí eles acabam ficando pelas ruas.</p>	<p>* Os meninos de rua saem de casa por causa de vários fatores. * Os meninos de rua saem de casa por questões de sobrevivência, * A maioria dos meninos de rua provêm de famílias miseráveis. * A maioria dos meninos de rua sofreu maus tratos em casa. * Os maus-tratos sofridos pelos meninos de rua em casa são decorrência da condição de miséria. * A maioria dos meninos de rua saem de casa para procurar emprego. * A maioria dos meninos de rua saem de casa para trabalhar. * Ao sair de casa para trabalhar os meninos de rua encontram sub-empregos. * Os meninos de rua acabam permanecendo nas ruas porque a família é miserável, porque recebem maus-tratos em casa.</p>	<p>* Vários fatores causam a saída dos meninos de rua de sua casa para a rua: condições de miséria em que vivem sua famílias, busca de sobrevivência, maus-tratos em casa, busca de emprego. * Parece haver uma ligação entre os fatores apontados e uma condição básica: a situação de miséria da família. * Pode-se supor que a saída de casa para a rua represente uma estratégia de sobrevivência do menino e da família.</p>

(2) - Isso aí é um processo, normalmente eles começam saindo aos poucos, e eles vem ficam um dia, dois dias, voltam prá casa, e isso aí vai passando, à medida que eles vão ficando na rua, que vão conhecendo outros elementos, a rua começa a fazer parte da vida deles, aí eles vão enfraquecendo seus laços com a família e vai deixando de ir, e muitas vezes também a família às vezes se preocupa no início e depois também tem tantas outras coisas como se diz, que acham até que sejam mais importantes do que sair atrás de meninos, porque tem que lutar prá outras coisas, então isso é um processo muito difícil acontecer, um rompimento assim total geral de vez, acontece casos que é um rompimento, assim frontal o menino sai e se recusa voltar, e não volta mesmo, e principalmente em casa assim onde é muito maltratado.

* A saída do menino de rua da casa para a rua é um processo.

* A saída do menino de casa para a rua é gradual.

* No início do processo de saída de casa para a rua, os meninos retornam da rua para a casa.

* No início do processo de saída de casa para a rua, os retornos da rua para a casa vão se tornando menos frequentes.

* A menor frequência de retorno para a casa se relaciona com o aumento de familiaridade com a rua.

* A vinculação com outros meninos de rua facilita a familiaridade e a permanência na rua.

* A familiaridade e permanência na rua causam um enfraquecimento dos laços familiares.

* O enfraquecimento dos laços familiares resulta numa redução da frequência de retorno à casa.

* O enfraquecimento gradual da preocupação da família com o retorno do menino

* Há casos particulares em que a saída de casa para a rua é abrupta.

* Nos casos de saída abrupta, o rompimento com a família é total e definitivo.

* Estes casos de rompimento abrupto e definitivo se devem

* O desligamento de casa não se dá abruptamente.

* A inserção na rua é gradativa.

* Os laços familiares se enfraquecem gradativamente, tanto da parte do menino quanto da família.

* Há casos de rompimento abrupto e definitivo, associados a espancamento em casa.

a espancamento em casa.

(3) - Tem. Tem um caso que eu me lembro sim. Aconteceu o seguinte, foi questão de briga dentro de casa, briga com a família, normalmente as brigas se dão mais é com a relação com o pai. E a criança saiu, houve uma briga muito grande e ela se recusou a voltar, não quis voltar de maneira nenhuma e permaneceu pelas ruas e houve tentativas, tá fazendo esse namoro, essa volta para casa e nunca se completou isso, sempre ficou, vai volta, vai volta e não consegue mais fixar.

* Há casos particulares que, em consequência de uma briga na família, o menino sai de casa e se recusa a voltar.
* Há casos em que o rompimento abrupto resulta em tentativas instáveis de aproximação entre o menino e a família.

* O rompimento abrupto pode gerar tentativas instáveis de aproximação entre o menino e a família.

(4) - Não existe assim esse momento de decisão, às vezes a coisa fica mais, como se diz, maia no ar, tem momento que ele quer voltar e tem momentos que ele não quer voltar, se pudesse voltaria, se tivesse como, voltaria, isso na fala deles, então sempre fica aquela, como assim que um elo meio perdido, tem vontade de ir mas também não quer ir porque se chegar lá não sabe como vai ser a reação e muitas vezes vai, retorna e não consegue permanecer, porque a situação não mudou

* A permanência na rua não se dá através de uma tomada de decisão definitiva.
* Existe nos meninos de rua uma instabilidade na decisão entre permanecer na rua ou retornar à casa.
* Se fosse possível o menino de rua voltaria para casa.
* O desejo do menino de rua é de voltar para casa.
* A decisão efetiva de voltar para casa encontra um obstáculo: o desconhecimento da reação da família com o retorno.
* A permanência do menino em casa, após o retorno, é difi-

* O desejo do menino de rua é retornar.
* A decisão sobre o retorno é dificultada pelo medo da reação da família.
* A permanência do menino em casa, após o retorno é dificultada porque a situação da família não se alterou.

nada.

cultada pela constatação de que a situação original da família não se alterou.

(5) - Olha, alguns frequentavam, mas a maioria, só como se diz fez aquela matrícula, estuda, mas é aquela coisa que não sai de uma alfabetização extremamente mal feita são praticamente semi-analfabetos, na grande maioria.

* Alguns meninos de rua já frequentaram a escola.

* A grande maioria dos meninos de rua são semi-analfabetos.

* A grande maioria dos meninos de rua já foi matriculado na escola.

* Alguns meninos já tiveram contato com a escola, contudo não foi mantida nenhuma relação estável.

(6) - Tem. Olha, eu diria assim que, não seria a maior parte não, mesmo que até na fala deles a maior parte foi matriculada, frequentou a escola todos os dias, mas quando você vai ver realmente, eles são assim semi-analfabetos e alguns escrevem o nome com dificuldade, escreve alguma coisinha mas a escolaridade é essa que praticamente nula, mas existe alguns casos bem esporádicos mesmo, a criança vai até a 3ª série ou 2ª série, mas isso é muito pouco.

* Não é possível afirmar que a maior parte dos meninos de rua nunca tenham se matriculado na escola.

* Há meninos de rua que já frequentaram regularmente a escola.

* Mesmo aqueles meninos de rua que frequentaram a escola são semi-analfabetos.

* Existem casos particulares entre os meninos de rua que frequentaram a escola até a 2ª ou 3ª séries do I grau.

* A maior parte dos meninos de rua já teve contato com a escola.

* Mesmo os meninos de rua que já frequentaram a escola regularmente podem ser considerados semi-analfabetos.

(7) - Não, esse dados assim efetivamente comprovados não, para estar indo na escola, para estar fazendo essa averiguação, não, porque muitas vezes eles nem se lembram

* Não existem dados registrados a respeito da escolaridade dos meninos de rua.

* Não há indicação de que existam dados registrados a respeito da vida escolar dos meninos de rua.

que escolas estudavam.

(8) - Olha, na fala deles, e o que a gente pode notar é o seguinte, o escola não oferece, não tem atrativos para criança ficar, ela não consegue ficar, tem a questão do dinheiro também, porque tem que comprar material para escola, é o uniforme, essas coisas, que a família não tem como estar subsidiando isso aí. Custa muito caro. O ensino que está aí não satisfaz, não atrai, nem é suficiente para prender na sala de aula.

* A escola não oferece atrativos para a permanência do menino de rua.

* A permanência na escola é dificultada pela falta de recursos financeiros da família, para custear as exigências da escola.

* O ensino oferecido pelas escolas públicas não satisfaz as necessidades do menino de rua, portanto não possibilita sua permanência.

* O custeio do estudo na escola pública é caro para a família do menino de rua.

* A escola é inadequada.

(9) - Olha Pedro, eu não me lembro assim no momento de ter fugido assim, mas chega um determinado momento que na fala deles, eles realmente deixam de ir. Ou porque não tá legal, aí começa da própria escola a estar saindo prá rua, para até estar brincando às vezes fazendo coisas e acaba ficando, e que eu me lembre de um ter falado assim "ah, fugi da escola", não! sempre tem, é também um processo!

* O abandono da escola é também resultado de um processo gradativo.

* O abandono da escola também não é abrupto.

* Há indícios de que o abandono da escola está vinculado aos outros processos: saída de casa e permanência na rua.

(10) - Olha, nós temos assim uma noção, mas não um levantamento, vamos dizer assim como mando o

* Não há levantamento com relação à escolaridade dos pais de meninos de rua.

* Pode-se afirmar

* Os pais dos meninos de rua vinculam sobrevivência a trabalho.

* A sobrevivência

figurino mesmo não! Mas escolaridade é precária e a gente pode dizer que são a grande maioria filhos de semi-analfabetos, onde a escola não é realmente o fator mais importante, o mais importante é estar na luta pela sobrevivência, no trabalho.

que a maioria dos pais dos meninos de rua é semi-analfabeto.

* Para os pais dos meninos de rua o trabalho que garante a sobrevivência é mais importante do que a escola.

* Para os pais dos meninos de rua a sobrevivência é assegurada pelo trabalho.

não é necessariamente (não é prioridade) vinculada à escolaridade.

(11) - Olha, o contato é muito pouco, muito pouco mesmo. Quando eles vão em casa por algum motivo procuram, às vezes quando querem voltar ou quando é levado, se eles estão em algumas unidades e estão pelas ruas e pede pra levar se leva. Na sua grande maioria, é lógico que existem casos, e são bem poucos mesmo que a família quer ter a criança de volta, quer que o menino fique lá e se diz que faz tanto esforço possível, impossível, recebe bem, mas a grande maioria não recebe bem. É um contato assim muito frio, essa coisa de afetividade é muito relativa ou então não demonstra afeto.

* O contato dos meninos de rua com a família é pouco frequente.

* Existem casos de meninos de rua que procuram voltar para casa.

* Existem casos em que o menino de rua é levado até a família.

* Existem poucos casos em que a família do menino de rua o quer de volta.

* Nos casos em que a família do menino de rua o quer de volta, a família apresenta um discurso onde predomina a vontade e o esforço para a permanência do menino de rua junto à família.

* A grande maioria das famílias dos meninos de rua não os recebem bem, quando procurados por estes.

* O contato da maioria dos meninos de rua com suas famílias é efeti-

(A natureza afetiva do contato da maioria dos meninos de rua com suas famílias é negativa, não corresponde ao padrão desejável de relação entre pais e filhos).

* Pode-se supor que o afeto pode não estar sendo demonstrado.

vamente frio.

* No contato da maioria dos meninos de rua com suas famílias o afeto é muito relativo ou não demonstrado.

(12) - O menino foi parar no CETI aí o menino diz que não quer voltar prá casa porque não dá certo com a mãe, não dá certo com padrasto, com a madrasta e essas todas! E se conversa, se explica que melhor lugar é casa, e que vai se conversar com a mãe, com o padrasto e vamos ver o que se pode fazer prá ele, prá permanecer lá. O menino às vezes ele até fica muito, é receptivo a isso aí, e se chega lá tantas vezes na casa e é assim uma gelada total, e às vezes algumas falas: "Poxa, mas de novo, já não sei quantas vezes trás você aqui e porque você não para, ou não quieta, ou então sai para a rua de vez". Então, essa falta de afeto aí, isso aí é muito sério, e muito profundo nos meninos e cada vez mais vai dificultando, cada vez distanciando a relação com a família dele.

* Ao ser recolhido no CETI*, geralmente o menino de rua explicita não querer voltar para casa.

* A explicação dada pelo menino de rua para não querer voltar para casa, centra-se na sua relação insatisfatória com a sua família: com a mãe, com o padrasto, a madrasta, etc...

* Ao ser recolhido ao CETI, os técnicos que lá trabalham, tentam convencer o menino de rua a retornar para a casa de sua família, sob a alegação de que seria o melhor lugar para a sua permanência.

* Os técnicos do CETI, para convencer o menino de rua, propõem uma intervenção conciliadora entre o menino e sua família.

* Geralmente o menino de rua é receptivo à idéia de voltar para casa.

* Na maior parte das vezes, quando a intervenção conciliadora dos técnicos se efetiva, a recepção da família é fria.

* A frieza da recepção da família,

* A resistência em retornar à casa parece ser causada pelas relações interpessoais familiares.

* Os meninos de rua são submetidos a uma intervenção direta dos técnicos do CETI, visando a conciliação com a família.

quando o menino é levado pelo CETI, às vezes é explicitada por um discurso centrado nos seguintes aspectos: a frequência de ida e vinda do menino de casa para a rua, a sua não permanência definitiva em casa e a necessidade de escolha definitiva casa e rua.

* A falta de afeto, na recepção do menino pela família, dificulta e distancia cada vez mais a relação com a família.

(13) - Olha, é muito pouco sabe. Não que ele não queira, não que ele esteja disposto pra isso, mas a própria condição em que vive a família é que provoca isso. Não que a mãe lá no fundo os pais também não tenham um certo sentimento pelo filho, mas a batalha pela vida diariamente fala muito maior do que isso aí, então sobrepõe esse sentimento a qualquer outra coisa.

* É pequeno o número de meninos de rua que mantem relações afetuosas com a sua família.

* A ausência de relação afetiva do menino de rua com sua família pode ser explicada pelas condições precárias em que vivem as famílias.

* Não se pode afirmar que não exista relação afetiva entre os pais e os meninos de rua.

* Pode-se supor que a luta pela sobrevivência diária dificulta a relação afetiva entre a família e os meninos.

* O sentimento de sobrevivência é priorizado em relação a qualquer outra coisa.

* Parece que a luta pela sobrevivência diária na vida familiar é prioridade e esta compromete as relações afetivas.

(14) - Olha, eles no fundo, todos eles, gostariam de ter uma

* Os meninos de rua desejam pertencer a uma família estrutu-

* Parece que os meninos de rua apresentam dois tipos

família, assim, uma família bem nos moldes tradicionais mesmo: papai, mamãe, irmãozinho, tudo direitinho. E com relação a família deles às vezes há uma certa contradição, ou eles querem muito, acham que a família tá muito correta ou então é o inverso, gostariam de ter um outro tipo de família, um outro tipo de mãe, outro tipo de pai, outros irmãos.

rada nos moldes tradicionais.

* Pode-se supor que os meninos de rua apresentem um sentimento contraditório em relação à sua família: ora de aceitação, ora de negação.

contraditórios de explicações para sua própria situação: uma alegando uma "família errada", e a outra desresponsabilizando a família e assumindo toda a responsabilidade.

* Pode-se supor que os meninos de rua desejem pertencer a uma família estruturada nos moldes tradicionais.

* Pode-se supor que os meninos de rua percebem a diferença entre a estrutura real de sua fa-

(15) - Olha; eu acho que eles não misturam não. Eu acho que eles percebem então a diferença, sabe? Entre o que eles gostariam e o que eles têm.

mília e a estrutura familiar desejada

* Na família do menino de rua parece haver a interação entre dois fatores: a constância da figura materna e a predominância do sexo masculino entre os filhos

(16) - Normalmente a mãe, quase sempre existe a figura de um padrasto no meio e irmãos, predominantemente muito o sexo masculino.

* A grande maioria das famílias dos meninos de rua é composta de mãe, de um padrasto e irmãos, predominantemente do sexo masculino.

* Podemos supor que os dois fatores citados acima, se entrecruzam com outros dois: ocupação/oferta de trabalho e gênero.

(17)- Olhe, a quantidade no geral, a média assim mais ou menos, que a gente pode estimar hoje, um pelo outro, cinco, quatro...

* Em média a família do menino de rua tem de quatro a cinco filhos

(18) - Bom, a vida deles na rua, normalmente eles não andam sozinhos, an-

* Geralmente os meninos de rua vivem em grupo na rua.

* Raramente um meni-

* Parece que os meninos de rua vivem em grupo como meio de defesa diante da

dam em grupo, não é um grupo muito grande, mas pelo menos dois, são raros casos de menino que andam sozinhos, eles podem até chegar sozinhos na rua, mas eles se enturmam e a vida na rua é muito difícil, muito complicada, porque eles sofrem toda a... população muito curiosa, os transeuntes são muito curiosos, agridem às vezes tem o fato da polícia mesmo, está ali, às vezes sem nem o que e pra que parte prá agressão, são violentos mesmos, sofrem violência entre eles mesmos, a coisa de grupo mesmo, de líder de grupo, tem o que obedecer as vontades, ter que fazer, sofre também em relação a questão de aliciadores, dos maiores, questão de traficantes de drogas e ter muitas vezes onde dormir, ficam expostos às interesses do tempo, ou quando arranja um lugar prá dormir, tudo bem, se não arranja, dorme em qualquer lugar.

no de rua vive sozinho na rua.

* Mesmo quando um menino chega à rua sozinho, ele se enturma.

* A razão dos meninos viverem em grupo na rua se deve a vários fatores: intolerância da população, intolerância da polícia, aliciadores de menores e traficantes de drogas.

* O grupo de meninos de rua tem um funcionamento organizado com a figura de um líder a quem os demais devem obediência.

* Na convivência do grupo pode ocorrer a agressão entre os meninos.

* Na rua, o menino de rua nem sempre encontra abrigo adequado.

forma particular de sobrevivência na rua.

* Parece que a particularidade da sobrevivência na rua gera relações permeadas de agressividade.

* Pode-se supor que existência da agressividade, dentro das relações afetivas entre os membros do grupo, gera sofrimento.

* O menino de rua esta exposto não somente do ponto de vista físico (abrigo, alimentação, etc...) como também do ponto de vista social (aliciamento, intolerância, etc...).

(19) - Eles se organizam em grupos mesmos, normalmente tem um que comanda mais, que é o líder do grupo, ultimamente até que não tem tanto não, mas um dos líderes que já está fazendo 18 anos eles comandavam uma por-

* Os grupos de meninos de rua se organizam em torno de um líder.

* A liderança entre meninos de rua não se justifica exclusivamente pelo poder físico.

* Pode-se supor a existência de outros fatores, além do poder físico, na coesão dos grupos de meninos de rua.

ção de meninos e não era uma pessoa que tenha um porte físico avantajado, nada disso, muito pelo contrário.

(20) - Olha, existem regras sim, existe tarefas que são distribuídas pelos chefes do grupo, seja para depois tá repartindo o produto dos furtos, seja para estar fazendo uma "pacada", ou seja, prá tá comprando drogas, então as tarefas são divididas e eles tem uma principal norma deles, que seria realmente a obediência principalmente ao chefe da equipe, e quando acontece casos de desviar isso aí, de tá querendo se rebelar, eles resolvem no pau mesmo, resolvem no cacete mesmo.

* Nos grupos de meninos de rua existem regras e tarefas determinadas e distribuídas pelo líder.

* A principal norma dos grupos de meninos de rua é a obediência ao líder.

* Quando ocorre desobediência de um dos membros em relação ao líder, a obediência é restaurada através da força física.

* As regras dos grupos de meninos de rua são determinadas, distribuídas e asseguradas pelo líder.

* A força física assegura o papel de líder em relação aos demais membros do grupo.

* Pode-se observar uma certa contradição quanto aos fatores de constituição e manutenção da liderança.

(21) - Aconteceu um caso foi desse menino que estava falando prá você, tava usando e levando drogas para dentro da unidade e ele mandou um outro menino comprar uma seringa, como o menino tinha um trânsito, era um menino que estava começando a trabalhar, então podia sair sem tá vigiado sem precisar ser acompanhado e às vezes entrar sem baculejo ou com baculejo, se que na hora ele saiu, quando ele

* Há indícios de que o processo de distribuição de tarefas pelo líder não é aleatório, podendo ser entendido como um processo de resolução de problemas.

voltou as pessoas perceberam um comportamento meio anormal diferente, no menino. Resolveram dar um baculejo e encontraram as seringas, e aí o que aconteceu, o menino não queria entregar a seringa para o pessoal da unidade porque senão o menino ia pegar e ia arrebentar ele no cacete e nem queria entrar porque se permanecesse lá dentro ele ia apanhar de qualquer jeito, ele ia apanhar e não tinha escapatória porque de toda forma ele "caguetou" o menino e então esse caso tiraram o menino da unidade foram colocar na sala da equipe de rua que agente tava conversando com o menino, fazendo uma fala com ele entregar a seringa, porque ninguém quis tomar a seringa na marra e para ele tá retornando para a unidade com o compromisso de tá fazendo uma fala com o centro. E ia entrar no cacete, como ele já havia entrado várias vezes, e apanhava mesmo prá valer, e apanha ainda.

(22) - Uma das vantagens, não sei se pode dizer na vantagem, que é a questão da proteção, que um grupo se sente mais protegida mesmo a

* Existem vantagens e desvantagens na vida em grupo entre os meninos de rua.

* Uma das vantagens da vida em grupo entre os meninos de

gente na vida normal, é tão ruim viver sozinho. A gente procura normalmente se agrupar e eles encontram proteção e é um novo modelo de família, assim eles tem solidariedade, tem amizade naquela hora, eles compartilham de várias coisas.

rua é o acesso à proteção.

* A natureza humana exige a vida em grupo.

* A vivência em grupo na rua é uma reedição do modelo familiar, buscando relações baseadas na solidariedade, amizade e partilha.

* O líder fornece e assegura a proteção num sistema de trocas e manutenção do poder, sistema este que resulta em manutenção e proteção do próprio líder.

(23) - É sempre uma coisa de proteção. Passa muito essa coisa de estar protegendo os pequenos, mas essa proteção passa depois para uma ordem de comando mesmo.

* A relação de proteção, existente no interior dos grupos de meninos de rua, se baseia numa relação de poder.

(24) - Protegem contra outros, protegem de certa forma contra a violência, uma proteção aparente, e ensinam um pouco como eles agirem nas ruas, como eles estarão transitando com aquilo tudo, e ao mesmo tempo também cobra essa proteção se é pego com furto joga a culpa de outro que é menor que vai sofrer menos sanções dos que já estão em idade mais avançadas.

* A relação de proteção, existente no interior dos grupos de meninos de rua, é de troca.

* O menino de rua, mais antigo, ensina o cotidiano da vida na rua aos novatos.

* A proteção no interior dos grupos de meninos de rua, é cobrada em situações particulares.

* Os meninos de rua de faixa etária mais baixa podem isentar de sanções sociais os mais velhos.

* A natureza das trocas dentro do grupo não se dá de modo aleatório: tanto leva em conta a vida intergrupo, quanto a situação deste grupo em relação à sociedade.

* Os meninos de rua, com faixa etária mais baixa, sofrem menos sanções sociais, podendo isentar os mais velhos, assumindo em situações particulares.

(25) - Isso eu não sei responder, porque até hoje não deu para perceber se existe um ritual de entrada, como uma

* Não se pode afirmar que existe um ritual de entrada.

coisa assim se dá
essa aceitação.

(26) - Olha, esse primeiro contato dele com a rua às vezes ele pode ser um contato agradável, como também pode logo de cara ter um contato extremamente ruim. Porque ele pode passar um dia, dois dias pelas ruas sem que nada de ruim aconteça com ele, e ele transita livremente, ele pede, ele come, ele arranja um cantinho para ele dormir, e como também ele pode dar de cara logo com uma batida de polícia, com outro que queira tomar o pedaço dele, isto é, extremamente desagradável pode se vê que essas situações ocorrem. Ou ele pode se enturmar logo ou como também ele pode demorar um certo tempo a se enturmar, mas, é raro o caso de meninos que vêm e que resolvem nunca mais voltar para as ruas, se eles tem motivo mais ou menos forte porque sair é raro mesmo.

* O contato inicial do menino com a rua pode ser tanto agradável, quanto desagradável.

* A natureza desagradável ou agradável do contato inicial do menino com a rua, depende de uma sequência de fatos agradáveis ou desagradáveis que podem ali ocorrer.

* O entrosamento do menino de rua novato com um grupo já estruturado pode ser rápido ou demorado.

* Após o contato inicial com a rua, é pouco frequente o número de casos de meninos, que depois do retorno à casa, resolvem não voltar mais às ruas.

* O menino só sai de casa para a rua quando tem um motivo forte.

(27) - Eles não gostam não, eles gostariam de ter uma "vida normal", entre aspas, uma vida comum, ter escola, ter trabalho, ter casa, ter uma família, ter lugar para ir e para ficar, mesmo quando

* Os meninos de rua não gostam de ser meninos de rua.

* Os meninos de rua desejam ter uma vida dentro dos padrões sociais com família, escola, trabalho e casa para morar.

* Os meninos de rua

eles se vangloriam das coisas que eles fazem, quando saem fotos no jornal, por exemplo, acha assim o máximo né? aquelas coisas todas, mas mesmo com relação a isso aí, eles não, porque eles sabem que no fundo eles sabem que não tem futuro.

percebem que não há "futuro" na rua, mesmo quando são colocados em evidência.

(28) - Olha, a rua, eles vêem a rua realmente como um espaço que não oferece muita coisa não.

* A rua é vista pelos meninos como um espaço de possibilidades restritas.

(29) - Usa, usa sim, essa expressão, eu sai pra rua, eu estava numa unidade e fui para rua, porque na rua não se tem limites, em termos, mas, não se tem aqueles limites que você estabelece no lugar na família, ou numa unidade, qualquer coisa assim, num espaço mais delimitado não se tem esses limites, não tem regras aparentemente e então às vezes eles retornam mesmo, até falam eu tava com saudades", queria ver colegas, queria ver isso, sente falta da droga, ou tá sem grana, vai fazer "paradinha" pra conseguir cigarros, essas coisas, mas eles referem a rua assim, e eles sabem que a rua não é o melhor local, por mais que, às vezes,

* Os limites da vida na rua são menores do que aqueles da vida em família ou numa instituição.

* Após a estadia em uma instituição, ou em família, o menino de rua retorna à rua porque sente falta daquele cotidiano.

* Os meninos de rua não consideram a rua como o melhor lugar para se viver.

* Na vida da rua há momentos de diversão e lazer.

* Os meninos de rua têm a intuição de que a rua não é o melhor lugar.

* Os meninos de rua se sentem vulneráveis.

* O desenvolver da vida na rua, resulta numa anulação do valor da existência.

* Só conta para o menino de rua o "Aqui, Agora".

* É contraditório o fato do menino permanecer na rua se admitirmos, ao mesmo tempo, que na sua percepção a rua não é o melhor lugar para ele.

* Há um julgamento de valor da parte do educador quanto à situação de vida e quanto ao próprio menino de rua, no sentido de desvalorizar a capacidade que ele tem de desenvolver uma avaliação sobre a situação.

até num momento de diversão, de lazer que eles fazem tudo isso nas ruas mesmo, mas eles, vamos dizer ter consciência de alguma coisa meio forte, da gente tá falando, mas eles se apercebem disso aí, em que a rua realmente não é um negócio fácil, que eles estão realmente vulneráveis à tudo, isso eles falam mesmo. Chega a um ponto assim que eles não existem mais, vamos dizer essa coisa de vida, de morte, a vida é hoje, tem que se fazer hoje porque amanhã é outro dia.

(30) - Que eles fazem mais na rua são os pequenos furtos mesmo e o uso de drogas.

* As atividades mais frequentes entre os meninos de rua são pequenos furtos e uso de droga.

(31) - Olha, às vezes existe e às vezes não, quando é um caso de uma "parada" maior, fazer um furto maior, eles até conversam sobre isso sim, montam algumas estratégias, e às vezes até acrescentam outros elementos na hora, que não estavam presentes, isso é o caso de uma coisa maior, mas normalmente acontece, vamos dizer assim quando há um pequeno descuido de alguma pessoa, ou alguma loja, estão sempre atentos, aí eles agem, como já

* Só existe planejamento de atividades entre os meninos de rua, em situações particulares, como furtos grandes.

* Já existem, entre os meninos de rua, procedimentos de furto pré-determinados em situações específicas.

* O furto está vinculado ao modo de vida da rua.

* Há uma seleção, por parte do educador, na visão das atividades dos meninos de rua, centrada em atividades consideradas negativas pela sociedade.

* Há um encadeamento de raciocínio que leva a uma depreciação da atividade e do próprio menino de rua.

fosse assim uma rotina pré-estabelecida, não sei, se agente pode dizer pré-estabelecida, é um modo de vida, é estabelecido.

(32) - São os furtos, pequenos furtos mesmos, é o uso de substâncias tóxicas, essas são as duas principais coisas que eles fazem, o resto eles gastam, brincar, como é que chama essa diversão aí ?

* As duas principais atividades na rua são furtos e uso de substâncias tóxicas.
* Uma atividade secundária na rua é brincar com jogos eletrônicos.

* Há uma associação, por parte do educador, entre a atividade de brincar e o jogo, resultando depreciação do brincar.

(33) - É essas coisas aí que eles adoram né, eles andam muito por isso aí, principalmente os menores, os maiorzinhos nem tanto, então eles gastam o tempo assim.

* Os meninos de rua frequentam muito as casas de jogos eletrônicos.
* Os meninos de rua de faixa etária mais baixa, frequentam com maior assuidade as casas de jogos eletrônicos.

(34) - Entre os camelôs existe até uma cumplicidade, entre eles, principalmente porque os camelôs fornecem muito esmalte pra eles, então fica assim uma troca de favores, inclusive até no DERGO na relação do pessoal, isso já há um certo tempo porque agora eu não tinha acompanhado mas tinha um Pit-Dog lá que a relação deles eram realmente saudável, o cara dava comida prá eles, prá eles olharem o Pit-Dog numa boa, não

* Há uma relação de troca entre os meninos de rua e os vendedores ambulantes.
* Os vendedores ambulantes trocam favores com os meninos de rua, motivados pelo medo de serem roubados por eles.
* A natureza de troca entre os meninos de rua e os ambulantes, em alguns casos é saudável.

* Os meninos de rua são vistos como uma ameaça.

furtavam de jeito nenhum, então há assim uma troca. Tem pessoal aqui no Teatro Goiânia, um raizeiro e um pessoal que tem um Pit-Dog na esquina, eles tem um relacionamento bom com os meninos com eles, é, eu dou alguma coisa, porque por dó, mas também para não ser é, vamos dizer roubado. Então eles mantêm essa relação sim, mas eles sempre estão em desvantagem.

(35) - É, as vezes, pedem!

* Não é frequente o fato de meninos de rua pedirem coisas.

(36) - Prostituição sim! principalmente entre as meninas a gente sabe que há casos entre meninos, são mais difíceis de identificar, primeiro que eles não falam, sentem certo pudor de quando se fala em sexo, tem principalmente em relação a isso, agora as meninas normalmente a gente pode até dizer que jogar 100%, jogar 90% se prostitui.

* Uma das atividades dos meninos de rua é a prostituição.

* A prostituição é mais frequente entre as meninas.

* Sabe-se que entre os meninos há casos de prostituição, mas estes são de difícil identificação.

* Os meninos (sexo masculino) não falam de sexo.

(37) - Existem momentos que para, agora tem alguns que agente acha que seja atividade contínua, mas não se tem certeza absoluta, não poderia tá falando 100%, mas normalmente não é uma ativi-

* Os meninos sentem pudor de falar de sexo.

* Pode-se estimar que, entre 90% e 100% das meninas de rua se prostituem.

* Algumas meninas de rua fazem da prostituição uma atividade

* Para a prostituta a prostituição é a principal atividade, conquanto para a menina de rua é uma das várias atividades possíveis.

dade contínua, eles param, é mais uma atividade.

constante.

* A maior parte das meninas de rua não mantém a prostituição como atividade constante.

* A prostituição é uma entre outras atividades para as meninas de rua.

(38) - Pequenos trabalhos eles até tentam fazer, depois de um certo tempo de já até terem sido trabalhados, que eles estão nesse processo de sair da rua, alguns conseguem outros não.

* As instituições de atendimento tentam integrar os meninos de rua em situações de trabalho.

* O trabalho desenvolvido pelas instituições de atendimento, é decisivo no fato do menino de rua tentar se engajar num trabalho.

* Entre os meninos de rua que tentam sair da rua e se engajar numa situação de trabalho, uma parte é bem sucedida e outra não.

(39) - Não. Alguns tem experiência de trabalho, mas é só trabalho sub-emprego mesmo. Trabalho formal mesmo, não.

* O sub-emprego não tem o mesmo valor do trabalho formal.

* Não são valorizadas as experiências de sub-emprego que os meninos de rua efetivam.

(40) - Engraxate, vigia de carro, lavador, catador de papel, jornaleiro em menor quantidade. Mas esses vendedores ambulantes que ficam vendendo por aí.

* Os tipos de sub-emprego que os meninos de rua experimentam são, engraxate, vigia-carro, lavador, catador de papel, vendedor ambulante, etc...

(41) - Tem muitos que nunca fizeram.

* Há uma grande quantidade de meninos de rua que nunca desenvolveram nenhuma atividade de tra-

balho, nem mesmo sub-emprego.

(42) - Tem muitos que nunca fizeram nada. Principalmente esse contingente que está descendo agora para as ruas, são muitos novos, são meninos novinhos mesmos, de 10 anos para baixo.

* A ausência de atividade relacionada a trabalho explica-se pela faixa etária cada vez menor.

(43) - Tem atividades intermitente de sub-emprego, e trabalhava, derrepente deixava de trabalhar, aprontava todas e mais um pouco, voltava a trabalhar e até hoje, esse caso que estou falando a possa inclusive é maior, recentemente um ano mais ou menos, por aí assim, e continua no mesmo processo, trabalha uns tempos, abandona o trabalho, começa a usar drogas, começa a enturmar novamente, fazer pequenos furtos.

* Existem casos em que o menino de rua se engaja no trabalho, mas não se mantém nele.

* No intervalo entre um período de trabalho e outro o modo de vida da rua é retomado.

(44) - Olha, eu não sei, nem se sei te responder isso, como eles entendem isso como profissão, mas é um trabalho que eles respeitam, são elementos que eles se identificam, que vem como uma tábua de salvação mais ou menos, alguém que tá procurando oferecer alguma coisa, e inclusive vem aqui, lá do trabalho da se-

* O trabalho do educador de rua é respeitado pelos meninos de rua.

* Os meninos de rua se identificam com o educador de rua.

* Os meninos de rua vêm o educador de rua como alguém que pode apontar uma saída para situações que envolvam suas vidas nas ruas.

* A identificação do menino de rua com o

* O educador de rua é um agente que intervém efetivamente na vida dos meninos de rua.

cretaria, pessoal que eles mais procuraram os meninos estão sempre procurando, mesmo quando eles estão na unidade, eles tem aquilo como uma referência muito forte, daquela pessoa que está ali com eles para estar tentando fazer alguma coisa por eles, mas sem tá dizendo, ditando normas, "olha você tem que fazer isso, você é obrigado a fazer isso..." como gente então é meio que um pouco assim de se sentir assim, é como gente, ao lado dessas pessoas, alguém que está ali para escutá-los.

educador se deve ao fato de que este último não lhe dita normas, e está disposto a escutá-lo.

(45) - Não, isso aí é muito raro. Às vezes eles até falam o contrário, falam que jamais teriam tanta paciência.

* Apesar da identificação do menino de rua com o educador de rua, o menino não se vê como educador no futuro.

* Para os meninos de rua, ser educador de rua exige muita paciência.

(46) - Pensam, porque eles sabem da situação de miséria da gente, inclusive eles fazem até piadinhas com essas coisas quando foi agora, tava cogitando de mudar lá para o Serra Dourada, aí os meninos começaram a fazer piadinha, agora vocês vem trabalhar de ribeirão tem que aprender a pegar rabeira, né? Que sa-

* Os meninos de rua sabem que o educador de rua ganha pouco.

* Os meninos de rua às vezes fazem troças do educador, pelo fato de ganhar pouco.

be que não tem passe de ônibus, não tem nada, porque é fim de mundo, então eles até fazem piadinhas. Então de, principalmente em relação a isso aí, é um zero à esquerda.

(47) - Olha, todos desejam um futuro melhor. Onde eles pudessem ter alguma coisa, que fosse deles, isso é o que maioria expressa pensa realmente, mas não se tem um projeto de vida que se possa alcançar isso.

* Os meninos de rua não estão satisfeitos com o presente deles.

* Os meninos de rua gostariam de mudar o presente.

* Os meninos de rua desejam que o futuro deles seja diferente do presente.

* Embora eles almejem esta mudança eles não elaboram projetos de vida que resultem em mudança.

* O modo peculiar de sobrevivência na rua, caracterizado pelo atendimento imediato das necessidades, parece dificultar a formulação de projetos de vida.

* A dificuldade de estabelecer um projeto de vida pode trazer implicações no que diz respeito ao engajamento e permanência na situação de trabalho.

(48) - Se eles gostariam de ter um trabalho, um trabalho que rendesse grana, porque quando eles começam a trabalhar para ganhar o salário mínimo mesmo, não tem escapatória, então é muito difícil essa relação aí, você tentar manter o menino prá ganhar isso que ele ganhava em questão de horas, um dia, dois dias ele tirava essa grana, então isso é muito difícil, é essa disciplina de trabalho, de receber pouco de saber que tem um mercado que regula, que ninguém não ganha tão mais, assim pelo menos naquela

* Os meninos de rua vêm um papel para o trabalho na vida futura.

* A expectativa dos meninos de rua é de ter um trabalho bem remunerado.

* A dificuldade do menino de rua permanecer no trabalho deve-se à relação entre horas de atividade e ganho real.

* O ganho auferido em poucas horas de atividade na rua, não corresponde ao ganho de muitas horas de atividades de trabalho.

* O ganho auferido por hora de atividade na rua é superior ao ganho por hora na atividade de trabalho.

* Existe uma análise centrada na correlação atividade-ganho, tendo em conta as disparidades entre a rua e o trabalho.

* O educador abre mão da primeira análise, para centrar-se no sujeito, explicando o engajamento e permanência no trabalho, através da capacidade de aceitação/submissão à situação que, segundo o educador, é exigida pelo trabalho.

faixa de trabalho, mas quando eles conseguem superar um pouco isso aí, eles têm assim uma enorme satisfação em estar comprando alguma coisa com o dinheiro, o fruto do trabalho deles, tem outro valor a relação de valores aí é bem diferente de quando é objeto de furto ou um dinheiro que foi furtado, que esse não tem o menor valor, mas quando é uma coisa que foi adquirida com o fruto do trabalho, mesmo que pequeno, tem outro valor.

* O trabalho exige disciplina

* Falta ao menino de rua disciplina para o trabalho.

* O menino de rua precisa aceitar a diferença entre o ganho na rua e o ganho no trabalho, para conseguir se engajar e permanecer na situação de trabalho.

* O engajamento é a permanência na atividade de trabalho, resultam numa mudança no sistema de valores do menino de rua.

* Para o menino de rua o valor do fruto do trabalho é diferente do valor do fruto do furto.

* O educador aponta o trabalho como atividade que dignifica o homem.

(49) - O futuro real do jeito que as coisas estão, eu não sei se, sabe, se tem tanto futuro assim não, a batalha vai ser muito grande porque cada dia as condições de vida tá cada dia pior, um empobrecimento assim galopante, emprego cada dia mais escasso, principalmente para quem não tem qualificação, escola parece que a cada dia está mais inacessível, tá tudo assim muito difícil, então você dizer que eu não digo, o futuro para eles seja bom prá conseguir alguma coisa, é uma luta assim enorme mesmo, uma luta de tentar sobreviver,

* O futuro dos meninos de rua depende do futuro do país.

* Quanto maior o empobrecimento da população torna-se cada vez mais difícil mudar a realidade presente dos meninos de rua.

* Existem uma relação entre qualificação, escolaridade e oferta de emprego.

* Os meninos de rua estão mais envolvidos na luta pela sobrevivência do que na mudança de sua realidade presente.

* A permanência do menino de rua, até sua maioridade, leva a criminalidade.

então isso aí desgasta emocionalmente e eles tem que realmente, estar muito que fortalecidos para sair dessa condição porque se não o futuro, aí, se não sai é uma consequência de adolescente que tá na rua prá uma ação mais pesada e atinge a maioria. Cai para a banidagem!

(50) - É existe alguns casos assim que deu certo e esta sobrevivendo como a maioria da população, e estão sobrevivendo, como é o caso de algumas meninas, que até se casaram encontraram um companheiro e estão criando seus filhos bem, tem casos de alguns meninos que estão trabalhando mesmo que ainda em condições de subempregados.

* Existem meninos de rua que "escapam" ao ciclo da criminalidade, e conseguem desenvolver estratégias de sobrevivência iguais à da maioria da população: casam, têm filhos, trabalham, etc...

(51) - Um caso que estou me lembrando, de uma saída da rua. Vou contar um caso mais antigo porque atualmente não têm. É o caso de um garoto que ele começou, ele trabalhava dentro da própria Unidade que ele tava, ele tava trabalhando, deixava o trabalho e ia para as ruas nesse ciclo todo. E aí ele começou a trabalhar, arranhou outro trabalho.

* O número de meninos de rua que permanecem na rua tem aumentado.
* Quando ocorre a saída da vida na rua, se dá de modo gradual.

(52) - Foi arranjado pela própria secretária. Trabalho de escritório e ele gostou mais do trabalho e começou a dedicar mais e por essa ocasião foi encontrado um parente, um tio dele resolveu acolher o garoto e então o garoto ia passava alguns dias com ele, e de vez em quando ia para a rua, mas assim que houve o desligamento dele da Unidade que para a casa dessa família do tio, ele permaneceu no trabalho e não houve mais ocorrência dele na rua, a não ser assim: não para fazer qualquer coisa, mas para ver um pouco de meninos, vai dá uma olhadinha e volta, são uns dos casos mais recentes, e tem outros casos mais antigos por aí, mas; não são muitos não.

* A família desempenha um papel importante na saída da rua do menino de rua.

* Não são muitos os casos de meninos que saem da rua.

(53) - A maioria deles como é que fica? Tem alguns que até tentam um trabalho, mas não deixam a condição de vida mesmo, não, tem o trabalho como aparência contínua fazendo seus furtos numa boa, fazendo uso da sua droguinha, numa boa, tranquilamente, usam ou entram, passa a ser também traficantes, receptores, essas coisas aí, mas vamos

* O engajamento no trabalho não garante por si só, o abandono de determinados aspectos da vida na rua.

* Poucos meninos que se engajam no trabalho abandonam efetivamente determinados aspectos da vida na rua.

* Não é o engajamento no trabalho, como fator isolado, nem em qualquer atividade de trabalho que garante a mudança do modo de vida da rua.

dizer uma vida normal, uma vida comum de trabalhador são poucos.

(54) - Sim, não, não é a maioria não existe uma correlação aí de maioria no nosso caso aqui não, não existe, mas alguns morrem, alguns vão para a cadeia, não existe, agente não tem uma estatística, um acompanhamento realmente efetivo para tá dando dados estatísticos sobre isso, aqui realmente é uma pena.

* Não existe um acompanhamento efetivo dos meninos de rua, que resulte em análise estatística, através da qual se possa ter uma visão global dos diferentes paradeiros.

3.1.2. Sujeito Nr.02

TRECHO	PROPOSIÇÕES	OBSERVAÇÕES
(1) - Geralmente é o conflito familiar e a própria renda, os meninos saem eles não saem de casa para serem meninos de rua e sim para tá levando uma renda para casa, geralmente todo menino que vem para rua, ele vem como engraxate, vender picolé, sub-emprego e vão se enturmando com os outros, acham mais fácil ganhar aí quando	<p>* As principais causas do menino ir para a rua são conflito familiar e empobrecimento da família.</p> <p>* O objetivo dos meninos sairem de casa é conseguir dinheiro para levar para própria casa.</p> <p>* A maioria dos meninos de rua vão inicialmente para as ruas para desenvolver uma atividade de sub-emprego.</p>	<p>* Existe uma trajetória entre a saída de casa e a permanência na rua, se desenvolve segundo várias etapas:</p>

enturma com um grupo mais pesado aí eles deixam logo a situação de sub-emprego.

* A maioria dos meninos de rua na medida em que se agregam com outros que já estão na rua, abandonam o sub-emprego.

* A motivação de abandonar o sub-emprego, por parte dos meninos de rua, está na maior facilidade de se obter dinheiro, através do modo de vida da rua.

1 - Saída de casa em busca de dinheiro

2 - Engajamento em sub-emprego e retorno diário à casa com dinheiro.

3 - Dormidas esporádicas na rua e retorno não diário à casa, com o dinheiro.

4 - Engajamento gradativo num grupo estruturado de meninos de rua, com aumento da frequência das

(2) - É gradativo e eles saem, voltam para dormir, geralmente a primeira semana eles voltam todos os dias, aí na segunda e terceira semana dependendo da situação, aí ele vai, dorme uma noite na rua e volta no outro dia e a família geralmente questiona mas não sabe, porque ele tá levando dinheiro para casa, aí quando a família questiona muito, aí entra nesse conflito que é a cobrança da mãe, do pai que não aceitam o menino está dormindo na rua.

* A saída de casa e permanência na rua se dá de modo gradativo.

* O período entre a saída diária de casa e as primeiras noites dormidas na rua, geralmente é de 1 a 3 semanas.

* Na primeira semana de contato com a rua, geralmente os meninos voltam todos os dias para casa.

* Após a 1ª dormida na rua, a família se preocupa mas não toma nenhuma medida efetiva, na medida em que o menino mantém um fornecimento de dinheiro.

* Conflito familiar se desenrola a partir do aumento de frequência das dormidas na rua e da solicitação de explicações por parte da família para o menino.

(3) - No início a família vem sempre na rua procurando agente, sempre encontra a família procurando o filho, faz

* No início da permanência do menino na rua, a família procura efetivamente levá-lo de volta.

* O procedimento u-

dormidas na rua e intensificação dos atritos em casa.

5 - Tentativas da família de trazer o menino de volta, que resulta na intensificação das dificuldades nas relações interpessoais no interior da família.

6 - Retorno ao modo de vida na rua

* Parece que, no período entre a 1ª e a 3ª etapas acima, acontece o abandono à escola

tudo para tá levando essa criança, mas às vezes não sabem nem com quem ele está envolvido, não tem esse processo de conscientização de tá trabalhando a criança. Eles levam mais assim: pegam o menino na rua, leva com puchão de orelha, chega em casa espancam aí o menino se sente agredido, aí fala que não vai voltar para a família aí outros quando chegam começam a si impor querem tudo aquilo a hora que eles querem como na rua, levantar tarde, querem tomar café a-quele horário que eles levantam, já não entram nos padrões da família aquele horário estabelecido.

tilizado pela família na tentativa de levar o menino de volta para casa, é inadequado.

* O procedimento que a família utiliza para levar o menino de volta para casa baseia-se em imposições e castigos físicos.

* O resultado do procedimento utilizado pela família para levar o menino de volta para casa causa revolta no menino.

* Alguns meninos quando voltam para casa, tentam impor novas regras à vida familiar, buscando reeditar o modo de vida na rua.

(4) - É pai e mãe, outros é pai e padrasto, pai e madrasta é assim.

* A família do menino constituida geralmente de um casal: pai e mãe, ou pai e madrasta, ou mãe e padrasto, etc...

(5) - Não, sempre os que estão na rua já foram matriculados, alguns tem a 2ª série foram alfabetizados.

* A maior parte dos meninos de rua já foram matriculados.

* Alguns meninos de rua chegaram à segunda série do I grau, ou são alfabetizados.

* O educador aponta causas contraditórias para explicar o abandono da escola: num primeiro momento a explicação está centrada no indivíduo, e num segundo momento, na condição econômica da família

(6) - Porque não se enquadram nos moldes da escola a partir do momento que ele

* O menino de rua abandona a escola por não se adaptar à vida escolar.

* O segundo momento da explicação compor-

vem para as ruas, e-
le começa a faltar,
falta 2, 3 ou 4 di-
as, aí a professora
já começa a discrimi-
nar o menino.

* O abandono da es-
cola coincide com as
primeiras saídas de
casa para a rua.

* O abandono da es-
cola é gradativo.

* A baixa frequência
do menino à escola
leva a discriminação
do menino pela pro-
fessora.

_ta uma análise da
trajetória do pro-
cesso de abandono da
escola:

1 - Exigência de ma-
terial da escola.

2 - Incapacidade da
família em responder
prontamente às exi-
gências da escola.

3 - Busca, por parte

(7) - Olha, quando
agente conversa com
as famílias geral-
mente quando é co-
brado o uniforme, e-
les já faltam uma
semana porque não
tem o uniforme para
usar, não tem os ca-
dernos, aí até a fa-
mília adquirir esse
material, eles já
tem essa queda de
frequência, aí as
vezes ele vem para a
rua para engraxar,
vender picolé, algu-
ma coisa para com-
prar esse caderno,
aí chega na escola
já houve uma perda
aí.

* O início do pro-
cesso de abandono da
escola, pelo menino
de rua, se deve de
um lado às exigên-
cias materiais da
escola (uniforme,
materiais, etc...),
e de outro lado à
falta de condições
econômicas da famí-
lia para responder a
essas exigências.

* No período entre
as exigências da es-
cola e as providên-
cias materiais da
família, o menino a-
cumula faltas na es-
cola.

* Para ajudar a fa-
mília na compra dos
materiais da escola,
alguns meninos vão
para rua, com o in-
tuito de desenvolver
alguma atividade de
de sub-emprego.

* A consequência do
período de faltas,
causado pela falta
de materiais, resul-
ta em atraso no de-
senvolvimento esco-
lar

nino de estratégias
financeiras para
cumprir as exigên-
cias.

4 - Período de au-
sência na escola,
devido ao não cum-
primento das exigên-
cias, que resulta em
atraso escolar.

5 - Abandono.

(8) - Não, mas ge-
ralmente são analfa-
betos. Alguns só tem
o primário, em geral
o pai e a mãe.

* Os pais dos meni-
nos de rua, geral-
mente são analfabe-
tos.

* Alguns pais de me-
ninos de rua têm o

primário.

(9) - Mantém sim, eles geralmente levam dinheiro para a família mesmo que essa família questione essas vindas desse dinheiro no início, mas a apartir do momento que está sempre chegando mais aí eles gostam.

* Os meninos de rua mantém contatos com a sua família.
* Os meninos de rua fazem visitas periódicas as suas famílias com o objetivo de levar dinheiro.

* Parece haver uma convivência da família, com a situação de seu filho, baseada no apoio financeiro do menino para família.
* Parece que o menino não contacta sua família, sem ter algo de material para levar.

(10) - Visitam para levar a grana.

* A família do menino de rua, passa a aceitar o fato do filho estar na rua, na medida em que este contribui financeiramente na casa.

(11) - Eles vão normalmente, visitam a família primeiro entrega o dinheiro às vezes levam uma cesta.

* Os meninos de rua costumam visitar a família levando dinheiro ou alimento.

(12) - O pai geralmente quando é pai ele não aceita o menino, mas a mãe é porque é filho é sempre filho, ela sempre trata com carinho e a relação do menino de rua com a mãe é bem diferente.

* Quando faz visitas à sua família, o menino de rua recebe uma maior aceitação por parte da mãe, do que do pai.

(13) - Quando existe madrasta ou padrastro, geralmente sempre há esses impecílios, quando aborda os meninos eles falam que não frequentam mais a casa por causa do padrasto ou da madrasta, eles geralmente colocam

* Geralmente o menino de rua tem dificuldades de relacionamento com a figura do padrasto ou da madrasta.

ou ele ou eu.

(14) - Porque quando agente faz esse trabalho com a família, primeiro agente faz um trabalho educativo com o menino, agente só visita essa família com a permissão da criança. E vai até a família sem menino aí começa a trabalhar com a família essa conscientização, se ela sabe o que esse menino está fazendo, como está fazendo e que esse menino realmente pretende ir para casa, e como ela vai receber esse filho e leva esse menino. Agora tem um bom tempo que agente não tá levando, agente encaminha para o Ceti porque agente não tem carro.

* Há um procedimento realizado pelo educador de rua, de re-inserção do menino de rua na família, que se desenvolve em etapas.

* O procedimento de re-inserção do menino de rua na família, comporta as seguintes etapas: 1) trabalho educativo com o menino; 2) visita à família com permissão da criança; 3) conscientização da família; 4) levar o menino à família.

* A família só é visitada pelo educador se o menino de rua assim o permitir.

* Há uma intervenção de mediação do educador, nas relações entre o menino e a família.

(15) - Os meninos antigos geralmente toda a família, agente já pegou eles bem na rua mesmo, então esse retorno o pai está querendo, aí o pai ou a mãe colocou essa condição: se ele tá querendo isso eu o recebo como filho, aí agente leva a criança, às vezes a criança até meio tímida porque às vezes eles sentem até vergonha do educador e o pai também, aí o pai e a mãe perante o educador recebem eles bem, e nós temos conseguido alguns

* A volta do menino para casa está condicionada ao fato da família se convencer que realmente o menino deseja voltar.

* Dentro do procedimento de retorno à família, mediado pelo educador de rua, há um constrangimento de ambas as partes: menino e família.

* A mediação do educador de rua no procedimento de retorno à família, facilita a recepção do menino pela família.

* Em alguns casos, a intervenção mediadora do educador, re-

retornos, e às vezes quando agente leva o menino fica.

sulta em permanência definitiva do menino na família.

(16) - Porque não mais se enquadram nos moldes da família essas cobranças mesmos, você percebe que tem 3, 4 filhos que ficam frequentam escola geralmente e um tá na rua.

* A não permanência na família, após uma intervenção mediadora do educador, se deve à dificuldade do menino em se adaptar ao modo de vida familiar.

* A família estabelece comparações entre o comportamento dos filhos que permanecem em casa e o comportamento do menino de rua.

* A explicação da não permanência do menino em casa, centra-se, contraditoriamente, ora nas exigências inadequadas da família, ora no comportamento inadequado do menino.

(17) - Eles falam da família com muito carinho, sempre eles colocam o seguinte: eu sai por isso, é porque eu não tenho uma casa, um quarto, uma cama, não tenho comida, e que saiu para batalhar tudo isso, se eu tivesse uma televisão isso ou aquilo eu voltaria, às vezes volta, é o caso caso do Fabinho Martins, é uma criança que tá mais ou menos no circuito há 03 anos, são 2 irmãos, 3 irmãos. Aí o Fábio foi deixado no CFM pela mãe devido a sua própria situação de carência, que não tinha condições de manter filhos, aí ele ficou. Agora esse ano passado nós conseguimos retorná-lo para a família, realmente é uma criança de 11 anos, esse mês passado permane-

* Segundo o discurso do menino de rua a razão de terem abandonado a família, deve-se à falta de condições materiais da família.

* Os meninos referem-se às suas famílias de maneira afetiva.

* Os meninos que voltam para as famílias, após a intervenção mediadora do educador, ressentem-se da falta de continuidade no contato com o educador.

* A falta de continuidade na intervenção do educador após reinserção familiar, explica o retorno do menino à rua.

* O educador aponta causas contraditórias para a desvinculação do menino com a família: ora a explicação centra-se nas condições econômicas da família, ora na inadequação do menino à vida familiar.

* A intervenção do educador restringe-se a um discurso centrado no convencimento da família para receber o menino e do menino para voltar à casa.

* Parece que a natureza do discurso da intervenção, tanto junto à família quanto ao menino de rua, é embasada por uma análise reducionista das relações interpessoais.

* Parece que as condições econômicas da família, também apontadas como causa da situação do menino de rua, não são

ceu 1 mês na família só saiu de casa para visitar as tias tanto é que são as tias da Unidade, esse está permanecendo na família. Com a fala dele o que eu percebi que ele está sentindo nesse momento é a falta desse trabalho tanto com ele e tanto na família, essa continuação lá na família dele, então às vezes os meninos retornam para a família e ficam uns tempos mas, retornam para as ruas por sentirem essa necessidade, esse apoio da própria equipe, lá junto das famílias.

alvo de intervenção efetiva.

(18) - Hoje ela já tem uma casinha lá no Jardim Tiradentes, ela conseguiu um barraco e tá se mantendo agora pelo menos lugar definido ela tem para morar, uma referência para os meninos.

* Parece que os atenuantes da situação de miséria são entendidos pelo educador, como melhorias nas condições de vida da família.

* O educador aponta causas contraditórias para o retorno do menino a casa: ou

(19) - Continuar as mesmas, mas aí eles sentem necessidade de ter um vínculo com a mãe, referencial de mãe.

* Mesmo não se modificando as condições econômicas de vida, o menino de rua sente a necessidade de retornar à família devido à carência afetiva.

na melhoria das condições econômicas de famílias, ora na necessidade emocional do menino.

(20) - Uma família normal, um pai e mãe, a mãe trabalhando tendo pelo menos o básico porque às vezes eles não tem nem o pão para estar comendo

* Os meninos de rua idealizam uma família nos moldes tradicionais.

* A idealização da família que o menino de rua faz está centrada na garantia da

* Há forte vinculação do ideal de família entre os meninos de rua e a garantia da sobrevivência.

durante o dia. Eles colocam isso, é um cantinho para estar dormindo. Estar indo para a escola. Eles sonham com isso, quando pequenos, depois da fase de 18 anos, eles começam a tá percebendo essa necessidade novamente.

sobrevivência.
* A idealização da família, centrada na sobrevivência, prevalece nos meninos de rua com faixa etária baixa, e volta a se fortalecer após os 18 anos.

(21) - Voltam e depois dos 18 anos querem ter uma escolarização e pelo próprio desemprego, porque quando eles procuram emprego, eles esbarram com a escolarização, então eles sentem essa necessidade e muitos deles estão voltando a estudar.

* Os meninos de rua que se encontram numa faixa superior, após voltarem para suas famílias, defrontam-se com a necessidade de trabalhar.

* Ao se defrontarem com a necessidade de trabalhar, os meninos de rua percebem que o emprego exige a escolarização como pré-requisito.

* Ao se defrontarem com a escolarização como pré-requisito para obtenção de um emprego, os meninos de rua procuram voltar a estudar.

* Ao atingir a maioridade os meninos procuram outras estratégias de sobrevivência que não o modo de vida na rua: voltam para as famílias, procuram emprego, voltam a estudar.

* Pode-se supor uma vinculação entre a tentativa de retomar o estudo e o fato deste ser pré-requisito para obtenção de emprego.

(22) - O que eles colocam é o seguinte: diz que as tias não permitem que fiquem em pé, porque os meninos quando tem um processo já tem uma passagem pela rua, eles são inquietos, eles não conseguem ficar o tempo - 04 horas sentado. E a professora geralmente não percebe ela trata o menino ali como coletivo, não essa individualização de tá

* Existe incompatibilidade entre o modo de vida na rua e as exigências da vida escolar.

* Os meninos de rua são muito ativos e isto dificulta sua adaptação à vida escolar.

* O modo de vida na rua torna o menino diferenciado.

* Geralmente as professoras não percebem a diferença entre o menino de rua e os outros alunos.

* A concepção das professoras sobre o menino de rua parece ser de natureza depreciativa.

* Parece haver uma incompatibilidade entre o modo de vida na rua e a vida escolar, o que leva o menino de rua a ser um aluno diferenciado.

percebendo esse menino como um separado daquele coletivo, porque ele é diferente, ela tem que ver e tá conversando muito mais com ele, dando atenção, carinho para ele sentir que ela tá despertando ele para outra realidade, derrepente ele não quer escrever porque ela tá sentando com ele em separado, aí ela chama a atenção, chamando ele de burro, isso, aquilo então eles não admitem.

* O menino de rua deveria receber em sala de aula um tratamento especial.

* O papel do professor junto ao menino de rua é despertar para a percepção de outra realidade, que não a do modo de vida na rua.

* Os meninos de rua não aceitam a depreciação que as professoras fazem de suas pessoas.

(23) - Depois que são caracterizados que são de rua, eles pegam rabeira que é o primeiro, depois do sub-emprego, aí eles vão se reforçar enquanto grupo mostrar então eu pegar rabeira eu vou mostrar para os outros que eu não tenho medo. Tá pegando os passes de ônibus, porque eles ficam nos pontos de ônibus e isto quando estão iniciando e sair correndo, entrar numa loja pegar um objeto pequeno, mas para ele naquele momento ele está firmando para um grupo, eu sou capaz, e às vezes até manipulado pelo grupo de meninos que já tem uma experiência maior, você faz porque você tem que permanecer nesse grupo e tem

* As primeiras atividades que o menino desenvolve na rua constituem um processo de iniciação.

* Durante o processo de iniciação os meninos de rua iniciantes podem chegar a ser manipulados pelos mais experientes.

* O processo de iniciação dos meninos incluem a iniciação ao uso de substâncias tóxicas.

* Iniciação / inserção / sobrevivência.

que ser assim. Aí, entra toda essa experiência. Aí já vem cheirar o esmalte, a cola, agora até para estar permanecendo no grupo, os pequenos tem que estar usando esmalte é uma experiência nova para os meninos, porque eles até diz que é forte, desmaiam e tal, porque eles estão a pouco tempo no uso do esmalte e da cola e muitas vezes agente tem até que levar para o Hospital de Urgências de Goiânia.

(24) - Pede, geralmente assim mil, 2 mil, 3 mil, eles não tem a noção do dinheiro e pedem as pessoas para estar pagando lanche, um salgado agora a moda é o passe, pega o passe e sai correndo e o povo atrás, aquilo para eles é uma emoção que nunca tinha vivenciado. Pegam carteira porque aí os maiores estão há um certo tempo vai ensinando como pegar as carteiras. Eles não tem esta ainda, os que têm pouco tempo, estão se iniciando.

* Entre as atividades do modo de vida da rua está o pedir dinheiro.

* Os meninos de rua não procedem avaliações quantitativas de dinheiro.

* Entre as atividades do modo de vida da rua está o furtar.

* A situação de furto produz fortes emoções no menino de rua.

* O aprendizado de furtos faz parte do processo de iniciação dos meninos de rua.

* O furto é uma atividade ensinada pelos mais experientes aos meninos de rua iniciantes.

(25) - Brincam principalmente o grupo de sete até quatorze anos é um grupo, um

* Entre as atividades do modo de vida da rua está o brincar, predominante-

* Cabe questionar: a) se a convivência se consolida em função de maior facilitação de maior facilidade

grupo de convivência porque os meninos vieram para as ruas pequenos, então os que estão vindo com sete a oito anos, eles se agrupam a esses meninos de 9 a 12 anos até 13 anos, então o grupo, um grupo bem definido que é o de 7 a 14 anos.

mente entre os meninos da faixa etária de 7 a 14 anos.

* Os meninos que se iniciam no modo de vida da rua na faixa etária de 7 a 8 anos, se vinculam ao grupo pertencente à faixa etária imediatamente superior (9 a 13 anos).

dade de sobrevivência na faixa de 7 a 14 anos; ou b) se a convivência consolidada reflete uma dinâmica própria a esta faixa etária de final de infância/início da adolescência.

* Parece haver uma convivência mais consolidada.

(26) - Eles recebem dos camelôs esmalte para não estar inflamando naquela área porque tem uma relação muito de cumplicidade.

* Existem uma troca de favores entre os meninos de rua e os camelôs: fornecimento de esmalte em troca de segurança.

(27) - Porque é mais fácil e auto defesa deles.

* A vida em grupo na rua facilita a sobrevivência.

* Pode-se dizer que grupos de meninos de rua se constituem

(28) - Porque eles armam uma situação aqui e saem correndo ao mesmo tempo, então eles confundem a vítima em polícia ao mesmo tempo e sendo só um ele é bem mais fácil.

* Os grupos de meninos de rua organizam situações de ação.

por faixa etária.
* Cada grupo de faixa etária específica desenvolve atividades particulares.

(29) - Olha, eu diria nesse momento que seria por essas faixas etárias e pela experiência de vida sim. O grupo de 14, 18 até 20 anos eles não permitem que um menino de 8 anos entre na rua, no espaço da rua, não, ele pode até aceitar essa criança no grupo deles para cachanga tá entrando num vidro, alguma coisa, para tá faci-

* Os meninos de rua da faixa etária inferior a 14 anos, somente participam de atividades de grupos da faixa etária superior cumprindo tarefas específicas.

* A exclusão dos meninos de faixa etária mais baixa, pelos de faixa etária superior deve-se ao fato de que os primeiros podem comprometer as estratégias

* Os diferentes grupos de diferentes faixas etárias são organizados de modo particulares.

* Os grupos de faixa etária superior admitem a participação de elementos do grupo de faixa etária inferior em suas atividades apenas quando estes, pela sua própria idade, podem desenvolver uma tarefa muito específica.

litando as coisas por ser criança passa em qualquer buraco, mas no espaço da rua não, mesmo porque os meninos são muito ingênuos e ao serem pegos pela polícia eles logo entregam o ouro.

de sobrevivência destes últimos.

* Portanto pode-se afirmar que: os meninos se organizam de acordo com a possibilidade de desenvolver com cada faixa etária. (A natureza da organização do grupo é compatível com a natureza da atividade que o grupo é capaz de desenvolver).

(30) - Olha, tem sim, esse de 7 a 12 anos já tem bem definido as lideranças que é um menino de 13 e um de 14 que já passaram pelas instituições.

* O grupo de meninos de rua, na faixa etária de 7 a 14 anos, normalmente tem uma liderança bem definida.

* Há caso de líderes, no grupo de 7 a

(31) - nesse grupo de 7 a 13 anos têm 2 líderes, e os 2 líderes são bem unidos porque um líder é submisso ao outro, então é o caso do William e do Adelino. O William e o Adelino são muito amigos, são de instituição.

14 anos que foram ou são alvo de intervenção institucional.

* Em alguns casos, o grupo de 7 a 14 anos tem 2 líderes, sendo um submisso ao outro.

(32) - Mais pela liderança, eles mandam sim, o menino vai para a Instituição se os dois permite, basta falar que não resolve é pela porrada mesmo, pela pressão.

* Os líderes nos grupos de meninos de rua de faixa etária de 7 a 14 anos, exercem o poder assegurando-o pela força física.

(33) - Tem regras que tem que cumprir.

(34) - Geralmente são as lideranças.

* Os grupos de meninos de rua são organizados a partir de regras determinadas pelos líderes.

(35) - Eles acham muito bom pelo seguinte: é um espaço que eles tem liberdade, eles fazem aquilo que eles querem, não tem normas estabelecidas como na família e nas instituições. Tem as normas da rua. Então, eles tem claro o direito de ir e vir porque a rua para eles foi feita para eles. Eles tem direito e muitas vezes eles não entendem os deveres também. Então, porque o policial vai me pegar, eu tenho que ficar na rua, a rua é bom. É bom num sentido tem as pessoas boas, as tias que dá as sopas, o pão, o cobertor, roupas sem tá questionando o porque deles está na rua. Ele pega rabeira a hora que ele quer, ele entra numa loja na hora que ele quer.

* Algumas características do modo de vida na rua geram sofrimento.

* O sofrimento gerado por algumas características do modo de vida na rua gera o sentimento de revolta por parte dos meninos.

* O sentimento de revolta, gerado por este sofrimento não é permanente.

* A instabilidade do sentimento de revolta se explica pela avaliação comparativa que o menino faz entre a vida na rua e a vida na instituição de atendimento.

* Segundo a concepção dos meninos, a vida dentro de uma instituição de atendimento requer submissão.

* Parece haver por parte do educador uma desvalorização do modo de vida da rua e da concepção que o menino de rua tem a respeito deste modo de vida.

(36) - Olha, no momento que sofre tudo isso eles ficam muito revoltados, mas essa revolta pelo que agente tem percebido logo passa, porque quando agente questiona e tá avaliando a situação com eles, eles falam que a rua é melhor, eu apanho da polícia mas amanhã eu tô solto e na Unidade não, o tio briga comigo, faz eu capinar, fazer faxina e

* Algumas características do modo de vida na rua geram sofrimento.

* O sofrimento gerado por algumas características do modo de vida na rua gera o sentimento de revolta por parte dos meninos.

* O sentimento de revolta, gerado por este sofrimento não é permanente.

* A instabilidade do sentimento de revolta se explica pela

* Há indícios de que o menino de rua prefere o modo de vida na rua do que o modo de vida numa instituição, porque a primeira, é caracterizada pela natureza imprevisível e imediata dos eventos.

tal, eu tenho que ficar lá de forma submissa. E da polícia não, eu levo porrada e depois passou, não tenho a-quelele cara 24 horas no meu pé.

avaliação comparativa que o menino faz entre a vida na rua e a vida na instituição de atendimento. * Segundo a concepção dos meninos, a vida dentro de uma instituição de atendimento requer submissão.

(37) - Esse grupo que tá iniciando agora não, agora o grupo anterior que veio até um pouco de sub-emprego tem alguma experiência como vender picolé, engraxate, eles tem isso aí para eles, apesar que eles avaliam, porque que eu vou vender picolé ou engraxar se às vezes em um dia eu faço mais roubando ou ganhando dos próprios colegas.

* Os meninos que já tiveram experiências com sub-emprego, desenvolvem uma avaliação comparativa de custos e benefícios entre a atividade de sub-emprego e a atividade peculiar do modo de vida da rua.

* Pode-se levantar a hipótese de que o fato de atualmente os meninos estarem chegando à rua muito novos, e sem experiência de sub-emprego, deve-se à pobreza galopante.

* Pode-se levantar a hipótese que o menino de rua tenha capacidade de fazer comparações avaliativas entre situações diferentes.

* Caso se confirme a hipótese de que o sub-emprego vem perdendo gradativamente poder aquisitivo, pode-se alegar (indicar) a pertinência dos processos avaliativos empreendidos pelos meninos de rua

(38) - Não, nunca tiveram essa experiência.

(39) - É mais comum, porque às vezes ele vem, que não seja aqui no espaço da rua, mas no próprio bairro ou na feira ou fez algum serviço ali para o vizinho.

* Enquanto os meninos de 7 a 8 anos chegam para a rua sem nenhuma experiência anterior de trabalho, geralmente os meninos que chegam entre 12 a 13 anos já tiveram experiências de sub-emprego.

(40) - Uns critica

* Segundo os meninos

que acham que teria de estar ganhando mais prá tá mantendo a família, outros numa grande maioria dos pais hoje estão desempregado, sempre é a mãe que está mantendo com lavação de roupas ou passando roupas.

de rua, o que seus pais ganham é insuficiente para manter a família.

* Atualmente, a grande maioria dos pais dos meninos de rua encontram-se desempregados.

* Geralmente as mães dos meninos de rua asseguram a manutenção da casa através de prestação de serviços domésticos.

(41) - O trabalho da mãe pelo que eu vejo não dá para manter a família. Tem por exemplo o caso do menino que é líder, do Adelino que tem família estruturada e só ele que está na rua, então a mãe estava costurando e por imposição do filho ela saiu do emprego, eu só volto da rua se a senhora voltar para casa. Ela saiu do emprego e tá na casa dela e o menino no entanto não saiu das ruas.

* O trabalho da mãe não é suficiente para manter a família.

(42) - Pra uns sim, agora outros até questiona que agente enquanto educador, está colocando dos direitos e deveres. Aí, eles acham que agente é chato, agora quando eles estão assim com 16 ou 17 anos aí eles queriam ser como nós, ah! porque eu não posso ser um educador. É o caso de um menino que nós questionamos muito é até infrator

* Alguns meninos de rua gostariam de vir a ser educador de rua.

* Alguns meninos de rua consideram o educador de rua como aquele que determina direitos e deveres.

* É possível o menino de rua trabalhar como educador desde que não atue no seu próprio grupo de convivência.

é o caso do Joel que a direção sem mais, sem consultar ninguém colocou o menino como monitor de uma Unidade sem preparo algum, houve muito conflito tanto com os meninos e para ele mesmo porque como eu vou impor as normas sendo que o próprio menino está com 17 anos. Agora eu acho que tem como dar mas não trabalhando com o seu próprio grupo de convivência.

(43) - Se tiver vontade política um trabalho sério, eu acho que consegue tá tirando esses meninos de rua mas, eu acho que essa retirada tem que saber como retirar, seria tá profissionalizando as pessoas com os pés bem no chão, bem consciente tá trabalhando individualmente com esses meninos que seja coletivo mas tem um momento que tem que ser individual, trabalhando essas relações tanto com a família como ele enquanto grupo ali, bem como nós já conseguimos alguns casos. Agora tem que ter vontade política e profissional sério nesta área que queiram que esses meninos tenham um futuro melhor.

* O futuro efetivo dos meninos de rua depende do contexto político.

* É possível retirar os meninos da rua desde que sejam utilizados os procedimentos adequados.

* Os procedimentos adequados à retirada do menino da rua deveriam incluir estratégias de profissionalização.

* Os procedimentos adequados implicam necessariamente num trabalho individual e familiar.

(44) - É um caso que estou avaliando enquanto até a direção aqui. É uma coisa que agente tá muito angustiada com isso. Se criou várias casas aí para os meninos bonzinhos, casas comunitárias isso aí. Ontem veio um grupo após os meninos completarem 18 anos desligam porque completou maioridade e esses meninos saem analfabetos e sem profissão alguma, e as meninas alugam quartos e vão se prostituir e trazem as outras menores para o quarto delas para essa prostituição que é o caso das meninas da casa comunitária. E os meninos, tem até o caso do Valdivino que foi citado, ele está completando 18 anos é uma coisa que até revolta nós como educadores porque é uma coisa que nós estamos cobrando a muitos anos, o menino está completando 18 anos, ou seja completou simplesmente eles desligaram ele do Pró-Jovem e continua na casa quer dizer não passa para agente o que está sendo trabalhado com esse menino para esse desligamento este tem mais ou menos um ano e meio e não usa droga de forma alguma, tá num processo entre aspas, bom, tá trabalhando, estudando, agora esse final de

* A maioria dos meninos de rua ao completar 18 anos, são desligados do trabalho institucional, encontrando-se analfabetos e sem nenhuma profissão.

* A maioria dos meninos de rua, ao completarem 18 anos são desligados do trabalho institucional, voltando-se para a prostituição.

semana porque estão colocando para ele que ele vai sair da casa, aí ele voltou a usar drogas.

(45) - Grande maioria, uns fixaram emprego sim, mesmo que informal, outros as meninas arrumaram maridos, constituíram família, estão na condição de domésticas, fazendo bicos mesmo, mas se mantém a família. Pouquíssimos casos que continuam na rua aprontando, depois da maioridade.

* A maior parte dos meninos de rua, após completarem 18 anos conseguiram arrumar emprego, mesmo que de natureza informal.

* A maior parte dos meninos de rua, após completarem 18 anos, constituíram família e se mantêm nelas.

* Poucos meninos de rua permanecem na rua após completarem 18 anos.

* Há um dado contraditório sobre o futuro das meninas de rua após a maioridade; ora é apresentada a prostituição, ora a constituição de famílias.

(46) - Geralmente eles ficam, agente tem experiência até o caso do Almor que ficou um ano no Rei Drogas, agente dando acompanhamento, aqui com muito pouco tempo.

* Os meninos de rua podem se fixar em atividades de trabalho, caso haja acompanhamento por parte do educador.

(47) - Não, o grupo anterior permanece nos bairros, agora o restante que não se adequa a situação nenhuma, eles permanecem na rua, e no centrão mesmo, nos mocós, próximo ao centro e à noite e final de semana também.

* Existem dois subgrupos, entre os meninos de rua que atingiram 18 anos: os mais antigos que permaneceram nos bairros, e os mais recentes que permanecem próximos ao centro da cidade.

(48) - Geralmente é ter uma família normal, eles falam pra gente: " Eu não quero essa vida que eu tô levando pro meu fi-

* Os meninos de rua desejam que o futuro deles seja diferente do presente.

* Os meninos de rua desejam que o futuro de seus próprios fi-

* Pode-se supor que os meninos de rua desejem constituir uma família nos moldes tradicionais.

lho", caso do Célio, que é infrator, ele fala: "Olha, meu filho eu nem trago aqui pra rua, porque é muito sério." lhos sejam diferente do presente dos meninos de rua.

(49) - É ter essa família normal, sem nunca desejar que os filhos deles venham pra rua, ter uma esposa, geralmente a esposa nunca pode ser uma menina de rua, tem que ser uma menina boazinha da comunidade, sem vícios nenhum e até alguns ainda pensam em ser polícia, prá pegar os meninos na rua e ... espancar.

* Os meninos de rua desejam constituir uma família estruturada nos moldes tradicionais.

* Alguns meninos de rua pensam em se tornar policiais.

(50) - Pedro, quando eles estão completando 17, 18, eles entram num desespero tão grande, que eles caem em si, que não tem condições nenhuma e que é muito pouco tempo prá tá aprendendo né? Alguns estão até empenhados sim, mas aí sem ter uma escolarização, como que vai ser, vai cair num emprego informal mesmo, ser chapa, muitos estão indo pro CEASA, outros trabalhando em caminhão de outras coisas por aí, bico mesmo, no supermercado.

* Ao completarem 18 anos, os meninos de rua começam a ter consciência da própria situação.

* Ao completarem 18 anos, os meninos de rua começam a ter consciência de sua falta de qualificação para determinados empregos.

* Por falta de qualificação a maioria dos meninos de rua acaba assumindo o trabalho informal de natureza braçal.

(51) - Eles acreditam, mas é aí que entra o suporte do educador, prá tá ga-

* O papel do educador de rua é fundamental como suporte quando o menino está

* Há indícios de que o apoio que o educador poderia dar ao menino de rua duran-

rantindo alguns fatos, que aí, se eu vejo o papel dos técnicos e até do pessoal dos educadores da Unidade que é fundamental esse papel, de tá entendendo esse menino e está dando suporte, sim, porque o menino, nós temos que tá ensinando os meninos a caminhar sozinhos mas, como é essa relação que é esse aprender? Eu acho que até o educador tem que ter claro isso prá ele, prá depois estar passando isso pros meninos. Não é eu ir lá na PEPSI e ver se tem vaga lá e chegar no menino e dizer "Olha, tem uma vaga lá pro cê", como que é isso como vai dar isso? Porque o menino, eles esperam muito da gente. Agente tem que ser suporte até prá esse desligamento prá esse menino está caminhando sozinho.

atingindo a maioria.

* O papel do educador é ensinar o menino de rua a "caminhar sozinho", o que significa apoiar o menino na mudança de vida.

* A natureza deste apoio nem sempre se apresenta de modo claro ao educador.

* Para o engajamento efetivo do menino de rua no trabalho não é suficiente a colocação em um emprego.

te o processo, desde tomar consciência da sua situação até o desejo de efetivamente sair da rua e mudar de vida, não está claro o suficiente para o próprio educador.

* Não é a colocação num emprego, como fator isolado, que garante a inserção e permanência do menino no trabalho e consequentemente o abandono da rua.

(52) - Tem, as meninas geralmente elas ficam algumas, mas na sombra dos meninos. Alguns casos raros que agente vê que as meninas tem alguma liderança, são pouquíssimos casos. Geralmente elas entram tipo uma feira hippe ou na praça com os meninos, mas os meninos dão muita guarda, elas ficam mais na sombra, os meninos entram na

* A maior parte das meninas de rua vivem sob a proteção dos meninos de rua.

* São raros os casos de meninas de rua que atingem uma certa liderança.

* Existem ex-meninas-de-rua casadas que têm como atividade principal o roubo.

* Algumas meninas de rua ao completar 18 anos se integram ao grupo de ex-meninas-

boutique, apresentei-
am a menina, agora
às vezes quando elas
completam 18 anos e
enturma com essas
mulheres que tem ma-
rido, que foram me-
ninas de rua, que
roubam aí normalmen-
te, aí é diferencia-
do e as meninas usam
muito também a pros-
tituição. O menino
também, mas ele diz:
não eu fiz amanhã
ninguém lembra e prá
menina é muito mar-
cante isso.

de-rua casadas.
* As meninas de rua
fazem uso frequente
da prostituição.
* Existem casos de
meninos de rua que
fazem uso da prosti-
tuição.

(53) - Não, geral-
mente são as mesmas
necessidades, nós
temos casos aí que é
só meninas na famí-
lia, como a família
da Glória, que é só
meninas, 4 saíram
prá rua, porque mo-
rar em barraco perto
de Trindade, uma sé-
rie de situações.

* As razões pelas
quais as meninas de
rua saem de casa são
as mesmas dos meni-
nos: condições de
miséria da família.

3.1.3. Sujeito Nr.03

TRECHO	PROPOSIÇÕES	OBSERVAÇÕES
(1) - Bom, nas mi- nhas visitas reali- zadas, eu acho o ponto mais culminan- te é devido a socie- dade, o problema que o pai e mãe vive ho- je desemprego, você	* A existência do menino de rua é um problema social mais amplo. * As famílias dos meninos de rua vivem em condições precá- rias.	

chega na casa de um menino desse, ele não tem casa, ele mora num buraco, não tem uma família completa, chega lá, o pai bebe, a mãe tá para rua, o pequeno tá lá, tem vez que você chega na casa de um menino desse, você chega e fala assim: não, é melhor ir para a rua.

* O desemprego é um fator presente na vida das famílias dos meninos de rua.

* Os meninos de rua não tem família estruturada nos moldes tradicionais.

* Entre as condições precárias da família é a vida na rua, esta última é a melhor alternativa para o menino.

* Tendo em vista o julgamento que o educador de rua desenvolve com relação à condição precária da família do menino de rua, este mesmo educador acaba por achar que condições precárias, ainda é uma alternativa melhor.

(2) - Na maioria das vezes, quando se tem uma estrutura familiar não muito boa, não vem só um, dois, aqueles que são criados mais lá, assim, como o caso do Altair, ah, esqueci o nome da menina, eles dois são da mesma idade, aí vieram para a rua mas os irmãos que foram criados lá, há época de 68 por aí, já casados, tem 32 anos, acho assim com a evolução, nas coisas que já estão acontecendo, hoje em dia tá muito difícil, porque o pai e a mãe ficam em casa cuidando desses filhos, aí vem pra rua a Aline a Marise vem todas duas para a rua, não tem nenhuma em casa. São só as duas

* Quando a estrutura familiar não é boa, é possível que mais de um filho saia de casa para a rua.

* A situação econômica do país tem agravado nas últimas décadas.

* O agravamento da situação econômica é determinante no número de crianças de uma família que saem para viver na rua.

* O agravamento da situação econômica dificulta o modo dos pais educarem seus filhos.

(3) - Bom, ele sai aos picadinhos, primeiro eles, as vezes, a maioria dos meninos de rua, eles vem prá rua né? Mas procurando uma coisinha para fazer,

* A saída de casa para a rua, por parte do menino de rua, é um processo gradativo.

* Os meninos de rua começam a ir para a rua em busca de uma

vem engraxando, às vezes chega engraxar na rua, de repente acha coisas fáceis, um dá uma coxinha, um dá uma roupa, aí começa a ficar na rua, hoje eu vou dormir, porque amanhã eu vou para a pecuária engraxar, vou ficar dois dias não vou voltar porque é longe, pegar ônibus é muito difícil, vou dormir aqui, em turma, aí começa, fica um dia, aí vou lá em casa tomar um banho, volta, vai e casa, a mãe não preocupa, ou o pai, às vezes nem tem como preocupar, aí volta, toma banho e volta de novo e assim vai indo

atividade de sub-emprego ou para desenvolver alguma atividade.

* O menino de rua encontra facilidade de sobrevivência no modo de vida da rua.

* O menino de rua encontra dificuldade em retornar à casa todos os dias.

* O aumento de frequência de dormidas na rua é gradativo.

* A família do menino de rua não se preocupa com as dormidas fora de casa.

* Se realmente é fato que o menino de rua encontra facilidades de sobrevivência no dia a dia na rua, e se para permanência gradativa na rua se deve a este fato, aliado a outro, que diz respeito à dificuldade de ordem prática envolvidas no ir e vir da rua à sua casa e vice-versa, então, pode-se supor que o menino de rua é capaz de fazer avaliações do tipo custo-benefício.

(4) - nas visitas que eu pude participar é assim, a gente sempre questiona esse ponto aí, aí as famílias, sempre a mãe, porque o pai quase não encontra, a mãe, sempre fala assim, eu não tenho tempo de ficar observando essas coisas, eu deixo meu filho aqui em casa, na hora que eu volto ele não está mais. Aí, eu pergunto pra ele: porque você está na rua? Mas, muitas das vezes não é nada disso, elas mandam os meninos ir pra rua, não, vão pra rua me deixa em paz, isso aí foi o caso de Cleudimar e tem outros, a maio-

* Os pais alegam que os meninos fogem ao controle da família.

* A maior parte dos pais dos meninos de rua mandam que os meninos saiam de casa.

* Parece que existem casos nos quais os pais incentivam os meninos a irem para a rua em busca de atividade.

ria das visitas a gente nota, que é eles é que mandam os meninos para a rua.

(5) - A maioria acho que não, mas uma boa parte, uma porcentagem até boa sim, não alfabetizado completamente, mas eu acho assim...

* Uma boa parte dos meninos de rua já tiveram vida escolar.

* A passagem do menino de rua pela escola não garantiu necessariamente sua alfabetização.

(6) - É, matriculados, inclusive até a equipe já fizeram matrícula, mas eles não tem um acompanhamento familiar muito bom, ou as vezes não tem instrução prá isso né? aí pelo menos assim saber ler um pouquinho, fazer um numero a maioria deles sabe e um dos casos que eu sei que não sabe fazer pelo menos um número e ler um pouquinho é o Alaor, mas o Alaor é de maior, pelo número ele faz mas ler ele não sabe não.

* O fracasso escolar do menino de rua deve-se ao não acompanhamento da família.

* A maioria dos meninos de rua sabe ler um pouco e escrever números.

* Existem casos de meninos que atingiram a maioridade e não sabem ler.

* O educador atribui o fracasso escolar do menino à falta de acompanhamento familiar, mesmo que no seu discurso não esteja claro, o quanto esta família ainda faça parte da vida do menino.

* A inadaptação do menino de rua à vida escolar é explicada pelo educador através da falta de disciplina existente no modo de vida da rua.

* Parece haver por parte do educador uma desvalorização do modo de vida na rua, entendido como desprovido de regras e disciplinas

(7) - A maioria desses meninos vão para a escola por causa do lanche, aí eles chegam na escola e não dão certo porque a comunidade lá da escola são diferentes da visão deles aqui na rua, lá eles não pode bagunçar, não pode fazer isto, não pode fazer aquilo, e na rua ele pode, então acha chato

* A maioria dos meninos de rua procuram a escola por causa do lanche.

* As exigências da vida escolar são incompatíveis com o modo de vida da rua.

* O modo de vida na escola é regido por uma disciplina inexistente no modo de viver da rua.

* O menino de rua não se adapta à dis-

* O discurso do educador pode levar à idéia de que o menino de rua é de natureza diferente, não se enquadrando no modo de vida tradicional.

ele não tem aquela capacidade de perceber que o estudo para ele pode ser mais tarde uma arma boa para ele sobreviver, ele não pensa assim, o menino de rua não pensa assim ele acha que... ele não sabe o que é você falar não. O que você fala sim, ele acha que tudo é dele, porque a hora que ele quiser ele pode pegar o que ele quiser conseguir, basta ele querer né, mas assim, pro lado assim do questionamento você não faça isto.

ciplina da escola.

* O menino de rua não vê o ensino básico como elemento importante num projeto de vida para o futuro.

* Os meninos de rua não aceitam restrições.

(8) - Dos pais sempre 3ª série, 4ª série a maioria analfabetos, sempre tem isso.

* A maioria dos pais dos meninos de rua é analfabetos.

(9) - Não, influi um pouco, mas não tanto, porque mesmo os pais sabendo disto eles sempre gostariam que os filhos fossem para escola tal. Eu acho que os pais, eles mesmo não dão conta de fazer com os filhos vão para a escola devido ao padrão econômico.

* A falta de escolaridade dos pais não justifica o fracasso escolar dos meninos de rua.

* Os pais dos meninos de rua, mesmo analfabetos desejam que seus filhos ingressem e permaneçam na escola.

* Os pais dos meninos de rua não conseguem assegurar o ingresso e a permanência de seus filhos na escola, devido aos fatores econômicos.

(10) - Contato de meninos de rua com as famílias? Bom, o contato deles é qua-

* Alguns meninos de rua mantém vínculos com a sua família.

* O vínculo familiar

se igual na outra fala aí que eu disse que ele vai de vez em quando. Esse menino de rua, ele fica na rua sim, mas ele tem, num tem é aquele vínculo assim que é vinculado mesmo, não eu tenho a minha casa tal, mas pelo menos assim uma vezinha no mês, eles vão, ele deve ir, agora tem uns que abandonam mesmo e não que saber mas sempre eles tem uma pessoa que eles possa visitar.

é mantido através de visitas esporádicas.
* Alguns meninos de rua rompem o vínculo familiar.

(11) - Uma vez que eu abordei um menino ele me disse que tinha ido visitar a família dele, e eu fui fazer essa visita domiciliar, aí eu disse assim para ele. - Por que ele não gostava de ficar em casa, ele falou assim - Vai embora daqui, que você tá querendo que meu outro filho, meu irmão, o irmão dele venha o para rua também e aí ele acha assim que a mãe dele não tá recebendo ele bem, que mandando ele embora, as vezes não dá comida pra ele, ele chega em casa dá uma olhadinha não sente a vontade porque ele que vê as pessoas da família dele não tá querendo que ele fique ou não faz com que ele fique lá, ou fala assim: - Não, você fica eu vou fazer is-

* Durante as visitas realizadas à família o menino de rua se sente rejeitado.

* O menino de rua é visto pela mãe como má influência para os irmãos.

* O menino de rua, durante as visitas à sua família, não é recebido como um membro da família.

* A família do menino de rua não empreende nenhum esforço efetivo para que o menino de rua permaneça em casa.

* A condição do menino de rua é de discriminação tanto na rua quanto em casa.

* O menino de rua é visto pelo educador como marginalizado, sem contudo precisar o conceito de marginalização.

* O discurso do educador apresenta uma contradição no que diz respeito ao modo da mãe receber o menino de rua em suas visitas esporádicas: ora diz que a mãe o rejeita e ora diz que ela sempre o recebe bem.

* O educador aponta uma cobrança da família em relação ao menino sem estabelecer a natureza desta cobrança (moral, financeira, disciplinar, etc.)

so, vou fazer aquilo não, eles querem que ele volta a rua mesmo, o menino que é marginalizado na rua ele é marginalizado em casa também.

(12) - O padrasto nunca reagem bem né, agora a mãe sim, a mãe assim querendo os filhos aparecem, lógico a mãe é mãe, ela fala oi tudo bem, diz que fica com saudades fala - não, meu filho, não vá para a ruas, fica aqui, mas as vezes tem irmão que não aceitam o irmão visitar a família, e o pai, o padrasto como você falou aí, muitas vezes não aceita também, então já manda embora a mãe sempre é receptiva, mas o pai e o irmão não aceitam, então a maioria desses menino de ruas eles não gostam de ir a família porque eles são cobrados as atitudes deles né, assim a maioria mas a maioria das vezes também não porque as vezes os pais também é um marginal e não tem nem como cobrar porque as vezes tá preso aí na detenção, ma a mãe sempre aborda eles sempre bem, a recepção dela é boa pelo menos é o que elas sempre falem pra gente né.

* Quando o menino de rua visita a sua família não é bem recebido pelo padrasto.

* Quando o menino de rua visita sua família é bem recebido pela mãe.

* Em alguns casos, o menino de rua, ao visitar sua família, é rejeitado pelos irmãos.

* Na maioria dos casos os meninos de rua não gostam de voltar à família, por conta da cobrança.

* Às vezes os pais dos meninos de rua são marginais.

(13) - Eles não gostam de falar sobre a

* Os meninos de rua não gostam de falar

família, principalmente aqueles meninos assim que desvinculou mesmo, é muito difícil você ficar sabendo, o primeiro contato nosso com menino ele não admite que tem família, aí depois com um tempinho que você for acostumando com ele, e ele acostumando com você, aí ele vai soltando. Não, eu moro ali, assim, mesmo. Mas porque que você não vai na sua família? Ah, porque eu não gosto de família, eu não tenho família, não. Não tenho irmão, não, o que é isso, ele fala para a gente isso né. Então eles não gostam de falar sobre família, eu não sei porque.

sobre suas famílias.
* Os meninos de rua procuram esconder o fato de terem família.

* Os meninos de rua passam a conversar mais sobre sua família com o educador de rua, à medida em que convive mais tempo com este último.

(14) - A maioria das vezes é uma coisa meia fora de lógica, eles falam assim: Ah! eu gostaria de ter um pai rico, uma mãe rica que desse tudo que eu queria, que não precisaria ir vir para a rua, é a maioria fala isso, mas eu acho que eles gostariam não de ter uma família desse jeito, bom não sei, na minha cabeça eu acho que isso não é uma família, uma família que você chega em casa e ele fala assim: não, eu não quero você aqui, ou sua mãe falou, tudo bem, como você é tem

* Os meninos de rua gostariam de ter uma família com condições financeiras tais que não exigisse a sua saída de casa para a rua.

* Os meninos de rua não gostariam de ter a família que eles têm.

* O menino de rua não tem família.

* A família define-se pelas relações afetivas.

* Os meninos de rua gostariam de ter uma família mais afetiva do que a família que eles realmente têm.

* Ter uma situação financeira boa não é o principal para os

* O discurso do educador se apresenta contraditório:

a) quanto à natureza das necessidades do menino (ora financeira, ora afetiva).
b) quanto à incapacidade das famílias para suprir as necessidades de seus filhos (ora explicada pela falta de tempo para assegurar a afetividade com os filhos).

passado ou às vezes a mãe não recebe, manda de volta para as ruas o que acontece muitas vezes, né? Mas eu acho que eles gostariam de ter uma família que fosse mais carinhosa, mais prestativa, porque essa fala que ele falam de ser rico e tal acho que é uma fala muito vaga aí no fundo no fundo, quando você começa conversar com eles, você percebe que eles gostariam mesmo é de ter uma mãe e um pai que desse mais para eles, mas como nós vivemos num mundo assim que o pai e a mãe não tá tendo tempo de dar ao menino, a educação, lazer até então ele vem para as ruas em busca de carinho, eu acho que eles gostariam de ter uma família carinhosa.

meninos de rua.

* O que os meninos de rua mais sentem falta na sua família é o carinho e a atenção.

* O que falta aos pais, para suprirem as necessidades de afetividade dos filhos, é o tempo.

* Os meninos vão para a rua em busca de carinho.

(15) - Não, ele não encontra carinho, ele vem em busca de carinho e não encontra, o que ele encontra na rua é pancada, chute, e tal e aí que ele acaba de se completar um marginal, porque lá em casa não achou, veio buscar na rua e não achou né? então ele se fez um menino de rua.

* O menino de rua não encontra carinho na rua.

* O que o menino de rua encontra na rua é a agressão.

* A agressão que o menino de rua encontra na rua leva-o a se tornar um marginal.

* No modo de vida da rua se completa a formação marginal do menino de rua.

* O menino de rua é um marginal.

* O discurso do educador leva ao seguinte raciocínio: já na vida familiar o menino apresenta tendência a se tornar marginal, tendência esta que se desenvolve com o modo de vida na rua.

* Pode-se supor uma visão depreciativa da família e do menino por parte do educador.

(16) - Bom, na rua sempre quando a gente está observando né, a gente fica sempre de longe, e eles sempre estão em turma, ali conversam e tal, aí de repente um articula e tal, uma coisa ali e sai. Aí um vem, e compra um esmalte, sempre um só que vai e compra o esmalte e dividem entre eles né, aí eles saem, aí de repente quando eles não estão dopados ou fora de seu estado normal né? eles não atacam ninguém, atacar assim: abrir uma bolsa, ou essas coisas assim. Quando eles estão normal, eles pedem, sai pedindo. Nunca um menino de rua pede alguma coisa, você entendeu? É muito difícil um menino de rua pedir alguma coisa, mas assim né? aquele menino que ainda não tem a caracterização do menino de rua, realmente pede, mas na maioria das vezes eles ficam assim né, cheiram esmalte o senão eles tomam qualquer coisa, aí eles começam assim à pegar uma bolsa, abrir uma bolsa, a fazer suas acachangas que não é a bolsa, essas coisas a gente sempre tá observando né, mas se que a gente sempre tá observando, mas nunca entra no meio, a gente sempre refilete isso com eles.

* Os meninos vivem sempre em grupo na rua.

* Os educadores observam os meninos de rua à distância.

* O desenvolvimento das atividades da rua obedece às regras.

* As principais atividades da rua são: uso de substâncias tóxicas, furtos e pedir coisas.

* Os meninos de rua furtam quando estão sob o efeito de substâncias tóxicas.

* Os meninos de rua pedem coisas quando não estão sob o efeito de substâncias tóxicas.

* Pedir é uma atividade característica do menino que ainda não se tornou menino de rua.

* O menino de rua não pede, furta.

* O educador de rua não interfere na atividade do menino de rua, ele conversa sobre estas com o menino.

* Os meninos de rua não têm limites sociais.

* Pode-se perceber que o educador aliena como atividades ao menino de rua somente aquelas consideradas negativas do ponto de vista social.

* O engajamento das atividades negativas (furtos e drogas) é que caracteriza o menino de rua.

* Há evidência de uma desvalorização do menino de rua e de sua atividade por parte do educador de rua.

Pergunta porque eles fazem isto, mas é igual eu te falei eles não sabem o que dizer não e nem o que dizer sim, eles acham que tudo que eles querem está na rua, e o que está na rua é deles.

(17) - Brincam, às vezes eles ficam uma turminha, às vezes tá numa praça, às vezes não vai dormir, de manhã eles sempre estão dormindo né? dorme assim nesses lugares não apropriado, mas, para eles são apropriados num cantinho lá assim. Eles dormem até às vezes eles entram na lanchonete lancham né, a gente observa isso também, e é esse ritmo deles, vai lá, vem cá, andando pra rua, pra cima e para baixo na rua, pega rabeirão, essas coisas assim...

* Às vezes os meninos de rua brincam.
 * Os meninos de rua não têm horário fixo, nem local apropriado para dormir.
 * O modo de vida na rua tem um ritmo próprio.
 * Os meninos de rua perambulam frequentemente na rua.

* Pode-se supor uma falta de rotina para as atividades da rua.
 * Pode-se perceber uma depreciação por parte do educador quanto ao ritmo de vida na rua.

(18) - Assim, esses grupos deles são bastante fechados, a gente só observa o que são do grupo, quais são os menino que é daquele grupo, sempre é aqueles meninos que a pessoa lida, o que o líder, agente sempre tá observando qual que é do grupo mas eles nunca vão admitir isso não, se pergunta eles falem, vai ficar meio bravo, agente sempre observa

* Os grupos de meninos de rua são organizados em torno de um líder.
 * Os meninos de rua procuram esconder qual é o líder do grupo.
 * Os grupos de meninos de rua têm regras que são estabelecidas e distribuídas pelo líder.
 * Para entrar num grupo de rua, os meninos têm que seguir as normas estabelecidas pelo líder.

* Há uma contradição no discurso do educador quanto à existência ou não de regras no modo de vida da rua, ora afirmando a não existência (vide observação relacionada ao trecho 7), ora afirmando a existência destas.
 * Parece que o grupo é organizado de forma a assegurar a proteção do líder.

tem um certo grupo, esse grupo é sempre limitado, e pra esse menino entrar no grupo, ele tem de fazer isso, ele tem que cumprir normas, se o líder falar: você tem que trazer um relógio pra mim hoje, ele tem que fazer tudo e levar o relógio para ele.

(19) - Se não fizer não entra no grupo e às vezes, é, e depois que ele entra no grupo, esse menino entra no grupo, se ele não cumprir as ordens, que é apanhar uma coisa ou fazer uma cachanga, essas coisas que eles sempre fazem à noite em casa de família, se ele não fizer o líder espanca, ameaça, só que isso é muito sigiloso para ele, e pra gente também, mas a gente sempre observa que o grupo é bastante assim fechado.

* Caso o menino não cumpra as normas estabelecidas pelo líder, ele não é aceito no grupo.

* A liderança do grupo é mantida através do uso da força física.

* As regras do grupo de meninos de rua são sigilosos.

* Parece que é difícil para o educador penetrar na organização do grupo, uma vez que ele percebe que o funcionamento destes grupos é sigiloso.

(20) - Primeiramente quando o menino vem pra rua, que ele não é da rua. Aí ele vem para a rua e ... Primeiro ele fica ali sozinho, anda, anda, fica mais ou menos, 3 meses andando na rua sozinho, aí de repente ele começa a enturmar com o menino, sempre com o menorzinho, aí ele começa, primeira coisa que o líder faz, ou seja, um daquele

* Quando o menino sai de casa para a rua, ele passa um período andando sozinho na rua.

* Os meninos demoram geralmente até 03 meses para começarem a se enturmar na rua.

* É através do membro de faixa etária menor de um grupo, que o menino começa a se integrar a um grupo.

* Há um processo de iniciação do menino

* Parece que o processo de admissão de um menino novato, num grupo já estruturado, se caracteriza por um processo de iniciação, facilitado por um dos membros de menor faixa etária do grupo, seguido da aprendizagem de atividades específicas tais como: uso de substâncias tóxicas, realização de tarefas para o líder.

* A liderança no

grupo, vai ensinar o menino a cheirar esmalte ou cola, aí ensina o menino a fazer isso, né? Aí depois que o menino já tá viciado bastante necessitado, ele vai e dá um comprimidinho, o bichinho, passa bastante mal, aí depois gostou, começa a gostar, aí já entra para o grupo, aí vem o caso de você fazer isso para mim, para você ser tipo protegido por mim então qualquer coisa que você observar coisa assim, o menino sempre fala para aquele que é o maior, fala para ele vir aqui e dá um jeito em você, isso sempre acontece com o menino que é menorzinho e está entrando para o grupo então ele acha assim quando o menino, ele não é de rua e começa a ir para a rua, ele já enturma, quando ele começa a conhecer esse grupo, aí já é difícil demais tirar esse menino da rua, ele já acha essas coisas aí, e tendo uma pessoa que protege, aí já é bastante difícil do menino sair da rua.

no grupo: aprender a cheirar esmalte ou cola, tomar drogas, realizar tarefas para o líder.

* Uma das funções do líder é fornecer proteção, em troca de pequenos favores.

* Depois que o menino de rua está integrado a um grupo, torna-se difícil retirá-lo da rua.

grupo de meninos de rua é exercida num sistema de trocas que envolve proteção e favores.

(21) - Tem normas, essas normas que eu te falei que o menino tem sempre que conseguir alguma coisa para que ele possa entrar no grupo.

(22) - Sempre é assim, aquele menino que é o líder é o cabeça, mas tem aqueles como se diz, tem um chefe, aquele que se sobressai mais, aí tem um chegado só líder, às vezes o líder não estando o chegado possa resolver alguma coisa, mas sempre é o líder que...

* Os líderes dos grupos de meninos de rua escolhem alguns dentre o grupo que os acompanham e, eventualmente podem substituí-lo.

(23) - Sempre agente pergunta para eles: o quê que você está fazendo na rua? O quê que eles respondem: - Ué, tua a rua é bom demais, ninguém exige de mim, o que os outros cobram de mim na rua, não vem com esse papo fiado, não, que eu gosto é de ficar na rua. Aí agente vai questionando porque que você dorme assim? Não, é porque eu gosto, eu gosto de ficar aqui porque ninguém cobra de mim, então eu acho que para um menino de rua, a rua para ele é um espaço de sobrevivência, que ele acha que ali não tem nada limitado, ali para ele é tudo céu aberto, ele pode pedir, pode pegar, pode brigar, ele não tem normas a cumprir, só o grupo dele, o grupo dele faz o que ele gosta de fazer, que é ficar na rua também.

* Os meninos de rua dizem que é bom o modo de vida na rua.

* Os meninos de rua consideram bom o modo de vida na rua porque não há exigências.

* O educador de rua intervém junto ao menino de rua, procurando levá-lo a reavaliar o conceito que o menino tem de vida na rua.

* Os grupos de meninos de rua não colocam limites para o menino de rua.

* O grupo de meninos de rua tem determinadas normas, que são compatíveis com o desejo de liberdade que os meninos mantêm.

* A avaliação que o menino de rua faz do modo de vida na rua parece ter como parâmetro o modo de vida anterior na família.

* Parece que o educador não entende o parâmetro usado pelo menino na sua avaliação sobre o modo de vida na rua.

* Por não compreender o parâmetro o educador de rua faz um julgamento negativo de valor sobre o modo de vida na rua.

(24) - É uma questão a questionar mais. Eu até hoje não vi uma visão ainda do menino falando sobre a fome. O menino que chega a esse ponto de pensar na fome, na violência...

* O menino de rua não pensa sobre a fome.

(25) - Violência, ele sai da rua. Tenho certeza que ele sai da rua. Agora enquanto ele não chegar a esse ponto ele continua na rua pra ele apanha tudo mais, se você acreditar, você pode chegar no menino: Você apanhou, não, mas eu vou para rua. Mas no dia que ele chegar a esse ponto de saber que a fome, a marginalização dele na rua e tal ele sai da rua, aí ele é um menino que já está raciocinando, aí ele...

* Quando o menino chega a pensar na fome, violência, etc., ele abandona o modo de vida da rua.

* Quando o menino faz uma avaliação correta sobre o modo de vida na rua, ele abandona a rua.

* Quando o menino de rua avalia como negativo o modo de vida na rua, significa que ele está raciocinando corretamente.

* O educador faz julgamento negativo da capacidade do menino de rua de fazer avaliação sobre sua vida.

* Para o educador o menino de rua só se desenvolve quando entende que o modo de vida na rua é negativo, ou seja, quando o menino adota, sobre esse modo de vida, a mesma concepção do educador.

(26) - A maioria dos meninos de rua já fizeram, por exemplo: engraxar, sempre vem para rua engraxando, eles sempre engraxa e depois volta, alguns meninos já trabalharam assim, sempre tem uma família que oferece uma coisinha para o menino fazer, aí ele começa, mas não tem aquela continuidade, esses tempos para trás nós estávamos, da equipe, querendo ajudar um menino a arrumar um emprego, aí nós

* A maioria dos meninos de rua já desenvolvem alguma atividade de trabalho.

* A atividade de trabalho dos meninos de rua não apresenta continuidade.

* O educador de rua procura inserir o menino de rua numa situação de trabalho formal.

* Diante da oportunidade de se inserir no trabalho formal, o menino elabora uma avaliação do tipo custo-benefício.

* Não se sabe porque

* Parece que o menino de rua adota o modo de vida da rua, pela via do subemprego.

* O menino de rua faz uma comparação pertinente da relação custo-benefício entre a atividade da rua e a atividade de trabalho.

* Pode-se supor que o educador deprecia a comparação do custo-benefício que o menino de rua efetiva entre a atividade de trabalho e a atividade da rua.

* O discurso do edu-

perguntamos para ele se queria ganhar no Pró-Jovem meio salário mínimo, ele falou que isso, meio salário mínimo, eu trabalhando para ganhar isso, não vou não, eu ganho 5 milhões numa semana, dependendo 5 milhões por semana, não vou não, mas a maioria deles já sabe o que é um trabalho, mas ele não sei o quê que é, mas eles fogem quando você fala em trabalho, eles fogem, eles não gostam que fala em trabalho do mesmo jeito não gostam que fala em estudo, nas suas abordagens do menino aí, você vai perceber, se você fala assim em estudo, eles gostam sempre de falar assim: Olha, tia, aconteceu isso e isso né, mas falar em estudo e trabalho eles não gostam não, mas muitas das vezes o menino aceita uma ajudinha e começa a trabalhar.

os meninos não aceitam propostas de trabalho e estudo.

* Muitas vezes os meninos de rua aceitam as propostas de ajuda para se engajarem num trabalho.

cador é contraditório à medida que ora diz que os meninos não aceitam as propostas de trabalho e ora diz que muitos deles aceitam.

(27) Nunca observei isso, bom, a gente sempre observa alguém dando alguma coisa para ele, tem um moço da papelaria que sempre dá, sabe? Dinheiro para eles, mas eu não sei, até hoje não deu para perceber qual o tipo de trabalho que eles realizam para ele se é para ficar olhando a porta, a loja para ninguém pegar ou pe-

* Há uma troca entre os logistas e os meninos de rua, contudo não se pode precisar a natureza desta troca.

dir para o grupo não pegar, eu não sei como é que é, eu só sei que sempre acontece, agora eu não sei qual é o andamento disso aí, se é.

(28) - A prostituição é séria. O que você quer saber da prostituição?

* As meninas de rua consideram a prostituição um trabalho.

(29) - Consideram. As meninas, porque para elas, aquilo é o ganha pão.

(30) - Aquilo é contínuo, ali para você vê no DERGO, ali, as meninas de rua dormem todo dia com homem e se deixar dorme até 03 vezes (03 homens) e cobra muito barato. É 10 mil, 05 mil, 50 mil, mas isso é para sobrevivência delas, elas disso aí o seu trabalho, elas ganham para isso e através disso elas conseguem.

* A prostituição é uma atividade contínua entre as meninas de rua.

* A menina de rua se prostitui por preços baixos.

* A prostituição das meninas de rua se justifica pela necessidade de sobrevivência.

(31) - Fala, às vezes fala: - ah, meu pai, tá lá trabalhando, meu pai é lixeiro, ah, meu pai faz isso, mas nunca comenta muito. Fala assim com desprezo, tipo assim: meu pai é isso né? Fala mais nada não.

* Os meninos de rua desvalorizam o trabalho de seus pais.

* Os meninos de rua desvalorizam o trabalho de seus pais porque têm remunerações baixas.

* Os meninos de rua explicam sua vida na rua devido à baixa remuneração de seus pais.

* Segundo o discurso do educador o menino atribui sua vida na rua à incapacidade dos pais de suprirem, através do trabalho destes últimos, as necessidades do menino.

(32) - Eu acho na mente deles pelo que eles falam para a gente que é um emprego que não rende nada, que não dá base para ele, para eles não é valorizado aquele trabalho, eles querem trabalho que dê sustância a família, então se meu pai fosse isso, né, então eu não estaria aqui, muitas vezes eles falam isso: não estaria aqui se não fosse isso. Então eles nunca dão valor na profissão sendo a profissão de nível baixo.

(33) - Como profissão, eles falam assim: Tia, prá quê que você fica fazendo esse trabalho? Prá quê que você fica aqui na rua? sendo que você pode ficar dentro da sala, a gente vai conversar - não, a gente tá querendo conversar mais com você, tá querendo conhecer mais e tal - não, tia quê que isso, não precisa você ficar aqui não, você pode fazer o trabalho, vai trabalhar noutro lugar, ficar aqui no sol, ficar andando no sol, nesse calor, sempre eles falam isso.

(34) - Então, eles acham que nós estamos trabalhando na rua, não vamos ter futuro, eles acham isso, eles são persistentes ainda, a-

* Os meninos de rua não valorizam o trabalho do educador de rua, seja pelo fato do educador atrapalhar suas atividades na rua, seja pela falta de perspectiva profissional neste trabalho.

gora não sei se eles falam isso que nós vamos ter futuro com esse trabalho ou que eles acham nós ficamos assim na rua, nós prejudicamos um pouquinho o trabalho deles. Agora não sei se eles falam por causa disso, mas eles acham que nosso trabalho na rua não tem futuro. Assim, futuro para nós e não para eles, em questão assim que nós deveríamos estar no outro trabalho melhor, noutra coisa melhor, não estamos na rua tal.

(35) - Bom, pelas coisas que eu tenho visto, o trabalho, o que eu vou falar às vezes não vai ser aproveitado, mas eu vou falar para depois chegar onde você perguntou. Assim, o trabalho tem andado muito caído, uma questão que eu já venho trabalhando, as coisas anda muito precárias, não está dando assim continuação, para aquilo que a gente poderia fazer melhor para esses meninos, a casa da criança está cheia de meninos, que ao chegar aos 7 anos são jogados na rua, esses meninos são jogados nas casas comunitária onde não estão tendo nada, esses meninos não estão estudando, esses meninos não estão tendo uma pro-

* O trabalho de educador de rua tem sofrido um sucateamento atualmente.

* Atualmente o trabalho de atendimento ao menino de rua não assegura o seu futuro.

* O menino de rua não é uma pessoa boa nem produtiva.

* Um programa de atendimento eficiente pode assegurar o futuro dos meninos.

* Para realizar um programa de atendimento eficiente é necessário ter educadores preparados e garantir a continuidade do trabalho.

* Atualmente as unidades de atendimento não estabeleceu normas a serem cumpridas pelos meninos de rua.

* A falta de normas a serem cumpridas possibilita a forma-

* Podemos supor que, segundo o educador, a idéia de excesso de liberdade, pautado pela falta de normas e limites, se associa ao desenvolvimento da marginalidade.

fissão, qual será o futuro desses meninos? Eu acho que o futuro para esses meninos pode ter um futuro bom, a partir da gente trabalhando em cima disso aí, eles podem voltar a ser uma pessoa boa, uma pessoa produtiva, basta um trabalho bom mas como está indo a nossa capacidade cada dia diminuída, com pessoas novas e às vezes são jogadas nas unidades sem preparos, sem dar continuidade ao que a gente já começou, e isto está fazendo com que o menino vá para rua continue fazendo o que ele estava fazendo, não volta a questionar que esses meninos, questiona às vezes na rua, esse menino vai para a unidade que não tem normas a cumprir, e aí esses meninos continuam desse jeito, chega aos 14 anos, chega aos 15, 17, 18, aí que ele é jogado mesmo na rua, aí dá um marginal, mesmo, e aí qual o futuro do menino? Depois dos 18?

(36) - O futuro bom não é o futuro da rua, mas o futuro bom prá mim seria assim o menino sair da rua, trabalhar, ter o salário digno, nem que seja o salário mínimo, mas se o menino de rua sair

* O futuro adequado ao menino de rua não está vinculado ao modo de vida na rua.
* Os parâmetros para um futuro adequado do menino de rua são: voltar para a família, trabalhar e estudar.

* O educador parece associar o valor de dignidade do trabalho, não aos produtos deste trabalho, mas ao valor social atribuído ao trabalho em si.
* O educador parece vincular a possibi-

da rua e voltasse para a família e ganhasse pelo menos o salário mínimo, continuasse a estudar, aprender uma profissão, eu para mim seria um futuro bom, não tão bom, mas bom, então para mim o futuro seria isso aí, e cada dia ele procurar melhorar mais.

* A atividade de trabalho é digna independente do quantitativo de sua remuneração.

* O futuro do menino de rua é assegurado através da motivação dele para o trabalho.

lidade de um futuro melhor para os meninos de rua a padrões de valores sociais: família, trabalho, estudo.

(37) - Os meninos de rua não tem sonhos, acho que às vezes eles nem pensam, nem param para pensar.

* Os meninos de rua não alimentam expectativas quanto ao seu próprio futuro.

* Os meninos de rua dizem que seu desejo é de ser marginal e morrer.

(38) - Às vezes nós perguntamos para eles - o quê eles estão achando do futuro - Ah, tia eu quero ser um marginal mesmo. Quero morrer, eles falam isso, quero morrer.

* Por falta de educação familiar, o menino vai para a rua, se marginaliza e se revolta com a sua condição.

(39) - Eles falam isso porque igual o que eu estou falando, eles não são preparados, uns meninos que são saem da família sem preparo nenhum, vem para rua e são marginais mesmo. Ah, continua e eles se tornam revoltados entre si, dentro de si.

(40) - Eu acho que eles sonham só que eles não falam do sonho, porque é através disso aí que nós vamos cobrar, então eles não fa-

* Os meninos de rua alimentam expectativas quanto ao seu futuro, mas não falam sobre elas.

* Os meninos de rua não falam de suas

* O discurso do educador é contraditório: ora nega a formulação de expectativa por parte dos meninos, ora apresenta a natureza

lam, mas eu acredito que eles sonham, eles sonham, eles são seres humanos. Por que eles não sonham?

expectativas de futuro com os educadores de rua, por receio de que estes possam cobrar atitudes dos meninos adequadas às expectativas.

destas expectativas.
* Segundo o educador o menino de rua deseja ter uma família estruturada nos moldes tradicionais.

(41) - Eu acho que eles sonham assim, de um dia ter uma família unida, uma família que dê amor mais a eles, e que um dia sejam uma pessoa igual a gente, no fundo eles gostariam de ser igual a nós, eles olham no educador e fala o perfil do educador, às vezes o menino já saiu da unidade, ele se sente realizado, quando você vai com o menino numa loja comprar alguma coisa, não! você mesmo assina, ou você mesmo faz o seu crediário, já sendo de maior, tal, então a gente sempre tem esse acompanhamento, você vê que eles se sentem realizados.

* Uns meninos de rua desejam ter uma família estruturada nos moldes tradicionais.

(42) - Sempre, eu no meu ponto de vista, o menino que quer ter um futuro, ele sempre fala em trabalho, só que ele não fala o tipo de trabalho que ele gostaria de ter, não sei a resposta fica no ar.

* O menino de rua que quer assegurar um futuro fora do modo de vida da rua associa este futuro ao trabalho.

(43) - Não, o menino de rua não gosta, ou

* Os meninos de rua esperam do trabalho

aliás, eles falam assim, que não trabalha para ganhar um salário mínimo, eles querem ganhar mais. uma remuneração melhor do que o salário mínimo.

(44) - Vêem, fala assim: Dá onde é que eu vou sair da rua prá ganhar salário mínimo, não vou não! - Então eu acho para eles que o salário mínimo é a mesma coisa que a repressão.

* Os meninos de rua não acham vantajoso deixar o modo de vida da rua em troca de um trabalho que lhes rendam um salário mínimo.

* Para os meninos de rua, a perspectiva de trabalho em troca de um salário mínimo é o mesmo que ser submetido a uma punição.

(45) - A menina, vou te falar aqui, não sei se todas as meninas são assim, mas vou ti citar um caso, não sei se todas as meninas, um caso pode ser assim no mínimo às vezes não. Foi um caso que nós fomos visitar o irmão, irmã na rua, aliás, tinha dois irmãos e uma irmã na rua, então esse menino veio para a rua e a irmã veio para a rua, os irmãos mais velhos vieram buscar o menino e agente foi fazer a visita não, nós não queremos a menina porque agora ela é uma mulher de rua, ela é prostituta, prostituta na minha casa não entra. O menino estava lá, o menino podia ficar porque ele é homem, agora eu acho que a diferença do menino e da

* A diferença entre os meninos e as meninas de rua está na questão do gênero masculino e feminino.

* Por causa da questão de gênero masculino e feminino, e dos valores sócio-morais a ele relacionados, o menino de rua tem melhor recepção na família, quando volta da rua para casa.

* A menina de rua sofre mais exploração de natureza sexual do que o menino de rua.

* Ao voltar para casa a menina de rua é considerada pela família, como uma prostituta.

* O educador parece desenvolver um julgamento mais rígido no que se refere ao valor moral da atividade de prostituição da menina de rua, sem mencionar a atividade sexual dos meninos.

* A atividade sexual da menina de rua parece ser vista necessariamente como prostituição, em contrapartida há ausência de referências quanto à atividade sexual dos meninos.

menina na rua, é por ela ser do sexo feminino, mas como se diz, o sexo feminino na rua é mais... explorado, a menina é mais explorada na rua nesse sentido de sexo.

(46) - Ela reage igual, tanto da menina quando do menino, só na hora da menina voltar tem essa discriminação. A menina já é agora de rua mesmo. A prostituta da rua e o menino já não tem tanto aquele...

* A diferença na reação da família, frente ao filho ou à filha que se tornam menino ou menina de rua, é revelada quando ele ou ela procuram voltar para casa.

*O modo de vida na rua desenvolvido pela menina, é considerado pela sua família,

(48) - Um pouquinho diferente, porque os meninos sempre não prostituem, alguns sim, mas nem todos as meninas todos os dias estão se prostituindo. Então, a diferença é nisso aí

mília, como irreversível, pela possibilidade de prostituição.

(47) - Menina? Não conheço nenhuma menina líder de grupo não.

* A liderança do grupo de meninos de rua nunca é exercida por meninas de rua.

(49) - Eu acho que eles acham bom, porque além do mais eles dormem juntos com elas, eu nunca vi meninos questionando com menina sobre isso aí, eles tratam normalmente, naturalmente, porque para o menino de rua, isso aí, o menino de rua não tem... o

* Os meninos de rua entendem o ato das meninas se prostituírem como inerente à liberdade própria do modo de vida da rua.
* Os meninos de rua não desenvolvem juízos de valores moralmente adequados.

menino de rua não acha o que é certo o que é errado, não, se você deu vontade de fazer, faça, ele não questiona isso não, cada um tem uma puta dentro de si, se você quiser liberar ela, libera, se não quiser deixa resguardada, você não fica, né... resguardada aí...

3.1.4. Sujeito Nr.04

TRECHO	PROPOSIÇÕES	OBSERVAÇÕES
<p>(1) - A pobreza é extrema, essa estrutura social que hoje se encontra o Brasil, e são várias situações que o menino sai para as ruas, principalmente a pobreza que faz com que os pais o obriguem a vir para as ruas, exigindo já desde pequeno, uma idade bem pequena, por exemplo 8 e 9 anos a vir para as ruas para trabalhar em qualquer atividade de sub-emprego e exigindo então que eles também ajudem nas despesas da casa, manutenção da casa, então já coloca uma responsabilidade, já de imediato na criança desde pequena.</p>	<p>* São vários os fatores que levam o menino a sair de casa para a rua. * A pobreza é o fator principal que leva o menino a sair de casa para a rua. * Por causa da pobreza os pais obrigam os meninos a irem para a rua em busca de sobrevivência. * A exigência dos pais, para que os meninos busquem um meio de sobrevivência, inicia-se por volta de 08 a 09 anos. * O sub-emprego é visto pelos pais como uma alternativa de sobrevivência do menino. * Os pais exigem que os meninos busquem</p>	<p>* Parece que, por causa da situação de miséria, os pais obrigam os meninos a saírem de casa em busca de sobrevivência.</p>

um meio de sobrevivência, no sentido de dividir a responsabilidade de manutenção familiar.

(2) - A partir do momento em que ele vem para as ruas para ajudar, para comer mesmo, eles começam então com a atividade de pedinte, agente percebe assim, eles vem com a atividade de pedir dinheiro, pedindo comida prá levar para casa, e de repente eles começam então a aprender as manhas das ruas e a partir do momento em que eles sentem facilidade para vir para rua constantemente e eles vêem que na rua está sendo melhor o pai bate, espanca, bebe, e aqui na rua às vezes não acontece nada disso nesse primeiro momento da vida deles aqui na rua.

* Os meninos saem de casa para a rua em busca de sobrevivência.

* Os meninos iniciam-se na rua através da atividade de pedinte.

* Os meninos de rua levam o produto de sua atividade de pedinte para a casa.

* Com o passar do tempo, o constante de ir e vir, entre a casa e a rua leva o menino a estabelecer comparação entre o modo de vida na rua e o modo de vida na família.

* Com o passar do tempo o menino vai avaliando que o modo de vida da rua é melhor que o modo de vida na família.

* O menino de rua sofre maus tratos em casa, por parte do pai.

* Os maus tratos sofridos influenciam no fato dos meninos não quererem mais retornar da rua à casa.

* No início da vida na rua, os meninos não sofrem os maus tratos que sofreram em casa.

(3) - Isso é um espaço assim muito pequeno deles, porque tem menino que consegue não desvincular das famílias,

* Alguns meninos não se desvinculam de suas famílias.

* À medida que vai aumentando o tempo passado na rua o

* Pode-se supor que a saída de casa e permanência na rua segue um processo com etapas definidas:

1) Os pais obrigam o menino a ir para a rua em busca de sobrevivência.

2) o menino sai de casa para pedir coisas.

3) o menino retorna à casa levando os produtos da atividade de pedinte: dinheiro, comida, etc...

4) o menino começa a familiarizar-se com o modo de vida da rua e estabelecer comparações entre este e o modo de vida na família.

5) esta comparação leva o menino a concluir que o modo de vida na rua é melhor.

né, devido à alguns fatores que se encontram e por exemplo aqui, a partir do momento em que ele passa mais tempo na rua, que ele vai se afastando cada vez mais da família, ele vai ficar na rua mesmo, agora tem alguns meninos que esse vai e vem é muito pouco tempo, esse vai e vem é muito pouco tempo porque a partir do momento que ele vai permanecendo mais tempo na rua, esse vai desvinculando totalmente da família e permanece.

menino vai se desvinculando gradativamente de sua família.

* Ao mesmo tempo em que o vínculo com a família vai enfraquecendo, o vínculo com o modo de vida da rua vai aumentando.

* Para alguns meninos o ir e vir da casa para a rua é um processo rápido que resulta na permanência na rua.

(4) - Muitos deles foram para as escolas, muitos deles.

(5)- É muitas vezes a própria escola expulsiva, você sabe disso, porque se o menino tem um comportamento intranquilo, um comportamento um tanto difícil, porque o menino que não consegue ficar parado para ouvir, então geralmente esse é expulso da escola, ou muitas vezes não existe vaga para eles na escola, principalmente nas periferias, então agente já presenciou isso bastante e a expulsão é menino assim de 8 anos às vezes o menino é expulso, então muitas vezes agente percebe que a escola não ajuda nesse primeiro

* Muitos meninos de rua já frequentaram a escola.

* A não permanência dos meninos na escola explica-se pela não aceitação dos meninos por parte da escola.

* O menino de rua apresenta comportamento inadequado às exigências da vida escolar.

* São pré-requisitos para a adequação do menino à vida escolar: comportamento tranquilo, atenção, disciplina.

* Quando o menino não apresenta os pré-requisitos definidos pela escola, ele acaba por ser expulso desta.

* Uma das razões para o menino não frequentar a escola é a falta de acesso por insuficiência de

* Parece haver um encadeamento de idéias no raciocínio do educador:

1) a vida escolar basicamente na atenção e na disciplina.
2) o menino não apresenta os pré-requisitos exigidos
3) a escola não sabe lidar adequadamente com a ausência de pré-requisitos.

* Tais idéias parecem justificar o fato da vida escolar do menino se interromper precocemente.

* Pode-se levantar a hipótese de que o educador percebe uma natureza diferente no menino de rua, mesmo anteriormente à sua vinculação ao modo de vida na rua.

momento de atividade escolar das crianças na escola.

vagas.

* A insuficiência de vagas nas escolas se dá sobretudo, nas periferias da cidade.

* Há casos onde a expulsão da escola se dá muito precoce.

* Uma das razões da não permanência do menino na escola é a inadequação desta última em lidar com o menino.

(6) - Tem muitas influências, porque não existe uma compreensão daquilo que pode ser importante pro menino porque a mãe tem que trabalhar fora, deixa o menino porque você sabe que menino nessa idade ele não tem noção daquilo que pode ser melhor para ele, então a mãe é obrigada a sair para trabalhar muitas vezes e ela é obrigada a deixar o menino sozinho em casa, então quer dizer que durante esse período aí o menino não tem contato nenhum com o pai nem com a mãe durante o período todo, e muitas vezes nem a noite ele consegue ter um contato com a mãe ou com o pai porque eles saem de madrugada, às vezes chega e o menino já está dormindo, outras coisas assim.

* A família influencia no fato do menino não permanecer na escola.

* A família não ensina ao menino o devido valor da escolarização.

* O fato dos pais trabalharem fora de casa impede o seu contato com os filhos.

* A falta de contato entre pais e filhos, configura uma situação semelhante ao abandono.

* O menino pequeno não sabe avaliar o valor da escolarização.

* O educador parece justificar uma suposta falta de importância que a família atribui à escola, pela falta de condições concretas da família para acompanhar a vida escolar de seus filhos.

* Parece que a situação vivida pelo menino em casa, é semelhante à situação de abandono - devido à própria condição precária de sobrevivência - que por sua vez coloca-o diante da necessidade de tomar decisões sem a devida orientação.

(7) - Muitas vezes o primário incompleto, às vezes nunca nem

* A maioria dos pais dos meninos de rua cursaram o primário

* Parece que a não escolaridade dos pais é mais influen-

estudou, é analfabeto mesmo.

(8) - Não, isto não existe influência não, pode até existir influência de ele não estar na escola, muitas vezes agente percebe que o menino vai por si para a escola.

incompleto.

* Alguns pais de meninos de rua são analfabetos.

* O fato dos pais não possuírem escolaridade não influencia necessariamente ano engajamento ou não do menino na vida escolar.

* Alguns meninos por si só procuram o ingresso na escola.

te na busca de matrícula na escola, do que na permanência do menino na escola.

(9) - Tem, porque por exemplo o Adelinho, tem uma família assim até estruturada, e geralmente eles vão para casa mas aquela atividade, aquele contato assim com os pais não existe e muitas vezes eles se sentem um estranho dentro de casa, porque os próprios pais, digo: irmãos deles que não estão vindo para rua, já os coloca como menino diferente.

* Quando o menino de rua contacta eventualmente a família, ele vivencia um sentimento de estranheza.

* Os membros da família discriminam o menino de rua.

* Segundo o educador parece que o menino de rua é visto, tanto pelo meio escolar quanto pelo meio familiar, como alguém de natureza diferente.

(10) - Muitas vezes os pais o recebem de forma bastante negativa, fala assim: - ah, até que enfim você veio seu vagabundo, ou seja, a recepção é muito fria porque os pais ao invés de reagir de uma forma diferente, atendendo aquele menino assim para poder conquistá-los eles fazem com que os meninos se afastem mais ainda e não dá aquela devida atenção de

* Na maior parte das vezes, quando o menino de rua contacta sua família, ele é recebido de modo adverso.

* A recepção adversa da família ao menino de rua contribui para que este último não se fixe na família.

chegar perto do menino e conversar, procurando entender o menino, isso não existe.

(11) - Sim, eu já acompanhei um caso por exemplo, um menino que voltou para casa,. Por exemplo igual o Eltinho que agente esteve acompanhando, eles vão para casa, mas eles chegam em casa e sentem como se quilo não fosse a casa deles, porque ele já tem uma experiência muito a mais do que aquilo que tá na casa deles, e a mãe o recebe friamente, sem muita conversa com o menino, ele fica por ali assim um pouco, quando pensa que não, ele torna a voltar para a rua, e às vezes ele passa uma semana ou mês, duas semanas assim que ele não volta mesmo para ca, o menino de rua.

* O educador de rua intervém no sentido de fazer o menino voltar para sua família.

* Quando o menino de rua volta para casa, ele não sente mais aquele ambiente como seu.

* As experiências vividas no modo de vida da rua são de natureza diferente das experiências próprias ao modo de vida na família.

* A natureza das experiências vividas no modo de vida da rua dificulta a adaptação ao modo de vida familiar.

* Sempre que há uma tentativa de retorno do menino de rua para casa, esta se desenvolve em um período de tempo curto.

* O retorno do menino de rua à vida familiar nunca é definitivo.

* Parece que, para o educador as exigências vividas pelo menino no modo de vida da rua trazem implicações para o seu desenvolvimento, de tal modo que interferem nas tentativas de readaptação ao modo de vida na família.

(12) - Eles falam que a família deles não presta, que a mãe, que não gosta da mãe, que o pai bate demais, geralmente eles falam muito isso: que o pai espanca, que o pai é ruim, e que a casa deles é ruim e que eles não tem televisão.

* Os meninos de rua dizem não gostar da família.

* O sentimento negativo dos meninos de rua, quanto às suas famílias, explica-se pelos maus tratos em casa e pela falta de condições materiais da família.

* Nota-se que o educador apresenta em seu discurso uma semelhança ao discurso dos outros entrevistados no que se refere ao desejo dos meninos de pertencerem a uma família estruturada nos moldes tradicionais e uma diferença, à medida em que vincula explicitamente esta

(13) - Eles falam, é ruim porque não tem televisão, não tem aquilo que eles precisam de ter,, que eles gostariam de ter por exemplo, uma televisão, uma casa boa, porque às vezes eles moram em um lugar até úmido, que não tem piso, não tem nada, então eles falam que é ruim a casa deles que não presta.

* Os meninos de rua desejam ter uma família estruturada nos moldes tradicionais.

estrutura familiar à possibilidade de manutenção de um padrão material.

(14) - Bem, acho como todas crianças gostariam de ter, um lar onde tivesse pais bem estruturados, uma casa boa, que tivesse o quarto deles, que tivesse som, que tivesse vídeo-cassete, bicicleta, uma bola...

(15) - Roubam né! o que é mais comum.
 (16) - Bater bolsa, atacar as pessoas para adquirir objetos, correntes, essas coisas e mais a noite tem o ... e também roubo, que eles falam que é uma diferença entre furtos e roubos.

* A atividade mais comum no modo de vida do menino de rua é o roubo.

* Os meninos de rua estabelecem uma diferença entre furto e roubo.

(17) - Eles brincam, eles cheiram cola, esmalte e vários tipos de tóxicos.

(18) - Eles pedem também.

(19) - Não, eles não pedem muito porque eles falam que as pessoas não dão nada prá eles, então eles

* As outras atividades que fazem parte do modo de vida da rua são brincar, uso de substâncias tóxicas e pedir coisas.

* A atividade de pedir é pouco frequente entre os meninos de rua.

* Os meninos de rua

* Parece que segundo o educador, as atividades principais do modo de vida da rua são roubo (furtos) e uso de substâncias tóxicas.

* Parece haver forte ligação entre a atividade do roubo e o uso de substâncias

não pedem, eles atacam as pessoas principalmente nos pontos de ônibus, para pegar os passes, vender e comprar esmalte.

roubam para obter recursos para comprar substâncias tóxicas.

(20) - Prostituição eles só fazem, mas que é uma preocupação muito grande que é essa questão da prostituição. Eles agem mais durante a noite, as meninas se prostituem por exemplo no caso lá no DERGO é uma concentração muito grande de meninas se prostituindo, inclusive os próprios meninos também.

* A prostituição é uma das atividades presentes no modo de vida da rua.

* A prostituição é uma atividade presente tanto entre as meninas, quanto entre os meninos.

* As meninas de rua se prostituem frequentemente.

* A prostituição das meninas de rua explica-se pela necessidade de sobrevivência.

* É difícil de se concluir, a partir do discurso do educador, qual a diferença entre a natureza da prostituição da menina de rua e da prostituta profissional. Não fica claro, por exemplo, se há diferenças quanto à frequência e aos procedimentos básicos, que caracterizam a relação entre oferta e procura

(21) - É constantemente pelo fato dela estar vivendo aquela atividade para sua própria sobrevivência, então por exemplo ela está com fome e precisa de um dinheiro ela se prostitui, ela acompanha uma pessoa qualquer.

* A menina de rua se prostitui por pouco dinheiro.

* No caso da prostituição, o julgamento do educador é de que a menina de rua não faz uma avaliação correta em termos de custo-benefício, devido à necessidade imediata de sobrevivência.

(22) - Bom, a menina de rua é o momento aquele, momento ali que ela precisa, pela fome às vezes, e a prostituta já é uma profissional, ela já existe uma coisa a mais porque ela não vai se entregando por micharia, por coisa pouca e a menina de rua não, qualquer dinheiro, qualquer coisa ela se entrega.

(23) - Geralmente em grupo.

(24) - Talvez seja a força de grupo, a força de liderança que exige, porque o menino sozinho geralmente ele não age, ele sempre está com um ou em grupo.

(25) - Também para está intimidando a sociedade, porque geralmente em grupo o pessoal tem um certo receio deles, em grupo eles tem mais força na hora de agir e existe aquela proteção, por exemplo existe aqueles que estão ali para proteger por exemplo assim: se eles se defrontam com uma situação de uma pessoa que ele está atacando, aquela pessoa reage, o grupo está ali para defender.

* Geralmente os meninos de rua vivem em grupos.

* A ação do menino de rua sozinho, fora do grupo, se dá raramente.

* A vida dos meninos de rua em grupos justifica-se pela segurança que estes podem proporcionar.

* A segurança proporcionada pelos grupos de meninos de rua é garantida pela intimidação que estes grupos provocam na sociedade.

* Parece que no modo de vida dos grupos de meninos de rua existe uma relação entre a segurança de cada um dos seus membros e a capacidade do grupo em desenvolver atividades que intimidem outros segmentos sociais.

(26) - Tem todos os grupos tem aqueles líderes, chefes e que aquilo ali só fazem de acordo com o que o outro fala para eles fazerem. Então aqui por exemplo, no centro, agente percebe vários grupos, e o grupo não se afina com outros grupos, então fica um grupo agindo daqui e independente do outro grupo e eles não procuram se juntar todos em um grupo só não.

* Os grupos de meninos de rua são organizados em torno de um líder.

* Os diferentes grupos de meninos de rua agem de modo independente entre si.

* Não há cooperação entre os grupos de meninos de rua.

* Parece que os grupos de meninos são organizados em torno de um líder, que distribui e assegura as regras do grupo. Há indícios de que a base da liderança seja o uso da força física.

* Parece que o modo de funcionamento dos grupos de meninos de rua assegura que as diferenças que possam ocorrer entre a liderança e membros permaneçam e sejam resolvidas no interior do grupo

(27) - À partir da força.

(28) - Na porrada, geralmente é assim.

* A liderança dentro de um grupo de meninos de rua se estabelece através da força.

(29) - Geralmente no grupo tem essas regras, então por exemplo se eles furtaram ali, conseguiram um objeto eles dividem entre si, então a liderança ali é que vai determinar como que tem que ser.

* Os grupos de meninos de rua através de regras determinadas e asseguradas pela liderança.

* Quando um membro do grupo de meninos de rua discorda do líder, as diferenças são resolvidas através de discussões e

(30) - Não, aí no caso eles discutem entre si, eles vão se discutindo às vezes tem até briga entre o grupo, tem porrada, tem tudo isso aí, porque às vezes uns não quer fazer exatamente o que o grupo quer junto com a liderança, porque ali eles se afirmam primeiro entre eles.

ou do uso da força física.

* As diferenças intra-grupais não ultrapassam as fronteiras do próprio grupo de meninos de rua.

(31) - Bom, num primeiro momento esse menino não entra, assim de imediato, então ele está ali fica à parte, o grupo fica de lá, então a partir do momento que ele é um menino... que tem alguma característica que facilita as atividades por exemplo, furto, igual o Eltinho que eu vejo por exemplo, muito pequenininho que começou agora na rua e já está enturmando, é porque ele é muito

* O menino de rua não é admitido de imediato pelo grupo.

* A facilidade ou não da entrada de um menino no grupo de rua depende das características pessoais do primeiro, em relação às habilidades requeridas para as atividades do segundo.

esperto, ele entra em qualquer buraco que existe e ele tem uma facilidade muito grande para entrar dentro das lojas, então o grupo o aprova.

(32) - Tem, tem as provas sim, por exemplo, o menino tem que demonstrar... porque o menino ele por exemplo, se for um menino assim intimidado, que tem receio, eles não aceitam de jeito nenhum, eles começam a bater no menino e aí procura de qualquer forma, e colocar esmalte para ele cheirar, então eles fazem toda tentativa com o menino ali, eles testam o menino de toda forma nesse sentido. Batem no menino por exemplo, se ele não consegue reagir, eles não aceitam no grupo, então é um menino que aceita realmente tudo que eles fazem então eles vão testar através do esmalte, através da cola, através das drogas. Então se o menino consegue por exemplo: reagir dentro de tudo isso, aí aceitar tudo isso, desempenhar bem, aí eles aceitam no grupo.

* O menino que está iniciando de vida de rua é submetido a determinadas provas para ser admitido num grupo já formado.

* Alguns meninos, após serem submetidos às provas, não são aceitos dentro de um grupo já formado.

* As principais provas para a aceitação num grupo de meninos de rua são: uso da força física e uso de substâncias tóxicas.

* Parece que o processo de admissão de um menino novato em um grupo já formado, abrange a submissão do menino a determinadas provas, que incluem o uso da força física, capacidade de reação à agressão física, e uso de substâncias tóxicas e obediência às regras do grupo.

(33) - Bom, eles falam que na rua eles tem tudo, que muitas vezes eles até cri-

* Os meninos de rua falam que a rua lhes proporciona tudo que eles necessitam.

* Pode-se supor que os meninos de rua são capazes de desenvolver uma avali-

ticam agente falando assim: vocês passa um mês aqui para receber um salário e nós por dia conseguimos ganhar muito mais do que vocês. Muitas vezes eles falam isso, principalmente aqueles que estão mais na rua.
(34) - É uma coisa boa para eles.

* Os meninos afirmam que o modo de vida na rua é mais lucrativa do que fora dela.
* A rua é vista pelos meninos como uma alternativa efetiva de sobrevivência.

ação crítica do tipo custo-benefício entre o modo de vida da rua e outros modos de vida fora dela.

(35) - Eles sentem muito mal com isso aí, porque eles acham assim que eles tem direito como todo mundo, e é uma circunstância pelo fato deles estarem na rua então eles comentam, criticam muito a questão da violência da polícia, porque não os respeitam e eles sabem perfeitamente que a polícia está conivente com a situação deles aí, no fato por exemplo de estar compartilhando também dos roubos como também o governo rouba. Para eles é o seguinte: se o governo rouba, se a polícia rouba, porque eles são diferentes dos outros? Porque?

* Os meninos de rua percebem o fato de estarem na rua como circunstancial.
* Os meninos de rua têm uma concepção de direitos.
* Os meninos de rua fazem uma comparação entre os seus direitos e os direitos de outras pessoas.
* Os meninos de rua têm uma concepção crítica quanto à violência policial.
* Os meninos de rua gostariam de se ver livres dos obstáculos colocados pela sociedade às suas atividades.

* Parece que os meninos de rua são capazes de desenvolver uma avaliação crítica da relação ente os seus direitos e os direitos de outros segmentos da sociedade, e por implicação, uma avaliação crítica da agressão à qual são submetidos.

(36) - Bom, eu acho o seguinte: que se eles querem ficar na rua mas eles queriam estar livres dessas situações de violência, porque como ser humano eles acham que eles não poderiam estar apanhando,

apesar deles estarem infringindo as leis. No caso aí deste facto. E... não eles acham que eles tem o direito de tá vindo e indo nas ruas da forma que eles quiserem.

(37) - Bem, eles acham que são diferentes dos outros pelas atitudes deles, por exemplo: agente tenta conversar com eles colocando, o porque que eles acham que são diferentes? "Vocês são iguais a todo mundo, vocês são cidadãos como todos, e porque que vocês não vão procurar desenvolver nessa... Como que vocês não vão desenvolver a vida de vocês como todo mundo, porque nós somos todos iguais, e aí eles falam: -"não tia nós não somos todos iguais, nós somos completamente diferentes, porque agente é pobre, a gente não tem nada, o pai da gente é ruim, bate na gente demais, bebe, não tem nada para comer, então nós somos diferentes.

* Os meninos de rua se consideram diferentes das outras pessoas.

* Os meninos de rua não aceitam a idéia de serem iguais às outras pessoas.

* Os meninos de rua explicam a diferença entre eles e os outros, pelas condições de pobreza de sua família e pelas relações afetivas insatisfatórias entre seus membros.

* Parece que a natureza do discurso do educador de rua, durante a sua intervenção junto ao menino de rua, é retórica, afirmando uma suposta igualdade de direitos e de condições sociais, de ascensão.

* Pode-se supor que os meninos de rua desenvolvem uma percepção crítica da divisão da sociedade em classes sociais e portanto da relação entre a situação por eles vivida na rua e a classe social de origem.

(38) - Sim, a maioria deles já tiveram atividades de subempregos, como engraxate, vender laranjinhas, é, inclusive pelo Pró-Jovem como agente já encaminhou vários deles,

* A maioria dos meninos de rua já desenvolveu alguma atividade de subemprego.

* O educador intervém no sentido de engajar o menino de rua numa situação de

* Parece que a intervenção do educador centra-se na preocupação em engajar o menino de rua, em uma situação de trabalho, não importando quais as características desta

só que agente percebe que a profissionalização desses meninos é muito negativa nessa questão, então coloca-se o menino no trabalho como pró-jovem, não tem carteira assinada e ele completa sua maioria, desliga e é jogado aí pelas ruas, depois sem nenhum trabalho, nem nada.

trabalho.

* O engajamento do menino de rua numa situação de trabalho, como produto da intervenção do educador não inclui necessariamente aprendizado de uma profissão específica, ou a garantia dos direitos trabalhistas.

* Geralmente, após atingir a maioria o menino de rua não é alvo de intervenção dos educadores encontrando-se sem emprego e sem qualificação para o trabalho

situação.

* Parece que após a maioria do menino de rua, a intervenção do educador é interrompida.

(39) - É por ele achar que vender laranjinha não ganha nada e passa a perceber que não dá, vende muito pouco, ganha pouco, então eles vão percebendo que se furtar, eles ganham muito mais.

* O menino de rua percebe que a atividade de sub-emprego lhe traz menos remuneração que o furto.

* Parece que o futuro como atividade para a sobrevivência é decorrente da avaliação que o menino faz entre a relação custo-benefício da atividade de sub-emprego.

(40) - Trabalham.
(41) - É um trabalho que não oferece nada, porque o pai por exemplo trabalha, ganha salário mínimo e que o mínimo não dá para manter a família por exemplo, várias crianças, a mãe, e assim uma família inteira.

* A maioria dos pais dos meninos de rua têm uma atividade de trabalho.

* Os meninos de rua não valorizam o trabalho de seus pais, porque este não gera recursos suficientes para suprir as necessidades da família.

(42) - Eles menosprezam o trabalho dos pais.

(43) - Bom, aí nesse caso, eles acham o

* O educador procura exercer uma inter-

* Parece que na concepção do educador:

seguinte: muitas vezes ele acha que o trabalho do educador social de rua é apenas para defendê-los da violência, como por exemplo: ele agiu e muitas vezes os meninos interpretam dessa forma, que as tias boas estão ali na rua, vão defendê-los de algum perigo na rua, portanto eles podem ficar na rua na forma que eles quiserem, mas agente tenta mostrar para eles que agente não está ali o tempo todo e que agente não está ali para proteger as coisas erradas que eles fazem e que muitas vezes a polícia por exemplo está repreendendo-o naquele momento, agente também está ali para interferir na ação da polícia, sendo que eles estão agindo errado e que agente está apenas ali para defendê-lo do policial de bater, espancar.

venção no sentido de proteger os meninos de rua da violência.
* Os meninos de rua entendem que a função principal do educador de rua é defendê-lo da violência, qualquer que seja a situação.

* O papel do educador deve ser o de evitar o abuso violento da ação policial, mas não impedi-la no cumprimento das leis.

1) o menino não tem noção do que é certo ou errado

2) independente da natureza (certa ou errada) do que o menino de rua faz, ele espera a proteção do educador.

3) Uma das maneiras do menino aprender a noção de certo/errado, é ser submetido efetivamente às punições que podem advir das ações consideradas erradas pela sociedade.

(44) - Não é como uma profissão qualquer, inclusive eles falam que não gostariam de estar nesta profissão, principalmente aí na Assistência Social, porque ninguém ganha bem.

Os meninos de rua não valorizam a profissão do educador de rua porque é mal remunerada.

(45) - Gostariam de ser eles, que queria dar uma porrada nesses policiais.

* Os meninos de rua valorizam a profissão do policial pela permissão social de

usar a força física.

(46) - Eles não valorizam não, eles tem o maior terror dos policiais.

(47) - Muitos deles gostariam.

(48) - Porque eles gostariam de ter a força, o poder o qual eles não tem porque o policial usa muito o poder para está agindo.

(49) - Eu acho que sim, devem saber.

(50) - Dentro dessa política nossa, essa política social vigente no Brasil, principalmente aqui em Goiânia, eu realmente não vejo um futuro bom para esses meninos não.

* Considerando-se a estrutura social do país, não se pode prever um bom futuro para os meninos.

* O educador supostamente elabora uma avaliação crítica da realidade do país e das condições objetivas de modificação da situação das famílias dos meninos de rua.

(51) - É uma vida digna que tenha condições de ter uma moradia, que tenha uma boa escola, educação e saúde.

(52) - Jamais, pelo menos dentro dessa estrutura social a qual nós vivemos hoje, política e social que agente vive hoje é muito difícil.

* Vida digna define-se por condições materiais para suprir as necessidades básicas, o que é impossível de ser conquistado pelos pais dos meninos de rua.

(53) - Eles sonham, de ter uma vida boa, de poder comer, se vestir muito bem, geralmente agente ouve eles falarem isso, eles dão muito valor a essas condições, poder ter o

* Os meninos de rua sonham com um modo de vida que lhes assegure a satisfação das necessidades básicas.

seu cantinho, poder viver sem a interferência da polícia.

(54) - Eles estão muito distantes desse trabalho, principalmente porque a maioria são analfabetos e geralmente quando existe uma possibilidade de um trabalho eles já não tem condição de estar nesse trabalho então eles já percebem assim que eles jamais vão ter condições de estar trabalhando pelo fato de exigir um grau de estudo que eles não tem e muitas vezes eles preocupam muito com a carteira de trabalho, os documentos prá ser um cidadão comum como todo mundo, e por exemplo igual esses dias chegou um rapaz quando eles chegam por exemplo nessa maioria que eles falam muito, se preocupam muito, por estarem muito mais afeito a violência da polícia, então eles começam a se preocupar em trabalhos, então nesse momento eu vejo que eles se preocupam com o trabalho quer que agente encaminhe eles para um trabalho e pedem para arrumar emprego, sempre eles estão a procura disso aí, mas antes não, eles não preocupam tanto com esse trabalho e quando eles chegam

* Os meninos de rua não tem acesso a um trabalho formal por falta de escolarização.

* Os meninos de rua percebem a relação entre a escolarização e engajamento no trabalho formal.

* A preocupação com o engajamento no trabalho e com a escolarização, entre os meninos de rua, aumenta com a chegada da maioria, medida que esta os torna mais vulneráveis diante da polícia.

* Os meninos de rua, ao atingir a maioria, solicitam ao educador de rua o apoio para obtenção de emprego.

* Parece haver uma tomada de consciência do menino de rua, ao atingir a maioria, das relações:

a) escolaridade e obtenção de trabalho;

b) maioria e vulnerabilidade penal.

nessa fase eles se preocupam.

(55) - A menina de rua não tem diferença não, eu acho que não. Agora no momento assim de agir existe essa diferença, um porque ela fica mais assim de retaguarda se bem que hoje agente percebe assim que essas meninas estão agindo tal qual os meninos, porque fica os meninos na retaguarda e a menina vai na frente, agindo também. E pode também ter uma diferença pelo fato da prostituição e a consequência dessa prostituição pra menina, que para o menino não existe essa consequência.

* Não há diferença efetiva entre o desenvolvimento do menino de rua e da menina de rua.

* Um dos fatores que podem diferenciar o desenvolvimento do menino e o da menina de rua relaciona-se com as consequências da resultantes da prostituição para as meninas.

* A prostituição traz diferentes implicações para a menina e para o menino.

* Para o educador, existe uma diferença nas consequências da relação entre gênero masculino e feminino, e a atividade de prostituição.

3.1.5. Sujeito Nr.05

TRECHO	PROPOSIÇÕES	OBSERVAÇÕES
(1) - O que faz o menino sair de casa na verdade são vários fatores mas nós vamos pegar os maior interesse - primeira coisa é a própria condição familiar, o pais veio geralmente do interior, a mãe	<p>* O fato do menino sair de casa para a rua deve-se a vários fatores.</p> <p>* O principal fator que explica a saída do menino de casa para a rua é a condição financeira da família.</p>	<p>* Parece que a saída de casa para a rua é um processo gradativo.</p> <p>* Parece que a saída dos meninos, de casa para a rua, se deve principalmente à falta de condição financeira da família.</p>

veio do interior, semi-analfabetos, chegam na cidade grande em busca de trabalho, melhoria de vida, ter sua casa própria, ter uma alimentação mais digna e quando eles chega na cidade, eles na verdade não encontram nada disso e geralmente nem um serviço pesado eles conseguem e vai distribuindo desavenças entre a família e atinge primeiramente os filhos, aí como alternativa os filhos menores tem que procurar um tipo de trabalho, eles procuram em serviço como: lavar carro, engraxar, e geralmente limpar lotes das pessoas. Então esse trabalho leva a criança a tomar gosto por uma liberdade que antes ela não tinha, ela passa a conhecer um mundo que antes não conhecia, ela passa a ter oportunidades que antes não tinha, aí o que acontece; a criança volta para casa todo dia levando

do um pouco de dinheiro, aí os pais vai aceitar aquela pente as crianças encontram com outra criança que já passou pela aquela mesma situação mas só que está num processo mais avançado, porque uma criança que já conhece o sexo, conhece cola de sapateiro, determi-

* A maior parte das famílias dos meninos de rua são provenientes da zona rural.

* A maior parte dos pais dos meninos de rua são semi-analfabetos.

* A mudança da família da zona rural para a cidade se deve a busca de melhoria na condição de vida.

* O fato dos pais dos meninos serem semi-analfabetos torna difícil a obtenção de empregos que gerem recursos suficientes para suprir as necessidades básicas da família.

* A condição precária da família resulta em interações afetivas difíceis entre os membros da família.

* O fato dos pais não obterem recursos suficientes para suprirem as necessidades da família leva à alternativa dos filhos menores saírem de casa à procura de uma atividade de sub-emprego.

* Ao saírem de casa em busca de um sub-emprego o menino entra em contato com um modo de vida anteriormente desconhecido.

* A saída de casa para a rua, por parte do menino, traz alternativas para a satisfação das necessidades básicas do menino e da família.

* O fato dos meninos voltarem para a casa

lia.

* Pode-se supor que as condições precária da família levam o menino a assumir responsabilidades semelhantes às dos adultos na busca de recursos para suprir as necessidades básicas da família

nados tipos de comprimidos, aí ela começa de início a rejeitar mas aí para ela fazer parte dessa comunidade ela vai ter que aceitar, aí ela começa fazendo assim, aí derrepente ela começa a dormir na rua, então para mim o fator que implica é o fator educação.

diariamente leva os pais a permitirem que eles retornem à rua.

* O menino vai se familiarizando com o modo de vida da rua através de outro que já está inserido há mais tempo.

* No início o menino tende a rejeitar determinadas características do modo de vida da rua, mas acaba assumindo-as para ser aceito.

* À medida que o menino vai se familiarizando com o modo de vida da rua, vai aumentando a frequência das dormidas na rua e vai diminuindo a frequência dos retornos à casa.

(2) - Não, não tem nenhum momento, que na verdade nenhum menino queria ser um menino de rua, é a própria situação que ele vai ficando que quando chega a parte do medo, a rua já é mais forte do que o próprio medo do maltrato que eles tem.

* A decisão do menino para permanecer na rua não acontece num momento particular: trata-se de um processo.

* Nenhum menino gostaria de ter se tornado um menino de rua.

* O modo de vida na rua contém situações caracterizadas por mal-tratos.

* O medo dos maltratos, presentes no modo de vida da rua é superado pelas facilidades encontradas neste mesmo modo de vida.

(3) - Eu diria assim que 10% deles a 20% conheceram a escola,

* A maior parte dos meninos de rua já estiveram na escola,

mas nem sequer foram alfabetizados.

(4) - Já, a maior parte deles eu acredito que 100% deles já foram pelo menos uma semana nos colégios.

mas não se alfabetizaram.

(5) - A estrutura da escola nós não temos nas escolas estaduais ou municipais preparadas para um trabalho sócio-educativo nós temos escolas que ensinam as duas discriminações: uma ensina a mandar a outra ensinar a fazer, e a outra que eu diria que é essa escola mal preparada que nós temos tanto estadual como municipal que ensinam a ser submissos e é justamente essa escola de ser submisso é que eles caem nela.

(6) - Essa criança para ela ir para a escola é a coisa mais fácil do mundo, porque o sonho de toda criança é ir para a escola, então no momento que eles tem esse sonho, vai a escola e chegam nessa escola e o professor não está preparado para lidar com criança, a diretora não tem um ensinamento para passar para esses professores, as secretárias de educação também não tem preparo, se existe algum preparo dela, ela não passa esse

* Os meninos não permanecem na escola devido à estrutura educacional da mesma.

* As escolas públicas não estão preparadas para trabalhar com crianças carentes.

* A escola pública está voltada para um ensino centrado na obediência e submissão.

* O sonho de toda criança é ir para a escola.

* O fato da criança ser carente não é o empecilho para ela desenvolver sua es-

colaridade.

* Um dos empecilhos para a criança carente desenvolver sua escolaridade é a atitude discriminatória da professora relação à criança.

* A motivação da criança carente para aprender acaba sendo reduzida aos maus tratos da professora.

* Pode-se supor que a atitude discriminatória da professora leva ao desenvolvimento de uma interação de natureza tal que se traduz em

última análise em maus-tratos, que, por sua vez, resultam num distanciamento da criança em relação à escola.

preparo, eles guarda essa preparação de como lidar com a criança carente com a criança pobre ela não passa até chegar ao professor. Então quando essa criança chega lá e vai perdendo o vínculo do sonho que ela tinha que é o de aprender a ler, a professora invés de ensinar ler fica chamando elas de burro, de feio, pretinho, unha suja, cabeça suja, orelha suja, sendo que isso é um dever da professora ensinar a educação, ela fica é discriminando o próprio menino. Aí esse menino que já foi discriminado um tempo todo ele não vai aceitar mais esse tipo de discriminação, porque ele foi para aprender e na verdade ele está sendo maltratado.

(7) - O fator econômico da família deles interfere totalmente pois se ele fosse de uma família de poder aquisitivo mais elevado, ela não ia para uma escola municipal.

* As condições econômicas da família da criança carente são um dos fatores que influenciam na não permanência da criança na escola.
* A única alternativa da criança caren-

* Pode-se supor que o educador tem uma visão crítica dos valores sociais padronizados (modo de se vestir, asseio, cor-da-pele, etc.), que regulam o funcionamento da escola

(8) - Atrapalha o menino branco tem uma aceitação melhor, o menino que vai mais bem vestido, o que tem dente mais bonito tem a pele mais bonita, todos esses tem aceitação melhor, então esse é o fator econômico

te é a escola pública.
* A origem étnica e a aparência geral da criança interferem na natureza da relação que as professoras estabelecem com ela.
* As condições econômicas precárias da

pública, o qual, por sua vez, resulta num modelo particular de interação professor x aluno.
* Parece que o educador descreve um círculo vicioso: a carência econômica da família não permite que a criança

que implica a rejeição desses meninos que precisam muito mais do que os dos outros.

família não permitem à criança carente inserir-se nos padrões de vida exigidos pela sociedade (e, portanto pela escola).

que dela provém, se apresente dentro dos padrões de aparência exigidos pela sociedade, o que, por sua vez, leva ao desenvolvimento de interações sociais no meio escolar baseadas na discriminação; a discriminação, traduzida em maus-tratos, leva a criança a abandonar a escola e perder as possíveis futuras oportunidades de mudar de condição de vida.

(9) - Tem 4º ano primário, eu acredito que os pais desses meninos não tem mais que o 4º ano primário.

* A maioria das pais dos meninos de rua tem uma escolaridade que vai até o 4º ano primário no máximo.

(10) - Tem contato com a família. A maioria deles não gostam da família, pelo fator de vergonha que parece mais agente engana muito em relação a orgulho, vergonha e dignidade que é uma coisa que eles mantêm e de certa forma até se orgulham de ter essa coisa, então do momento em que eles perderam, que eles se sentem que não tem mais motivo para estar em casa, ele se sente envergonhado do seu pai e da sua mãe, envergonhado por tá na rua, por tá sujo, tá mexendo com cola e outros tipos de coisa.

* Os meninos mantêm contato com suas famílias.

* Os meninos de rua, depois de inseridos no modo de vida da rua, passam a ter vergonha do fato de serem meninos de rua diante de seus pais.

* A maioria dos meninos de rua não mantêm contato com a família.

* Há um momento, na trajetória do menino na rua, em que á medida que ele deixa de retornar à casa, ele perde o vínculo afetivo com a família.

* Os meninos não elaboram perspectivas futuras nem em relação à família, nem em relação a sí

* O educador conecta a perda do vínculo com a família, por parte do menino de rua, com a perda de perspectivas futuras de vida, que não a continuidade do modo de vida na rua.

* Parece que o discurso do educador apresenta uma contradição em relação à manutenção ou não dos vínculos e contatos com a família.

(11) - 90% deles não vão ver a família, não tem contato com a família.

(12) - A família deles acredito que do momento eles perdem o vínculo da casa deles, automaticamente eles perdem o vínculo da família e o que eles pensam dessa família é a mesma coisa que eles pensam neles quer dizer: nada. Eles não pensam nem na família, nem neles.

(13) - Não.

(14) - Não, eu acredito que o sonho deles em relação a família fica muito nebuloso, que o sonho deles, eles deixaram esse sonho quando eles deixaram a casa, aí eles deixaram o sonho deles na casa em relação a família, aí eles tinham que ter esse vínculo para despertar um sonho em relação a família, deveria ter um processo de conversação para eles voltarem para a família, porque amor eles continuam tendo, mas o sonho do momento em que ela não volta mais na casa ele não tem sonho em relação a família.

(15) -A atividade deles são várias, eles na verdade parece um bando de formigas sempre trabalhando de um lado para o outro e sem-

próprios.

* Os meninos de rua geralmente não se referem às suas famílias.

* Ao deixar a casa de sua família o menino de rua perde o vínculo afetivo com a família e, com isso, perde as perspectivas com relação a ela.

* Ao deixar a casa, o menino de rua perde o vínculo afetivo com a família, e deixa de alimentar

desejos relativos à esta família.

* O vínculo afetivo com a família é essencial em relação à própria família.

* Um dos aspectos da intervenção, junto a meninos de rua, deveria ser a manutenção do vínculo deles com suas famílias.

* Apesar da falta de contato dos meninos de rua com suas famílias, permanecem sentimentos amorosos por parte dos meninos.

* Os meninos de rua desenvolvem vários tipos de atividades.

* Os meninos de rua estão em atividade constante.

* As principais ati-

Parece que o educador ao indicar as atividades dos meninos de rua, alenca somente aquelas consideradas negativas pela sociedade: usos

pre em busca de alguma coisa, eles estão constantemente em busca de alguma coisa e dentre a essas coisas eles estão em busca só da cola de sapateiro, do comprimido, do cigarro, de tomar pertences dos outros, em busca de uma certa agressividade em relação a outras pessoas fisicamente mais frágil que eles.

vidades desenvolvidas pelos meninos de rua são o uso de substâncias tóxicas, os furtos (roubos) e a agressão contra outras pessoas.

de tóxicos furtos, agressividade.

(16) - Geralmente, andam em grupo.

(17) - Porque é mais fácil para eles se defenderem e deles atacarem também. então por isso eles formam o grupo deles.

* Geralmente os meninos de rua andam em grupos, por questão de defesa.

(18) - O grupo funciona de uma maneira só, é um grupo que é formado de crianças acima de 14 anos até os 18 pouquíssimos nessa idade, geralmente no grupo pequeno para ter pessoa de 18 são poucos e dentro desse grupo eles escolhem um para ser o líder deles, aí dentro desse que é escolhido tem um outro que é o protegido, esse protegido é o pequenininho, o menor, aquele que ninguém vai espancar ele porque ele é frágil. Então eu acho interessante é isso que eles escolhe para líder e outro para

* Os grupos de meninos de rua têm um mesmo modo de funcionamento.

* Na maior parte dos grupos de meninos de rua membros têm idade entre 14 e 18 anos.

* Nos grupos, os meninos com 18 anos são minoria.

* O grupo de meninos de rua tem dois papéis principais: O líder e o protegido.

* O líder é escolhido pelo grupo de meninos de rua.

* O membro protegido, dentro de um grupo de meninos de rua, se caracteriza por atributos físicos particulares: estatura pequena e

* Pode-se supor que a organização dos grupos de meninos de rua esteja centrada no desenvolvimento das atividades próprias ao modo de vida da rua, atividades estas que parecem ser asseguradas principalmente por dois membros que desempenham papéis particulares: o líder e o protegido.

* Parece que a liderança, dentro de um grupo, é determinada pela capacidade do membro escolhido em gerenciar as atividades do grupo.

ser o protegido deles.

(19) Eles escolhe pela agilidade.

(20) - Não, é uma coisa que cresce ali com eles, e aquele que tem mais noção da hora certa, do ataque, da hora que não deve fazer um ataque, um arrombamento desse tipo da coisa assim. Essa pessoa geralmente toma conta do grupo, esse grupo todos obedece a essa pessoa, e todo esse grupo tira até roupa do corpo para o protegido não passar frio, fome, então o protegido é privilegiado pelo grupo. Todo grupo tem o líder e o protegido.

aparência frágil.

* O grupo de meninos

de rua escolhe seu líder a partir da demonstração de competência, parte do membro escolhido, nas atividades próprias ao modo de vida na rua.

* No grupo de meninos de rua todos os membros obedecem ao líder.

* O protegido tem sua sobrevivência assegurada pelos outros membros do grupo.

(21) - Esse processo de decisão é muito interessante que geralmente eles tem o olheiro, e o olheiro não tem nada a ver com o grupo, olheiro é uma pessoa que não é um menino de rua, não fio menino de rua, então essa pessoa chega no lugar da cachanga, ou seja na loja, na boutique, então ela fica fazendo ou seja entrando e saindo às vezes até durante uma semana às vezes chega até a comprar alguma coisa lá prá ver como funciona o sistema de alarme desse estabelecimento. Aí vai e passa essa coisa para o

* O grupo de meninos de rua planeja a curto e médio prazo suas atividades e desenvolve procedimentos específicos para cada uma delas.

* Os procedimentos de atividades do grupo de meninos de rua podem incluir pessoas que não são meninos de rua.

* Quando o grupo de meninos de rua sente alguma necessidade premente (drogas, alimentos, etc...) o planejamento das atividades é voltado para ações imediatas.

* Quando os meninos de rua estão drogados a ação do grupo é desprovida de pla-

* O discurso do educador leva a pensar que a atividade central do grupo de meninos de rua é o roubo, que normalmente constitui-se numa atividade planejada a curto e médio prazo, salvo quando os meninos estão sob o efeito de drogas.

* Há participação de pessoas externas no grupo em ações planejadas de roubo.

* Pode-se supor que o uso excessivo de drogas altera o padrão de funcionamento do grupo, levando a procedimentos improvisados e extremos, podendo chegar até o homicídio.

líder do grupo, aí esse grupo se reúne uns dois dias antes e conversam, programam tudo, arrumam o pé-de-cabra, prepara as velas e vai num momento exato e faz essa cachanga. E tem uma outra maneira deles prepararem a coisa que é eles se sentem sem dinheiro, com fome, com vontade de cheirar cola, aí eles se reúnem e fala assim: - hoje não vamos ficar aqui, se eles tiveram na unidade, eles falam: - hoje nós iremos sair dessa unidade por que agente esta sem cigarro, agente está a fim de alguma, aí eles chegam num lugar da cidade e eles decidem a parte da cidade que eles irão atacar, aí daquela parte da cidade, o primeiro estabelecimento que tiver condições deles chegarem, eles chegam e atacam, e tem outro momento do ataque deles que é quando eles já estão com excesso de drogas, aí sai um na frente e outro atrás e na primeira que chegam eles nem olham se tem segurança ou alarme, já chega levanta a porta e entra para dentro, e se tem alguém eles geralmente saem correndo, ou se não eles pegam aquela pessoa que está dormindo e dá uma paulada na cabeça dela

nejamento.

* Quando o grupo de meninos de rua empreende ações, com os membros drogados, estas ações se caracterizam por procedimentos agressivos (uso de armas, vandalismo, etc...).

* O grupo de meninos de rua que desenvolve atividades sob o excesso de drogas é constituído por membros numa faixa etária acima de 14 anos.

* Os procedimentos agressivos realizados pelos meninos de rua, sob o efeito de drogas podem chegar ao homicídio.

* Parece que o brincar não faz parte das atividades do grupo de meninos de rua.

e se tiver armado dá um tiro, ou uma facada, mata a pessoa e entra para dentro da loja pega as coisas ou às vezes eles conseguem entrar sem ter segurança, eles colocam fogo nesse estabelecimento, eles usam álcool, velas e fósforo para colocar fogo nesse estabelecimento, isso é quando eles estão com excesso de droga muito grande e quando eles são acima de 14 anos, e geralmente quando eles matam é o pessoal acima de 14 anos também.

(22) - Não, eles não preparam nenhum tipo de brincadeira.

* Os grupos de meninos de rua não planejam as atividades de brincar.

(23) - A rua para eles é como se eles não tivessem o amanhã, eles sabem que estão sujeitos a serem mortos a qualquer hora, que qualquer hora eles podem levar um tiro e ficar paralisado, a atitude deles é aquele negócio, é uma criança que ainda empurra um carrinho mas é uma criança que sabe o que pode acontecer com ela e a rua não para eles não é um paraíso e eles tem consciência disto eles não estão ali na rua por opção deles mas estão na rua porque eles tem que estar

* Os meninos de rua sabem que o modo de vida na rua é arriscado e incerto.

* Os meninos de rua não adotaram o modo de vida na rua por opção própria.

* As condições econômicas da família do menino de rua obrigam-no a permanecer na rua.

* O menino de rua tem medo das condições próprias ao modo de vida da rua.

* Os meninos de rua têm consciência da discriminação e exploração a que são submetidos no modo de vida da rua.

* Existe uma organização externa ao

* Pode-se supor que quando os meninos de rua atuam de modo improvisado estão buscando a satisfação imediata de suas necessidades; ao contrário das atividades planejadas a curto e médio prazo que respondem às necessidades de um sistema produtivo, o qual inclui furtos dirigidos por policiais/adultos externos ao grupo, de modo que os produtos obtidos não se destinam ao uso junto dos membros do próprio grupo.

* Parece que os meninos de rua são submetidos a organi-

nas ruas, então a idéia que eles tem da rua é de medo, de pânico.

(24) Tem, isso eles tem claramente principalmente da discriminação e da exploração, porque a rua explora muito eles.

(25) Tem pessoas aqui que faz toda uma organização para fornecer comprimidos, drogas, até cocaína mesmo, mas isso eles tem contato com essas pessoas de pagar com mercadorias, então eles não têm essa mercadoria que, eles vão ter que roubar para dar em troca da droga, eles tem que roubar. Aí eles tem a própria polícia que pega eles na porta da loja deixa, escala a loja para eles, aí eles não ficam com nada, quer dizer eles não ficam com nada que eles roubam. E o que eles roubam eles vendem por uma quantidade que daria 3% do valor real da coisa. Então quer dizer que eles são explorados nesse sentido. E tem um outro tipo de exploração que é a exploração sexual.

(26) - A prostituição tanto o menino quanto a menina todos se prostituem.

(27) - A única diferença que existe na minha concepção é

grupo de meninos de rua, que estabelece um sistema de troca com este último: fornece drogas aos meninos em troca de mercadorias roubadas.

* A polícia estabelece um sistema de trocas com o menino

de rua: assegura a proteção e a impunidade em troca de mercadorias roubadas e roubos encomendados.

* A prostituição é uma atividade presente tanto entre os meninos quanto entre as meninas.

* A menina de rua pode ser obrigada a

zações existentes no meio social da rua, porém externas ao grupo de meninos, que os exploram tanto do ponto de vista de trabalho quanto sexual.

* Parece que a atividade sexual da menina de rua é alvo de um sistema organizado de exploração econômica.

* Pode-se supor que

que a menina de rua às vezes é obrigada a se prostituir, ela tem que se prostituir para dar dinheiro para uma menina, porque as meninas líderes são muito mais perigosas que o menino líder.

se prostituir pela líder do seu grupo.

* As meninas de rua se organizam em grupo centrado na figura de uma líder.

* A liderança no grupo de meninas é mantida inclusive pela força física.

exista uma diferença entre a prostituição da menina de rua e a da prostituta profissional, no que se refere à maior vulnerabilidade da primeira, em comparação ao modo de organização da atividade da segunda

(28) - Sim, tem esse grupo, mesmo que elas não andem em grupo mas no lugar em que elas estão, elas tem um líder, que é muito forte fisicamente, forte em todos os sentidos, aí ela faz com que as outras meninas se prostituem para levar cigarro, para dar dinheiro para outras coisas. E tem a outra prostituição que é a da própria polícia, pois quando a polícia acha a menina bonitinha ele leva ela para o mato e eu diria que até estupra. E tem a prostituição de casas que é bem pior que a própria rua, então esse quetos onde essas pessoas, não sei o motivo que essas meninas chegam até a casa deles mas são verdadeiros quetos onde elas se prostituem, essa pessoa tem as meninas como mercadorias, para isso dá um sabão para elas banharem, uma roupa. E tem a prostituição das casas de boates, onde elas por um lugar onde não entra as

* A líder do grupo de meninas pode obrigar a menina de rua a se prostituir para obter recursos para a própria líder.

* Existem quatro procedimentos através dos quais a menina de rua geralmente é submetida à exploração sexual: exigência da líder, abuso sexual da polícia, casas de prostituição e prostituição em boates.

* As meninas de rua geralmente não se prostituem continuamente.

* Parece que existe uma determinação entre a menina de rua e os locais de prática regular de prostituição, no entanto, não se pode explicar o sujeito desta intermediação, nem seus procedimentos.

peças de maior, e as pessoas vão lá e mostram elas como se tivesse mostrando uma mercadoria, um animal em exposição então essa é a diferença existente entre elas.

(29) - Não, geralmente não.

(30) - Eles tem muita vergonha, se sentem triste, desgosto, ele tem todas qualidades de uma pessoa em profundo estado de depressão e solidão.

(31) - Não eu não penso assim, nas conversas que a gente tem sempre que a gente está junto eles falam isso pra gente.

(32) - Sim.

* Os meninos de rua têm vergonha de serem meninos de rua.

* Os meninos de rua podem apresentar quadros de depressão e solidão.

* Os meninos de rua verbalizam o descontentamento com o fato de serem meninos de rua.

* O discurso do educador nos leva a pensar que os meninos de rua têm uma avaliação crítica de sua situação de vida na rua, e que a percepção crítica resultante desta avaliação, gera um sentimento de sofrimento no próprio menino.

(33) - Já contaram várias coisas, inclusive eles contaram determinadas histórias que disto agente fez uma peça de teatro, mas uma delas foi um dos meninos que fizeram. Foi de dois, então um deles eu sinto orgulho de ver ele tão bem como ele está, e tinha a família dele que chegaram de uma zona rural, chegaram na cidade com sete filhos e o pai é alcoólatra e a mãe também, e um dos filhos mais velhos tinha de roubar para dar de comer aos menores, aí o outro foi chegando a

* O menino de rua sai de casa para a rua por causa da condição econômica da família.

* Há casos em que as experiências vividas na rua pelo menino de rua não impedem que ele almeje alcançar um modo de vida estruturado dentro dos padrões socialmente aceitáveis.

* Há casos em que mesmo tendo vivido as experiências mais fortes (como o homicídio, por exemplo) dentro do modo de vida da rua, o menino pode inserir-se num outro padrão de vida, socialmente a-

* Parece que o educador não acredita que as consequências do modo de vida na rua sejam irreversíveis.

um certo ponto que ceitável.
 passaram a andar
 juntos, então eles
 tiveram até de ma-
 tar, e um dia eles
 contando esta histó-
 ria para mim dicen-
 do: - Eu já fiz tan-
 ta coisa errada, que
 as pessoas me julgam
 sem salvação, inclu-
 sive vocês que tra-
 balham nesta unidade
 aqui não acreditam
 que eu tenha salva-
 ção, mas eu já estou
 livre disto, e vou
 mostrar para muita
 gente que um menino
 de rua pode ser um
 pai de família, um
 cidadão como outro
 qualquer e ele con-
 seguiu isso, e isso
 para mim foi uma das
 coisas que mais me
 tocou a vontade dele
 e a consciência do
 que ele era e do que
 ele podia ser.

(34) - Já, a maior
 parte já tiveram um
 contato de um jeito
 ou de outro em rela-
 ção ao trabalho.

(35) - É lavar car-
 ro, vender picolé,
 engraxar sapatos,
 vigiar carros, frete
 de feira é esse tipo
 de trabalho que eles
 já tiveram contato.

* A maior parte dos
 meninos de rua já
 desenvolveram alguma
 atividade de sub-
 emprego.

(36) - Sim, traba-
 lham. Eles pesam que
 se for fazer o mesmo
 tipo de trabalho dos
 pais deles, eles an-
 tes destes estarem
 nas ruas eles gosta-
 riam de fazer o tra-
 balho dos pais de-
 les, mas, quando e-

* A maior parte dos
 pais dos meninos de
 rua desenvolvem al-
 guma atividade de
 trabalho.

* Depois que os me-
 ninos saem de casa
 para a rua, os meni-
 nos passam a desva-
 lorizar o trabalho

* Pode-se supor que
 o modo de vida em
 rua amplia o tipo de
 experiências vividas
 pelo menino e, por-
 tanto, amplia a ca-
 pacidade de avalia-
 ção do modo de orga-
 nização social em
 que vivemos.

les vão para as ruas, eles já não dão valor ao trabalho dos pais deles, que é servente, pedreiro, outros tipos de trabalho mais pesado, então quando eles estão nas ruas eles já não tem mais orgulho dos trabalhos dos pais.

dos pais.

Parece que a desvalorização que o menino faz do trabalho de seus pais é resultado de uma avaliação crítica do status social das atividades que os pais exercem.

(37) - Antes eles tinham orgulho enquanto eles viviam com os pais e depois eles passam a ver o mundo de outra maneira, eles passam a ter noção das pessoas em todos os sentidos, porque ele vê sempre o pai dele mal vestido, mal trapilho e falta alimentação em casa, enquanto ele vê outras pessoas que tem outro tipo de trabalho que usam uma roupa melhor com aparência melhor então aí eles começam a não valorizar o trabalho dos pais.

* Os meninos de rua fazem uma comparação de STATUS social entre os seus pais e pessoas de outras classes.

(38) - Eles não gostam da profissão do policial, eles detestam.

(39) - O policial, a profissão não, eles até falam que gostariam de servir o exército, mas quando eles chegam no exército, tem condição de servir, tem pessoas que vão lá para fazer reconhecimento e falam que eles são meninos de rua, cheirador de cola,

* Os meninos de rua não gostam do policial.

* Os meninos de rua gostam da profissão do policial.

* Alguns meninos de rua expressam o desejo de servir ao exército.

* Durante o período de alistamento, caso o menino de rua seja reconhecido como tal ele é rejeitado.

ladrão, assassino, então tem que mandar embora. Então da profissão eles tem uma certa simpatia por ela.

(40) - Alguns deles gostariam.

(41) - Talvez por ter uma profissão ou por ser um policial muito sacana, para ele poder repassar tudo que ele recebeu e por ter facilidade de fazer determinadas coisas erradas.

* Alguns meninos de rua gostariam de ser policiais.

* A profissão de policial pode ser um modelo de profissão vinculado ao modo de vida na rua.

* A profissão de policial é atrativa ao menino de rua pelo fato do policial encontrar facilidades em se inserir no sistema econômico organizado da rua.

* Os meninos de rua parecem ser atraídos por tipos de profissão que possam permitir a inserção no sistema econômico organizado, em torno das atividades características do modo de vida da rua.

(42) - Olha, eu diria que valor humano para eles é uma coisa muito restrita que geralmente agente educadores de rua, nos perguntamos: - será que agente está numa situação de tá fazendo um trabalho com esses meninos ou nós estamos na rua simplesmente por um salário ou por uma condição que agente não teria em outro lugar, de ser empregado ou que agente tem interesse pela causa. Eu acho que interesse pela causa poucos de nós temos, então é mais pelo fato do profissional daquele profissional, e muito mais do que isso tem que ser muito mais que um profissional tem que ter uma pes-

* A maioria dos educadores de rua mantém esse trabalho pelo salário, ou seja, pela falta de opção melhor.

* Poucos educadores de rua encontram motivações outros que não o salário para trabalharem com os meninos.

* O menino de rua necessita de uma relação de amizade na rua e o educador de rua é um amigo.

* Parece que o menino de rua não valorizam a educação de rua como uma profissão, mas valorizam a intervenção do educador como fonte de obtenção de proteção, no interior da organização do modo de vida da rua.

soa que tem uma certa compreensão, não aceitação, mas compreensão no fato do menino estar precisando na rua de um amigo e esse educador é o retrato de amigo que eles tem no seu dia a dia, então o educador para eles é um grande amigo.

(43) - Eu acredito que se eles tivessem essa profissão e se eles pudessem algum dia ter essa profissão, eles seriam os melhores educadores que o mundo poderia ter.

* Os meninos de rua poderiam vir a ser educadores de rua e-
ficientes.

(44) - É aquilo que eu disse o educador de rua para eles não chegam a ser um espelho, eles tiram muito proveito do educador de rua, às vezes eles vêem o educador de rua como um protetor que quando o educador de rua está perto deles eles tem direito de fazer o que eles quiserem, é aí é que o educador exerce uma postura de mostrar para eles que eles estão ali não é para fortalecer mais, mas para conversar com eles, e o lado esperto da criança vê o educador como protetor.

* Os meninos de rua precisam da presença do educador de rua.

* Os meninos de rua vêem o educador de rua como fonte de proteção, dentro da organização do modo de vida da rua.

* A intervenção do educador deve ser no sentido de mostrar que o papel dele não é de proteção.

(45) - Se ele for amigo do educador ele não vê a profissão

* O menino de rua respeita o educador quando estabelece

* Parece que, embora o educador sustente perante o menino que

como profissão de futuro, mas se ele tiver nem um tipo de amizade com o educador para ele não tem a menor importância. Então o educador como pessoa tem valor para eles, agora como funcionário é um mentiroso, eles não acreditam mais na estrutura que nós temos aí, então o educador fala assim não vai para uma unidade vai para aquilo ou outro fal eu não chego lá pessoal quer me mandar para casa da minha mãe, os maiores me batem, esse tipo de coisa. Então vê o educador como amigo na profissão agora vê o educador que eles não tem amizade com eles como um sacana que tenta jogar coisas na cabeça deles falando: - a rua, não presta, você apanha na rua, você faz coisa errada na rua, cola faz mal. E tudo isso que o educador fala para eles, eles estão cansados de saber, eles querem saber de outro tipo de coisa.

com ele uma relação afetiva.

* O menino de rua não almeja ser um educador de rua.

* A intervenção do educador objetiva tirar o menino da rua.

* A instituição não assegura as condições efetivas de permanência do menino fora da rua.

* Quando o menino de rua mantém um vínculo afetivo com o educador de rua, ele não acredita no discurso deste último direcionado à saída da rua por parte do menino.

o abandono do modo de vida da rua é o melhor para ele, o próprio educador não acredita que a instituição, na qual ele trabalha, ofereça as condições necessárias para assegurar a mudança de modo de vida por parte do menino.

(46) - Eles perdem o sonho em relação a família, mas em relação a eles, eles tem sonhos fantásticos.

(47) - Eles sonham de poder ter um lugar onde eles possam ir, educação, ser tratado como gente, poder estudar, ler

* Os meninos de rua desejam ter um modo de vida estruturado nos padrões tradicionais.

* Os meninos de rua valorizam a capacidade de ler e escrever.

* Os meninos de rua almejam alcançar um modo de vida sem o

porque ler para eles é a coisa mais linda do mundo, eles morrem de inveja do colega que sabe ler, poder escrever uma carta para a namorada, para um amigo tudo em função da escolaridade, sonham em servir o exército, ter um emprego com carteira assinada, andar sem preocupação de ser preso, em voltar para a família mas em uma outra condição, de chegar e poder ajudar a família de não ser ajudado pela família, de tirar aquele outro irmão que está na rua, enfim, os sonhos deles são muito bonito, mas do que daqueles meninos que não são meninos de rua.

risco de serem presos.

* Os meninos de rua desejam poder ajudar financeiramente suas famílias.

* Os meninos de rua desejam obter uma atividade de trabalho formal.

(48) - Eles acham que o trabalho vai modificar totalmente a vida deles, mas dentro dessa vida, ele sonha que por ele sozinho ele não irá conseguir qualquer tipo de trabalho por causa da estigma que ele tem, do nome que deram a ele de pivete, trombadinha e cheirador de cola, então eles buscam as instituições onde desenvolvem trabalho que é a maior baba quice do mundo, que desenvolve atividade ao invés de desenvolver trabalho educacional. E essas atividades das institui-

* Os meninos de rua acreditam que o trabalho pode modificar a vida deles.

* Os meninos de rua não acreditam que poderão conseguir sozinhos um trabalho formal pelo fato de serem reconhecidos como meninos de rua.

* Os meninos buscam as instituições de atendimento como meio de obtenção de trabalho.

* As instituições de atendimento deveriam desenvolver atividades relacionadas à educação do menino de rua.

* Os meninos de rua acreditam que têm competência para de-

* Parece que as intervenções institucionais não respondem de fato ao apoio requisitado pelos meninos de rua quanto à obtenção de trabalho.

* As atividades de trabalho, oferecidas pelas instituições aos meninos de rua, não educam para o trabalho.

ções não tem para eles o menor respeito, ou seja eles não respeitam mais dizendo: - ah, eu vou fazer isto pra que? Eles não estão recebendo nem educação então aí que eles entram em conflito novamente se eles querem ter um emprego, ter um sonho e eles sabem que tem competência para isso mas não tem uma retaguarda, um esteio para eles, aí eles começam a entrar em desespero. Então eles tem plena consciência do valor que eles têm como ser humano, mas eles não acreditam que sozinhos consigam romper o preconceito em relação a sociedade com eles.

envolver uma atividade de trabalho, mas sabem que não podem contar com apoio para obtê-lo.

* Ao se sentirem sem apoio para obtenção de trabalho, os meninos de rua se desesperam.

(49) - Mas esse emprego que eles querem eles não querem um emprego por exemplo de ser um datilógrafo, um telefonista, um escriturário não eles querem um emprego de onde eles possam começar por exemplo: de faxineiro, um ajudante de carregar caixa, eles querem um emprego um trabalho, do momento em que eles adquirem esse trabalho não precisa de ninguém falar eles matricularem, eles mesmos chegam e pedem para ser matriculados em uma escola, porque eles sabem que dali eles

* Os meninos de rua não são exigentes quanto à situação de trabalho na qual podem ser inseridos.

* Os meninos de rua acreditam que começando por trabalhos simples e mal remunerados, eles podem atingir postos mais elevados,

* O menino de rua busca a escolaridade a partir que o trabalho mostra essa necessidade.

* Parece que o educador levanta hipóteses quanto à inserção do menino de rua no trabalho de natureza idealizada, onde o valor do trabalho pelo trabalho se sobressai, e o trabalho é uma saída mágica.

* Parece haver uma contradição por parte do educador à medida que num trecho anterior da entrevista, colocou a não valorização dos trabalhos dos pais - pedreiro, servente, etc. - por parte dos meninos, devido ao baixo status social ao qual estes trabalhos es-

podem crescer, ou mesmo ficar naquilo ali, mas eles despertam mesmo interesse para estudar que eles sabem que estão trabalhando mas precisam estudar, então não é pelo sentido de eles não ter um grau de escolaridade mais alto, eles querem um grau de escolaridade dentro das condições deles. Eles querem um trabalho de servente, de pedreiro, e tem até gente que fala que eles não querem esse tipo de trabalho, mas é mentira é porque esse trabalho foi oferecido de maneira errada. Então eles tem noção de que para adquirir alguma coisa tem que crescer também. Aí, eles começam, aquele negócio de mentira, esse pessoal é um bando de mentirosos que falaram que agente ia para lá, que agente ia estudar, brincar e fazer outros tipos de coisa. Então a única confusão que eles tem é esse bando de mentira que todo mundo prega a deles.

tão relacionados; e, neste trecho afirma que os meninos almejam esta modalidade de trabalhos.

* Pode-se supor que o educador atribui o fracasso do menino de rua, em mudar o modo de vida da rua para outro modo de vida socialmente aceito, à ineficácia da intervenção realizada pelos educadores.

(50) - Olha cara, existe três futuros para eles quando eles chegam aos 18 anos. Existe aquele que ele acredita nele, que ele apoiou nele e que ele rompeu esta barreira de ser menino de rua e

* Ao atingir a maioridade, o menino de rua se depara com 03 alternativas: a prisão, a morte ou a inserção nos padrões tradicionais de vida (trabalho, família, etc.).

* As intervenções

* Parece que o discurso do educador indica que a maioria dos meninos de rua não conseguem abandonar de fato o modo de vida da rua, após a maioridade, resultando no própria morte do menino ou

procura qualquer tipo de trabalho e vai trabalhar e vai viver dignamente ou aquele que ele tem noção que ele vai ser morto, que ele vai para o CEPAIGO. Ele tem plena consciência do futuro próximo dele, tipo assim hoje estou com 17 anos amanhã eu completo 18 anos, aí no hoje eles ficam em conflito com eles mesmos, aí eles matam, suicidam qualquer coisa assim. Então quando eles tem 18 anos nitidamente a consciência que tem 18 anos, e eles não olham para trás não, se eles foram olhar para trás terão outro desses para que eles não foram culpados, o culpado foi tudo um bando de gente safada que somos nós que trabalhamos com ele em função de ajudar o que na verdade nós não ajudamos então eles não olham para trás, eles assumem, tô com 18 anos, tô aberto para ser morto, preso.

(51) - O terceiro é a prisão, a detenção, o CEPAIGO esse é o terceiro

(52) - Eles sentem orgulho de ter saído das ruas.

(53) - Tem muitos que estão trabalhando de carteira assinada, casaram tem família, estão em outras cidades tra-

junto ao menino de rua são ineficientes quanto à possibilitar uma mudança de modo de vida por parte do menino.

* Aqueles meninos que conseguem uma inserção nos padrões tradicionais de vida, orgulham-se do fato de terem abandonado o modo de vida da rua.

no cumprimento de pena junto a uma prisão.

* Alguns meninos de rua após atingirem a maioridade, torna-se alcoólatras, ou mendigos.

* A grande maioria

* Pode-se supor que a maioria dos meninos de rua, ao atingir a maioridade, não consegue abandonar o modo de vida

balhando, alguns viram bebuns (que é outro tipo de futuro), outros vivem mendigos, então estão por aí. Então desses que não estão no CEPAIGO e não foram mortos que eu diria que 90% deles estão no cemitério e no CEPAIGO é 10% ou menos estão levando uma vida como qualquer cidadão comum.
(54) - Rompe com tudo, porque na verdade eles não são viciados na concepção do vício na vida deles.

dos meninos de rua, após atingirem a maioria ou morrem precocemente ou têm de cumprir pena em prisão.

* Uma minoria dos meninos de rua é que consegue, após atingir a maioria, se inserir nos padrões tradicionais de vida.

* A minoria dos meninos, que se inserem nos padrões tradicionais de vida, abandona por completo as atividades e hábitos característicos do modo de vida da rua.

da rua.

* Apenas uma minoria dos meninos de rua consegue abandonar as atividades características do modo de vida da rua e se inserir em outros modos de vida socialmente aceitos.

3.2 RESULTADOS OBTIDOS JUNTO AO GRUPO II: OS MENINOS DE RUA

3.2.1. Sujeito Nr. 01

TRECHO	PROPOSIÇÕES	OBSERVAÇÕES
<p>ESTÓRIA 1</p> <p>-Eu lembro, quando eu vim para as ruas pela primeira vez, eu comecei desde pequeno desde os 06 anos de idade, comecei a roubar legal mesmo encarar a vida como ela era e manter o vício de droga, da fome, vários tipos de vício, mas o vício que eu tinha</p>	<p>*Eu me lembro quando vim a primeira vez para a rua.</p> <p>* Eu comecei minha vida na rua pequeno desde o 06 anos de idade.</p> <p>* Logo que eu cheguei na rua comecei a roubar.</p> <p>* Logo que eu cheguei na rua comecei a entender e assumir</p>	<p>* O sujeito emprega, de imediato, a 1ª pessoa do singular.</p> <p>* Segundo o sujeito, sua adaptação ao modo de vida da rua é praticamente imediato.</p>

mesmo era o vício da droga eu não ficava sem a droga de jeito nenhum, nem um momento em minha vida eu conseguia ficar sem ela, então eu roubava mesmo, quando eu ia dormir com algum chegado meu, eu levantava altas horas da noite com fome então para eu matar a fome eu tinha que roubar, fumar um brau para eu esquecer e continuar a vida, dormir de baixo de calçada, de marquise, de viaduto, ameaçado de morte pela polícia, essa era a minha vida no dia a dia pelas ruas então eu ficava revoltado por causa que acontecia muita coisa comigo, aí eu procurava arrumar um objetivo usar a droga para eu esquecer aquilo, então eu usava, usava e não esquecia nada só via mais revolta então eu resolvi encarar a vida como ela era na rua roubar mesmo, tive um homicídio, já atirei num padre e não teve processo porque na época eu era de menor o padre foi à delegacia e disse para nós (inclusive foi uma coisa que me chocou muito) disse ia entregar na mão de Deus e assim que o padre virou as costas o Sr. Godofrido quebrou o pau, afogou nós deu choque n'agente, levou nós para o meia ponte afo-

o modo de vida da rua como ele é.

* O roubo e o uso de drogas fazem parte do cotidiano do modo de vida da rua.

* Meu maior vício era a droga.

* Eu não conseguia ficar sem droga.

* Eu roubava para manter o vício da droga.

* Eu controlava a sensação de fome através do uso de drogas.

* Eu controlava a sensação de fome, através do uso de drogas, para continuar vivendo.

* O cotidiano do modo de vida da rua é difícil, é duro: não tem abrigo certo e existem ameaças constantes à vida.

* O menino de rua sofre ameaça de vida por parte da polícia.

* O modo de vida da rua causa revolta.

* A situação dura de vida da rua causa uma revolta que leva a atos extremados como o homicídio.

* As duas principais atividades que caracterizam a adaptação ao modo de vida da rua são o roubo e a droga.

* Segundo o sujeito uma das funções do roubo é a manutenção do uso de substâncias tóxicas.

* O sujeito estabelece relação entre fome e uso de substâncias tóxicas para controle da sensação de fome, descrevendo uma sequência que parece estar relacionada à sobrevivência na rua.

* O sujeito estabelece uma relação entre os comportamentos, socialmente tidos como negativos, e o sentimento de revolta, causado, segundo ele, pelas dificuldades do modo de vida da rua.

* O sujeito parece justificar o uso de substâncias tóxicas, por motivos sociais, desenvolvendo um raciocínio que vincula o uso de substâncias à revolta, e o roubo como forma de manutenção desta vinculação.

gou nós, eu e o finado Donizete, finado Cleber aí nós ficamos com aquilo na cabeça matutando tudo, aí nós só tínhamos rua mesmo, era realmente a nossa mãe e o nosso pai e sempre para mim era a rua, a sociedade os amigos que encrava de outro jeito.

- Você se lembra da primeira vez que esteve na rua?

- Lembro sim. É como se fosse hoje eu cheguei na rua, foi na época de natal, estava a maior festa na praça cívica, aí a primeira pessoa que eu encontrei foi o José Luisvaldo que tem apelido de Cerrote, me viu na rua assim, eu estava nos panos aí ele foi para me arrochar, aí eu falei não rouba de mim não, eu sou pequeno, aí ele falou que nada, aí chegou um colega e explicou que eu era amigo de fulano de tal, e foi me explicando tudo, aí eu comecei a andar com o Cerrote na rua aí ele foi me ensinando a vida como ela era, dá um bolas, aí eu fumava e ficava engasgado com a maconha e tudo, aí ele foi me ensinando, ensinando até que eu aprendi depois que eu aprendi, eu peguei a rouba que eu estava com ela no corpo e mexi no jogo na rouba na maconha tudo, então eu come-

* Nas delegacias, o menino de rua sofre maus tratos e torturas.

* Com o passar do tempo a rua torna-se referencial único de convivência e sobrevivência.

* A 1ª vez que eu cheguei na rua foi abordado por um menino que já vivia na rua e que tentou me roubar.

* Aprendi o modo de vida da rua com um menino que já vivia na rua.

* Aprendi primeiro a usar drogas, depois a fazer sexo e ganhar dinheiro com isto, e depois, aprendi roubar.

* O sujeito descreve uma sequência de atividades, supervisionadas por um menino já experiente, as quais introduzem o menino novato no modo de vida da rua.

cei a desenvolver mesmo, aprender tudo. A primeira coisa que eu aprendi foi a maconha, a segunda foi fazer sexo, transar, com homem, dormir com homem para mim era o máximo, eu estava ganhando dinheiro, transando com o cara estava ganhando dinheiro tudo, para mim era o máximo, então essas foram as primeiras coisas que eu aprendi. Depois eu comecei a ganhar parada ganhar botique, bater carteira, fazer varal nos setores dos outros só dava nos panos.

ESTÓRIA 2

- Aí eles foram fazer a cachanga e eu fiquei na parada aguentando lá fora, porque quando vai entrar fica dois de lado de dentro e um do lado de fora, então eu fiquei do lado de fora esperando os dois saírem só que sujou a parada e eu não tive como avisar para eles, aí eu fiquei dando uma de doído no meio da rua, gritando na rua com o brau no bolso aí os homens chegaram com a sirene ligada, pegando eu, me espancando, me chutando e me colocou no camburão e me levaram. Aí eles ganharam a parada porque saíram numa boa, e eu fiquei duas se-

* Existe um procedimento básico para o roubo, onde uns entram no estabelecimento e executam o roubo propriamente dito, e um outro fica vigiando do lado de fora.

* Dentro do procedimento de roubo, os meninos de rua, podem inventar artifícios para burlar a ação da polícia.

* Eu fui pego num roubo e não entreguei os outros meninos que estavam participando do roubo.

* Quando eu saí da cadeia, procurei os outros para pedir a minha parte no produto do roubo.

* Ficou acertado que, no próximo roubo, eu teria a mesma

* Parece haver um procedimento básico para roubos em lojas e estabelecimentos congêneres, onde parte dos meninos adentra nos estabelecimentos e outro permanece vigiando do lado de fora.

* Pode-se supor que os meninos de rua valorizam o fato de um menino ser pego pela polícia mas não delatar os outros.

manas preso, depois saí aí eles falaram para mim porque eu não dei um toque, aí eu disse: - O negócio é o seguinte eu dei uma de doido para caramba, fui até esperto demais, dei uma de doido na frente da parada os homens me pegaram e vocês ficaram lá dentro, aí eles perguntaram se tinha mais alguém e eu disse que era só eu aí levou eu e vocês dois saíram numa boa, aí eu perguntei pela minha parte, porque eu dancei no bloco que você me deu, então agora eu quero minha parte porque eu ajudei também e quero que minha parte fique de boa também, porque na hora que vocês fizerem outra parada vai ser do mesmo jeito, eu fico de fora, dou uma de doido e pronto, mas foi aí que eles falaram assim: - Agente vai fazer o mesmo jeito, agente entra e você fica do lado de fora dando uma de doido então foi isso que aconteceu lá.

ESTÓRIA 3

Aí foi na hora que aconteceu eu ganhei a parada e tudo numa boa mesmo, aí eu respondi uma coisa assim sem lógica para o educador de rua que não ia trabalhar fichando porque eu

* Eu não vou trabalhar para ganhar salário mínimo, se nas atividades da rua eu ganho muito mais e não preciso trabalhar suado.

* Eu acho que a valorização da ativi-

* Pode-se supor que o menino de rua elabora uma avaliação da relação custo-benefício, comparando a atividade do modo de vida da rua com o emprego.

* Há indícios de que

vou ganhar um salário mínimo enquanto que aqui na rua eu ganho mais de um salário mínimo e não preciso trabalhar suado, e aqui estou arriscando a minha vida também, arriscando ganhar uma bala na cabeça e ganhar meu dia normal, não tenho horário para cumprir eu levanto qualquer hora para ganhar o meu dinheiro certo. Eu não quero emprego não, se quiser em outra ocasião, se algum dia você me encontrar na rua de maior e eu estiver desempregado, você pode me ajudar, mas por enquanto agora não estou de menor deixa eu aproveitar a minha vida e eu quero todas que eu tenho direito, foi isso que eu expliquei para o educador de rua.

dade de rua, em relação ao emprego, é inadequada porque no primeiro caso, existe risco de vida.

* Eu prefiro a atividade da rua, porque nela não há horário para se cumprir.

* Eu só vou pensar na possibilidade de um emprego quando eu for maior de idade.

os argumentos utilizados pelo menino, para justificar o ganho maior nas atividades da rua, são contraditórios entre si.

* Pode-se suspeitar que a avaliação custo benefício elaborada pelo menino de rua, não apresenta dados suficientes para assegurar a validade das conclusões do menino.

* Pode-se suspeitar que os argumentos para tal avaliação se baseiam no discurso dos próprios educadores.

3.2.2 Sujeito Nr.02

ESTÓRIA 1

- Foi na casa dele eu acho.

- E para que ele saiu?

- Veio para a rua, ele viu muito menino cheirar cola e deu vontade de ir, fez o teste. Foi para experimentar, ele foi gostou e ficou na

* Ele foi para a rua e, viu outros meninos cheirando cola e sentiu vontade de experimentar.

* Ele foi para a rua para experimentar cola, gostou e ficou.

* Ele foi para o juizado de menores

* O sujeito continua a história usando a 3ª pessoa do singular, como na história.

* O sujeito aponta uma sequência no processo de permanência nas ruas: vai para a rua; vê meninos cheirando cola;

rua, foi preso muitas vezes, a polícia batia ia para o juizado de menores e voltava novamente, cheirava cola...

e quando saía, voltava para as ruas novamente.

sente vontade de experimentar; experimenta e gosta; permanece na rua.

* Assim como no caso do sujeito 1, o sujeito denuncia que a ação policial é violenta.

ESTÓRIA 2

- Ele não quer caguetar ninguém, usa bagulho guardado numa boa. Saíram pra roubar com uns amigos deles, uns amigos que se a polícia pegasse não era para caguetar ninguém o que caguetasse morria e ele não caguetou ninguém foi para lá segurou tudo.

* Ele não quer denunciar os outros meninos de rua à polícia.

* Ele sabe esconder os produtos do roubo e esperar para usar depois.

* Entre os amigos tem uma regra: ninguém pode denunciar o outro.

* Se ele denunciar um amigo, sofre punições, inclusive a morte.

* Ele não denunciou ninguém.

* O sujeito indica que existe uma regra, entre os meninos de rua, de não denunciar os amigos; sendo que o rompimento desta regra é punido com a morte.

ESTÓRIA 3

- Não, não quero não. Já tenho dinheiro. Mais que um salário mínimo por dia. Ele foi disse mas foi difícil eu arrumar um serviço para você e agora você não quer, ah! eu acostumei ficar nessa vida, agora não queria mais sair.

* Eu não quero emprego, porque eu já tenho dinheiro.

* Eu já ganho mais que um salário mínimo por dia.

* O educador de rua disse que é difícil conseguir emprego para o menino de rua.

* O educador disse que o menino não quer mudar de vida, quando recusa um emprego.

* Eu não quero o emprego porque eu me acostumei com o modo de vida da rua.

* O sujeito passa a utilizar a 1ª pessoa do singular.

* Tal como o sujeito nº 1, o menino faz uma avaliação comparativa do emprego com a atividade de rua, concluindo que a rua é mais vantajosa.

* Há indícios de que o sujeito não apresenta dados explícitos na avaliação comparativa que assegurem a pertinência de sua conclusão.

* Parece que, ao comparar a atividade

da rua com o emprego, o menino repete o juízo de valor empregado pelo educador, do tipo: "a gente faz de tudo para vocês mudarem de vida, mas vocês não querem".

3.2.3 Sujeito Nr.03

ESTÓRIA 1

- Não sei não, os meninos que sabe não sei não.

- Inventá aí, o que ele lembrou?

- Ah, ele lembrou que tá cheirando não pensa em comida, não pensa na droga. Ele foi pra rua porque ele quis, ele tem de tudo na casa dele, ele foge porque ele quer. Ah, eu fugi da minha casa. Fui de casa 5 anos, até hoje na rua, cheirando cola, ..., curtindo, roubando, passe de ônibus.

* O menino lembrou que cheirando cola esquece a fome.

* O menino tem tudo em casa, mas foge pra rua porque quer.

* Eu fugi da minha casa quando eu tinha 05 anos.

* Na rua, eu fico cheirando cola e roubando.

* O sujeito usa a 3ª pessoa do singular.

* O sujeito atribui a saída, de casa para a rua, exclusivamente ao próprio menino.

* O sujeito passa a usar a 1ª pessoa do singular.

* Pode-se suspeitar que o processo de saída de casa para a rua, relatado não tenha bases reais, à medida que uma criança de 05 anos não tem conhecimentos suficientes para as avaliações e atitudes descritas.

* Pode-se supor que o roubo e o uso de substâncias tóxicas sejam as principais atividades do modo de vida da rua.

ESTÓRIA 2

* Fui recrutado para roubar pra ele, é sim, fui recrutado para roubar para ele.

* Eu fui recrutado para roubar para o chefe do grupo de meninos de rua.

* No roubo, o pri-

* O sujeito aponta a existência efetiva de um chefe no grupo de meninos de rua.

* Pode-se supor que

- Aí o chefe falou assim ó, nós vamos fazer uma cachanga, nós quatro, e quem vai entrar primeiro vai ser o pequeno porque só cabe ele.

* E aí, conta pra mim como é que foi?

- Aí o pequeno entrou, pegou a lata de cola passou e os grandão saiu fora e deixou o coitadinho sozinho lá dentro.

- E aí?

- E aí o coitadinho foi preso, pegou ele, levou ele para casa dele, aí ele ficou na casa dele e não quis mais fugir não e aí ele lembrou que na rua é ruim não é bom.

meiro a entrar é o menor (tem tamanho).

* Durante o roubo, o menino pequeno foi traído: deixaram ele sozinho e ele foi preso.

* Ele foi levado de volta para a casa dele e não quis mais fugir, porque lembrou que na rua é ruim.

o chefe determina as regras, distribui as tarefas e os produtos do roubo.

* O sujeito passa a usar a 3ª pessoa.

* Parece que o menino pequeno é usado pelo grupo de maiores nos procedimentos de roubo.

* Pode-se suspeitar que o sujeito está repetindo o discurso do educador, que reflete um julgamento de valor: "a casa é melhor do que a rua".

ESTÓRIA 3

- Mais aí eles tinha roubado, sabia que ele era ladrão, perdeu a confiança dele, perdeu a confiança com o garoto e aí depois não queria dar mais emprego para o garoto, desistiu do garoto porque ele tinha confiança depois perdeu a confiança no garoto.

- Mais aí quando ele falou assim: não, se vai deixar essa vida e eu arrumei pro cê.

- Ah, mas não tem jeito o cara já tava com o dinheiro roubado.

* Como o educador descobre que o menino tinha roubado, não dá mais o emprego para ele.

* O educador perdeu a confiança no menino e desistiu de ajudá-lo.

* O sujeito continua a usar a 3ª pessoa para se referir ao personagem.

* Parece que o sujeito emite o seguinte julgamento de valor: somente pode ter acesso a uma atividade socialmente aceita, como um emprego, aquele menino que se comporta de modo socialmente aceitável, não burlando as regras da sociedade.

3.2.4 Sujeito Nr. 04

ESTÓRIA 1

- Como é que foi a 1ª vez que ele foi pra rua?

- Que ele fazia?

- É. Inventava uma história.

- Ah, cheirava cola, roubava.

- Como é que foi a 1ª vez? Ele tava na casa dele, resolveu ir... Como foi?

- Ah, eu fui né e saí. Saí de lá e fui pra rua.

- Por que saiu?

- Porque o cara me chamou. O cara me chamou pra ir com ele, aí eu fui né, aí eu fiquei na rua, o cara me batia tinha vez, o cara me batia muito.

- Ele era colega seu?

- Era.

- E já tava na rua faz tempo?

- Já, desde 1987... quando eu entrei pra rua, os cara batia em mim, fazia bagunça, aí agora não.

- E o que que tinha de bom na rua?

- Ah, na rua, quando agente entra na rua assim né, que agente tem muita coisa mas, não tem nada, tem só perigo, ah, agente rouba muito, rouba é, apanha dos policial, tem muita coisa na rua. Um dia agente tava dormindo lá no Frango da Brasa os policial chegou, não, não foi os

* O menino cheirava cola e roubava na rua.

* Eu saí de casa, porque um amigo me chamou.

* Eu fiquei na rua e apanhei muito do amigo que me convidou.

* O amigo que me chamou já estava na rua há algum tempo.

* Os meninos de rua batiam em mim, e abusavam sexualmente de mim, quando eu era pequeno.

* Quando eu saí para a rua eu pensei que lá eu ia ter muita

* O sujeito começa empregando a 3ª pessoa.

* O sujeito destaca o uso de substância tóxicas e o roubo como atividades do modo de vida da rua.

* O sujeito passa a empregar a 1ª pessoa do singular.

* O sujeito parece estabelecer uma vinculação entre um convite de um menino, que já era de rua, e o processo de saída de casa para rua, não apresentando nenhum outro motivo que justificasse a saída de casa.

* O sujeito aponta uma relação de natureza agressiva entre ele e o menino de rua que o convidou porém não explica por que permanece junto com o outro menino.

* O sujeito parece repetir um discurso centrado num julgamento de valor que atribui caráter exclusivamente negativo ao cotidiano da rua.

* O sujeito afirma que o menino pequeno apanha muito e sofre abuso sexual, no interior do grupo de meninos de rua.

* O sujeito elabora uma avaliação do modo de vida da rua,

policial foi os cara lá querendo exterminar agente lá no Frango da Brasa, cê sabe onde que é?

coisa, mas só encontrei perigo.

* Na rua agente roubava muito.

* Na rua agente apanha dos policiais.

* Na rua agente corre risco de vida.

comparando sua visão atual com a visão que tinha da rua quando saiu de casa, sem que se possa concluir nada e sobre a origem do discurso avaliativo que o sujeito apresenta.

ESTÓRIA 2

- Ah, saiu pra fazer cachaga. Tinha uns cara grande, tinha mês que mandava nos outro, aí tinha uns cara grandão que queria mandar na gente sabe? Aí nós ia, nós era pequeno e não podia fazer nada né, eles batia nagente, aí eles punha nós pra abrir as parada e agente entrava, punha nós pra roubar pra eles. Tinha vez que os policial pegava nós dentro da parada, aí nós nessa, eles dizia que agente não dava conta, dava cascudo nagente, batia muito e era desse jeito aí.

- Quem, os policial ou os meninos?

- Os meninos, deixava agente naquela parada.

- E quando a parada dava certo?

- Uai, agente pegava e ia embora, dava as coisa pra eles, eles pegava metade de tudo pra eles, dinheiro, tudinho, falar a verdade era tudinho, e nós ficava maior com os negócio que não presta. Aí né nós ia fala com e-

* Nós, os meninos pequenos somos obrigados a obedecer aos grandes, porque se não apanhamos.

* Nós, os meninos pequenos, somos os que entramos primeiro nos estabelecimentos durante o roubo.

* Nós, os meninos pequenos, não podemos reagir às ordens do menino grande.

* Nós, os meninos pequenos, ficávamos dentro do estabelecimento para roubar para os meninos grandes, e tinha vez que a polícia nos pegava lá dentro.

* Os meninos grandes diziam que agente não dava conta, quando numa parada acontecia dos policiais aparecerem e pegarem agente.

* Quando os meninos grandes diziam que agente não dava conta, eles batiam muito na gente.

* Os meninos grandes ficam com a melhor parte do produto do roubo e às vezes com o produto total.

* Tinha roubo de cujo produto procurado era droga.

* O sujeito reconhece a existência de um ou mais chefes no grupo de meninos de rua, sendo que os meninos pequenos são obrigados a obedecer os chefes, sob o risco de serem punidos com agressão física.

* O sujeito aponta a existência de um procedimento básico de roubo, estabelecido pelos chefes, onde o menino pequeno é o 1º a entrar nos estabelecimentos e, às vezes, executa sozinho o roubo propriamente dito.

* Pode-se supor que os meninos grandes usam os meninos pequenos durante o roubo, sendo que a distribuição do produto é feita pelos meninos grandes que ficam com a melhor parte ou com o total dos produtos.

les né e os pequenos que tinha que entrar 1º, se não entrasse primeiro apanhava. Tinha parada de cola também.

ESTÓRIA 3

- Ah, eles quer arrumá serviço prá gente, mas agente não quer serviço pra trabalhar, agente quer mais é ficar na rua, roubando, cheirando cola, fazendo absurdo, nós vê a mulher com muito dinheiro no bolso na loja assim, nós pega e sai correndo, tinha vez que os tios chegava nagente assim pegava o dinheiro, eles não batiã não, pedia o dinheiro pra gente devolver, tinha vez que agente não devolvia, agente chegava no ponto de ônibus, assim e roubava os passe e dinheiro das mulher, e agente vivia roubando, onde agente via dinheiro e relógio agente ia roubando. Aí tinha dia que agente roubava e o Juizado pegava nós, dependendo do furto que agente fez nós ia pra menor, aí nós ia né, lá agente apanha de palmatória, lá na menor, e lá assim, agente só vivia na rua. Agente só vivia roubando, apanhando, fazendo essas coisas, mas tinha muitos dias,

* Nós, meninos de rua, não queremos nos engajar no trabalho formal.

* Os educadores de rua desejam engajar os meninos de rua no trabalho formal.

* Nós queremos permanecer na rua.

* Na rua, nós roubamos o dinheiro de outras pessoas.

* Pode acontecer do educador de rua pedir o dinheiro roubado para devolver para os donos.

* O educador de rua não bate em nós.

* Nem sempre devolvemos o dinheiro pro educador de rua.

* Quando o Juizado nos pega, após um roubo, vamos para a Delegacia de Menor.

* Lá na Delegacia de Menor nos batem de palmatória.

* Na rua tem meninos que querem voltar para casa.

* Na rua tem meninos que arrumam muitas coisas pra gente fazer.

* Na rua tem meninos que queria que a gente voltasse pra creche.

* Na rua, alguns meninos adoeciam.

* Na rua tinha uns meninos que voltavam

* O sujeito afirma que não deseja se engajar numa situação de trabalho formal, em contraposição ao desejo do educador de engajá-lo.

* Pode-se suspeitar que a rejeição ao trabalho formal esteja calcada nalgum tipo de comparação entre este e a atividade da rua, onde reconhecesse que esta última é mais prazerosa.

* Pode-se suspeitar que a intervenção do educador, em casos de roubos, seja de natureza retórica e moral, indicando a necessidade de devolver um produto que pertence a outrem.

* O sujeito afirma a existência de maus-tratos no interior de um órgão policial, a delegacia do menor.

* O sujeito passa a usar o pronome impessoal.

* O sujeito afirma que alguns meninos de rua tem vontade de retornar às casas de suas famílias, explicitando que ele próprio já realizou tentativa de retorno à família.

tinha muitos que queria voltar para rua, tinha muitos que queria agente voltar pra casa da gente, tinha muitos que queria arrumar muitas coisas para agente fazer, os que queria que agente voltasse pra creche, tinha uns que ficava doente na rua, machucado na rua, aí nos ficava aí nós ia sabe e tinha muitos que dava conselho e aí tinha uns que ia pra casa deles e aí eu voltava de novo, aí tem uns que ficava na rua mesmo.

para casa deles.
* Eu fui para casa e voltei para a rua de novo.

* O sujeito retorna à 1ª pessoa.
* Pode-se supor que o fato do menino ter retornado à casa da família, mas não ter permanecido lá, seja um indício que outros fatores devam ser considerados, além da vontade do menino, no processo de retorno.

3.2.5. Sujeito Nr.05

ESTÓRIA 1

- Aí, ele lembrou quando ele saiu da casa dele lá tinha comida, na rua não tinha, aí ele ficou triste lá assim com fome, aí ele foi e saiu pensando em voltar para casa para ir pedir comida só que ninguém dava e foi roubar aí, a polícia pegou ele e aí ele foi pro centro de triagem, aí lá ninguém sabia onde ele morava, aí ele ficou pedindo pra voltar para casa de-

* Na casa do menino tinha comida e na rua não tinha.
* O menino estava triste porque estava com fome.
* O menino foi pedir comida mas ninguém deu, então ele foi roubar.
* O menino foi pego pela polícia e levado para o centro de triagem.
* No centro de triagem o menino pedia para voltar para a casa dele, mas ninguém sabia onde ele

* O sujeito emprega a 3ª pessoa.
* O sujeito parece justificar o roubo pela sensação de fome e pela recusa das pessoas em darem comida a ele.
* O sujeito descreve um ciclo que vai da casa para a rua, da rua para a unidade e da unidade para a casa e, de novo para a rua, apresentando como justificativa o fato de estar "viciado" no modo de vida da rua.

le, aí ninguém sabia onde era a casa dele, aí mandou ele pra unidade, aí na unidade né, aí até que enfim apareceu os pais dele. Aí, ele foi e voltou para os pais dele depois tornou a fugir, aí porque ele vicio por causa da rua, aí depois ele voltou pra unidade e ficou lá, aí, lá, tinha tudo pra ele comer, aí ele não usava mais droga, nada, só...

morava.

* O menino foi encaminhado para uma unidade de atendimento.

* Os pais do menino apareceram e o levaram para casa.

* O menino fugiu de casa outra vez porque estava acostumado ao modo de vida da rua.

* O menino volta para a unidade porque lá tinha tudo para ele.

* O menino não usava droga dentro da unidade.

* Pode-se suspeitar que o sujeito apresenta um discurso repetitivo, calcado nos elementos negativos da vida da rua, como drogas e fome, similar aos discursos dos educadores.

* O sujeito apresenta um discurso contraditório ao afirmar que permanece nas ruas por estar "viciado" no modo de vida, porém indica que ele próprio procura a unidade, onde todas as suas necessidades são satisfeitas e onde não tem mais necessidade de usar drogas.

ESTÓRIA 2

- Aí, eles foi fazer uma cachanga, aí eles entrou pelo telhado, quando eles entrou pegou os negócios, aí quando eles tava saindo, aí apareceu os policiais, aí os policial correu, aí depois, aí eles sumiu né dos policial, ficou escondido. Aí depois eles saiu assim com medo. Aí os policial veio né, só que era policial disfarçado, não era policial de verdade, não. Aí pegou um deles (o chefe), aí levou prá quebradas e meteu bala nele aí depois a familhagem dele ficou só sabendo e chorando.

- Você é da turma do menino?

* Os meninos entraram no estabelecimento pelo telhado.

* Quando os meninos estavam saindo apareceu a polícia e os meninos correram.

* Os meninos ficaram escondidos porque estavam com medo.

* Chegaram umas pessoas disfarçadas de policiais e levaram o chefe.

* O chefe foi morto por pessoas disfarçadas de policiais.

* A família sentiu e chorou porque o menino (o chefe) foi morto.

* Existe um procedimento básico de roubo onde o menino pequeno entra primeiro.

* Os meninos guardaram o produto do

* O sujeito reconhece a existência de um chefe no grupo de meninos.

* Pode-se supor a existência de um procedimento básico de roubo onde o menino de menor estatura entra primeiro.

* O sujeito afirma que no modo de vida da rua, os meninos correm perigo de vida real, podendo acontecer de pessoas se disfarçarem de policiais para assassinar os meninos.

* Pode-se supor que os chefes dos grupos de meninos de rua sejam os mais visados, sofrendo maior risco de vida.

* O sujeito afirma que os camelos (vendedores ambulantes)

- É
 - Me conta uma história de uma cachanga que deu certo, vocês foram e deu certo, como é que é?
 - Esse foi fazer uma cachanga né, era cachanga de brinquedo, aí eles foi, aí eles entraram pegaram sacola de brinquedo.
 - Quem entrou primeiro?
 - Foi o menor, entrou primeiro para passar a dele, aí pegou e jogou os negócios pros outros, aí eles saíram, aí eles guardaram e no outro dia foram vender para os camelôs, aí eles venderam, pegou o dinheiro, comprou comida, comprou droga, aí eles continuou a roubar.

roubo para vender depois para os camelôs.
 * Os meninos venderam o produto do roubo aos camelôs e compraram comida e drogas.

atuam como atravessadores de mercadorias roubadas, comprando os produtos dos roubos dos meninos.
 * Pode-se supor que o roubo é a principal atividade que assegura a sobrevivência material dos meninos de rua.

ESTÓRIA 3

- Respondeu, não vou não, querem me pegar, aí continuou correndo e ele correndo atrás, "não, não, eu quero arrumar um serviço para você" depois que ele sumiu, ele gastou o dinheiro que ele roubou, aí ele voltou lá pra ver o que o cara tava falando, ele tava falando a verdade, que ia arrumar um serviço pra ele. Bom esse homem.
 - E aí?, ele foi trabalhar?
 - Ele foi, aí ele mudou de vida.

* O menino não acredita que a proposta do educador era sincera.
 * O menino pensou que fosse uma artimanha para pegá-lo e correu.
 * O educador insistiu na proposta, correndo atrás do menino.
 * O menino gastou o dinheiro que tinha roubado e voltou para procurar o educador.
 * O menino queria verificar se o educador estava falando a verdade.
 * O menino aceitou a proposta do emprego.
 * O educador é bom

* Parece que o sujeito não tem confiança na ação do educador.
 * Pode-se supor que o menino somente se preocupa com a possibilidade de engajamento no trabalho formal, depois que se esgota o fruto do roubo.
 * O sujeito elabora uma sequência de raciocínio onde as possibilidades de ganho na rua são breves e a simples oportunidade de um trabalho formal produz o abandono do modo de vida da rua.
 * Pode-se suspeitar que esta sequência

porque arrumou emprego para o menino.
 * O menino deixou o modo de vida da rua depois que arranhou um emprego.

associada à expressão de que o educador é bom por arranjar um emprego, pode estar vinculada ao raciocínio de que o engajamento no trabalho formal produz a mudança de vida, portanto, o trabalho é "redentor".

3.2.6. Sujeito Nr.06

ESTÓRIA 1

- Quando ele veio para rua passava fome, não tinha o que comer e teve que roubar pra comer.

- Como é que foi a 1ª vez? Ele tava na casa dele? e aí?

- Ele tava na casa dele e os pais bati- am nele e ele foi pra rua e passou fome e foi o primeiro roubo dele, teve que roubar para comer.

* Quando o menino saiu de casa para a rua ele passou fome e teve que roubar para comer.

* O menino saiu de casa porque os pais batiam.

* O 1º roubo do menino foi na rua.

* O sujeito emprega a 3ª pessoa do singular.

* O sujeito atribui a saída de casa para a rua aos maus-tratos sofridos em casa.

* O sujeito parece justificar o roubo cometido na rua pela fome.

ESTÓRIA 2

- Entrou lá, colocou ele 1º porque ele era pequeno e que ele ia entrar primeiro e se ele não entrasse ele batia nele, aí ele entrou e pegou os negócios da cachanga que eles fez e não deu nada pra ele e mandou ele embora.

* O menino pequeno é obrigado a entrar primeiro no estabelecimento durante um roubo.

* O menino pequeno apanha se não obedecer.

* O menino pequeno não fica com nenhuma parte do roubo.

* Parece que o menino pequeno é usado pelos meninos maiores nos procedimentos de roubo.

* Há indícios de que o menino pequeno é punido por outros meninos de rua se não obedecer. Parece que geralmente a punição vem sob forma de agressão física.

ESTÓRIA 3

- Ele falou que o emprego não prestava que ele ia trabalhar forçado, trabalhar mais e num tinha lugar pra ele morar por isso é que ele preferia roubar mesmo. Ele preferia era roubar mesmo.

* O menino recusou o emprego porque considera que seria trabalhar forçado e trabalhar em maior quantidade.

* O sujeito elabora uma comparação entre o trabalho formal e a atividade da rua, concluindo que o trabalho formal é necessariamente mais penoso, independente dos ganhos que cada um pode auferir.

3.2.7. Sujeito Nr. 08

ESTÓRIA 1

- Ah, a primeira vez ele fugiu da casa dele.

- Conta uma estória, você tava na casa dele, e aí?

- Ele tava na casa dele aí passou uns amigos dele e chamou ele, ele foi.

- Tava ruim na casa dele? Como é que aconteceu?

- Gostou, queria ir pra rua e foi, deu uma vontade nele de ir para rua.

* Os amigos chamaram o menino para ir para a rua.

* O menino foi para a rua porque deu vontade.

* O menino foi para a rua com uns amigos.

* O sujeito emprega a 3ª pessoa do singular.

* O sujeito parece atribuir a saída de casa para a influência de amigos e à vontade do menino de ir para a rua.

ESTÓRIA 2

- Como aconteceu?

- Isso foi parada, entrou, ganhou ela, pegou as roupas.

- Eles começou pegar os trens depois, deu 7 horas da noite, depois eles saiu chegou lá na frente, eles repartiu.

* O menino aceitou participar do roubo e foi acompanhado com outros colegas.

* Os meninos repartiram o produto do roubo.

* pode-se supor que o produto do roubo seja repartido entre os meninos do grupo.

ESTÓRIA 3

- Da outra vez, ele resolveu ficar na rua, não quis aceitar o trabalho só para ficar na rua, só porque ele estava com dinheiro.

- Pensou que o dinheiro ia valer prá muito tempo?

* O menino teve medo da proposta do educador.

* O menino recusou o emprego porque queria ficar na rua.

* O menino pensou que não precisaria trabalhar porque já estava com dinheiro.

* O menino não sabia que o dinheiro do roubo iria acabar logo.

* Não há dados para concluir se o medo do qual o sujeito se refere diz respeito à abordagem do educador ou ao convite em si para o trabalho.

* Pode-se supor que o menino justifica a escolha de permanecer nas ruas, por um ato de vontade, sem, no entanto, explicitar o porquê da preferência pela rua.

* O sujeito não apresenta comparação explícita entre o trabalho e a atividade de rua, porém deixa entender que o ganho (dinheiro) da rua é rapidamente esgotado.

* O sujeito não apresenta dados claros que justifiquem sua avaliação de que o gasto da rua é menor e, portanto, mais efêmero.

* Pode-se suspeitar que a idéia de efemeridade do ganho da rua, esteja calcada num julgamento de valor, oriundo da comparação entre ganho socialmente aceito (trabalho) e ganho socialmente negativo.

* Outra suspeita é de que o sujeito não tenha noção do valor real do dinheiro, sendo, portanto, burlado pelo aspecto perceptivo do maço de dinheiro.

3.2.8. Sujeito Nr.09

ESTÓRIA 1

- Lembrou assim: será porque eu não tô na minha casa, não tá passando fome, porque eu não fiquei na mica casa, agora tô aqui na rua, tô com fome.

- Como é que foi a 1ª vez que ele foi pra rua?

- Ele não dava certo com a mãe dele, se não ele dava vontade, foi pra rua.

* O menino lembrou que na sua casa não passava fome.

* O menino estava passando fome na rua.

* O menino se perguntou porque continuava na rua.

* O menino saiu de casa ou porque não tinha boa relação com a mãe ou porque deu vontade de ir para a rua.

* O sujeito emprega a 3ª pessoa do singular.

* O sujeito afirma que o menino de rua passa fome nas ruas, em comparação com a casa dele sua família, onde não há fome.

* Pode-se supor que esta comparação apresenta uma relativa contradição com a permanência do menino na rua, indicando que, ou a sensação de fome não é o único elemento a ser considerado na permanência na rua, ou pode-se suspeitar que o discurso apresentado pelo menino é uma repetição de um discurso aprendido, o qual resulta numa implicação de responsabilidade do próprio menino em permanecer nas ruas.

* Pode-se suspeitar que a alegação da vontade do menino, como fator determinante na saída de casa, esteja imbuída de atribuição de culpa da situação ao próprio menino.

ESTÓRIA 2

- Começou assim, tá bão, nós vai, ele pegou e falou, a parada é ali, eles pe-

* O chefe chamou os meninos e indicou onde seria feito o roubo

* O sujeito reconhece a existência um chefe que convoca os meninos para o

gou e chegou lá e falou assim: eles pegou e arrumou as bichas, pôis os negócio pra abrir, aí eles entrou lá e o quê tinha lá eles pegou, e chegaram lá na frente eles repartiram e iram embora.

- Como é que eles repartiram?

- Deu a metade pra um e a metade pra outro.

- O chefe ficou com a maior parte? não?

- Quando a coisa é muita eles fica, quando não é, eles não fica não.

* Existe um procedimento básico de roubo, onde se utilizam ferramentas para entrar nos estabelecimento.

* O produto do roubo é repartido em partes iguais.

* Quando o produto do roubo é muito, os chefes ficam com a maior parte; quando não é muito, o produto é dividido em partes iguais.

roubo, define as regras e distribui o produto.

* Pode-se supor que, em certos casos, outros membros do grupo, podem ser usados pelo chefe, que fica com a maior parte produto do roubo.

* Pode-se supor que o roubo em estabelecimentos tenha um procedimento organizado e planejado, onde o chefe cumpre a função planejadora e coordenadora da ação.

* Pode-se supor que, em alguns casos, o produto do roubo seja distribuído equitativamente.

ESTÓRIA 3

- Ah, ele falou assim: eu não, eu já tenho dinheiro, ir para lá pra quê, ir pra lá trabalhando igual escravo e ganhar pouco, aí ele pegou e saiu.

- Aí não foi trabalhar não?

- Não.

* O menino recusou o trabalho porque já tinha dinheiro.

* O menino pensa que no emprego se trabalha como se fosse um escravo.

* No emprego se trabalha muito e se ganha pouco.

* O sujeito elabora uma avaliação comparativa entre o trabalho formal e as atividades da rua, concluindo que: o trabalho formal é mais penoso e o ganho da rua é maior.

* O sujeito não apresenta argumentos que assegurem a pertinência da conclusão em favor da rua.

* Pode-se suspeitar que o discurso do sujeito mantenha uma relação estreita com o discurso dos educadores de que "na rua se ganha mais", não se podendo encontrar no discurso do sujeito argumentos que comprovem a elaboração de uma avaliação.

3.3 Discussão dos resultados

3.3.1 Discussão dos resultados do Grupo I de Sujeitos - Educadores de Rua

3.3.1.1 Discussão da entrevista do sujeito no.1

Vários fatores são indicados como causa da saída do menino da casa de sua família para a rua: situação de miséria da família, necessidade de sobrevivência, busca de emprego, maus tratos na família. Entretanto, a entrevista apresenta fortes indícios de que todos os fatores estejam vinculados à situação econômica da família e à necessidade de sobrevivência.

A saída de casa e a permanência na rua são processos que acontecem gradativamente, numa proporção inversa entre o aumento de familiaridade com a rua e o enfraquecimento dos laços familiares. Há relatos de casos particulares de rompimento abrupto associado a espancamentos na família. Na maioria dos casos, no entanto, o enfraquecimento dos laços familiares não é total, nem definitivo, gerando tentativas instáveis de retorno no menino de rua para casa.

A maioria dos meninos de rua já teve contato com a escola, entretanto este contato não resultou em escolarização de fato. Há fortes indícios de que o abandono da escola está vinculado aos outros processos: saída de casa, permanência na rua, situação de miséria da família, que não pode arcar com os custos da escola.

Os meninos de rua são submetidos a uma intervenção

direta de operadores sociais visando a conciliação do menino com a família e/ou a inserção no mundo do trabalho. A intervenção parece estar centrada no próprio menino, na sua falta de "valores aceitáveis" e nas relações interpessoais no interior da família. Há uma contradição na entrevista quanto às relações pessoais vistas com explicação das dificuldades de permanência do menino em casa e a situação objetiva da família.

Pode-se supor que os meninos de rua percebem as dificuldades econômicas e relacionais existentes no interior de sua família e que eles desejam pertencer a uma família estruturada nos moldes tradicionais.

O modo de vida na rua parece representar um modo peculiar de sobrevivência, num contexto social específico, que expõe os meninos de rua, tanto física quanto socialmente. A vida em grupo dos meninos de rua sugere uma estratégia peculiar de sobrevivência na rua. No entanto, esta estratégia gera relações permeadas de agressividade, resultando em sofrimento. Os grupos se organizam em torno de tarefas e regras definidas e distribuídas por um líder, que não são aleatórias, correspondendo, podendo dizer, a um complexo processo de resolução de problemas. As decisões parecem levar em conta tanto aspectos intra-grupos quanto da sociedade como um todo. O sistema organizado em torno do líder fornece a proteção aos outros, baseada em trocas e manutenção de poder, de modo a assegurar a manutenção e proteção do próprio líder.

Há fortes indícios de um julgamento de valor da parte do educador quanto à situação de vida e quanto ao próprio menino de rua, no sentido de desvalorizar a capacidade que ele

tem de avaliar a sua própria situação, ressaltando no modo de vida da rua somente aquelas atividades consideradas negativas pela sociedade. As duas principais atividades da rua apontadas pelo educador são o uso de substâncias tóxicas e os furtos. De fato, até as atividade de sub-emprego desenvolvidas pelos meninos são desvalorizadas.

O modo peculiar de vida na rua parece ser caracterizado pelo atendimento imediato das necessidade dos meninos. Este caráter temporal dos eventos na rua pode ser um dos elementos que dificulta a formulação de estratégias e projetos a médio e longo prazo por parte deles. Tal fato pode nos levar a pensar que a dificuldade de estabelecer um projeto de vida, pode trazer implicações no que diz respeito ao engajamento e permanência do menino de rua na situação de trabalho.

O educador procede uma análise da correlação atividade da rua e a atividade de trabalho, e conclui que a atividade da rua é mais rentável. Entretanto, ao tentar explicar o não engajamento do menino de rua no trabalho, contraditoriamente este mesmo educador se remete à falta de capacidade de submissão/aceitação do menino à situação de trabalho.

O trabalho é apontado pelo educador como atividade capaz de modificar o futuro dos meninos, como atividade dignificadora do homem. No entanto, o educador reconhece que não é o engajamento no trabalho como fator isolado, ou engajamento em qualquer tipo de trabalho, que garante a mudança do modo de vida

3.3.1.2 Discussão da entrevista do sujeito no.2

Pode-se supor que a saída de casa para a rua, por parte do menino é uma trajetória que cumpre várias etapas: 1) saída de casa em busca de atividade que gere dinheiro; 2) dormidas esporádicas e retorno à casa com dinheiro; 3) abandono gradativo da escola; 4) aumento da familiaridade com a rua e o grupo de meninos de rua; 5) intensificação dos atritos familiares; 6) tentativas infrutíferas da família em trazer o menino de volta para casa.

Parece haver forte ligação entre o processo de abandono da escola e a inserção no modo de vida da rua. O educador levanta duas explicações contraditórias entre si para o abandono: ora apontando a incapacidade adaptativa do próprio menino à escola, ora centrado a a explicação na incapacidade da família em cumprir com as exigências materiais da escola. Pode-se supor, baseado na segunda explicação, que geralmente os meninos de rua começam a ir para as ruas em busca de sub-emprego ou atividade capaz de gerar recursos para compra de material escolar. Quando consegue gerar estes recursos o menino retorna à escola mas, como já se passou um período de tempo, se depara com uma defasagem, que configura o atraso escolar, resultando em abandono.

Após a fixação do menino em um grupo de meninos de rua, podem ocorrer tentativas instáveis de retorno à família. Estas tentativas parecem estar vinculadas à intervenção do educador de rua, que busca exercer uma função mediadora entre o

menino e a família. Há indícios de que a intervenção está centrada no convencimento de ambas as partes. A intervenção é justificada pelo educador como importante, baseado em necessidades emocionais atribuídas ao menino. O educador aponta causas contraditórias para a não permanência do menino em casa, após a intervenção: de um lado as exigências inadequadas da família, de outro a incapacidade adaptativa do menino. Ao que parece as condições econômicas da família, também apontadas como causa da situação do menino de rua, não são alvo de intervenção do educador.

Pode-se afirmar que o modo de vida na rua é caracterizado pela conviência em grupos. A natureza da organização desses grupos é compatível com a natureza da atividade que cada faixa etária é capaz de desenvolver. Pode-se supor que a natureza das atividades da rua seja caracterizada pela imprevisibilidade e imediaticidade dos acontecimentos.

Ao que indica a entrevista do educador o menino de rua prefere o modo de vida na rua do que o modo de vida numa instituição de atendimento. Parece haver por parte do educador uma desvalorização do modo de vida na rua e da concepção que o menino de rua tem a respeito deste modo de vida. As duas principais atividades citadas são o uso de substâncias tóxicas e os furtos. Entretanto, a entrevista aponta indícios, contraditórios com a desvalorização citada, da capacidade do menino de rua de fazer comparações avaliativas entre situações diferentes.

Pode-se supor que os meninos de rua desejem constituir uma família nos moldes tradicionais. Esta hipótese

parece acentuar-se entre o grupo dos meninos que completam a maioria, onde parece haver uma procura de outras estratégias de sobrevivência que não o modo de vida na rua: voltam para as famílias, procuram emprego, buscam retornar ao estudo. Pode-se supor uma vinculação entre a tentativa de retomar o estudo e o fato deste ser pré-requisito para a obtenção de emprego. Entretanto, parece haver incompatibilidade entre o modo de vida na rua e a vida escolar o que leva o menino de rua a ser um aluno diferenciado. A estes elementos pode estar associada uma concepção depreciativa do menino de rua pelas professoras.

Há indícios de que o apoio que o educador poderia dar ao menino de rua durante este processo de tentativa de mudança do modo de vida, desde tomar consciência de sua situação até o desejo de efetivamente sair da rua, não está claro o suficiente para o próprio educador.

Pode-se supor que não é a colocação num emprego, como fator isolado, que garante a permanência do menino no trabalho e conseqüente abandono do modo de vida na rua. Quanto ao resultado deste processo de saída da rua, na maioria, entre as meninas de rua, aparecem dados contraditórios: ora o educador aponta que a maioria destina-se à prostituição, ora que esta mesma maioria acaba por constituir família.

3.3.1.3 Discussão da entrevista do sujeito no.3

Parece haver fortes indícios de que a saída do menino de casa para a rua é um processo gradativo. Cujá motivação central é a busca de estratégias alternativas de sobrevivência, em alguns casos contando com o incentivo dos pais. Segundo o educador, o modo de vida na rua, embora apresente também estratégias precárias de sobrevivências, possibilita maiores facilidades de sobrevivência em comparação à vida familiar anterior. Às facilidades juntam-se o fato do menino encontrar dificuldades operacionais no ir e vir, da casa para rua e vice-versa, quando começa a desenvolver atividades de sub-emprego na rua, contribuindo para o aumento da frequência de dormidas na rua e diminuição do retorna à casa. Pode-se supor pois que a permanência na rua está calcada numa avaliação do tipo custo-benefício por parte do menino.

O processo de abandono da escola parece estar vinculado à inserção do menino no modo de vida da rua. As explicações apontadas pelo educador, para o fracasso escolar do menino de rua são variadas e contraditórias: ora centram-se na falta de acompanhamento escolar por parte da família, ora na falta de condições econômicas da família e ora numa percepção peculiar da natureza diferente do menino de rua. Segundo o educador, o menino de rua, por ser de natureza diferente, não se enquadra no modo de vida tradicional. O discurso do educador leva à idéia que a diferente natureza do menino de rua está associada a um diferente modo de vida da rua, que não comporta regras e limites. Há contradição entre a afirmação do educador que os pais

dos meninos de rua valorizam a escolarização e não há acompanhamento da vida escolar do menino por parte dos pais.

Quanto à natureza dos contatos eventuais do menino de rua com sua família parece haver, da parte do educador, uma visão contraditória: ora assegurar que há rejeição materna, ora que a aceitação materna é sempre positiva. Pode-se supor a associação desta percepção a outras contradições aparentemente existentes no discurso do educador: definições contraditórias quanto à natureza das necessidades do menino (ora centradas no aspecto financeiro, ora no afetivo) e por consequência, definições contraditórias quanto à incapacidade da família em suprir tais necessidades.

Parece haver por parte do educador uma visão depreciativa do menino e de sua família, com apontamento de indícios de uma tendência própria ao menino em se tornar marginal, tendência esta que completa seu desenvolvimento na rua. Neste sentido, o educador parece caracterizar a identidade do menino de rua pelo enraizamento das atividades de furtos e uso de substâncias tóxicas. Pode-se supor que, para o educador estas duas últimas são as principais atividades do modo de vida da rua.

Pode-se supor uma desvalorização, por parte do educador, do modo de vida na rua caracterizado como: falta de rotina, atividades de valor negativo (furtos e uso de drogas) e falta de regras. Pode-se supor que, segundo o educador, a idéia de excesso de liberdade, pautada pela falta de normas e limites no modo de vida da rua, se associa ao desenvolvimento da marginalidade do menino de rua. Parece que o discurso do educador é contraditório quanto à existência ou não de regras no modo de

vida da rua.

Parece que os meninos de rua vivem em grupos organizados em torno de um líder, o qual determina, distribui regras e tarefas e assegura o seu cumprimento. Pode-se supor que a liderança é exercida num sistema de trocas que envolve proteção e favores. Há indícios de que o educador tem dificuldades em penetrar na organização do grupo. Pode-se supor que esta organização é sigilosa e busca assegurar a proteção do próprio líder.

Para a inserção de um menino novato na rua dentro de um grupo já estruturado, supõe-se um processo de admissão caracterizado como processo de iniciação, o qual é facilitado por um dos membros de menor faixa etária do grupo. Este processo de iniciação parece ser efetivado pelo aprendizado de atividades específicas como o uso de substâncias tóxicas e a realização de tarefas para o líder.

Há indícios de que o menino de rua faz uma avaliação do modo de vida da rua, tomando como parâmetro de comparação o seu modo anterior de vida na família. Segundo o discurso do educador o menino de rua atribui sua vida na rua à incapacidade dos pais de suprirem, através do trabalho destes últimos, as necessidades do menino. Parece que o educador não entende o parâmetro utilizado pelo menino de rua na comparação anteriormente citada, o que, supõe-se, resulta num julgamento negativo do valor, por parte do educador, quanto ao modo de vida na rua e à capacidade do menino de rua de fazer avaliações corretas de sua situação. Aparentemente, para o educador, o menino de rua somente começa a se desenvolver quando assimila a

concepção que o educador tem da vida na rua.

Os meninos de rua supostamente inciam sua vida na rua através de um sub-emprego, onde, aparentemente desenvolvem uma avaliação crítica de relação custo-benefício entre a atividade do sub-emprego e a atividade da rua. Pode-se supor que o educador deprecia a avaliação feita pelo menino de rua. O discurso do educador parece apresentar contradições ora afirmando que os meninos de rua não aceitam propostas de trabalho, ora que muitos deles aceitam.

Pode-se pensar, a partir do discurso do educador que os meninos de rua têm mais oportunidades de atividades de trabalho que as meninas de rua, portanto, têm mais alternativas de sobrevivência. Parece haver uma visão do educador de que a prostituição é a única atividade possível, sendo pois justificável à medida que assegura a sobrevivência. Pode-se pensar um paralelo, implícito no discurso do educar, que as atividades negativas de furtos/drogas dos meninos não são justificáveis pela necessidade de sobrevivências. Parece que a atividade sexual da menina de rua é vista, pelo educar, necessariamente como prostituição, em contraponto com a ausência de referências, no discurso do educador, quanto à atividade sexual dos meninos.

O educador parece vincular a possibilidade de um futuro melhor para o menino de rua a padrões de valores sociais: família, trabalho, estudo. Nesta direção o educador parece associar o valor de dignidade do trabalho, não aos produtos que este trabalho pode gerar, mas sim ao valor social atribuído a ele em si. O discurso do educador é contraditório: ora nega a

formulação de expectativas de futuro por parte dos meninos, ora assegura que os meninos de rua desejam ter uma família estruturada nos moldes tradicionais.

3.3.1.4 Discussão da entrevista do sujeito no.4

Pode-se supor que devido à situação de miséria os pais obrigam o menino a ir para a rua em busca de sobrevivência, desencadeando o processo de saída de casa e permanência na rua. Parece que este processo segue etapas definidas: 1) os pais obrigam o menino a ir para a rua; 2) o menino sai de casa para pedir coisas; 3) o menino retorna à casa levando os produtos da atividade de pedinte: dinheiro, comida, etc; 4) o menino começa a familiarizar-se com o modo de vida da rua e a estabelecer comparação entre este e o modo de vida na família; e 5) esta comparação leva o menino a concluir que o modo de vida na rua é melhor. Pode-se pensar, a partir do discurso do educador, que a situação vivida pelo menino em casa é semelhante à situação de abandono - devido à própria condição precária de sobrevivência -, abandono este que coloca o menino diante da necessidade de tomar decisões sem a devida orientação.

O educador parece justificar uma suposta falta de importância que a família atribui à escola, pela falta de condições concretas da família para acompanhar a vida escolar de seus filhos. O abandono precoce da escola parece ser justificado por um raciocínio encadeado: 1) a vida escolar exige pré-requisitos, centrados basicamente na atenção e na disciplina; 2) o menino não apresenta os pré-requisitos exigidos; 3) a escola

não sabe lidar adequadamente com esta ausência. A falta de pré-requisitos por parte do menino parece ser explicado no discurso do educador por uma suposta natureza diferente do menino de rua, mesmo anteriormente à sua vinculação ao modo de vida da rua. Segundo o educador a família e o seu meio escolar parecem ver o menino como sendo alguém que possui uma natureza diferente. A falta de escolaridade dos pais parece ser mais influente na busca de matrícula do que na permanência do menino na escola.

Nota-se que o educador apresenta em seu discurso uma semelhança ao discurso dos outros entrevistados no que se refere ao desejo dos meninos de pertencerem a uma família estruturada nos moldes tradicionais; e uma diferença à medida que vincula esta estrutura familiar à possibilidade de manutenção de um padrão material.

Pode-se supor que as experiências vividas pelo menino de rua trazem implicações para o seu desenvolvimento, de tal modo que interferem nas tentativas de readaptação ao modo de vida familiar. As principais atividades do modo de vida na rua parecem ser o roubo (furtos) e o uso de substâncias tóxicas. Pode-se supor que a atividade de prostituição seja mais frequente entre as meninas, embora não se possa concluir, a partir do discurso do educador, qual seja a diferença entre a natureza da prostituição da menina e da prostituta profissional, não ficando claro, por exemplo, se há diferenças quanto à frequência e aos procedimentos básicos que caracterizam a relação entre oferta e procura. Parece haver um julgamento do educador de que a menina de rua não faz uma avaliação correta em termos de custo-benefício, devido à necessidade imediata de sobrevivência.

Pode-se supor que os grupos de meninos de rua são organizados em torno de um líder, que distribui e assegura as regras do grupo. Há indícios de que a base da liderança seja o uso da força física. Parece que no modo de vida dos grupos de meninos de rua existe uma relação entre a segurança de cada um de seus membros e a capacidade do grupo em desenvolver atividades que intimidem outros segmentos sociais. Por outro lado, aparentemente o modo de funcionamento dos grupos assegura que as diferenças, que possam ocorrer entre a liderança e os membros, permaneçam e sejam resolvidas no interior do grupo. A entrada de um menino novato num grupo já estruturado parece ser feita num processo de admissão que abrange a submissão do menino a determinadas provas, que incluem reação à agressão física, uso de substâncias tóxicas e obediência às regras do grupo.

Pode-se supor que os meninos de rua são capazes de desenvolver uma avaliação crítica, do tipo custo-benefício entre o modo de vida da rua e outros modos de vida fora dela. Esta mesma capacidade parece estar presente na avaliação que o menino faz entre o furto e a atividade de sub-emprego.

Pode-se supor que os meninos de rua desenvolvem uma percepção crítica da divisão da sociedade em classes sociais e, portanto, da relação entre a situação por eles vivida na rua e a sua classe social de origem. Esta percepção é supostamente associada à avaliação crítica, que os meninos parecem desenvolver, da relação entre os seus direitos e os direitos de outros segmentos da sociedade, e, por implicação à avaliação crítica da agressão a qual são submetidos.

Parece que a natureza do discurso do educador, durante a sua intervenção junto, ao menino de rua, é retórica, afirmando uma suposta igualdade de direitos e condições sociais de ascensão.

Parece que a intervenção do educador centra-se na preocupação de em engajar o menino de rua numa situação de trabalho, não importando quais as características desta situação. Parece haver uma tomada de consciência do menino de rua, ao atingir a maioridade, das relações: a) entre escolaridade e obtenção de emprego e; b) maioridade e vulnerabilidade penal. Ao que tudo indica, quando o menino chega à maioridade a intervenção do educador é interrompida.

Parece que na concepção do educador: 1) o menino de rua não tem noção do que é certo ou errado; 2) independentemente da natureza (certa ou errada) do que o menino de rua faz, ele espera proteção do educador; e 3) uma das maneiras do menino aprender a noção de certo/errado é ser submetido efetivamente às punições que podem advir das ações consideradas erradas pela sociedade.

O educador supostamente elabora uma avaliação crítica da realidade do país e das condições objetivas de modificação da situação das famílias dos meninos de rua. Para o educador aparentemente existe uma diferença nas consequências na relação entre entre gênero (masculino e feminino) e a atividade da prostituição.

3.3.1.5 Discussão da entrevista do sujeito no.5

Pode-se supor que a saída do menino de casa para a rua é um processo gradativo, que tem por causa principal a falta de condições financeiras da família do menino. A condição financeira precária da família parece levar o menino a assumir responsabilidades semelhantes às dos adultos na busca de recursos para suprir as necessidades básicas da família como um todo.

Parece que a precária condição financeira da família também está vinculada ao abandono da escola por parte do menino, à medida que a carência econômica não permite que a criança, provinda dessa família, se apresente dentro dos padrões de aparência exigidos pela sociedade, o que, por sua vez, leva ao desenvolvimento de interações sociais no meio escolar baseadas na discriminação; a discriminação, traduzida em maus-tratos, leva a criança a abandonar a escola e perder as possíveis futuras oportunidades de mudar de condição de vida. O discurso do educador parece apontar os eventos acima descritos como parte de um ciclo vicioso. Pode-se supor que o educador tenha uma visão crítica dos valores sociais padronizados (modo de vestir, asseio, cor da pele etc) que regulam o funcionamento da escola pública, o qual, por sua vez, resulta num modelo particular de interação professor X aluno; interação de natureza tal que se traduz, em última análise em maus-tratos, implicando num distanciamento da criança em relação à escola.

O educador conecta a perda do vínculo com a família por parte do menino de rua com a perda de outras

perspectivas futuras de vida, que não a continuidade no modo de vida na rua. Entretanto, não fica claro no discurso, se o menino de rua mantém ou não vínculos e contatos com sua família.

Pode-se supor que a organização dos grupos de meninos de rua esteja centrada no desenvolvimento das atividades próprias ao modo de vida na rua. Ao indicar as atividades dos meninos de rua, o educador parece elencar somente aquelas consideradas negativas pela sociedade: uso de substâncias tóxicas, furtos e agressividade. Há indícios de que a liderança é determinada pela capacidade do membro escolhido em gerenciar as atividades do grupo. As atividades parecem ser asseguradas principalmente por dois membros que desempenham papéis particulares: o líder e o protegido. Parece que o brincar não faz parte das atividades do grupo de meninos de rua.

O discurso do educador leva a pensar que a atividade central do grupo de meninos de rua é o roubo, que normalmente constitui-se numa atividade planejada a curto e médio prazos, salvo quando os meninos estão sob o efeito de drogas; ao que parece, o uso excessivo de drogas altera o padrão de funcionamento do grupo levando a procedimentos improvisados e extremados, podendo chegar ao homicídio. Pode-se supor que, quando os meninos de rua atuam de modo improvisado, estão buscando a satisfação imediata de suas necessidades; ao contrário das atividades planejadas a curto e médio prazos que respondem às necessidades de um sistema produtivo, o qual inclui roubos dirigidos por policiais e/ou adultos externos ao grupo, de modo que os produtos obtido não se destinam ao usufruto dos membros do próprio grupo. Parece que os meninos de rua são submetidos a

organizações existentes no meio social da rua, porém externas ao grupo de meninos, que os exploram, tanto do ponto de vista de trabalho, quanto sexual.

Parece que a atividade sexual da menina de rua é alvo de um sistema organizado de exploração econômica, podendo-se apontar inclusive a existência de indícios de uma intermediação entre a menina de rua e os locais de prática regular de prostituição; sem que se possa, no entanto, explicitar o sujeito dessa intermediação nem seus procedimentos. Pode-se supor que exista uma diferença entre a prostituição da menina de rua e a da prostituta profissional, no que se refere à maior vulnerabilidade da primeira em comparação ao modo de organização da atividade da segunda.

Pode-se supor que o modo de vida da rua amplia o tipo de experiências vividas pelo menino e, portanto, amplia a capacidade de avaliação do modo de organização social em que vivemos e da situação de vida na rua, resultando numa percepção crítica que gera um sentimento de sofrimento no próprio menino. Parece que a desvalorização que o menino de rua faz do trabalho de seus pais é resultado de uma avaliação crítica do status social das atividades que os pais exercem.

Parece que o educador não acredita que as consequências do modo de vida da rua para o menino de rua sejam irreversíveis.

Os meninos de rua parecem ser atraídos por tipos de profissão que possam permitir a inserção no sistema econômico organizado em torno das atividades características do modo de vida rua. Parece que o educador levanta hipóteses quanto à

inserção do menino de rua no trabalho, de natureza idealizada, onde o valor do trabalho pelo trabalho se sobressai, e o trabalho é apontado como solução mágica. Parece haver uma contradição no discurso do educador à medida que, num trecho da entrevista, coloca a desvalorização dos trabalhos dos pais - serventes, vigias, pedreiros etc - por parte dos meninos, devido ao baixo status social ao qual estes trabalhos estão relacionados, e noutro trecho afirma que os meninos almejam estas modalidades de trabalhos. Há indícios de que o menino de rua desvaloriza a educação social de rua como profissão, mas valorizam a intervenção do educador como fonte de obtenção de proteção, no interior da organização do modo de vida da rua.

Parece que, embora o educador sustente perante o menino que o abandono do modo de vida da rua é o melhor para ele, o próprio educador não acredita que a instituição, na qual ele trabalha, ofereça as condições necessárias para assegurar a mudança de modo de vida por parte do menino. Há indícios de que as intervenções institucionais não respondem de fato ao apoio requisitado pelos meninos de rua quanto à obtenção de trabalho, e que as atividades oferecidas pelas instituições aos meninos de rua não educam para o trabalho. O educador parece atribuir o fracasso do menino de rua - nas tentativas de mudar do modo de vida da rua para outro modo de vida socialmente aceito - à ineficácia da intervenção realizada pelos próprios educadores.

O discurso do educador parece indicar que a maioria dos meninos de rua, ao atingir a maioridade, não consegue abandonar de fato o modo de vida da rua, resultando na própria morte do menino ou no cumprimento de pena junto a prisão. Pode-se

supor que apenas uma minoria consegue se inserir num modo de vida socialmente aceito, abandonando as atividades e hábitos próprios ao modo de vida da rua.

3.3.2. Discussão Comparativa dos Dados Obtidos Junto ao Grupo I: Convergências e Divergências Entre os Educadores

O conjunto das entrevistas apresenta alguns elementos comuns apontados pelos educadores. O primeiro destes é a percepção da situação econômica precária das famílias dos meninos de rua como principal fator que determina a saída do menino de casa para a rua, sendo que esta saída ocorre num processo gradativo, cujas etapas percebidas por todos os educadores incluem: a saída de casa em busca de alguma atividade capaz de gerar recursos para suprir as necessidades básicas de sobrevivência, o aumento gradativo das dormidas na rua por diversos fatores e a diminuição da frequência de retorno à casa. O processo de abandono da escola por parte do menino de rua foi associado pelo conjunto, ao processo de saída de casa e permanência na rua. A incapacidade da família em arcar com as exigências financeiras da escola (material escolar, uniforme etc) foi apontada por todos os educadores como um dos principais fatores que explicam o abandono escolar do menino de rua.

O modo de vida da rua foi caracterizado, no conjunto, como estruturado a partir da convivência dos meninos de rua em grupos organizados em torno da figura de um líder, este com a atribuição de definir, distribuir e assegurar as regras e

tarefas no interior do grupo. A força física é apontada por 4 (quatro) educadores (S1), (S2), (S3) e (S4), como o principal recurso utilizado pelo líder para assegurar a obediência às regras por ele definidas e garantir a execução das tarefas por ele definidas e distribuídas. Os educadores como um todo, elencaram como principais atividades desses grupos os furtos/roubos e o uso de substâncias tóxicas. Pode-se supor que os educadores evidenciam como atividades dos grupos de meninos de rua somente aquelas de cunho social negativo. Parece que o trabalho é uma atividade apontada como capaz de possibilitar a mudança do menino do modo de vida da rua para outro modo socialmente aceito.

No conjunto das entrevistas há indícios de que os meninos de rua são capazes de elaborar avaliações quanto ao modo de vida da rua, em comparação com outros modos de vida. Entretanto, pode-se supor que a qualidade da valorização (negativa ou positiva) que os educadores fazem, sobre a capacidade avaliativa dos meninos pode estar fortemente influenciada pela valorização negativa que os primeiros fazem do modo de vida da rua e dos próprios meninos. Neste sentido parece haver muitos pontos contraditórios inter e intradiscursos dos educadores quanto às comparações que os meninos de rua fazem entre: o modo de vida da rua e o modo de vida na sua família; a atividade da rua e a atividade de sub-emprego; a atividades da rua e as profissões de baixo status social; os seus direitos e os direitos de outros segmentos sociais.

Aparecem em 4 (quatro) entrevistas (S1), (S2), (S3) e (S4), fortes indícios de que os meninos de rua desejam

pertencer a famílias estruturadas nos moldes tradicionais. Pode-se supor que este padrão tradicional de modo de vida familiar, desejado pelos meninos de rua, esteja vinculado à capacidade da família para suprir as necessidades materiais dos meninos.

Alguns elementos, embora não se apresentem no conjunto das entrevistas, parecem ser realçados por um número relevante de educadores. O primeiro desses elementos é que 3 (três) educadores (S1), (S2) e (S5), parecem vincular a organização dos grupos de meninos de rua à natureza das atividades a serem desempenhadas, sendo que (S1) parece associar a organização a um complexo sistema de solução de problemas que inclui fatores intra e extra-grupos; (S2) supõe uma compatibilidade da organização dos grupos por faixas etárias com a natureza da atividade que cada faixa etária é capaz de desenvolver; e (S5) parece desenvolver toda uma percepção de um complexo sistema econômico estruturado, que inclui propositada e planejadamente a participação e a natureza da organização dos grupos de meninos de rua. Três educadores (S1), (S3), e (S4), parecem apontar um sistema de trocas no interior dos grupos de meninos de rua que visam assegurar a proteção dos membros pelo líder e a proteção do líder pelos membros em situações específicas, sendo que (S4) vincula a segurança do grupo à sua capacidade de intimidação de outros segmentos sociais; (S3) afirma que a organização é sigilosa e de difícil acesso ao educador; e (S1) afirma que o líder fornece a proteção aos outros membros como forma de garantir o seu poder e a sua própria proteção.

Pode-se supor ainda que 3 (três) educadores, (S2), (S3) e (S4), parecem apresentar um julgamento de valor depreciativo quanto ao modo de vida na rua e ao próprio menino de rua. Os indícios marcantes deste julgamento são: suposição de incapacidade adaptativa do menino à escola e à família (S2 e S4); a atribuição exclusiva de atividades socialmente inaceitáveis (roubos e uso de tóxicos) aos grupos de meninos de rua (S2, S3 e S4); atribuição de uma natureza diferenciada ao menino de rua, natureza esta que não se submete às regras e limites da família e/ou da escola (S2, S3 e S4); o não reconhecimento dos parâmetros utilizados pelo menino de rua para comparar o modo de vida da rua e o modo de vida na sua família, e a conseqüente não aceitação do resultado desta avaliação que o menino elabora, com a conclusão de que o modo de vida da rua é "melhor" para o menino (S2 e S3); a suposição de que o menino já tem a natureza "marginal" mesmo antes de estar inserido no modo de vida da rua, o qual, por sua vez, completa esta natureza (S3); o não reconhecimento da avaliação da relação custo-benefício que o menino faz entre a atividade da rua e a atividade de sub-emprego (S3); a suposição de que a menina de rua não faz uma avaliação correta da relação custo-benefício na sua atividade de prostituição (S4); e a suposição de que o menino de rua não tem noção do que é certo ou errado (S4).

Pode-se supor que o julgamento depreciativo acima levantado é um dos elementos que contribuiu para a emergência de contradições no interior de cada uma das entrevistas. Citou-se anteriormente que um dos pontos focais destas contradições foi o

reconhecimento ou não da capacidade do menino de rua de elaborar avaliações pertinentes quanto a comparações nodais na sua situação de vida: avaliação de que o modo de vida da rua responde mais às necessidades de sobrevivência do que o modo de vida na sua família de origem; avaliação crítica da situação de rua, em comparação com outros segmentos sociais; e avaliação da relação custo-benefício entre as atividades da rua (roubo e prostituição) e a atividade de sub-emprego. O primeiro educador (S1) aparentemente apresenta contradições no seu discurso quando reconhece a capacidade do menino de avaliar a situação precária de sua família e de avaliar que as atividades da rua respondem mais às necessidades, no entanto, julga como negativas para o menino as atividades da rua e de sub-emprego; e quando reconhece que as atividades próprias ao modo de vida da rua são mais rentáveis, mas explica o não-engajamento do menino à situação de trabalho pela incapacidade do mesmo em submeter-se à disciplina do trabalho. O segundo educador (S2) também parece apresentar contradições em seu discurso quanto: à explicação da não-readaptação do menino de rua à vida familiar, durante as tentativas de retorno, ora atribuindo o fracasso destas tentativas a exigências inadequadas da família sobre o menino de rua, ora atribuindo a uma suposta incapacidade adaptativa do menino ao modo de vida familiar; à explicação do abandono escolar, por parte do menino de rua, ora justificado pela falta de condições financeiras da família para cumprir com as exigências materiais da escola, ora justificado pela incapacidade adaptativa do próprio menino em relação à vida escolar; às alternativas de vida da menina de rua ao atingir a maioridade,

apontando em um trecho que a maioria delas destina-se à prostituição e em outro trecho que esta mesma maioria acaba por constituir família.

O discurso do terceiro educador (S3), parece apresentar um maior quantitativo de contradições: a) ora atribui o fracasso escolar a uma suposta natureza diferenciada do menino, ora à falta de acompanhamento familiar da vida escolar do menino e ora à incapacidade econômica da família em cumprir com as exigências materiais da escola; b) ora afirma que os pais valorizam a busca de escolaridade para os filhos, ora que os pais não se preocupam em fazer o acompanhamento escolar; c) ora afirma que a mãe aceita incondicionalmente o menino de rua, ora afirma que a mãe o rejeita; d) ora enfatiza como fundamentais as necessidades materiais do menino, ora as afetivas, parecendo traçar um raciocínio confuso quanto à incapacidade da família para suprir as necessidade (materiais ou afetivas) do menino; e) ora afirma que os meninos de rua não aceitam propostas de trabalho oferecidas pelo educador, ora que eles dispõem-se a aceitar tais propostas; f) ora afirma a inexistência de limites e regras no modo de vida da rua, ora afirma a sua existência; g) o educador parece justificar a atividade de prostituição das meninas de rua pelo fato desta responder, segundo o educador, às necessidade de sobrevivência, embora, de forma supostamente contraditória, pareça não aceitar a mesma justificativa em relação às atividades dos meninos de rua (roubos, furtos, uso de drogas etc); h) o educador nega a formulação de expectativas por parte dos meninos quanto às alternativas de futuro, ao mesmo tempo em que afirma que os meninos de rua desejam pertencer a uma

família estruturada nos moldes tradicionais.

O discurso do quinto educador (S5) apresenta contradições ao afirmar, num primeiro trecho, que os menino de rua desvalorizam o trabalho que seus pais realizam, devido a uma avaliação por parte dos meninos quanto ao seu baixo status social e sua baixa remuneração, e, num segundo trecho assegura que os meninos almejam qualquer tipo de trabalho, inclusive os de baixo status e baixa remuneração.

Quanto ao modo de vida na família e ao processo de saída de casa para a rua, aparecem vários pontos isolados. Pode-se supor que a situação vivida pelo menino de rua em sua família é semelhante à situação de abandono (S4). Parece haver casos onde os pais incentivam os meninos a saírem de casa em busca de atividades que gerem recursos para suprir as necessidades básicas (alimentação, vestuário etc) dos meninos (S3), podendo este procedimento chegar ao nível dos pais obrigarem os meninos a saírem de casa (S4). Há indícios de que o menino de rua sofre maus-tratos na sua família (S1). Parece que o menino, ao se engajar numa atividade de sub-emprego, inicialmente retorna à casa levando o produto de sua atividade (alimento, dinheiro etc) (S1 e S2); após o engajamento numa atividade de sub-emprego, o menino encontra dificuldades operacionais no ir-e-vir de casa para rua e vice-versa, resultando num aumento da frequência de dormidas na rua (S1 e S3); este aumento por sua vez, pode intensificar os atritos entre o menino e sua família (S2). Quando o menino já se encontra engajado no modo de vida da rua há uma intervenção mediadora do educador social de rua, no sentido do retorno do menino à família (S1 e S2). Pode-se supor que esta

intervenção é centrada no menino e na família, e se configura como de natureza retórica (S1 e S2). Parece que um educador justifica esta intervenção baseado em supostas necessidades afetivas dos meninos de rua (S2). Parece que o engajamento no modo de vida da rua pode trazer consequências para o menino, que interferem negativamente nas tentativas de readaptação do menino à família (S4). Um dos educadores entrevistados parece apresentar uma visão depreciativa do menino de rua, apontando uma tendência a se tornar marginal mesmo anteriormente ao engajamento no modo de vida da rua, e parece apresentar uma visão depreciativa da família deste menino como incapaz, devido sua estruturação peculiar, de suprir as várias necessidades do menino (S3).

Aparecem também, afirmações isoladas quanto ao abandono da escola por parte do menino de rua. Um dos educadores aponta que o menino pode ir para a rua em busca de atividade que gere recursos para suprir as exigências materiais da escola, sendo que este período de afastamento resulta numa defasagem escolar que o menino não consegue recuperar, quando retorna à escola, implicando na desmotivação do mesmo para continuar na escola (S2). Outro educador afirma que o abandono é explicado por 3 (três) fatores: falta de acompanhamento da vida escolar do menino, por parte de sua família; exigências da vida escolar (centradas na atenção e na disciplina) incompatíveis com a natureza do menino de rua, que se caracteriza pela não submissão a regras e limites; e despreparo da escola que não sabe lidar com a ausência dos pré-requisitos, atenção e disciplina, no menino (S4). Pode-se supor que um educador não acredita que a baixa escolaridade dos pais influencie na não-permanência dos meninos

nas escolas (S4). Pode-se supor a existência de uma incompatibilidade entre o modo de vida da rua e o modo de vida escolar, implicando em fracassos nas tentativas de retorno do menino de rua à escola (S2). Há indícios de uma concepção depreciativa sobre os meninos de rua por parte das professoras (S2). Parece que a carência econômica da família não permite que a criança se apresente dentro dos padrões de aparência exigidos pela sociedade, o que, por sua vez, pode levar a uma interação professor/aluno de natureza discriminatória, a qual se evidencia através de maus-tratos impingidos à criança carente (S5). Este processo descrito pode levar o menino a abandonar a escola e perder as possíveis futuras oportunidades de mudar de vida (S5).

Quanto ao modo de vida na rua parece haver uma série de elementos importantes indicados de forma isolada. O primeiro deles é que pode-se supor que os meninos de rua elaboram uma avaliação comparativa entre a atividade de sub-emprego e a atividade da rua, no tocante à relação custo-benefício, concluindo que a rua é mais rentável (S1),(S3) e (S4). A mesma avaliação parece ser elaborada comparando o modo de vida na família e a vida na rua, com a conclusão por parte dos meninos que o modo de vida da rua responde mais às suas necessidades básicas de sobrevivências (S3). Outro educador aponta que os meninos elaboram uma avaliação quanto ao modo de vida na rua e à vida dentro de uma instituição de atendimento, com a conclusão, por parte dos meninos, de que a rua é melhor do que a instituição (S2). Este mesmo educador parece explicar a avaliação acima descrita pela incapacidade do menino de rua de submeter-se às regras da instituição (S2).

Ainda sobre o modo de vida da rua, pode-se supor que as características fundamentais dos eventos da vida na rua são a imediaticidade e a imprevisibilidade (S1) e (S2). Segundo o discurso de um dos educadores, pode-se supor que o modo de vida da rua representa um modo peculiar de sobrevivência, dentro de um contexto social específico, que expõe os meninos de rua tanto física quanto socialmente (S1). Outro educador fornece em seu discurso, indícios de que as características do modo de vida da rua geram um sentimento de sofrimento nos meninos de rua (S2). Parece que a convivência no interior do grupo de meninos de rua é mais consolidada entre os grupos de faixa etária menor - 07 a 14 anos - (S2); não se pode, entretanto, estabelecer se esta consolidação deve-se à maior facilidade de sobrevivência desta faixa etária nas ruas, ou às dinâmicas próprias à etapa de desenvolvimento relativa a esta faixa. Há fortes indícios da existência de um processo de iniciação de um menino novato para introdução em um grupo já estruturado, sendo que esta iniciação tem por agente um menino de rua, já pertencente ao grupo, de faixa etária menor e constitui-se pela realização de provas (que incluem o uso de substâncias tóxicas e a reação à agressão) e a obediência às regras do grupo (S2) e (S4). A entrevista de um educador parece indicar que este tem dificuldades em penetrar na organização dos grupos de meninos de rua, apontando que alguns aspectos desta organização são sigilosos (S3). Uma das entrevistas indica que, na concepção do educador, o menino de rua não tem noção do que é certo ou errado e que uma das maneiras do menino aprender esta noção é ser submetido efetivamente às

punições que podem advir das ações consideradas erradas pela sociedade (S4).

A partir de uma das entrevistas pode-se supor que os meninos de rua desenvolvem uma percepção crítica da divisão da sociedade em classes e, portanto, da relação entre a situação por eles vivida na rua e sua classe social de origem (S4). Esta percepção é supostamente associada à avaliação crítica, que os meninos parecem desenvolver da relação entre os seus direitos e os direitos de outros segmentos da sociedade e, por implicação, à avaliação crítica da agressão a que são submetidos (S4). Pode-se supor também que a vida na rua amplia a capacidade do menino de avaliação do modo de organização social em que vivemos, resultando numa percepção crítica do contexto social e num sentimento de sofrimento por parte do menino (S5).

Com base no discurso do educador, pode-se pensar que atividade sexual da menina de rua é vista, pelo educador, necessariamente, como prostituição, conquanto, em contrapartida não aparecem referências quanto à atividade sexual dos meninos (S3). Parece que os meninos têm mais alternativas de atividades que assegurem a sobrevivência na rua, do que as meninas, cuja única alternativa é a prostituição (S3). Parece não haver, na percepção dos educadores, uma diferenciação definida entre a atividade da menina de rua e a atividade da prostituta profissional (S3) e (S4). Um educador aponta a existência de diferentes consequências da atividade de prostituição no desenvolvimento das meninas em relação ao desenvolvimento dos meninos (S4). O mesmo educador acredita que a menina de rua não faz uma avaliação correta da relação custo benefício na atividade

de prostituição (S4). Parece que a atividade sexual da menina de rua é alvo de um sistema organizado de exploração econômica, podendo-se apontar inclusive a existência de indícios de uma intermediação entre a menina de rua e locais de prática regular da prostituição, sem que se possa, no entanto, precisar quem é o sujeito desta mediação e quais os seus procedimentos (S5).

Pode-se observar que, relativamente ao modo de vida da rua e a organização da atividade do menino de rua, o único entrevistado do sexo masculino apresenta uma visão bastante diferenciada e dotada de elementos aparentemente relevantes: a) parece que os meninos de rua são submetidos a organizações existentes no meio social, porém externas ao grupo de meninos de rua, que os exploram tanto do ponto de vista de trabalho, quanto sexual; b) o grupo de meninos de rua tem um padrão de funcionamento calcado no planejamento de atividades a curto e médios prazos; c) pode-se supor que as atividades planejadas respondem às necessidades de um sistema produtivo o qual inclui roubos dirigidos por policiais e/ou adultos externos ao grupo, de modo que os produtos obtidos não se destinam ao usufruto dos membros do grupo de meninos de rua; d) o padrão de atividades pode ser alterado devido ao uso excessivo de drogas, levando a procedimentos improvisados e extremados; e e) pode-se supor que quando os meninos atuam de modo improvisado estão buscando a satisfação imediata de suas necessidades (S5). Quanto à liderança do grupo de meninos, parece haver indícios de que o líder é escolhido pela capacidade de gerenciar as atividades do grupo (S5).

Parece que a maioria dos meninos de rua, ao atingir a maioridade, torna-se vulnerável às penalidades legais relativas às atividades que desenvolvem na rua (furtos, roubos, uso de substâncias tóxicas etc), e buscam o abandono do modo de vida da rua e a inserção em outro modo de vida (S2), (S4) e (S5). Os meninos de rua parecem vincular a mudança do modo de vida à obtenção de emprego - atividade de trabalho (S2), (S4) e (S5). Os meninos de rua parecem vincular escolaridade à obtenção deste emprego (S2) e (S4). Os meninos parecem não valorizar as profissões desenvolvidas por seus pais, nem a profissão de educador social de rua devido seu baixo status social e consequente baixa remuneração (S1), (S3), (S4) e (S5). Pode-se supor que os meninos de rua almejam atividades de trabalho que mantenham vínculos com o sistema produtivo existente na rua (S5).

Há fortes indícios de que o menino de rua espera proteção por parte do educador social de rua, (S4) e (S5). Parece que a intervenção realizada pelo educador de rua, para que o menino se engaje num trabalho, é de natureza retórica, remetendo-se a uma suposta igualdade social de oportunidades e classe; e que esta intervenção é interrompida quando o menino atinge a maioridade (S4). Pode-se supor que o tipo de apoio que o educador pode dar ao menino, na mudança do modo de vida, não se configura claramente para o próprio educador, (S2) e (S5).

Um educador atribui o fracasso do menino de rua, em abandonar o modo de vida da rua, à ineficácia da intervenção do educador, associada ao fato da instituição não oferecer condições para intervenção efetiva do educador, nem para dar

suporte às tentativas de mudança por parte do menino de rua (S5). Segundo este educador, a maioria dos meninos de rua fracassa na tentativa de mudança do modo de vida, resultando em cumprimento de pena em prisão ou na própria morte precoce do menino (S5).

Há uma contradição quanto ao papel da atividade de trabalho no processo de mudança do modo de vida por parte do menino de rua: um educador afirma que não é o trabalho como fator isolado que pode garantir esta mudança, (S1); três outros educadores acreditam que a atividade de trabalho, qualquer que seja sua remuneração ou status social, é capaz de dar suporte à mudança de modo de vida, (S3), (S4) e (S5).

3.4. Discussão dos Resultados Obtidos Junto ao Grupo II: Os Meninos de Rua

3.4.1. Discussão dos Dados Obtidos Junto a Cada um dos

Sujeitos do Grupo II

3.4.1.1. Sujeito Nr. 01

O sujeito nr.1 emprega, de imediato, a 1a. pessoa, indicando um processo identificatório acentuado com o personagem.

Segundo o relato do sujeito, a adaptação de um menino novato, ao modo de vida da rua, é praticamente imediata e ocorre num processo de aprendizagem, onde um menino já experiente na rua supervisiona as atividades do novato. Sendo que, as duas principais atividades que caracterizam a adaptação ao modo de vida são o uso de substâncias tóxicas e o roubo.

O sujeito estabelece uma relação entre a fome e o uso de substâncias tóxicas, justificando a utilização destas como meio de controle da sensação de fome e meio de assegurar a própria sobrevivência nas ruas. Parece que o sujeito apresenta motivos sociais como justificativa para o uso de substâncias tóxicas, desenvolvendo um raciocínio que vincula este último à revolta e ao roubo, como forma de manutenção desta vinculação. O relato atribui função marcante ao roubo como mecanismo de acesso ao uso de substâncias tóxicas. Neste sentido, pode-se supor uma acentuada vinculação, produzida pelo sujeito, entre os comportamentos socialmente tidos como inaceitáveis e o sentimento de revolta, causado pelas dificuldades existentes no modo de vida da rua.

O relato apresenta também a denúncia de que a ação policial, sobre os meninos de rua, é violenta.

Parece haver um procedimento básico de roubos, em lojas e estabelecimentos congêneres, onde parte dos meninos adentra nos estabelecimentos e outra parte permanece vigiando o lado de fora. Embora o sujeito não confirme explicitamente a existência de um líder, também não a exclui. Há evidências de que uma das regras do grupo, nos roubos, é de não delatar os outros, em caso de serem pegos pela polícia. Os meninos de rua valorizam a capacidade de suportar maus-tratos e torturas para não delatar os colegas.

Quanto ao trabalho formal, o sujeito parece elaborar uma avaliação da relação custo-benefício, comparando a atividade do modo de vida da rua com o emprego, no mercado formal de trabalho, afirmando que o ganho na primeira atividade é maior do que na segunda. Porém, há indícios de que os argumentos, utilizados pelo sujeito para justificar suas conclusões, são contraditórios entre si, não apresentando dados suficientes que assegurem tal conclusão. Pode-se suspeitar que o discurso do sujeito se baseie no discurso dos educadores de rua.

3.4.1.2 Sujeito Nr. 02

O sujeito inicia seu relato empregando a 3ª pessoa do singular, como na estória apresentada a ele.

O relato apresenta uma sequência no processo de permanência dos meninos de rua: saída de casa pra a rua; vê outros meninos cheirando cola; sente vontade de experimentar;

experimenta e gosta; por fim, permanece na rua. Parece que, para o sujeito nr. 2, o uso de substâncias tóxicas é mais inerente à atividade da rua, do que o roubo.

Quanto ao roubo, o sujeito indica que existe uma regra, entre os meninos de rua, de não denunciar os outros, em caso de serem pegos pela polícia; todavia, ao contrário do sujeito nr. 1 que afirma a valorização atribuída a quem não denuncia os outros, o sujeito nr. 2 enfatiza que o rompimento da regra é punido de modo drástico, inclusive com a morte do delator. Assim como o sujeito nr. 1, o entrevistado afirma também que a ação policial sobre os meninos de rua é violenta.

Ao se referir à estória nr. 3, o sujeito passa a empregar a 1a. pessoa do singular, apresetnando uma avaliação comparativa entre a atividade do modo de vida da rua e o emprego no mercado formal de trabalho. O sujeito aponta que a atividade da rua é mais vantajosa, sem contudo apresentar argumentos, ou dados, que assegurem a pertinência da conclusão.

Pode-se suspeitar que, ao comparar a atividade da rua com o emprego, o sujeito repita o juízo de valor empregado pelo educador, do tipo: "a gente faz de tudo para vocês mudarem de vida, mas vocês não querem".

3.4.1.3 Sujeito Nr. 03

O sujeito inicia se relato utilizando a 3a. pessoa do singular, dando continuidade ao personagem e atribuindo a saída de casa para a rua exclusivamente ao próprio menino. Porém, ao detalhar este processo, o sujeito passa, então, a empregar a

1a. pessoa do singular, alegando a vontade de uma criança de 05 anos como fator decisivo na saída de casa. Pode-se suspeitar que o processo relatado, de saída para a rua, não tenha bases reais, à medida que uma criança de 05 anos não tem conhecimentos suficientes para as avaliações e atitudes descritas.

O relato aponta o roubo e o uso de substâncias tóxicas como as principais atividades do modo de vida da rua. Acerca do roubo, o sujeito concorda com os sujeitos anteriores sobre a existência de um procedimento básico. O sujeito detalha este procedimento afirmando que o chefe determina as regras, distribui as tarefas e distribui os produtos do roubo. O relato aponta que o menino de menor estatura é o primeiro que adentra os estabelecimentos e, às vezes, realiza sozinho o roubo propriamente dito. Segundo o sujeito, o menino de menor estatura é usado pelos meninos maiores do grupo durante o procedimento de roubo. A existência de um chefe nos grupos de meninos de rua é explicitamente reconhecida.

O relato veicula uma imagem exclusivamente negativa do modo de vida da rua. Pode-se suspeitar que o sujeito esteja repetindo um discurso dos educadores de rua, que reflete um julgamento de valor: "a casa é melhor do que a rua".

Ao se referir ao trabalho formal, o sujeito retorna à utilização da 3a. pessoa do singular. Parece que o sujeito, ao dar continuidade à estória apresentada, emite um julgamento de valor, nos seguintes termos: somente pode ter acesso a uma atividade socialmente aceita, como um emprego, aquele menino que se comporta de modo socialmente aceitável, não burlando as regras da sociedade.

3.4.1.4 Sujeito Nr. 04

O sujeito emprega, de início, a 3a. pessoa para afirmar que o roubo e o uso de substâncias tóxicas são as principais atividades do modo de vida da rua.

Ao descrever o processo de saída de casa para a rua, o sujeito passa a utilizar a 1a. pessoa do singular, estabelecendo como motivo único para a sua saída de casa, o fato de um outro menino, já experiente no modo de vida da rua, o ter convidado a ir para a rua. O sujeito afirma que o menino pequeno apanha muito e sofre abuso sexual no interior do grupo de meninos de rua, acrescentando que entre ele o amigo que o convidou a ir para a rua, estabeleceu-se uma relação de natureza agressiva, onde ele apanhava muito e sofria abusos. Apesar de atribuir somente características negativas a esta relação, o sujeito não explica por que permaneceu junto com o amigo. Pode-se supor que o sujeito parece repetir um discurso centrado num julgamento de valor que atribui caráter exclusivamente negativo ao cotidiano da rua.

O sujeito elabora uma avaliação do modo de vida da rua, comparando a sua visão atual com a visão que tinha da rua quando saiu de casa, sem que se possa concluir nada sobre a origem deste discurso avaliativo.

A existência de um ou mais chefes, nos grupos de meninos de rua, é reconhecida, sendo que é salientado o fato de

que os meninos pequenos são obrigados a obedecer os chefes, sob risco de serem punidos com a agressão física. É papel dos chefes estabelecer os procedimentos básicos do roubo e estabelecimentos, onde o menino pequeno é o primeiro a adentrar o recinto e, às vezes, executa sozinho o roubo propriamente dito. A distribuição dos produtos do roubo é feita pelos chefes ou pelo meninos maiores que ficam com a melhor parte ou com a totalidade dos produtos; o que leva à suposição de que os meninos maiores usam os pequenos durante o roubo.

Quanto ao emprego, o sujeito afirma que não deseja se engajar numa situação de trabalho formal, contrapondo-se ao desejo do educador de engajá-lo. Pode-se supor que esta recusa esteja calcada nalgum tipo de comparação entre o trabalho formal e a atividade da rua, onde o sujeito reconhece esta última como mais prazerosa.

Há indícios de uma intervenção, junto ao menino, em situações de roubo, cuja natureza parece ser de natureza retórica e moral, indicando a necessidade de devolver um produto que pertence a outrem.

Assim como os sujeitos nr. 1 e nr. 2, o sujeito denuncia a existência de maus-tratos e torturas, no interior de um órgão policial, e especificamente, a "Delegacia de Menor".

O sujeito retoma o uso da 3a. pessoa do singular para afirmar que alguns meninos de rua têm vontade de retornar às casas de suas famílias, tendo, ele próprio, realizado tentativa de retorno. O sujeito volta a usar a 1a. pessoa para completar que ele próprio realizou tentativa de retorno, mas acabou por não permanecer junto à sua família. Pode-se supor que o fato do

menino ter retornado à casa, mas não ter permanecido, seja um indício de que outros fatores devam ser considerados no processo de retorno, além da vontade do próprio menino.

3.4.1.5 Sujeito Nr. 05

O sujeito incia seu relato empregando a 3a. pessoa do singular e apresenta um discurso que justifica a prática do roubo pela sensação de fome. Pode-se supor que o sujeito aponta o uso de substâncias tóxicas e o roubo como as principais atividades da rua, sendo que o roubo é a atividade que, de fato, assegura a sobrevivência na rua. Segundo o relato, pode-se suspeitar que o sujeito apresenta um discurso repetitivo, calcado nos elementos negativos do modo de vida da rua, como drogas e fome, similar ao discurso dos educadores.

Pode-se extrair do discurso apresentado, a descrição de um ciclo que vai da casa para a rua, da rua para a unidade de atendimento, da unidade de volta para a casa e, de novo, da cada para a rua; cuja existência é justificada, pelo menino, pelo fato de estar "viciado" no modo de vida da rua. O discurso apresentado é contraditório pois, de um lado afirma que o sujeito permanece na rua por estar "viciado", ao modo de vida da rua e, de outro lado, aponta que o próprio sujeito procura a unidade, porque lá todas as suas necessidades são satisfeitas e onde não sente mais a necessidade de usar substâncias tóxicas. Pode-se suspeitar que a elaboração de um uma avaliação comparativa entre a casa e a unidade, indicando que na casa de sua família suas necessidades não são supridas, portanto, o

sujeito foge novamente para ir às ruas, de modo a assegurar o acesso à unidade.

Nos relatos dos sujeitos nr. 3 e 4, há o reconhecimento explícito da existência de um ou mais líderes nos grupos de meninos de rua; sendo que os líderes são os mais visados pela sociedade, sofrendo um maior risco de vida. O sujeito afirma que, no modo de vida da rua, os meninos correm perigo de vida real, podendo acontecer de pessoas se disfarçarem de policiais para assassinares os meninos de rua.

Pode-se supor a existência de um procedimento básico de roubo onde o menino de menor estatura é o primeiro a adentrar nos estabelecimentos. Os camelôs (vendedores ambulantes) atuam como atravessadores de mercadorias comprando os produtos dos roubos dos meninos).

Pode-se supor que o menino mantenha alguma desconfiança quanto à ação e à intervenção provinda do educador de rua. Quanto ao trabalho formal, o menino parece se voltar para esta possibilidade de modo de vida, depois que se esgota o fruto do roubo.

O sujeito elabora uma sequência de raciocínio onde a possibilidade de ganho na rua são breves e a simples oportunidade de um emprego no mercado formal de trabalho produz o abandono do modo de vida da rua. Pode-se suspeitar que esta sequência, associada à expressão de que o educador é bom por arranjar um emprego, pode estar vinculada ao raciocínio de que o engajamento no trabalho formal, produz a mudança de vida, portanto, o trabalho é "redentor".

3.4.1.6 Sujeito Nr. 06

O relato é iniciado com o emprego da 3a. pessoa assim como na estória dada. Assim como o sujeito nr. 5, o fato de roubar é justificado pela sensação de fome.

O sujeito atribui a saída do personagem, de casa para a rua, aos maus-tratos sofridos em casa.

A existência de um procedimento básico de roubo é reconhecida, procedimento este onde o menino de menor estatura é usado pelos maiores, sendo obrigado a obedecer às regras estabelecidas por estes últimos, sob risco de ser punido, em caso de desobediência. Geralmente a punição vem sob forma de agressão física.

O sujeito elabora uma comparação entre o trabalho formal e a atividade da rua, concluindo que o trabalho formal é necessariamente mais penoso, independentemente dos ganhos que cada um pode auferir.

3.4.1.7 Sujeito Nr. 08

O sujeito inicia seu relato empregando a 3a. pessoa do singular. A saída de casa para a rua é atribuída à influência de amigos, já experientes na rua, e à vontade do próprio menino em ir para as ruas. Parece que o menino justifica a escolha de permanecer nas ruas por um ato próprio de vontade, sem, no entanto, explicar o porquê da referência pela rua.

Pode-se supor que o produto do roubo seja repartido entre os meninos do grupo, que realizam o roubo.

O sujeito demonstra resistência à proposta de engajamento no trabalho formal, feita pelo educador da estória dada, sem que se possa concluir se o medo relatado é oriundo da forma de abordagem do educador, ou do convite em si mesmo. Ainda sobre o trabalho, não é elaborada uma comparação explícita entre o trabalho e a atividade da rua, mas o sujeito deixa a entender que o ganho da rua é rapidamente esgotado. Esta avaliação não é sustentada, no relato, em dados que demonstrem que o ganho da rua é menor, por tal, mais efêmero. Pode-se suspeitar que a idéia de efemeridade do ganho da rua esteja baseada num julgamento de valor, oriundo da comparação entre ganho socialmente aceito (trabalho) e ganho socialmente não-aceito (roubo). Outra hipótese, que se contraporá à citada acima, é de que o sujeito não tenha noção do valor real do dinheiro, sendo portanto, burlado pelo aspecto perceptivo de um maço de dinheiro.

3.4.1.8 Sujeito Nr. 09

O sujeito emprega a 3a. pessoa do singular para dar continuidade à estória.

O sujeito afirma que o menino de rua passa fome nas ruas; em comparação com a casa de sua família onde não há fome. A única causa da saída de casa para a rua, é a própria vontade do menino, o que pode ser um indicador de atribuição de culpa ao próprio menino por estar no modo de vida da rua.

Pode-se supor que a comparação feita entre a casa de sua família e a rua (no tocante à sensação de fome), apresente uma relativa contradição com a permanência do próprio menino na rua, indicando que, ou a sensação de fome não é o único elemento a ser considerado; ou, pode-se suspeitar que o discurso apresentado pelo sujeito seja uma repetição de um discurso apreendido, o qual, geralmente, resulta numa implicação de responsabilidade do próprio menino em permanecer nas ruas.

O sujeito reconhece a existência de um chefe que convoca os meninos do grupo para o roubo, define as tarefas e distribui o produto. O roubo em estabelecimento segue um procedimento básico onde o chefe cumpre a função planejadora e coordenadora da ação. Em alguns casos o chefe usa outros membros do grupo, nos procedimentos de roubo, ficando com a maior, ou melhor, parte dos produtos; em outros casos, os produtos são distribuídos equitativamente.

O sujeito elabora uma avaliação comparativa entre o trabalho formal e a atividade da rua, concluindo que o primeiro é mais penoso e que, na segunda, o ganho é maior. Entretanto o sujeito não aponta argumentos que assegurem a pertinência da conclusão em favor da rua. Pode-se suspeitar que este discurso mantenha uma relação estreita com o discurso dos educadores de que "na rua se ganha mais", não podendo encontrar indícios que comprovem a realização de um processo avaliativo.

3.4.2. Discussão Comparativa dos Dados Obtidos Junto ao Grupo

II: Convergências e Divergências Entre os Meninos de Rua

Quanto ao uso do pronome, metade dos sujeitos (S5, S6, S8 e S9) empregam somente a 3a. pessoa do singular; 03 (três) sujeitos (S2, S3 e S4) oscilam entre a 3a. e a 1a. pessoas do singular; e, por fim, somente o sujeito nr. 1 emprega somente a 1a. pessoa.

No tocante ao modo de vida da rua, a grande maioria dos sujeitos (S1, S2, S3, S4, S5, S6 e S9) apresenta uma visão global da vida na rua como exclusivamente negativa, apontando como negativas para o menino de rua as vivências de uso de substâncias tóxicas, de fome, do roubo, de abuso sexual, de exploração por parte dos meninos maiores. Estas representações parecem estar em contradição com o próprio fato de permanecerem nas ruas e com as representações dos próprios meninos - que discutida adiante - sobre trabalho formal, em comparação com a atividade da rua. As contradições fazem levantar a suspeita de que os discursos apresentados podem estar vinculados às representações dos educadores de rua, que descrevem o menino de rua, ora como um "coitadinho", ora como "revoltado", atribuindo-lhe a responsabilidade exclusiva por estar na condição de rua.

Ainda quanto à visão negativa do modo de vida da rua, podem-se especificar vários pontos. Vários sujeitos (S1, S2, S3, S4, S5 e S6) apontam que o uso de substâncias tóxicas e o roubo como principais atividades do modo de vida da rua; sendo que, para S2, S3 e S4 o uso de substância tóxica é mais inerente à atividade de rua que o roubo; para S5 e S6 a fome é a justificativa para a realização de roubos; e, para S1, a fome

justifica o uso de tóxicos e este último justifica a prática do roubo.

A visão negativa da rua é enfatizada por 03 (três) sujeitos (S1, S2 e S5) que afirmam categoricamente que os meninos de rua sofrem perigo de vida na rua.

Um dos sujeitos (S1) desenvolve um raciocínio explicativo onde as condições duras de existência na rua levam a emergir um sentimento de revolta, que, por sua vez, irá justificar as atividades negativas por parte do menino de rua. É de se ressaltar que este discurso parece ser uma tentativa de justificativa para a manutenção das atividades realizadas. Um sujeito (S9) parece indicar a sensação de fome como vivência principal da rua, comparando com a vida na casa de sua família, onde não existe fome. Pode-se suspeitar que o discurso do sujeito (S9), ou apresenta indícios de que a fome não é o único elemento a ser considerado, ou trata-se de um discurso que objetiva veicular a imagem de "coitadinho" do menino de rua.

Também sobre o modo de vida da rua, dois sujeitos (S1 e S4) indicam claramente a existência de um processo de introdução do menino novato na rua, onde outro menino, já experiente na rua, supervisiona a realização das atividades da rua, sobretudo o uso de substâncias tóxicas e o roubo. Um destes sujeitos, (S4), apresenta detalhes afirmando que o menino já experiente na rua, não somente acompanha as atividades, mas também exerce constante agressão física e abuso sexual sobre o menino novato; entretanto, este discurso que apresenta somente como negativa a relação não explica porque o sujeito continuou na companhia do outro menino. Pode-se suspeitar, mais uma vez, que o

discurso apresentado seja repetitivo e veiculado de representações estereotipadas.

No modo de vida da rua, os meninos pequenos são usados pelos meninos maiores em suas atividades (S3 e S4); e os pequenos sofrem agressões físicas constantes e abuso sexual por parte dos maiores.

Vários sujeitos (S1, S2 e S4) apresentam denúncia explícita de ação violenta por parte da polícia, sobre os meninos de rua.

Ao analisar os conteúdos dos discursos, quanto ao processo de saída de casa para a rua, pode-se perceber a existência de relatos inconsistentes, que apontam sobretudo a vontade de sair de casa e a vontade de cheirar cola como fatores determinantes; relatos estes que implicam numa atribuição de culpa ao próprio menino no abandono da casa. Pode-se suspeitar que, no geral, os discursos apresentados constituem um discurso repetitivo, veiculado também pelos educadores, de que a vontade do menino é fator preponderante na saída de casa e permanência nas ruas.

Pode-se detalhar que: 1) para os sujeitos S3, S8 e S9 o menino tem boas condições de vida em casa, mas vai para as ruas por vontade própria; 2) para S3 o menino sai de casa para as ruas porque tem vontade de experimentar substâncias tóxicas e permanece nas ruas pela possibilidade de continuar usando substâncias tóxicas; 3) o sujeito nr. 4 (S4) atribui sua saída a um convite feito por um amigo, já experiente na rua; 4) um dos sujeitos (S3) apresenta um discurso de que não há fome na casa de sua família e há fome na rua, contraditoriamente ao fato de

permanecer na rua; pode-se suspeitar que o relato de S3 esteja vinculado à visão do educador de que "a casa é melhor do que a rua"; 5) o sujeito nr. 3, (S3), atribuiu que a saída de casa deveu-se à vontade de uma criança de 05 anos, de cheirar cola; pode-se suspeitar que o relato não tenha bases reais, à medida que a criança de 05 anos não tem conhecimentos suficientes para as avaliações e atitudes descritas.

Um dos sujeitos, (S6), apresenta como causa da saída de casa para a rua os maus-tratos sofridos na casa de sua família.

Ainda sobre a vida na casa de sua família, o sujeito, (S4), afirma que na rua existem meninos que querem voltar para a casa de sua família. O sujeito completa que ele próprio já havia retornado, porém não permanecem na casa. Pode-se suspeitar que a vontade do menino de retornar à família não é o único determinante na sua permanência junta a ela. Sobre o modo de vida da rua, S4 apresenta uma avaliação da vida da rua, comparando sua visão atual com a visão que tinha quando saiu de casa, concluindo que a rua não possibilita a satisfação das necessidades. Não se pode concluir nada sobre a origem deste discurso avaliativo.

Em um dos relatos, (S5) aparece uma sequência de raciocínio onde o menino sai de casa para a rua, vai da rua para a unidade de atendimento, da unidade para a casa e da casa para a rua, finalmente, com a intenção de ser encaminhado para a unidade, onde suas necessidades são satisfeitas. Pode-se supor que este sujeito prefira permanecer na unidade de atendimento.

Quanto ao roubo todos os sujeitos (S1, S2, S3, S4,

S5, S6, S8 e S9) reconhecem a existência de um procedimento básico de roubos em estabelecimentos, que é pré-estabelecido. Para alguns sujeitos (S3, S4 e S9) o chefe do grupo de meninos de rua tem o papel de planejar, distribuir as tarefas, coordenar a ação e distribuir os produtos dos roubos efetuados. No procedimento de roubo, parte dos meninos adentra no estabelecimento enquanto outra parte fica do lado de fora vigiando (S1 e S3). Para o3 (três) sujeitos (S4, S5 e S6) o menino pequeno é o primeiro a entrar no estabelecimento e, às vezes, executa sozinho o roubo propriamente dito (S4). Segundo dois relatos (S4 e S6) o menino pequeno é usado pelos maiores, ou pelo chefe, que fica com todo o produto do roubo, ou com a melhor parte deste produto (S4 e S8). Um sujeito (S8) reconhece que há casos de distribuição equitativa d produto do roubo.

Ainda dentro da temática do roubo, alguns sujeitos apontam a existência de uma regra que proíbe que um menino, em caso de ser pego pela polícia, venha a denunciar os outros envolvidos naquele roubo; sendo que para o sujeito nr. 1 (S1), o menino que não denuncia é valorizado pelos colegas, enquanto para o sujeito nr. 2 (S2) o menino que efetiva alguma denuncia pode ser punido até com a morte. Um sujeito apnta ainda que os vendedores ambulantes atuam como atravessadores de produtos roubados, comprando os produtos dos meninos (S5).

Um número significativo de sujeitos (S3, S4, S5, S6 e S9) reconhece explicitamente a existência de um ou mais chefes (líderes) nos grupos de meninos de rua. Para alguns (S#, S4 e S9) o chefe tem a função de planejar a ação, estabelecer as regras e tarefas e coordenar a ação de roubo. Segundo outros

relatos (S3, S4 e S8) é também o chefe que distribui o produto dos roubos. Dois sujeitos relatam que os meninos pequenos são obrigados a obedecer aos chefes sob pena de sofrerem agressão física (S4 e S6). Por fim, um dos sujeitos afirma que os chefes dos grupos são os mais vulneráveis do ponto de vista dos riscos oferecidos pelo modo de vida da rua.

Quanto ao trabalho, pode-se dizer que, de modo geral, o grupo de sujeitos rejeita a hipótese de engajamento num trabalho formal sob várias justificativas diferenciadas. Estas justificativas parecem estar calcadas em comparações entre a atividade do modo de vida da rua e o trabalho formal, sem que, no entanto, os discursos dos meninos evidenciem argumentos ou dados que assegurem a pertinência das avaliações. De modo geral, o trabalho é representado como algo necessariamente penoso, ou exclusivamente penoso; e, ao mesmo tempo, como algo capaz de produzir uma mudança no modo de vida. Pode-se suspeitar uma representação que vincula o trabalho à sobrevivência e a atividade da rua (em especial o roubo) ao prazer. Pode-se suspeitar, também uma associação entre a representação do trabalho nos meninos e a representação do trabalho que os educadores de rua têm de seus próprios trabalhos.

Vários sujeitos (S1, S2, S4 e S6) rejeitam, de imediato, a proposta do educador para engajamento num situação de emprego no mercado formal de trabalho. Três sujeitos (S1, S2 e S9) alegaram que o ganho da atividade da rua é maior do que o do trabalho, enquanto um sujeito (S8) afirma que o ganho da rua é mais efêmero; todavia apresentou argumentos ou dados que evidenciassem a efetiva realização de um processo avaliativo

comparando o ganho da rua, com o ganho do emprego. A comparação entre a atividade da rua e o emprego é enfatizada por três sujeitos (S1, S4, S6 e S9) noutro enfoque, resultando na conclusão que a atividade da rua propicia maior prazer (S4) e que a atividade de trabalho é necessariamente mais penosa (S1, S6 e S9). Um dos sujeitos (S3), afirma que, pelo fato de ser menino de rua e desenvolver atividades que são socialmente consideradas como inaceitáveis, o menino não tem direito (não tem merecimento) ao engajamento num emprego.

O sujeito nr. 8 (S8) apresenta a idéia de que o ganho auferido nas atividades da rua é efêmero, sem que se possa concluir que se sua afirmação seja proveniente, ou de um julgamento de valor moral - onde o ganho ilícito não pode ser aceito socialmente - comparativo entre roubo e trabalho; ou da falta de noção do valor real do dinheiro, que poderia ocasionar enganos no menino devido ao aspecto perceptivo de um maço de dinheiro.

A falta de confiança na proposta do educador - segundo a estória nr. 3 dada - é manifestada pelo sujeito nr. 5. O mesmo sujeito (S5) acredita que o simples engajamento do menino de rua numa situação de trabalho é capaz de produzir uma mudança de modo de vida, "redimindo" o menino de rua de seus maus-hábitos da rua.

3.5 Discussão Geral dos Dados Obtidos Junto aos 02 Grupos: "Os Educadores e os Meninos de Rua Falam do Modo de Vida da Rua"

A comparação dos dados obtidos junto aos dois grupos de sujeitos (Grupo I, de educadores de rua e Grupo II, de meninos de rua) não poderia, por si só, resultar em conclusões definitivas quanto ao modo de vida da rua e quanto à educação social de rua. Primeiro, por que o método escolhido implicou num reduzido número de sujeitos. Segundo, a educação social de rua é uma modalidade de intervenção adotada na maioria dos estados brasileiros sendo, portando, Goiânia apenas uma pequena parcela. Teceiro, por limites próprios a esse estudo, a parte de pesquisa direcionada aos meninos de rua centrou-se em pouco aspectos previamente selecionados. E o presente estudo voltou-se para identificação não da realidade tal qual ela é, e sim para como as vidas dos meninos de rua se encontram representadas pelos educadores e pelos próprios meninos. O mérito dos resultados globais desta pesquisa está na abertura de hipóteses conclusivas, cuja pertinência ou não podem ser retificadas ou ratificadas pela prática de intervenção junto com os meninos de rua. Seu mérito reside nas múltiplas implicações pedagógicas e na re-colocação de problemas antigos, ainda sem solução.

De modo geral, os resultados nos levam à

identificação de 02 (dois) núcleos de representações, sobre o modo de vida da rua e sobre o trabalho formal, ambos intrinsecamente integrados à representação social do próprio menino de rua. Os dois grupos de sujeitos apresentaram representações, com eixo nos componentes citados acima. Há evidências da vinculação estreita entre as representações de um e de outro grupo.

As hipóteses conclusivas globais são:

- a) tanto educadores, quanto os meninos apresentam em seus discursos uma visão exclusivamente negativa do modo de vida da rua;
- b) a representação, que os educadores fazem sobre o modo de vida da rua, encontra-se em contradição com avaliações específicas e esparsas que os próprios educadores realizam, e que indicam que, em vários aspectos o modo de vida da rua é melhor do que o modo de vida na casa de sua família ou o modo de vida assegurado pelo trabalho formal;
- c) a representação negativa que os meninos apresentam, sobre o modo de vida da rua, está em contradição com o fato dos meninos permanecerem na rua, apontando para uma possível repetição do discurso dos educadores ou de outrem;
- d) tanto educadores, como meninos de rua apresentam uma avaliação comparativa entre o modo de vida da rua e o trabalho formal, onde a

- atividade da rua é necessariamente mais vantajosa que o trabalho, seja do ponto de vista financeiro, seja do ponto de vista da carga, do esforço a ser empreendido;
- e) a avaliação comparativa apresentada, entre a atividade da rua e o trabalho, não está ancorada nem entre educadores, nem entre os meninos de rua, em dados (informações, argumentos) que assegurem o fato da atividade da rua ser realmente mais vantajosa;
- f) educadores e meninos de rua representam o trabalho formal como necessariamente negativo, por consequência, mais penoso que a atividade da rua, o que encontra-se em contradição com a visão exclusivamente negativa da rua;
- g) a representação do trabalho formal como necessariamente negativo, por parte dos meninos de rua, pode estar associado à representação negativa que o educador de rua faz de seu próprio trabalho;
- h) as representações negativas sobre o modo de vida da rua, estão calcadas em representações negativas sobre o próprio menino de rua, indicando uma natureza diferenciada (marcadamente negativa), e implicando em atribuição de culpa da inserção no modo de vida da rua, ao próprio menino de rua;

i) entre os educadores a atribuição de culpa, acerca da situação dos meninos de rua, aparece de modo contraditório, ora alegando responsabilidade da estrutura social, ora alegando responsabilidade do próprio menino de rua.

São vários os indícios destas hipóteses conclusivas, levantadas a partir do cruzamento dos resultados dos grupos isolados.

Quanto ao modo de vida da rua, em ambos os grupos, um número significativo de sujeitos apresenta uma visão exclusivamente negativa da rua, apontando o uso de substâncias tóxicas e o roubo como as principais atividades da rua. Entre os meninos aparecem também relatos que evidenciam as vivências negativas da sensação de fome e de risco de vida sofridos pelos meninos de rua. São significativos os indicadores, em ambos os grupos de sujeitos, de que os meninos pequenos sofrem muitas agressões físicas, por parte dos meninos maiores e dos líderes dos grupos de meninos de rua, sobretudo em casos de não obediência a líderes.

No conjunto das entrevistas dos 02 (dois) grupos há fortes indícios de que os meninos de rua são capazes de elaborar avaliações quanto à atividade do modo de vida da rua, em comparação com outros modos de vida. Entre os educadores há indicadores dessas avaliações em relação ao modo de vida na casa da família de origem, ao modo de vida dos trabalhadores em profissões de baixo status social e à atividade de sub-emprego. Entre os meninos de rua há indicadores de comparação em relação

aos trabalhadores de baixo status social. Entretanto, pode-se supor que a qualidade da valorização (negativa) que os educadores fazem, sobre a capacidade avaliativa dos meninos, pode estar fortemente influenciada pela valorização negativa que os primeiros fazem do modo de vida da rua e dos próprios meninos de rua. Pode-se suspeitar que o resultado da comparação que os meninos fazem entre a atividade da rua e o trabalho formal, pode estar fortemente influenciado pela avaliação que os educadores fazem do seu próprio trabalho.

A visão depreciativa que os educadores apresentam sobre o modo de vida da rua e sobre o menino de rua é reforçada, no Grupo I de sujeitos, por depoimentos isolados que supõem: ou a incapacidade adaptativa do menino de rua à disciplina inerente ao trabalho formal; ou a incapacidade adaptativa do menino à disciplina do modo de vida familiar; ou a incapacidade adaptativa do menino às exigências da vida escolar; ou a inexistência de regras e limites no modo de vida da rua.

Outro aspecto da visão negativa do modo de vida da rua, está presente em relatos do Grupo II de sujeitos (meninos de rua) que afirmam que a ação policial sobre os meninos de rua é violenta, podendo estes últimos sofrer maus-tratos e torturas dentro dos órgãos da polícia.

Os relatos de ambos os grupos de sujeitos confirmam que o modo de vida da rua é estruturada a partir da convivência em grupos, organizados em torno da figura de um líder, o qual distribui as tarefas, estabelece as regras e exerce uma função planejadora e coordenadora da ação durante os procedimentos de roubo.

Quanto aos roubos, é significativamente reconhecida a existência de um procedimento básico de roubo a estabelecimentos, determinado pelo líder que planeja e gerencia a ação. O Grupo II de sujeitos (meninos de rua) apresenta maiores detalhes quanto a esse procedimento, indicando que parte do grupo adentra os estabelecimentos, enquanto outra parte fica do lado de fora vigiando. Geralmente são os meninos de menor estatura que adentram primeiro e, às vezes, executam sozinhos o roubo propriamente dito. O líder, ou os meninos maiores, é que fazem a partilha dos produtos do roubo, ficando com a maior ou a melhor parte, às vezes com a totalidade dos produtos. Esta parte do procedimento parece indicar uma certa exploração da atividade dos pequenos por parte dos meninos maiores.

Outra regra existente, associada ao procedimento de roubo, refere-se ao caso de um dos meninos ser pego isoladamente pela polícia durante um roubo ou fuga após roubo, onde o menino preso não pode denunciar os outros que estavam na realização do roubo. Tanto parece ser valorizado aquele que suporta a ação policial e não denuncia seus acompanhantes, quanto pode ser punido, inclusive com a morte, aquele que efetiva a delação.

Os relatos de ambos os Grupos (I e II) apontam a existência de um processo de introdução, de um menino novato, no modo de vida da rua; onde um outro menino, já experiente no modo de vida da rua, introduz e supervisiona atividades próprias à rua, sobretudo o uso de substâncias tóxicas e o roubo.

Ainda sobre o modo de vida da rua, uma hipótese

levantada, dentre o Grupo I de sujeitos (educadores), foi da imediatividade e da imprevisibilidade como características fundamentais do modo de vida da rua. Contudo, esta hipótese não foi nem confirmada, nem rechaçada, devido às temáticas às quais se ativeram os sujeitos do Grupo II (meninos de rua).

Sobre o trabalho formal, alguns sujeitos do Grupo II (meninos de rua) reforçaram em seus relatos, a comparação - evidenciada por um número significativo de sujeitos do Grupo I - entre a atividade da rua e o trabalho formal. Porém, nem os sujeitos do Grupo I, nem do Grupo II, que alegaram que o ganho da atividade da rua é maior, apresentaram argumentos ou dados que comprovassem a efetiva realização de um processo avaliativo. Há suspeitas de que alguns sujeitos do Grupo II (meninos de rua) possam estar sendo burlados pelo aspecto perceptivo do dinheiro.

No Grupo I de sujeitos (educadores de rua), apareceu de modo significativo um visão negativa do próprio trabalho de educação de rua, associado a uma visão depreciativa de outras profissões de baixo status social, e consequentemente de baixa remuneração. No Grupo II de sujeitos (meninos de rua) apareceu de modo significativo, uma visão exclusivamente negativa do trabalho, onde o trabalho formal é necessariamente mais penoso que a atividade da rua. Pode-se suspeitar que ambas as visões negativas do trabalho, no Grupo I e no Grupo II, estejam vinculadas, não podendo ser descartada a hipótese de que os sujeitos do Grupo II (meninos de rua) estejam externando a repetição de um discurso negativo do trabalho oriundo da representação que os educadores de rua têm, inclusive, de seu próprio trabalho.

Segundo os dados do Grupo I de sujeitos (educadores), há indícios de que a intervenção realizada, até agora, pelo educadores de rua, para que o menino se engaje numa atividade de trabalho formal, tem sido de natureza retórica, remetendo-se a uma suposta igualdade social de oportunidades.

Os discursos apresentados, em ambos os Grupos (I e II), sobre o engajamento no trabalho formal, são bastante contraditórios, reforçando as teses das visões negativas do trabalho e da atividade da rua ao mesmo tempo. No Grupo I (educadores), 03 (três) sujeitos acreditam que a atividade de trabalho, qualquer que seja sua remuneração ou status social, é capaz de dar suporte à mudança do modo de vida, resultando em abandono das ruas. Um sujeito isolado do Grupo I (educadores) afirma que não é o trabalho como fator isolado que poderia garantir a mudança do modo de vida. Conquanto, a maioria dos sujeitos (05, cinco) do Grupo II (meninos de rua) rejeita de imediato uma proposta de engajamento no trabalho formal. Um dos sujeitos do Grupo II rejeita a proposta, mas avalia como moralmente errada a opção pelo não-engajamento. Outro sujeito do mesmo Grupo (II), afirma que o menino de rua, por estar inserido nas atividades negativas de rua, não tem merecimento a uma oportunidade de engajamento num emprego formal. Por fim, um dos sujeitos do Grupo II (meninos de rua) afirma que o simples engajamento numa situação de trabalho formal é capaz de produzir uma mudança de modo de vida, "redimindo" o menino de rua de seus hábitos negativos próprios ao modo de vida da rua.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já foi expresso anteriormente, Marx e Gramsci insistiram no princípio de que o trabalho, que pode ser tomado como fundamento educativo, é aquele que está no cerne do sistema de produção, ou em outras palavras, no "front" das contradições entre capital e trabalho. Mas, toda sociedade humana não realiza apenas produção material, produz também cultura. Somos, neste momento, após a realização do presente estudo, levados a pensar que um dos "locus" privilegiados de contradição entre capital e trabalho, ao nível da produção social da cultura, possa ser, também, aquilo que expressaremos como o não-trabalho.

Esta é uma idéia básica que parece permear as representações sociais sobre as populações de rua: o menino de rua não trabalha! Uma pesquisa já citada (Prefeitura Municipal de São Paulo, 1992) revelou que, ao contrário do que pensa a maioria da população, a maior parcela dos adultos que vivem nas ruas trabalha. Um trabalho intermitente, pouco ou nada qualificado, e pouco ou nada remunerado.

Pode-se suspeitar de uma certa necessidade simbólica da existência do contra-ponto entre trabalho e não trabalho: o indivíduo que trabalha parece afugentar o fantasma da miséria e, paralelamente, reforçar seu engajamento num emprego - mesmo que mal remunerado - pela existência simbólica de quem

não trabalha e, ou encontra-se na miséria, ou encontra-se associado a comportamentos socialmente "denegrantes", como roubos, tráfico, prostituição, uso de substâncias tóxicas.

Falamos em uma eficácia simbólica do contraponto, trabalho / não trabalho, porque, na verdade, pelo menos no que toca ao menino de rua, o não-trabalho pode ser questionado. Os meninos de rua desenvolvem atividades que exigem um certo "labor"; que seguem procedimentos pré-estabelecidos; são dotadas as regras; obedecem a uma certa hierarquia; são passíveis de punição e promoção; são organizadas a curto e médio prazos; e são, num sentido bem próprio, bem mais árduas que a maioria das atividades de trabalho formal, incluindo necessariamente agressões físicas e, às vezes, o risco de morte. O mais intrigante desta analogia entre a atividade de rua e o trabalho formal é que a atividade do menino de rua está sujeita à exploração, produz um equivalente à mais-valia, seja para os vendedores ambulantes, para a polícia ou para os próprios líderes dos grupos de meninos de rua.

A atividade própria ao modo de vida da rua é um equivalente ao trabalho produtivo. É a atividade que assegura a sobrevivência do menino de rua e que tem uma função no modo como vem sendo edificada nossa sociedade. Poderíamos dizer que é um "trabalho de cabeça-para-baixo".

É um trabalho análogo ao trabalho escravo, trabalho vassálico e ao trabalho assalariado, tal qual Marx(1984) o analisou nos primórdios do capitalismo: trabalho negativo. Trabalho que enjaula o indivíduo no reino da necessidade, impedindo a plena utilização e o pleno gozo das potencialidades

humanas, interditando uma formação onilateral. A atividade do menino de rua é um trabalho negativo, onde, a existência do menino de rua também justifica a existência de meios violentos de controle da burguesia sobre a classe trabalhadora; onde o sofrimento vivido e externado, sobretudo pelas crianças, nas ruas, provoca um efeito de obliteração, centrando as preocupações dos segmentos sociais sobre os sujeitos, e descentrando o questionamento sobre a sociedade que produz a situação dos meninos de rua - todos reconhecem que a vida dura das ruas é maléfica às crianças, mas poucos se perguntam porquê os meninos estão nas ruas. Este mesmo efeito de ocultação, centra as demandas sociais em programas de assistência ao menino de rua, deitando ao lado as demandas voltadas para a assistências das famílias destes meninos: a não-cidadania do não-trabalhador, menino de rua, oculta a não cidadania dos trabalhadores pais dos meninos de rua.

O "trabalho da rua" é ainda negativo, porque contribui no fracionamento ideológico da classe trabalhadora, onde os meninos que transitam nas ruas dos centros das cidades, realizando atividades de sub-emprego, não aceitam qualquer tipo de interação com os meninos de rua. Crianças e adolescentes, filhos da mesma classe social, provindos dos mesmos bairros, expulsos da mesma escola, não reconhecem que o não-acesso aos direitos, à cidadania, somente difere em grau de um grupo ao outro: porque os meninos de rua "roubam e cheiram cola".

Por fim, o "trabalho da rua" é negativo por que a possibilidade de manifestação de si, do menino de rua é também uma possibilidade de aniquilamento de si. Se, de um lado a vida

da rua pode comportar uma ascensão rápida e "dias-de-glória", a "carreira" da rua é curta, tem limite pré-estabelecido, a maioria. Isto quando esta carreira não é bruscamente interrompida, seja pela polícia, pelos próprios colegas ou por doses excessivas de substâncias tóxicas.

O "trabalho da rua" é representado de modo contraditório pelos educadores e pelos meninos em eixos diferenciados. Entre os educadores a contradição está em representar o modo de vida da rua como negativo do ponto de vista moral e do futuro, mas esta representação está, o tempo todo, vinculada a uma representação muito mais negativa do trabalho formal, a qual aparece ora implícita, ora sub-liminar. Para os educadores o trabalho formal é mais penoso e o "trabalho da rua" gera maiores benefícios - leia-se ganhos financeiros maiores - embora não se possa, moralmente, aceitar este tipo de ganhos. Ao nosso ver, o que está, "por detrás" do discurso contraditório do educador, é uma contradição básica do capitalismo: o educador de rua representa "trabalho da rua" como mais rentável, porque o seu trabalho tem sido trabalho alienado, explorado.

De outro lado, o discurso dos meninos de rua não apresenta contradições internas profundas. Revela-se um discurso exclusivamente negativo: o "trabalho da rua" é ruim, é perigoso; a vida da rua é negativa. A contradição reside nos relatos de que o modo de vida da rua é representado como negativo, mas os meninos de rua permanecem nas ruas. Isto é um forte indício de que se trata de discursos de ocultamento da vivência real no modo de vida da rua. Se o "trabalho da rua" é negativo, tal qual já analisamos, anteriormente, o fato dos meninos estarem na rua

expressa, além de uma estrutura social excludente quanto à escola e trabalho, uma manifestação de desejo de mudança de vida, de desejo de rompimento com o ciclo de perpetuação da miséria. A marginalidade, no sentido estrito deste conceito, é uma alternativa, é uma alternativa viável. No nosso entender, aí reside o positivo, e por consequência, o contraditório do "trabalho da rua": o desejo e a possibilidade de mudança de modo de vida.

Um elemento que não foi pesquisado em nosso trabalho, mas é cotidiano no discurso dos educadores é aquilo que chamam de "mágica da rua", ou "mística da rua", ou a "atração da rua". Expressões que trazem embutida a idéia de que a rua é um espaço de liberdade total. Ora, já está demonstrado, e este estudo reforça, que no modo de vida da rua, existem regras, limites, punições; portanto, não há plena liberdade. Há uma organização do "trabalho" diferente em certos aspectos (sobretudo na organização espaço-temporal). Podemos vincular este espectro discursivo da mística da rua à percepção que, mesmo nas condições precárias da rua, o menino de rua está exercendo alguma forma de desejo, que parece ao educador algo desconhecido e moralmente inaceitável. Parece que o discurso do educador manifesta uma certa reação negativa, diante da manifestação, por parte dos meninos, de componentes prazerosos na vida da rua. Prazer e desejo que, ao nosso ver, realizam-se "de-cabaça-para-baixo", considerando que o "trabalho da rua" permanece negativo nas possibilidades de desenvolvimento e realização humanas. Podemos pensar num ganho de 2a. ordem, um ganho secundário, diante de suas consequências. Algo análogo ao ganho secundário do

neurótico, para a psicanálise. Um "ganho", um benefício, com prazer que tem consequências auto-destrutivas ou auto-agressivas, mas que não pode ser negado!

A negação do "prazer" da rua está fortemente acentuado no discurso dos próprios meninos de rua. A representação negativa, que os meninos apresentam sobre o modo de vida da rua, encontra-se organicamente vinculada à representação que fazem de si próprios. Os meninos de rua se representam numa mescla, não contraditória, de adjetivos: ora coitadinho-sofredor, ora revoltado (por ser coitadinho), ora perigoso (por ser revoltado), ora diferente (de natureza diferenciada dos outros meninos e com tendência "natural" à marginalidade). Esta representação aparece nos seus discursos associada próximamente a uma afirmação clara: os meninos saem de casa e/ou permanecem na rua por vontade própria. Chega a ser inusitado, que um dos meninos pesquisados relate categoricamente que, aos cinco anos de idade, escolheu voluntariamente sair de casa para cheirar cola.

Neste ponto é evidente a contradição: os meninos alegam que permanecem nas ruas por "vontade" própria, embora na rua não exista nada de proveitoso (bom) para eles. O que está oculto neste raciocínio é que, se a rua não é boa e, eles têm vontade de ficar nela, é porque eles "gostam" do que não é bom, ou seja, do que não é aceitável socialmente, do que é marginal. Este raciocínio desemboca naturalmente numa atribuição de responsabilidade ao próprio menino, por estar inserido no modo de vida da rua.

Esta representação, que atribui culpa ao menino, provinda dos próprios sujeitos, meninos de rua, nos levam a duas

hipótese, que podem até ser complementares: 1) que a capacidade avaliativa do menino de rua, demonstrada nas comparações que faz entre diferentes modos de vida (na família, na rua, no trabalho formal), esteja baseada em representações distorcidas sobre o funcionamento da sociedade; e, 2) que as representações de si e da situação de rua estejam influenciadas pelas representações dos educadores de rua, produzindo assim - em seus discursos - uma espécie de repetição do discurso do educador, uma forma de discurso "pronto", o qual, após repetições sucessivas, passa a ser tomado como realidade.

Podemos apenas considerar, com certa reserva, a possibilidade de que esta representação do menino de rua, necessariamente negativa e mesclada, entre o coitadinho-revoltado-perigoso (de "natureza marginal"), encontre-se no ideário do senso comum. Já no ideário dos educadores esta representação faz-se fortemente presente. Podemos verificar entre os educadores uma contradição bem demarcada, nos seus discursos, ora atribuindo a responsabilidade da situação à sociedade, injustamente estruturada que produz a situação de miséria que, por sua vez, "empurra" os meninos para as ruas; ora atribuindo a permanência nas ruas à incapacidade adaptativa dos meninos à disciplina da escola, da família e do trabalho.

As representações dos educadores parecem estar baseadas num raciocínio que avalia os comportamentos e atitudes do menino de rua, sem considerar de fato o processo de desenvolvimento que dá base a tais comportamentos e atitudes, ou noutro raciocínio de que a vida dura da rua resulta num desenvolvimento anormal, tornando-os diferentes de uma criança

normal, classificando-os numa identidade de "coitadinho-revoltado-marginal". O que há de oculto nesta representação do ciclo da marginalidade da rua é que não se discute o porquê da existência da vida-dura-da-rua. O hiato permite que explícitas ou embutidas caminhem as acusações de culpa ou anterior (no processo de saída de casa para a rua) ou posterior (na permanência nas ruas, em formulações do tipo "nós oferecemos uma chance (um emprego) e ele não aceitou", que negam o processo de desenvolvimento instalado na inserção ao modo de vida da rua.

Esta formulações expressam raciocínios explicativos numa sequência aparentemente lógica. Contudo são suas remissas que permanecem ocultas, ou mesmo invertidas: pressupõe-se que a sociedade funcione bem e que a existência dos meninos de rua não é estrutural, mas causada por manifestações de subjetividades complexas e "diferentes". Uma premissa invertida de que o menino de natureza "diferente" acaba por infringir a "ordem natural" da sociedade.

Não se pode aceitar que a persistência destas premissas seja aleatória. Segundo Fávero:

" no século XX, a chamada cultura de massa, o cinema comercial, a televisão, não expandem, mas, ao contrário, cultiva os mitos da consciência de massa. Isto é o mesmo que admitir que o predomínio referido acima no que se refere à revolução semiótica e sua manifestação na linguística e na comunicação, tem trazido implicações para a atividade humana consciente. Assim, o paradoxo é

que este progresso tecnológico pode estimular, por questões de interesse político-ideológico, a regeneração de modelos culturais arcaicos."

(Fávero, 1994 p. 17)

O trabalho é percebido por educadores e meninos num prisma também invertido, onde a negação do prazer da rua é forjada face-a-face com a ocultação da possibilidade do positivo (do prazer) no trabalho. O educador parece representar o seu trabalho de tal modo que a remuneração desponta como benefício principal, ou único. Sendo esta remuneração baixa, é também baixa a valorização do seu próprio trabalho e do trabalho abstrato.

Neste ponto, à mesma medida que Makarenko, Gramsci explicitam o papel do educador, para com as representações do educando:

"...o nexó instrução-educação somente pode ser representado pelo trabalho vivo do professor, na medida em que o mestre é consciente dos contrastes entre o tipo de sociedade e de cultura que ele representa e o tipo de sociedade e de cultura representado pelos alunos."

(1985 p.131)

O trabalho está representado por educadores e meninos, como atividade necessariamente penosa; onde o componente árduo - a carga de trabalho - é digna, independentemente da remuneração auferida. O que está implícito é a obrigatoriedade de engajamento numa atividade árdua, sem expectativas de recompensas, além da salvação do indivíduo quanto ao universo da

marginalidade. A maior, ou única, qualidade do trabalho é insentir o indivíduo do engajamento num modo de vida, não aceito socialmente, por assim, marginal.

A representação do trabalho redentor tem raízes no ideário ocidental judaico-cristão, no qual a pena, (a carga, o empenho), gera, por excelência, um sofrimento redentor de culpas e erros anteriores ou posteriores.

"A tradição cultural judaico-cristã sempre apresentou o trabalho, no pior dos casos, como a penitência do pecado original e, no melhor, como resultado da necessidade."(Enguita,1989 p.10)

O sofrimento é, com certeza, imanente ao trabalho, já objeto de vários estudos e análises (Dejours, 1988, CODO 1993). A circularidade do discurso do educador está na falta de análise histórica sobre este sofrimento e na tentativa de ocultação deste sofrimento em face ao prazer da atividade do modo de vida da rua. Lê-se que as propostas de engajamento do menino no trabalho formal acompanham-se de uma intervenção de natureza retórica do tipo: o engajamento num trabalho faz exaurir, por si só, os maus-hábitos da vida da rua.

O pano de fundo deste discurso parece ser uma representação do trabalho assalariado que gera somente labor e sofrimento, que somente gerou - até agora - labor e sofrimento e que vai sempre gerar exclusivamente labor e sofrimento. A justificativa para o engajamento no trabalho está, então, não nalguma forma de prazer, realização ou manifestação de si. A justificativa é a da redenção. A veiculação destas representações de trabalho, junto ao menino de rua, contribui, com certeza, para

a percepção de um trabalho negativo e imutável. Fica, a nosso ver, demonstrada mais uma premissa invertida de análise social.

Ao que tudo indica, o educador não tem provocado dissonâncias cognitivas, no sentido de desalojar o "discurso pronto", a representação ideológica, que os meninos passam a desenvolver sobre si mesmos. Não se percebe a atuação do "educador da cultura". O discurso dos educadores tem sido, pelo menos neste estudo, um conjunto de reforços às representações de manutenção da estrutura social e de subjetivação de situações sociais, sem a concatenação de esforços para avaliar de modo profundo o fenômeno dos meninos de rua e distinguir com maior exatidão o universal do particular (Vergnaud, 1988)

Concluindo, não se pode esperar que a situação dos meninos e meninas de rua seja resolvida pela criação de artefatos pedagógicos. Estavam corretos Freinet e Makarenko, ao afirmarem que, sobre a educação do trabalhador, não se trata de inventar grandes técnicas educativas, e sim de resgatar algo que já está dado, está na essência da organização social, o trabalho. Neste estudo, é o trabalho do educador que emerge "de-cabeça-para-baixo", na dialética do negativo-reconhecido, positivo-negativo.

Pode-se suspeitar que a emergência da representação do menino de rua exclusivamente negativa -junto aos educadores- tenha como origem uma impermeabilidade cognitiva do educador, que apreende uma visão arcaica da marginalização, "fechando-se" às mensagens que o convívio cotidiano com os meninos poderia trazer. Evidencia-se aqui o mais importante elemento de avaliação da educação social de rua neste estudo: o educador não pode contribuir na formação de consciência crítica

nos meninos de rua se ele próprio não elabora uma consciência crítica da sociedade, do seu trabalho e da situação do menino de rua.

A possibilidade deste estudo não é de atribuir culpas ou redimir erros. A possibilidade é servir de contribuição para uma reflexão pedagógica sobre a formação desses educadores, de tal modo a permitir a superação das premissas invertidas. É fundamental respeitarmos a criança e o adolescente como sujeitos, mas isto não significa sermos obrigados a tomar seus discursos como representantes de um real imutável. O real está também no devir.

Para finalizar, este trabalho aponta para algumas características do menino de rua e do modo de vida da rua, que são aqui apresentadas de modo sintético. Pode-se supor que:

- 1) o menino sai da casa de sua família para a rua em busca de uma atividade que gere recursos capazes de suprir suas necessidades imediatas de sobrevivência;
- 2) de modo geral o menino engaja-se inicialmente em uma atividade de sub-emprego, encontrando maiores facilidade de sobreviver na rua do que na casa de sua família;
- 3) a maioria dos meninos encontra dificuldades operacionais no ir e vir da casa para a rua, aumentando a frequência de dormidas na rua;

4) o menino não encontra muitas alternativas de atividades que assegurem a sobrevivência na rua;

5) a escolha do menino, em se tornar um menino de rua, pode ser explicada ou pela análise da relação custo-benefício da atividade de sub-emprego, comparada com a atividade dos meninos de rua, concluindo que a segunda é mais rentável; ou pela falta de oportunidades concretas de atividade regular (sub-emprego) capazes de gerar recursos para garantir a sobrevivência;

6) as atividades da rua (roubo/furto/prostituição) são correspondente do trabalho, para os meninos de rua, no que tange à atividade que assegura a sobrevivência;

7) ao pertencer ao sistema econômico da rua (sistema estruturado, informal e socialmente tido como marginal), o menino de rua se desenvolve cognitivamente e afetivamente, de modo a possibilitar uma melhor adaptação às atividades próprias ao menino de rua e, conseqüentemente, possibilitar sua sobrevivência;

8) a função assumida pelos meninos de rua e seus grupos está centrada na sua condição de menino (pequeno porte, fragilidade aparente etc) e de menor de idade (inimputabilidade penal);

9) rompidas estas condições básicas (ao atingir a maioridade), torna-se difícil para o menino de rua encontrar outra função dentro do sistema econômico da rua, o que não parece ocorrer

necessariamente com a menina de rua (a qual pode destinar-se à prostituição).

Faz-se pois evidente, a hipótese de que a atividade do menino de rua é um equivalente, dentro de um contexto peculiar, da atividade de trabalho à medida que como ação humana produz alterações no meio social a que pertence (contribui na construção do modelo de sociedade vigente), é mediada (requer o uso de instrumentos complexos e um desenvolvimento cognitivo peculiar, dado que o menino de rua desenvolve e faz operar conceitos) e resulta diretamente na sobrevivência do menino e em produtos que lhe são alienados (o produto da atividade organizada não se destina ao usufruto do menino de rua). Resguardadas as diferenças com atividade de trabalho produtivo em sua definição clássica, pode-se considerar que a atividade da rua produz um equivalente à mais-valia, ao mesmo tempo em que promove a constituição de identidades demarcadas intensivamente pelo seu papel social marginal - o personagem menino de rua - e contribui para justificação ideológica da diferença de classes e da existência do aparelho repressor do Estado.

Do ponto de vista científico, alguns pontos mereceriam especial atenção, como eixos centrais de novas pesquisas. Tais sejam, segundo nosso ponto de vista:

1) Qual o fator determinante na saída de casa para a rua? A miséria das famílias é o fator central ou existem outros fatores determinantes?

2) Pode-se supor uma "natureza" diferenciada do menino de rua, anterior ao engajamento no modo de vida na rua?

3) Quanto a organização das atividades do menino de rua:

a) a natureza temporal da atividade organizada (curto e médio prazos);

b) a imediaticidade e imprevisibilidade dos eventos da rua - repercussões destas características no desenvolvimento dos meninos;

c) a capacidade de avaliação das situações por parte do menino de rua - a pertinência destas avaliações - e o processo de solução de problemas nas atividades;

d) a organização dos grupos - distribuição em faixas etárias - correspondência das atividades de cada grupo com sua faixa etária e papéis desenvolvidos no interior do grupo;

4) As lideranças dos grupos de meninos de rua são escolhidas a partir de processos centrados na força física ou na capacidade de gerência das atividades? Existem outros fatores determinantes na escolha do líder? Como se caracteriza (ou funciona) o sistema de distribuição de tarefas, definição das regras, trocas e favores, manutenção do poder e garantia da obediência?

5) Qual a natureza do vínculo entre os meninos (afetiva, econômica etc) de um mesmo grupo?

6) questões de gênero:

a) as meninas não exercem liderança entre os meninos? Quais as razões?

b) existe, de fato, um sistema de exploração da atividade

sexual da menina de rua? Como se configura?

c) existe atividade sexual não prostituitiva das meninas de rua?

d) existem diferenças entre a prostituição da menina de rua e da prostituta profissional?

e) como é vivenciada a gravidez no interior do grupo de meninos de rua? Quais implicações?

f) a prostituição é a única alternativa de sobrevivência para as meninas de rua?

7) existe, de fato, um sistema econômico estruturado e marginal no contexto social da rua? Envolve outros segmentos sociais que não os meninos de rua?

8) o menino de rua tem um aprendizado adequado do valor - moeda? Desenvolve uma noção de mercadoria? Realiza avaliações do tipo custo-benefício?

9) pode-se supor uma capacidade de avaliação crítica do menino de rua quanto:

- a organização social e a situação de rua?

- ao lugar e status do trabalho formal no modo de vida socialmente aceito?

10) quais as reais razões para ineficácia da intervenção social de rua? Há uma inoperância das instituições (falta de vontade política)? Há falta de instrumental conceitual adequado ao educador social de rua para atuar no sentido de transformação da realidade social que dá gênese ao menino de rua?

Alguns educadores de rua veiculam a imagem dos meninos de rua como profetas do amanhã. Esta expressão inusitada, de cunho místico-populista, a nosso ver, reflete, um tanto quanto distorcida, uma realidade. Se a profecia é um anúncio de mudanças, os meninos de rua encontram-se no cerne das contradições, da produção material e cultural. Seu "não-trabalho" explicita - anuncia - a contradição de uma sociedade estruturada em classes antagônicas; aponta a super-excludência vivida pelos filhos da classe trabalhadora. Mas a possibilidade de mudanças tem ainda existido em forma de embrião; o positivo do trabalho, para os meninos de rua, continua existindo sob a possibilidade de trocar o modo da vida da rua (e seu prazer secundário) pelo trabalho assalariado - alienado. O possível, até agora, não tem sido o "anúncio" de mudanças de vida nem para o indivíduo, nem para sua classe; tem sido, até agora, "renúncia".

A problematização do não-trabalho pode nos trazer, dialeticamente, contradições para repensarmos o trabalho adolescente e para repensarmos a escola para e do trabalhador, afinal, lugar de criança é na escola...

V. BIBLIOGRAFIA

01. ARROYO, Miguel (Org.). *Da Escola Carente à Escola Possível*.
Edições Loyola. São Paulo, 1986.
02. BANG, Vinh - *Différences Intra-Individuelles et Différences Interindividuelles - In L'Universel et L'Individuel. Actes du neuvième cours avancé de la Fondation Archives J.Piaget*.
Genève, 1987.
03. BETTI, G. *Escuela, Educación Y Pedagogía en Gramsci*.
Ediciones Martinez Roca. Barcelona, 1981.
04. BUFFA, Ester; ARROYO, Miguel; Nosella, Paolo. *Educação e Cidadania: Quem Educa o Cidadão? Cortez - Autores Associados*. São Paulo, 1987.
05. BULGARELLI, Reinaldo. *É Possível Educar na Rua*.
FUNABEM/UNICEF/SAS. Rio de Janeiro, 1987.
06. CAMPOS, Pedro H. Faria. *Cartilha: Educação Pelo Trabalho*.
Encaminhado para publicação pela Secretaria Municipal de Educação. Goiânia, 1994.
07. _____ . *Princípios Metodológicos Básicos do Projeto Aldeia*. Mimeo. Goiânia, 1988.
08. CAPRILES, Renê. *MAKARENKO, O Nascimento da Pedagogia Socialista*. Editora Scipione, 1989.
09. CARVALHO, Maria Avelina de. *O Discurso do Menino de Rua: Uma Abordagem Sociolinguística Interacional*. Dissertação de Mestrado - U.F.G. Goiânia, 1989
10. CODO, Wanderley (Org.) *Indivíduo, Trabalho e Sofrimento*.
Vozes. Petrópolis, RJ, 1993.

11. COSTA, Antônio Carlos G. **Aprendizagem no Local de Trabalho - Trilhando a Educação Pelo Trabalho.** FEBEM-MG. Belo Horizonte, 1984.
12. _____. **Educação Pelo Trabalho: Ferramental Teórico-Prático.** Mimeo. Brasília, 1987.
13. _____. **Cartilha: Educação Pelo Trabalho.** UNICEF - RECRIANÇA. Rio de Janeiro, 1988.
14. DANTAS, Heloysa; OLIVEIRA, Marta Kohs de; TAILLE, Yves de la. **Piaget, Vygotsky, Wallon - Teoria Psicogenéticas em Discussão.** Summus Editorial. São Paulo, 1992.
15. DEJOURS, Christophe. **A Loucura do Trabalho.** Cortez - Oboré. São Paulo, 1988.
16. DEWEY, John. **Democracia e Educação.** Editora Nacional. São Paulo, 1959.
17. _____. **Vida e Educação -** Companhia Editorial Nacional. São Paulo - 1959.
18. DOISE, Willem et MUNGNY, Gabriel - **Le Développement Social de L'Intelligence.** Inter Editions, Paris 1981.
19. DOISE, Willem - **Psychologie Sociale et Constructivisme Cognitif - In Le Construtuvisme Aujourd'hui.** Actes du sixième cours avancé de la Foundation Archives J. Piaget. Genève, 1984.
20. DOLLE, Jean Marie - **Para Compreender Jean Piaget.** Zahar Editores. Rio de Janeiro, 1983.

21. **Educadores de Rua, Uma Abordagem Crítica.** UNICEF, Bogotá, 1988.
22. **ENGUITA, Mariano F. A Face Oculta da Escola.** Artes Médicas. Porto Alegre, 1989.
23. **Exactions et Enfants.** Organisations Mondiale Contre La Torture. SOS - Torture. Nr. 39-40-41. Genebra, 1993.
24. **FÁVERO, Maria Helena. A Psicologia do Conhecimento: Uma Linha de Pesquisa Para O estudo do Desenvolvimento de Valores, Representações, conceitos e Teorias Concebidas na Interação Entre o Ser-Humano e a Sócio-Cultura.** Encaminhado para publicação. Uiversidade de Brasília. Brasília, 1994.
25. _____ . **Psicologia do Conhecimento.** Universidade de Brasília - Ministério da Educação. Brasília, 1993.
26. **FENELON, Gracia Maria et alli. Meninas de Rua: Uma Vida em Movimento.** CEGRAF. Goiânia , 1992.
27. **FIORI, Giuseppe. A Vida de Antônio Gramsci.** Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1979.
28. **FREINET, Celestin - A Educação Pelo Trabalho - Volume I e II.** Editorial Presença, Lisboa, 1974.
29. _____ . **Para Uma Escola do Povo.** Editorial Presença. Lisboa, 1973.
30. _____ . **As Técnicas Freinet da Escola Moderna.** Editorial Estampa. Lisboa 1975.
31. _____ . **Ensaio de Psicologia Sensível I. Vol. I.** Editorial Presença. Lisboa, 1976.

32. FREINET, Elise - O Itinerário de Celestin Freinet - Ed. Francisco Alves - Rio de Janeiro, 1979.
33. FRIGOTTO, Gaudêncio. A Produtividade da Escola Improdutiva. Cortez - Autores Associados. São Paulo, 1989.
34. _____. Trabalho - Educação e Tecnologia: Treinamento Polivalente ou Formação Politécnica. In. Trabalho, Educação e Prática Social. Artes Médicas. São Paulo, 1991.
35. GOMES, Carlos Minayo et alli. Trabalho e Conhecimento: Dilemas na Educação do Trabalhador. Cortez - Autores Associados. São Paulo, 1987.
36. GRAMSCI, Antônio. Os Intelectuais e a Organização da Cultura. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1985.
37. GRÉCO, Pierre - Réduction et Construction - In Le Construtivisme Aujourd'hui - Actes du suxième cours avancé de la Foundation Archives J.PIAGET - Genève, 1984.
38. KUENZER, Acácia. O Trabalho Como Princípio Educativo. Cortez Editora. São Paulo, 1988.
39. LEONTIEV, Alexis. La Actividad en la Psicologia. Ministério de Educación. Ciudad de La Habana, 1979.
40. _____. O Desenvolvimento do Psiquismo . Livros Horizonte. Lisboa, 1978.
41. LÚRIA, A.R.. Curso de Psicologia Geral. Vol. I - Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1979.
42. _____. Linguagem e Desenvolvimento Intelectual na Criança. Artes Médicas. Porto Alegre, 1984.

43. _____ . **Pensamento e Linguagem.** Artes Médicas. Porto Alegre, 1986.
44. _____ . **Desenvolvimento Cognitivo.** Ícone. São Paulo, 1990.
45. MACHADO, Lucília R. de Souza. **Educação e Divisão Social do Trabalho.** Cortez - Autores Associados. São Paulo, 1982.
46. _____ . **Em Defesa da Politecnia.** In Revista Ciência e Movimento. 1991.
47. _____ . **Politecnia no Ensino de Segundo Grau.** In. **Politecnia no Ensino Médio.** Ministério da Educação - Cadernos do SENEb. 1990.
48. MAKARENKO, Anton S. **Conferências sobre Educação Infantil.** Editora Moraes, São Paulo, 1981.
49. _____ - **Poema Pedagógico - Volume I** Editora Brasiliense, São Paulo, 1985
50. _____ - **Poema Pedagógico - Volume II** Ed. Brasiliense, 1986
51. _____ - **Poema Pedagógico - Volume III - Horizonte - Lisboa, 1980**
52. _____ - **Problemas da Educação Escolar - Edições Progresso Moscovo - URSS, 1986.**
53. MANACORDA, Mario Aleghiero. **Marx e a pedagogia Moderna.** Ed. Cortez Autores Associados, São Paulo, 1991.
54. _____ . **O Princípio Educativo em Gramsci.** Artes Médicas. Porto Alegre, 1990.

55. MARQUES. Sônia M. da Silva e MARTINS, Maria Aparecida P.
Educador Social de Rua: Uma Experiência. Mimeo. Goiânia,
1991.
56. MARX, Karl. O Capital - Crítica da Economia Política. Livro 1
- volume 1. DIFEL. São Paulo, 1984.
57. NOGUEIRA, Maria Alice. Educação , Saber, Produção em Marx e
Engels. Cortez - Autores Associados - São Paulo, 1990.
58. O Trabalho e a Rua: Crianças e Adolescentes no Brasil Urbano
dos Anos 80. UNICEF - FLACSO - CBIA - CORTEZ. São Paulo,
1991.
59. OLIVEIRA, Marília Lara do A. A Escola do Trabalho Segundo
Freinet. Fundação Getúlio Vargas. Dissertação de Mestrado.
Mimeo. Rio de Janeiro, 1982.
60. PAIVA, Vanilda. Produção e Qualificação Para o Trabalho. In.
Final do Século. Desafios da Educação Para o Trabalho.
Cortez Editora. São Paulo, 1990.
61. Pela Abolição do Trabalho Infantil: A Política da OIT e Suas
Implicações Para as Atividades de Cooperação Técnica. OIT.
Genebra, 1993.
62. PIAGET, Jean. Seis Estudos de Psicologia. FORENSE, Rio de
Janeiro, 1969
63. _____. A Formação do Símbolo na Criança. Zahar
Editores. Rio de Janeiro, 1978
64. PIAGET, J. e INHELDER, B - A Psicologia da Criança. Difusão
Européia do Livro. São Paulo, 1973.

65. PISTAK. **Fundamentos da Escola do Trabalho.** Brasiliense. São Paulo, 1981.
66. **População de Rua da Cidade de São Paulo.** Prefeitura Municipal de São Paulo, 1992.
67. **Realidade de Crianças e Adolescentes no Brasil.** M.M.M.R, 1990.
68. **Retrato do Brasil - Os Meninos e Meninas de Rua do Brasil.** Política Editora. São Paulo, 1986.
69. RIZZINI, Irene. **Levantamento Bibliográfico da Produção Científica Sobre a Infância Pobre no Brasil.** Editora Universitária Santa Úrsula. Rio de Janeiro, 1989.
70. RIZZINI, Irene Et Alli. **A Geração da Rua um Estudo Sobre as Crianças Marginalizadas no Rio de Janeiro.** Santa Úrsula. Rio de Janeiro, 1986.
71. RUBIN, Isaak Illich. **A teoria marxista do valor.** Polis. São Paulo, 1987.
72. SAMPAIO, Rosa M.W.F. **Freinet, Evolução Histórica e Atualidades.** Ed. Scipione, 1989.
73. SANTOS, Benedito Rodrigues. **A História da Infância Pobre no Brasil - Do Infante Exposto ao Cidadão - Crianças.** M.M.M. Mimeo. São Paulo, 1993.
74. _____ . **Breve Olhar Sobre as Políticas Públicas para a Infância.** Revista do Fórum DCA. nr. 1. Brasília, 1993.
75. **Seminário MAKARENKO. Repensando a Questão do Menor Infrator.** Anais - FUNABEM, Brasília, 1988.

76. SPINDEL, Cheywa R. **Crianças e Adolescentes no Mercado de Trabalho.** Brasiliense. São Paulo, 1989.
77. **Teses e Propostas do M.M.M.R.** Mimeo. Brasília, 1988.
78. TUMOLO, Paulo. **O Trabalho do Menor e a Geração de Renda.** Mimeo. Projeto Veredas. São Paulo, 1985.
79. VERGNAUD, Gérard. - **Questions vives de la psychologie du développement cognitif/Bulletin de Psychologie tome XLII n. 390 Centre de Recherche en Psychologie Cognitive d'Aix-en-Provence , 1988.**
80. VYGOTSKY, L.S. - **A formação social da mente.** MARTINS FONTES. São Paulo, 1988.
81. _____ - **Pensamento e linguagem.** MARTINS FONTES. São Paulo, 1989.
82. **World of Work. Child Labour.** The Magazine of the ILO (International Labour Office). nr. 4. Genebra, 1993.